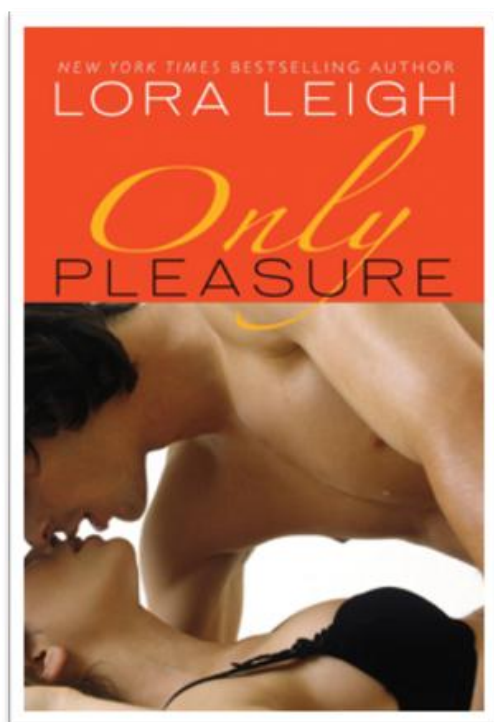




Tiamat World

Lora Leigh
Bound Hearts 10



Lora Leigh

Formatado: Inglês (EUA)

Somente Prazer

Bound Hearts 10

Desde que Chase Falladay foi em seu resgate dois anos atrás, Kia Stanton nunca foi capaz de esquecer o impactante homem ou o tipo de vida que leva. Assim dois anos depois quando ela se depara com Chase e seu amigo, Khalid, e sai com eles essa noite, sabe exatamente onde terminará tudo. Não obstante, pouco a prepara para o que é estar nos braços de Chase, ou em sua cama.

Depois de anos reprimindo-se, Kia finalmente é capaz de ser a mulher que sempre sonhou ser em seus braços. Kia é um sonho que Chase não se permitiu contemplar. Agora que a tem, vai atrás de seu coração e está decidido a ganhá-lo, sem importar o que custar. E embora ambos estivessem de acordo em que seria somente por prazer, em algum lugar do caminho se converte em um amor que consome tudo.







Comentário Lucilene: Se no seu estado faz frio... recomendo a leitura do livro para esquentar. Masssss... se faz calor, prepare-se para estourar a conta de energia com ventiladores, ar condicionado...

Comentário Sandra Maia: Eu gostei do livro. É bem hot e tem história. Pena que eu não li os anteriores, porque daí eu entenderia melhor quando comentam sobre o passado. Mas vou corrigir essa falha.

Prólogo

Kia Rutheford-Stanton abriu a porta da suíte do apartamento de cobertura e olhou fixamente para o homem do outro lado. Vestido com folgadas calças negras e uma camisa cinza elegante, parecia muito mais perigoso do que as roupas e os traços tranquilos sugeriam.

O grosso cabelo negro estava afastado dos perfeitos e fortes traços de seu rosto e amarrado na nuca. Tinha um aspecto malvado, proibido e perigoso. E, infelizmente, era o mesmo homem que ela tinha esperado que não estivesse batendo na sua porta. Apesar das fantasias que frequentemente tinha tido com ele no passado.

Conhecia-o. Todo mundo sabia quem era Chase Falladay e os que não, logo se inteiravam. Segundo o bastardo de seu marido, também era o único homem que ela não queria de pé em sua entrada.

Como se devesse estar assustada com ele. Talvez esse fosse seu engano. Nunca foi o medo o que a embargou sempre que esteve ao redor de Chase. Às vezes cautela. Incerteza. E desde que se casou, uma consciência de que não deveria estar perto dele.

Mas o medo nunca tinha sido uma dessas emoções.

—O que quer? —perguntou-se e as manchas roxas de seu rosto ainda eram evidentes. Ela pensava que não. Passou muito tempo maquiando-se essa manhã.

Parecia que seu marido, Carl “Drew” Stanton, não ficou contente quando descobriu que sua mulher não tinha intenção de voltar a recebê-lo, ou de retirar a informação vertida através de sua rede social, que ele não só tinha tentado violentá-la junto com outro homem, mas também ele e esse homem pertenciam a um clube criado para tais atos de moral questionável.

Como se ela desejasse que isso se espalhasse. Como se isso não a humilhasse tanto quanto a ele. Isso não significava que tivesse que fazer algo para ajudá-lo. E o golpe que tinha soltado em resposta tinha fortalecido sua determinação que não importava se a sociedade o fritava. Ela contornaria qualquer intriga, porque, francamente, não importava nem um pouco.

Mas, como seu marido a tinha advertido, Chase Falladay tinha uma razão para preocupar-se, e aqui estava. Seu marido também a tinha advertido que se Chase fizesse sua aparição, logo



todos teriam que ficar muito assustados.

—Só quero falar com você um momento, Kia. —Sua voz era como o brandy suave e suntuoso. Fez uma espiral sobre seus sentidos e a recordou, sem importar o muito que desejasse o contrário, que ainda era uma mulher e uma voz como a dele garantia obter uma resposta.

—Como se não fosse perfeitamente consciente sobre o que quer falar. —pôs-se de lado enquanto ele entrava no apartamento, seu alto e duro corpo de algum modo em dissonância com a austera atmosfera que o rodeava agora.

Ela seguiu e guiou o caminho do amplo vestíbulo até o salão, lançando a ele um olhar furioso sobre o ombro. Drew, seu logo ex-marido, ligou para ela ontem, advertindo-a que esperasse uma visita da equipe de valentões.

O filho da puta. A ira cresceu dentro dela como uma avalanche desumana; enchendo-a de traição e de aborrecimento, estampou um tremente gesto de desprezo em seu rosto enquanto Chase Falladay entrava no apartamento.

—Kia, não quero brigar com você. —girou para ela, olhando-a fixamente, como se compreendesse, como se tivesse compaixão—Parece-me que já passou por bastante.

—Então, por que está aqui? —Tremeram-lhe os lábios quando se permitiu encontrar seus frios olhos verdes claros. Transpassaram-na, lhe oprimiu a garganta pela amabilidade neles.

—Podemos nos sentar? —Chase fez um gesto para as cadeiras.

Kia se sentou com cautela, observando enquanto ele tomava assento na frente dela, os joelhos quase tocando-se, o olhar pensativo e profundo enquanto a observava.

—Drew contou a você sobre o clube —expôs Chase afinal em voz baixa.

Kia sobressaltou-se e afastou o olhar. Como se o bastardo tivesse escolha.

Ela lambeu os lábios nervosamente e girou para ele.

—Também te contou o que fez?

—Não o fez, mas outros sim. Direi a você, que sua filiação está sendo investigada. Corre o risco de perdê-la, assim como um considerável depósito que pagou. Mas aqui há mais em risco que o depósito que pode perder, ou sua filiação. O risco, Kia, está nos rumores, os quais provêm de você, os quais agora se estendem por Alexandria.

Ela apertou os lábios.

—Acredita que eu desejo esses malditos rumores? —levantou em uma rajada de ira. Parece que não posso confiar em meu marido, nem nos poucos amigos que acreditei que tinha. E agora, você está aqui? —Fez um gesto abrangendo a sala com a mão. Sua presença era a última traição— O que vai fazer, Chase? Matar-me por isso?

Segundo Drew o segredo do clube tinha sido mantido durante mais de um século. Até que contou a uma amiga o que tinha acontecido na noite em que ele e seu amigo tentaram violentá-la.

Passou os dedos pelo cabelo loiro, comprido até os ombros, antes de sacudir a cabeça cautelosamente ante o olhar paciente dele. Chase nunca se alterava. Sempre estava tranquilo.

—Não está negando o rumor. —assinalou ele.

Demônios não, não o fez. Tinha pensado que deixaria que seu marido se afogasse sob o peso disto, esperando que se retorcesse de agonia enquanto todos os olhos giravam para ele.



Tinha pensado que poderia. Quão equivocada tinha estado.

—Dois de seus membros tentaram me violentar, em minha própria casa, Chase.— Informou com amargura—E você está aqui para que? Repreender-me porque contei a uma amiga e ela estendeu o rumor de todas essas pequenas perversões que você protege?

Chase se recostou na cadeira, seus braços pousados comodamente sobre os braços muito acolchoados enquanto a olhava fixamente. Esses olhos, pareciam afundar-se em uma mulher, abrandá-la, fazê-la desejar satisfazê-lo. Que perigoso talento para possuir os olhos de um homem.

—Não nega o rumor. —expôs de novo.

—Nem o confirmo. —sustentou ela.

Observava-a atentamente, o silêncio se estendeu entre eles enquanto Kia voltava à cadeira e sentava com cansaço.

Sabia que seu pai estava passeando nervoso em casa. Tinha ligado para ela essa manhã, dividido entre a lealdade com sua filha e o que acabava de inteirar-se, de que sua vida completa, as participações que quatro gerações Rutherfords haviam possuído, podiam ir para a concorrência. Tudo por causa de Drew. Porque tinha se atrevido a ameaçá-lo com esse clube, e quando ela tinha vertido toda sua dor e ira na pessoa que acreditava ser uma amiga, tinha começado a difundir-se.

—Meu pai ligou. —disse ela afinal—Recebeu chamadas telefônicas dos principais acionistas. —Conhecia o jogo. Tinha nascido e crescido nessa pequena e suja sociedade que prosperava com o poder e as ameaças— Drew tinha razão, não? Têm suficiente poder para nos destruir a todos.

—Kia, estou aqui para ajudá-la. —Prometeu.

—Sim, é obvio que sim, como pude ter acreditado no contrário? —expôs maliciosamente com lágrimas nos olhos—O que quer que faça, Chase, que ponha um anúncio nos jornais que menti? Que Drew nunca trouxe um terceiro de seu maldito clube e tentaram me violentar? —Elevou a voz pela dor e a humilhação— Contar que ele nenhuma vez me ameaçou me destruir com o poder que esse clube exerce? Trouxe uma lista dos jornais? Deveria ficar na esquina da rua e proclamar ao mundo?

As lágrimas não caíram, mas queriam. Desejava soluçar de raiva.

—Quero que ligue para sua amiga e diga que o clube não existe. Que estava tentando fazer mal a Drew. Quando perguntarem pelo clube ou algo que você contou referente a ele, quero que negue que ele o mencionou alguma vez. Não dê nomes, Kia. Neste momento, tudo é uma especulação apoiada em uns poucos membros conhecidos por compartilhar suas amantes. Agora me ajude a dar um jeito em tudo, e me assegurarei que a protejam.

O brindou um bufo muito pouco feminino.

—E como o fará, senhor Falladay?

—Confiará em mim, Kia? —inclinou-se para frente, os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto a observava— Confiará em que mantenha minha palavra? Que será protegida, não só de qualquer represália contra Drew, mas sim do próprio Drew?

O hematoma na lateral de seu rosto ardeu.

—Não sei o que quer dizer.



—Não há suficiente maquiagem no mundo para ocultar essa marca em seu rosto, ou o medo em seus olhos, Kia. Não quero acrescentar mais. Ninguém vai machucá-la fisicamente. Drew nunca a tocará de novo, ponto. Quando chegar o momento, pagará pelo que te fez, como pagará por utilizar o clube para tentar ameaçá-la em uma relação que não desejava.

Cravou-lhe o olhar emocionada.

—Por que faria isso?

A expressão de Chase se endureceu.

—Kia, não só somos um clube cheio de membros que compartilham um mesmo estilo de vida. Esse clube, esse apoio de poder e essa proteção, não foi criado só para seus membros. Foi criado para suas mulheres.

Ela negou com a cabeça. Isso não tinha sentido. Nada disto tinha.

—Entretanto, vou me divorciar.

Algo flamejou nos olhos de Chase, algo no qual ela não se atreveu a aprofundar muito. Algo que a deixou tensa, recordando as longas e escuras noites e as fantasias nas quais não se atrevia a pensar.

—Não importa. Ele e outro membro a machucaram. Machucaram-na, Kia, e a assustaram. E isso não se tolera. Confie em mim. Coopere comigo, e antes que se dê conta, Drew e a dor, serão uma lembrança.

Não era um grande pedido, e sabia. O rumor nunca seria verdadeiramente silenciado, mas não seria considerado mais que um conto divertido sem seu respaldo.

Kia abaixou o olhar, contemplando as pontas de seus muito elegantes sapatos que combinavam com seu vestido de muito bom gosto e em troca desejava ter usado seu jeans.

Seu mundo se fez pedaços... O que importava isto? E o que importava seu pedido? Era para seu benefício como pelo do maldito clube.

—Ocuparei-me disso. —Ela levantou o queixo e deu de ombros como se não importasse— Nunca deveria ter mentido sobre Drew. O que fez já foi bastante mau. —A humilhação flamejou nela —Talvez estivesse tentando desculpá-lo.

A ira piscou no olhar de Chase com tal rajada de intensa luz que a surpreendeu.

—Talvez a amiga tão decidida a contar contos pôs suas próprias mentiras na história? —sugeriu tranquilamente, com voz dura.

Ante isso, Kia negou com a cabeça.

—Não. Eu assumirei a culpa. Confiava nela. Esse foi meu engano. Encarregarei-me disto.

Chase a observou, tão vulnerável, o cabelo cobrindo o rosto, ocultando as lágrimas que ele sabia enchiam seus olhos. Vir aqui tinha sido a decisão mais difícil que jamais tinha tomado. Foi a única vez que tinha lamentado realizar esta parte de seu trabalho como investigador particular de Ian e a primeira defesa contra o conhecimento da sociedade do que era em realidade o clube.

Ferir o orgulho desta mulher o fazia se sentir como um maldito animal.

—Kia. —Sussurrou seu nome com suavidade, o impulso de tomá-la em seus braços, abraçá-la contra ele, de resguardá-la dessa dor era quase impossível de resistir.

Quando ela levantou a cabeça, viu seus olhos. Azul brilhante, úmidos pelas lágrimas, mas



ferozes com o orgulho e a ira.

—Por que Drew fez isso? —perguntou ela de repente— Por que tentou me embriagar e me violentar? Por que não me pediu isso simplesmente?

Tiraria a golpes essa explicação do bastardo.

Tudo o que podia fazer agora era sacudir a cabeça.

—Não sei. Mas um divórcio é o mínimo que merece. E peça um acordo alto. Prometo a você, que o conseguirá. —asseguraria-se que o recebesse pelo golpe em seu orgulho.

—Por que faz isto? —perguntou Kia então, a expressão vulnerável, uma necessidade de respostas formando redemoinhos em seus olhos.

O fazia sentir como um bastardo com esse olhar.

Estendeu a mão para ela, tocou-lhe o cabelo que emoldurava o rosto e tentou sorrir.

—Pelo prazer, Kia. Pelo prazer de minhas amantes. Pelo meu. Só o prazer. E não há prazer na violação ou na humilhação. —Deixou cair a mão da suave e cálida seda de seu cabelo e se levantou, olhando para ela.

—Não havia prazer no que tentaram me fazer. —Sua voz estava afogada pela ira e pela dor.

Chase assentiu lentamente, a expressão tensa, a ira o puxando.

—E não encontrará prazer nas consequências, Kia. Prometo isso. Ajude-me a arrumar isto, e o farei pagar, por você.

Logo se foi. Não suportaria mais ficar ali e observar as lágrimas cair desses olhos cor safira ou ver a evidência desse hematoma em seu rosto por mais tempo.

Tinha iniciado o processo de expulsar Carl Drew Stanton do clube, e o faria tão doloroso para o outro homem como fosse possível.

E um destes dias, jurou-se, mostraria a esse filho da puta como se sentia quando lhe davam um tapa na cara. E acrescentaria um murro só pelo mero prazer disso. Se não fosse com cuidado, uma vez que conseguisse começar com o pequeno bastardo sem caráter talvez não parasse.

Drew Stanton havia dado uma surra em sua bonita e delicada esposa, e Chase quis matá-lo por isso. O clube tinha regras contra isso. Nenhum membro do clube abusava de sua mulher, ponto, nem sexualmente nem fisicamente. Essas mulheres eram a base de seu prazer maior, de sua satisfação. Não eram para ser machucadas.

E Drew se atreveu a bater em sua mulher.

Apertou os dentes enquanto a irritação aumentava em seu interior, escura e selvagem. Uma irritação que lutava para manter contida, simplesmente porque havia outras emoções, igualmente intensas, igualmente escuras, que vinham com isso.

Quando abandonou o apartamento de cobertura inspirou um duro e selvagem fôlego e se prometeu que ia permanecer tão longe dessa mulher como fosse possível. Porque o fazia desejar, e o que desejava, sabia, ela nunca o daria.

* * *

Observou, e considerou o que viu. Chase Falladay não era um homem conhecido por suas fraquezas, e não era um homem conhecido por sua estupidez. Tinha-o demonstrado muitas vezes,



uma e outra vez. Era um homem que seria muito difícil de destruir.

Destruir Chase era primordial. Colocá-lo de joelhos, obrigá-lo a sofrer. Isso era tudo o que importava.

Mas onde era o melhor lugar para golpear?

Seu irmão possivelmente? O irmão não era melhor. Cameron Falladay era uma praga para o mundo igual seu irmão Chase. Pelo menos tinha sido uma vez. Entretanto, Cameron tinha parado sua depravação. Cameron já não compartilhava sua mulher com seu irmão... do contrário, Chase não estaria em companhia desse bastardo meio árabe do Khalid.

Não, golpear Cameron estaria mau. O que Chase fazia não era culpa de Cameron. O que Chase fazia descansava exclusivamente em seus ombros e ele era o único que teria que sofrer por aquilo. Tinha que sofrer por isso; não havia outra opção.

Chase não era um homem que conhecesse o remorso. Não era um homem que entendesse o sofrimento que outros tinham que tratar. Porque não se preocupava com ninguém exceto consigo mesmo. Se só, se só houvesse uma debilidade para encontrar. Então se faria justiça. Então, Chase entenderia a praga que era para o mundo.

O objetivo era destruir Chase Falladay. Agora, encontrar a ferramenta.

Capítulo 1

Dois anos depois

Estava nevando. É obvio, era dezembro em Washington D.C. e isso finalmente ia ligado à neve. Os grossos flocos esponjosos se amontoavam como uma capa invernal do céu escuro e carregado de nuvens. Fazia um pouco de vento, assim caíam e se empilhavam, e no tempo que Kia Rutherford levou para escapar do hotel e da muito aborrecida festa a que tinha assistido e ir ao pequeno bar da esquina, tinha coberto as calçadas.

Os caminhões de sal já estavam em marcha, no momento com as pás levantadas. As muito ocupadas ruas de Alexandria permaneceriam limpas durante um tempo. As calçadas eram outro assunto.

Caminhava com cuidado sobre seus saltos de sete centímetros. Eram perfeitamente seguros para usar no hotel, mas aqui, na escorregadia calçada, era outra história. Segurava a saia de seu vestido invernal develudo branco até os tornozelos e desejou ter tentado pegar um táxi e arriscar-se a ir para casa em vez de tentar ocultar-se durante um momento.

Havia poucos lugares nos quais ocultar-se onde não fosse muito conhecida. O bar era um desses lugares. Esteve no interior várias vezes no ano passado. Estava perto dos hotéis aos quais estava obrigada a assistir a eventos, e esses eventos invariavelmente incluíam seu ex-marido Drew.



Abaixou a cabeça enquanto se metia no bar, puxando o xale que era muito leve para este tempo, ao redor de seus frios braços.

Saudou o garçom e ele assentiu rapidamente enquanto ela se dirigia à mesa de sempre. No canto, onde estava escuro e em sombras, e podia observar. Só observar os clientes enquanto conversavam, riam e brincavam.

Os amigos que entravam com amigos ou sócios de negócios. Podiam ser um pouco barulhentos, mas riam e davam tapinhas uns nas costas dos outros e se divertiam.

—Faz um pouco de frio esta noite, querida. —A garçonete, uma jovem chamada Andrea, pôs uma garrafa gelada de cerveja na frente de Kia e sorriu com inquietação quando deixou vagar os olhos sobre o vestido de noite.

Andrea era uma morena escura e tranquila com sorridentes olhos cinza e um sorriso para todo mundo. Seu pulôver e jeans confirmavam o fato que o ar fresco do exterior frequentemente se infiltrava também aqui dentro.

—Sim, faz frio. —esteve de acordo Kia enquanto aceitava a cerveja— Dizem que terá vários centímetros de neve esta noite e muito mais pela manhã.

—Vinte e cinco centímetros, pelo último que ouvi. —esteve de acordo Andrea— Simplesmente deveríamos nos retirar com um homem quente e um fogo mais quente.

Kia sorriu enquanto Andrea se afastava.

O pub não estava muito cheio esta noite. Era meio da semana, depois de tudo. Bebeu a cerveja e amassou o xale nos ombros, reprimindo um calafrio enquanto olhava ao redor.

De onde estava sentada, a maior parte da sala era visível. Só os dois cantos traseiros estavam em sombras como o seu. Eram privadas, ocultas pela escuridão.

Suspirou profundamente enquanto brincava com a garrafa gelada de cerveja, olhando os dedos, e perguntando-se por que demônios tinha ido ali. Podia ter conseguido um quarto no hotel. Drew teria sabido, é obvio, e obter o número de seu quarto teria sido fácil para ele, mas não teria entrado. Kia teria chamado a segurança. Exceto que ela preferia evitar uma briga. Drew não estava por cima de provocar uma cena, e ainda não se deu conta que isso não importava nem um pouco.

Todo o medo dos fofoqueiros da sociedade tinha sido extinto nela no dia que a obrigaram a retratar-se de saber exatamente o que era seu marido e do que tinha formado parte.

Em dois anos, ela não tinha esquecido esse momento nem um só dia. Ou noite. Algumas noites, sonhava com isso, e os sonhos eram tão diferentes do que tinha acontecido em realidade.

Sorriu ante o pensamento. Do valente que era em seus sonhos. E nesses sonhos Chase Falladay a tinha tentado agir da maneira em que seu ex-marido não pôde nunca persuadi-la a tomar parte.

Arranhou a etiqueta de papel da garrafa de cerveja e tentou dizer a si mesma que só era a solidão gerando-se nela que fazia que esses sonhos se vissem tão fascinantes.

Dois anos. Divorciou-se e agora não tinha amigos. Aprendeu a lição rapidamente. Somente tinha tido uns poucos amigos, e uma vez que um deles começou com as fofocas referentes ao clube do qual ela não estava de todo segura, os outros tinham reatado a causa e haviam



a acrescentado. No momento deu um jeito para conter o controle de danos que Chase tinha pedido, saiu-se tanto à sua mãe que tampouco ninguém o teria acreditado. E Kia tinha decidido que “os amigos” eram mais um incômodo que uma vantagem.

Tinha aprendido lições valiosas de seu divórcio. Tinha aprendido a não confiar em ninguém. Exceto, possivelmente, em Chase. Quase sorriu. Fez o que disse, e pôs um pleito por um elevado acordo de divórcio. Conseguiu com facilidade. Mas não compensava a dor, a humilhação, ou saber que seu casamento tinha sido uma mentira desde o primeiro dia.

Inclinou a cerveja para seus lábios uma vez mais, o olhar perdido pela sala. Quando baixou a garrafa franziu o cenho, estreitando os olhos no canto mais afastado.

Não podia ser ele, disse a si mesma. Esse cabelo negro do demônio se refletiu em uma repentina franja de luz, um perfil que era tão marcado como o decidido homem em si mesmo.

Mas era ele. Sabia que era, e tinha companhia.

Não ia perguntar pela repentina atividade de seu coração, saber que sua maior fantasia sexual estava neste bar com um homem que todas as pessoas do mundo livre sabia que não tinha problemas absolutamente em ser selvagem e depravado.

Chase Falladay e Khalid el Hamid-Mustafa, o bastardo de algum príncipe pouco conhecido do Meio Oriente. Saía frequentemente nas notícias, inclusive mais frequentemente nas colunas de fofocas. E estava sentado ali com Chase.

Enquanto olhava, Chase levantou a cabeça, os olhos se entrecerraram através da penumbra de fumaça encontrando-a imediatamente.

Ela ficou sem respiração. Não saberia que era ela. Havia inclusive menos luz aqui do que havia no canto dele. Então Khalid também girou, os olhos negros divertidos, a expressão sensual enquanto levantava o copo e fazia um brinde.

A comoção a atravessou. Não havia maneira de fugir agora, nem maneira de esconder-se. Este não era um baile de sociedade ou um evento onde tudo o que ela tinha a fazer era vagar pelos outros convidados para evitar qualquer um dos dois.

Chase, porque era uma tentação. Khalid, porque sabia que ajudava Chase a tentar às mulheres que compartilharam nos meses anteriores.

As notícias do clube de homens que compartilhavam suas mulheres se extinguiram com os anos, mas se falava de certos homens, sempre só rumores, que desfrutavam desse prazer em particular mais que de qualquer outro.

Só uns poucos, como se essas almas valentes e famintas saboreassem as fofocas que provocavam.

Tomou um longo gole de cerveja para acalmar a secura em sua boca enquanto afastava o olhar deles. Não podiam saber com certeza quem era ela, assegurou a si mesma. Tinha que assegurar a si mesma isso, do contrário, nunca teria sido capaz de obrigar-se a permanecer ali.

* * *

Chase olhava fixamente o canto do bar, perguntando-se se Kia tinha alguma ideia de como a luz se derramava do bar e brilhava sobre o veludo branco invernal do vestido e o xale que usava.



Tinha o aspecto de uma princesa de neve caída dos céus nublados. Pele suave e cremosa, cabelo loiro cor champanha, olhos azuis, totalmente abertos com um olhar de nervos e medo. E algo mais.

Diabos, tinha que estar bêbado. Esse algo mais não podia estar ali.

—Me perguntou quanto tempo demorará para ficar curiosa. —remarcou Khalid enquanto girava para Chase.

—Curiosa do que? —perguntou Chase, observando enquanto as luzes apanhavam o cintilação dos diamantes em seu penteado alto.

—Sobre você, meu amigo, e os prazeres que pode lhe brindar. Observei-a percorrendo-o com o olhar durante dois anos. E me perguntava o que ocultava sob esses cílios que se estendiam sobre seus olhos cada vez. —explicou.

Chase suspirou.

—Ódio?

Khalid negou com a cabeça.

—Isso nunca. —Seu sorriso era concludente, conhecedor— Os dois vão nas pontas dos pés um ao redor do outro como se tivessem medo da eletricidade que cintila entre os dois. Ela sabe o que é. —inclinou-se para frente— E ainda assim, tem curiosidade. Eu, é obvio, estaria disponível se necessitasse um terceiro.

—Está brincando —grunhiu Chase—Quem diz que escolheria você para meu terceiro de todo modo?

Khalid riu entre dentes por isso.

—A quem importa? Com uma mulher como essa, não custaria encontrar um homem disposto a prover esse serviço. Mas quero conhecer o incomensurável prazer de ser o eleito.

A diversão nos olhos negros de Khalid fez que Chase sacudisse a cabeça para o outro homem.

—Talvez seja medo o que o reprime? —sorriu então Khalid—Seu irmão Cameron, pelo que entendi, está flutuando na sorte da monogamia no que se refere a sua mulher Jaci. Talvez tenha medo que seja contagioso?

Chase afastou o olhar de Kia. Parecia ter frio. Estava muito perto da porta para conseguir alguma calidez vestida como estava. Tão suave, tão delicada como parecia com seu conjunto, tinha que estar gelada.

Amassou o xale mais firmemente ao redor dos ombros quando Chase se deu conta que não tinha afastado o olhar dela por muito tempo. Possivelmente um segundo. Talvez.

—Por que não pede que se reúna conosco para um gole? —sugeriu Khalid— Estaria bem oculta aqui conosco. —Assinalou com uma ampla mão o canto ao lado de Chase—E não duvido que estaria mais cálida.

Chase já estava se levantando antes que Khalid terminasse de falar. Ignorou a risada do outro homem e cruzou a sala. Ela se reuniria com eles, ou a levaria para casa. Qualquer outra opção estava fora da equação. Estava-o tentando até o ponto que lhe doíam as mandíbulas ante o pensamento de tocá-la, e não estava pensando na ereção que pulsava sob suas calças folgadas.



Ela o observou enquanto se aproximava. Ele sentiu os olhos sobre ele, repassando-o, com nervosos olhares que o faziam esticar-se de excitação. Tinha feito isto inclusive antes que seu ex-marido tivesse tentado obrigá-la a um trio. E ficou furioso que Drew tivesse escolhido tentar arrastá-la a esse estilo de vida sem seu conhecimento de antemão.

—Parece uma fada da neve. —disse, apoiando-se no pesado poste que suportava o teto, a uns poucos passos da mesa.

Seu olhar se elevou, o esbelto pescoço ondeou quando engoliu com força.

—Bom, esta noite está nevando. —clareou a garganta.

Isto estava entre eles, ele podia senti-lo. Podia vê-lo em seus olhos, quase saboreá-lo no ar que os rodeava. Se ela deixasse essa mesa para unir-se a ele, ia ser para muito mais que um gole.

Afastou o olhar dela por um instante, admitindo que cada tentativa que havia feito para permanecer afastado veio abaixo estrepitosamente.

Quando ele girou, tinha a mandíbula apertada.

—Não estou brincando com você, Kia. Tenho muito respeito por você para isso. —Estendeu a mão—Quer se unir a nós?

Ela olhou para onde Khalid girou em sua cadeira o bastante para observá-los. Seus escuros olhos brilhavam com sensual, sexual conhecimento. Como os de Chase.

Kia olhou fixamente a mão de Chase.

Perguntou-se durante dois anos como seria estar com ele. Como seria o prazer. O conhecimento em seus olhos quando disse que era só para o prazer.

—E se não puder? —sussurrou Kia, sabendo o que ele queria dizer— Então o que?

—Então não pode. —Seguiu estendendo a mão—É sua escolha.

Era sua escolha. Não tinham lhe dado uma escolha antes, em troca quase tinha sido violentada por seu marido.

Mas este não era Drew. Este era o homem que tinha sido honesto com ela desde o começo. Havia-a, de algum modo, talvez, mas em modos impossíveis para ela não dar-se conta, protegido.

Kia olhou sua mão de novo, recordando os sonhos, as fantasias, e todas as noites solitárias quando assegurou a si mesma, que se chegasse alguma vez esta noite, teria a coragem de aceitar sua mão.

Levantou-se lentamente, segurando o xale ao redor dos ombros com uma mão enquanto via Khalid levantar-se da cadeira no fundo da sala.

—A limusine está lá fora. —Chase agarrou sua mão com a sua, amplos e quentes dedos se envolveram ao redor dos seus menores e pálidos—Vai para casa?

Onde estaria sozinha? Onde sonharia com ele em vez de tomar sua valentia com ambas as mãos e converter-se na mulher que tinha desejado ser?

Audaz. Valente.

Respirava com dificuldade. Podia sentir os seios subindo e descendo, sentir o olhar dele sobre ela enquanto começava a puxá-la para a porta.

—Ainda não quero ir para casa. —sussurrou ela afinal.

Seu braço rodeou as femininas costas, a mão cavou o quadril enquanto o vestido de veludo



revoava sobre as pernas de Chase.

—Então não a levarei para casa. —Alcançaram a porta do bar e saíram enquanto a limusine, nada menos que um Hummer, estacionava na calçada.

Agora a neve cobria a calçada, uns bons dois centímetros, e ela mal se deu conta.

Não se preocupou com a barra do vestido, porque de repente estava sendo elevada em seus braços, abriu os olhos de par em par, o xale deslizou enquanto se agarrava firmemente aos seus ombros.

—Não quero que escorregue e caia. —expôs ele enquanto o chofer abria a porta com suavidade. Chase se agachou para o quente interior, segurando-a contra ele enquanto entrava na luxuosa limusine e a sentava ao lado de um estreito bar, em um dos amplos e densamente acolchoados assentos de pele.

Khalid os seguiu e a porta se fechou atrás deles, as janelas escuras os ocultavam, mantendo-os a salvo dos olhos curiosos.

O interior do Hummer era incrível. Os assentos eram amplos, a pele escura era certamente cômoda, mas enquanto Chase a segurasse, apostava que ele era mais cômodo. Inclusive com o grosso vulto de sua ereção lhe pressionando o quadril.

Não estava segura no que se estava colocando. Recostou-se contra o ombro de Chase e inalou um profundo fôlego. Tinha uns poucos segundos para pedir que a levassem para casa depois de tudo.

Não o faria. Pensava que era valente. Pensava que era audaz.

—Khalid, esta limusine é de loucos, sabe. —Chase olhou o interior, com a mão nas costas de Kia acariciando e reconfortando enquanto o veículo se movia com suavidade através das ruas.

—Já disse isso a meu pai quando a entregou. —Khalid deu de ombros— Mas vem com gasolina grátis de seus postos de gasolina, assim quem sou eu para me queixar? —Khalid piscou o olho para Kia brincalhonamente— Eu, é obvio, sou um pouco mais conservador com minha riqueza.

—Sim, em seu lugar Khalid compra cavalos. —riu entre dentes Chase.

—Animais de primeira classe. —Sorriu Khalid— Mas se isto for bom para uma coisa é o prazer de ver todas essas maravilhosas luzes através de nossa bela cidade enquanto neva. Todas as comodidades de uma casa. —Assinalou as janelas que rodeavam os assentos— E não temos que nos preocupar em ficar presos durante um momento.

—Khalid gosta de fazer sua equipe de segurança correr de um lado para outro na neve —disse Chase com um olhar de riso.

—Não é com a equipe de segurança que me divirto. —disse Khalid arrastando as palavras, o apenas perceptível enfeite em sua voz estava realçado com sua própria diversão— São esses malditos agentes especiais que se mantêm colados no meu traseiro. Pensaria que não sou um cidadão americano.

—Uma pessoa vinculada a um sheik muito rico e bastante poderoso. —assinalou Chase.

Khalid piscou o olho de novo, e Chase a sentiu relaxar, não muito, mas o bastante para que possivelmente não se preparasse para pedir que a levassem para casa.



—Asseguro, senhorita Rutherford —comentou Khalid— Agora é Rutherford, não?

—Sim. —soltando o fôlego.

Chase não tinha sido consciente que tinha recuperado seu sobrenome de solteira.

—Como ia dizendo, asseguro que estou aparentado com o sheik só pela mais fina linha de sangue e um pai que tem mais dinheiro que conexões verdadeiras. Entretanto desfrutava esbanjando o dinheiro com seu filho bastardo mais jovem. —Os lábios de Khalid se arquearam maliciosamente.

Kia inalou lentamente enquanto Chase seguia lhe acariciando as costas. Maldita fosse ela e suas costas nuas. O xale apenas pendurava sobre um ombro agora, o vestido de veludo sujeito aos ombros por finas alças, o veludo que lhe cobria os seios fazia muito pouco para cobrir os firmes montes.

Ela era incrível. Linda. Vários fios de cabelo se deslizaram dos grampos de diamantes que o seguravam no lugar, os fios loiros emolduravam seu rosto e o pescoço.

Um leve rubor subiu por suas bochechas, e os olhos azul safira estavam cobertos por uma curiosidade vulnerável e ousada. Chase soube, de algum modo, durante os últimos dois anos, que chegariam a isto. E o tinha impulsionado, tinha-a pressionado, tinha-a deixado mais curiosa cada vez que a tinha procurado para uma dança, em uma festa ou uma breve conversa em um evento.

—As luzes estão bonitas esta noite. —Ela engoliu com dificuldade de novo e encontrou seus dedos enroscados no antebraço de Chase, onde jazia cruzado em suas coxas.

Kia olhava fixamente pela janela na frente dela enquanto a limusine serpenteava através do tráfego, detendo-se brandamente nos semáforos, movendo-se mais lentamente pelas áreas elaboradamente iluminadas.

—As luzes são magníficas nesta época do ano, especialmente durante uma nevada. —Mas Khalid não estava olhando as luzes, estava olhando para ela.

Sua voz era baixa, suave e encantadora. Era sexy, mas carecia da verdadeira calidez que ela ouvia na voz de Chase.

—Jaci e Cam estão montando a árvore de Natal esta noite. —Grunhiu Chase— Uma das razões pelas quais acabei em um bar em vez de estar lendo comodamente em meu apartamento. Mais cedo ameaçaram que eu os ajudaria.

—Você não gosta das árvores de Natal? —arriscou-se a levantar o olhar para ele, e os círculos verde pálido a sustentaram, cativando-a como faziam sempre.

Cada vez que seu olhar apanhava o dela, desejava afundar-se nele, viver nele para sempre. Era algo misterioso, algo completamente masculino e proibido cada vez que lhe sustentava o olhar.

É óbvio, ela conhecia o proibido. Estava ali, nesta limusine. Chase e o terceiro que tinha sido obviamente escolhido, e não eram nada comparado ao marido e ao terceiro que a tinham aterrorizado anos atrás.

Não, não tinha sido terror, tinha sido raiva. Tinha tentado embebedá-la e quando pensou que estava bêbada, tinha metido outro homem em sua cama.

—Adoro as árvores de Natal —disse a final Chase em voz baixa— Mas algumas coisas, Jaci e



Cam precisam fazer a sós.

Foi dito com delicadeza, como se ali ocultasse uma mensagem. Estava dizendo que já não compartilhava suas mulheres, ou só à mulher de seu irmão?

Tinha se perguntado, admitiu Kia. Frequentemente tinha se perguntado se Jaci Wright desfrutava de cada noite que Kia tinha medo a procurar.

—Não decorei uma árvore em anos. —disse então a Chase, tentando sorrir, quase perdida na memória da última vez que o tinha feito, na casa de seus pais.

—Não? —Afastou um fio de cabelo da bochecha enquanto a tensão temerosa se desvanecia, só para ser substituída por algo mais escuro, mais quente.

—Não tenho árvore —disse ela— Só sou eu.

—Compra presentes? —perguntou.

Ela sacudiu a cabeça.

—Só para meus pais. Não necessito uma árvore em meu apartamento.

Sua vida se tornou estéril nos últimos dois anos. Uma paisagem desértica que ainda tinha o poder de feri-la.

—Amigos? —Chase se esticou um pouco, como se antecipasse a resposta.

—Os amigos estão ocupados com as famílias durante as férias. —Negou com a cabeça— Não preciso de uma árvore. —Não comprava presentes para os amigos porque não se permitia tê-los.

—Precisa de uma árvore —respirou contra seu ouvido— Uma muito grande.

—Nunca seria capaz de decorá-la. —Inclinou a cabeça para um lado, quase sem sua permissão, de repente sentiu um comichão no pescoço ao sentir esse pequeno fôlego — Sou baixa.

—É deliciosa. —Beijou-a atrás da orelha. Um suave toque de seus lábios que a fez fechar lentamente as pálpebras e o prazer a golpeou atravessando-a.

Khalid estava observando. Podia senti-lo observando. Podia sentir a tensão aumentando na parte traseira da limusine e o calor do desejo sexual começando a mover-se sobre sua pele.

Deveria mover-se. Deveria estar assustada, como esteve antes. Em troca, sentiu essa estranha coragem crescendo dentro dela outra vez. Não, não coragem, loucura, porque sabia que não ia negar-se a eles. Ia ser selvagem e travessa e fazer o proibido. Aqui, nesta grande e decadente limusine, ia deixar que Chase a tivesse, Chase e Khalid.

Abriu os olhos e girou a cabeça para olhar Chase. Este homem era sua fantasia, e qualquer coisa que quisesse dar esta noite, o permitiria. Tanto como pudesse.

—É só para o prazer? —sussurrou ela.

Seus olhos se dilataram de surpresa, como que surpreso que ela recordasse o que tinha contado.

—Só para o prazer —prometeu.

—Só entre nós? —perguntou então.

Um dedo acariciou a bochecha.

—Ouvii alguma vez das mulheres com as quais estive, Kia? —perguntou.

—Não assim. Mas é conhecido o que faz. —Ela sacudiu a cabeça, jogando uma olhada a



Khalid enquanto ele observava, espectador. Relaxado, seguro de que a tocaria.

—E não escutará —prometeu— Onde está o prazer em permitir que fofiquem sobre sua amante? Ou que envergonhem sua mulher?

Agora ela respirava bruscamente. Podia sentir as roupas raspando contra sua pele, as ondulantes esteiras de antecipação crescendo dentro dela.

—Estive somente com Drew —sussurrou ela— Isso é tudo.

Tinha sido seu único amante. Tinha chegado a ele virgem e não podia recordar um só momento que estivessem juntos em que seu prazer tivesse importado a ele.

Chase sabia o que estava dizendo. Podia ver o fio de incerteza, o desejo e a confusão sobre os desejos que cresciam nela.

Ele sabia o que ela estava dizendo. Não era sobre o prazer ou o trio, era sobre a tentação que tinha devotado no dia que foi ao seu apartamento. Era sobre a tentação que tinha estendido cada vez que a tinha visto depois daquilo.

Deixou que sua cabeça se movesse mais abaixo, deixou que seus lábios roçassem os dela, consciente que Khalid se movia silenciosamente, abrindo a porta sob o balcão do bar para tirar o necessário para o prazer.

Lubrificante, óleo de massagem, preservativos. Khalid era um sensualista de verdade. Nada era precipitado quando ele estava envolvido. O prazer era tudo o que importava. Conseguia seu prazer do prazer da mulher que tocava. Ou ajudava a tocar.

Os lábios de Kia se abriram sob os de Chase. O fôlego, brandamente perfumado com uma nuance de cerveja que tinha bebido antes, e o inocente e suave sabor da própria mulher. Abriram-se lentamente. Ele observou as pálpebras abrindo-se lentamente sobre os olhos e seus lábios as acariciaram. Não quis tomar o beijo dela. Não desejava tomar nada dela. Desejava que ela se oferecesse, desejava-a perdida no prazer, oferecendo-se até que não existisse nada exceto o toque, a necessidade, a ânsia da liberação.

Kia disse a si mesma que isso era tudo o que seria. Só prazer. Não ia permitir se preocupar por ninguém mais de novo. Tinha feito essa promessa dois anos atrás, e não a romperia agora.

Mas necessitava do seu toque. O toque de Chase. Seus lábios roçaram os dela. Esteve segura que quando Khalid a tocasse, seria selvagem e lasciva também então.

Nunca tinha sido selvagem e lasciva, entretanto frequentemente se perguntava como seria. Ia descobrir esta noite. Agora. Vestiu-se para isto. Tinha-o desejado.

—De acordo? —A voz de Chase agora era escura, mais grave.

Kia abriu os olhos para ver que os olhos verdes claros se obscureceram. Havia um rubor de vermelho contra suas escuras maçãs do rosto e seus lábios estavam sensualmente mais cheios que antes.

A luxúria cobriu sua expressão. Por um segundo, só pelo mais estreito segundo, Kia desejou que houvesse mais que luxúria em seus olhos, antes que afastasse o pensamento. Não tinha direito de desejar mais, de necessitar mais.

Obviamente ela não sabia como escolher os amigos ou amantes. Chase era seguro, e se ele queria Khalid ali, então confiava em sua escolha.



Chase não tinha mentido. Tinha mantido suas promessas, tinha assegurado que Drew nunca bateria nela outra vez, e ela sabia que foi com sua ajuda que o divórcio chegou tão rápido.

Quando sentiu que lhe mordiscava os lábios, olhou-o aos olhos enquanto as mãos acariciavam as costas nuas e o braço, deixou-se inundar nas sensações. As calosas palmas a acariciavam, os fortes lábios tomavam pequenos beijos ambiciosos dela.

Juntou os braços ao redor do pescoço de Chase. Girou para ele, necessitando mais, sofrendo por isso. Um beijo mais profundo, mais longo. Desejava sentir tomando seus lábios controlando sua paixão enquanto ela não tinha nem ideia de como controlá-la.

Como se soubesse e sentisse o que necessitava, os lábios fizeram justo isso. A língua se aprofundou na sua, e as mãos a seguraram com firmeza.

Um gemido sussurrado transpassou seus lábios enquanto tremia pelas sensações.

Isto era tudo o que necessitava. Só prazer.

Capítulo 2

Kia contemplou o rosto de Chase enquanto se recostava em seus braços, a cabeça descansando contra uma almofada que Khalid tinha deslizado embaixo.

A mão de Chase moveu-se lentamente descendo por seu braço, agarrando-a pelo pulso e levantando-a por cima da cabeça, onde os dedos de Khalid a rodearam.

—Se quiser parar, só tem que dizer. — sussurrou Khalid enquanto ela olhava para Chase — Isto é só para você, doce Kia.

Ela tremeu quando os lábios de Chase se arquearam ante a óbvia incerteza que sabia se refletiu em seu rosto.

—Eu nunca...

Chase pousou um dedo sobre seus lábios.

—Não precisa de experiência, querida. Simplesmente sentir-se bem.

Chase sabia, inclusive quando estava casada, quando a enfrentou com o conhecimento do que tinha que fazer, que ela tinha a coragem em seu interior, a sensualidade em seu interior, para chegar a isto.

Drew, seu ex-marido, também soube disso, infelizmente, mas tinha sido muito condenadamente egoísta para introduzi-la naquilo. O sensual que jazia no interior de Kia tinha um núcleo de prazer apaixonado e vibrante simplesmente esperando para ser descoberto.

Ela deu um sobressalto, não de temor nem dor, mas sim de surpresa, quando Khalid pousou seus lábios contra a parte interior do seu pulso. Khalid era um entendido em mulheres. Adorava as formas femininas com uma dedicação que frequentemente divertia os outros membros do clube.

Chase acariciou com a mão descendo por seu lado, sobre o fino veludo do vestido de noite, observando a parte superior de seus seios enquanto se ruborizavam, o leve resplendor fazendo



jogo agora com suas bochechas.

A borda em forma de concha do sutiã estava apertada às curvas superiores de seus seios, mostrando a fenda entre eles e o brilho da transpiração que começava a orvalhar sua pele.

Baixou os lábios para os dela uma vez mais, revoando sobre eles enquanto o perfume do óleo egípcio provocava os sentidos de Chase e a mão atrás encontrava a lingueta do zíper que segurava apertado o vestido sobre os seios.

Ia ser como desembulhar o presente de Natal mais bonito que jamais tinha tido, com semanas de antecipação. Tirar seu vestido, senti-la reviver com o prazer, ia incendiar a noite ao redor deles.

Ela gemeu em seu beijo enquanto descia o zíper, a parte superior do sutiã se arqueou enquanto ela procurava um contato mais profundo, por esse beijo que afundaria em seus sentidos.

O brindou, transferindo o olhar para Khalid, onde estava acariciando o braço nu, cobrindo com o brilho do óleo ao longo de sua pele, enquanto longos e escuros dedos massageavam os músculos tensos.

Compartilhar uma mulher com Khalid era uma experiência única, sem importar as vezes que Chase o houvesse feito. Tanto como o outro homem adorava as mulheres, tanto como ele adorava tocá-las e provocá-las, em realidade era um pouco suscetível com as mulheres que compartilhava.

Os sentidos de Chase se inundaram então no beijo de Kia. Sua língua dava leves golpes ávidos aos seus lábios, o suave gemido que saiu deles exigente e cheio de necessidade feminina.

Beijá-la, maldição!, era bom.

Elevou-a mais perto, os lábios inclinando-se sobre os dela enquanto sentia Khalid descendo por seu braço, e sabia que o outro homem estava lambendo o delicado óleo que agora a cobria.

O outro braço se curvou ao redor do pescoço de Chase, tentando segurar sua cabeça mais perto. Necessitava deste beijo. Ela podia senti-lo afundando-se em seu interior, liberando partes dela que só suspeitava viviam em seu interior.

Enquanto a beijava, enquanto seus lábios e língua arrastavam esse calor interno para a superfície, o que Khalid estava fazendo parecia tão natural, tão parte deste particular prazer, e deste homem. Kia o notou. Sentiu.

O óleo que esfregou em seu braço a esquentava, logo seus lábios e língua pareciam chamar sua pele com sensações quando começou a beijar e a lamber a parte interna do pulso.

Gemeu de prazer, porque parecia não haver outra forma de tratar com isto. Aumentava em seu interior, uma necessidade em si mesmo que quase a atemorizava.

Não havia nada ao que segurar-se agora, exceto Chase. Ela se segurou nele com um braço, os dedos enterrados nos espessos fios negros de seu cabelo. Enquanto Chase a beijava, enquanto a saboreava, dava-lhe prazer com os lábios e língua, sentiu a alça do vestido de noite deslizar por seu ombro, a mudança de posição do corpo de Khalid quando se aproximou.

Kia choramingou, arrastada a um torvelinho de sensações. Chase tinha uma mão em suas costas, dentro do frouxo material de seu vestido, enquanto a outra estava lentamente subindo o



tecido pelas pernas, passando o veludo sobre as meias de seda de cor nata que usava.

Cálida e escorregadia, Khalid acariciou com a mão a pele sobre seus seios. Acariciou-lhe o pescoço, os dedos acariciaram o ombro contrário e voltaram, mas não foi mais à frente.

Ela sabia que o tecido que deslizou de seu braço revelaria os seios cheios, os duros mamilos.

O veludo se arrastava por seu mamilo, raspando por cima, um pouquinho de cada vez, enquanto o ombro do vestido ia descendo pelo braço.

Os lábios de Khalid seguiram seu curso. Os dentes rastelavam contra a pele, a língua aliviava a pequena queimação. Kia gritou no beijo de Chase e scandalizou a si mesma. Escandalizou-a quando se retirou e lhe mordiscou o lábio inferior.

—Vai ser selvagem para mim, Kia? —Sua voz era áspera, mais rouca agora — Mostre-me o que precisa, querida. Darei isso.

Seus lábios pressionaram os dele de novo, famintos e ferozes. Ela necessitava seu beijo como nunca tinha necessitado um antes. Havia uma necessidade crescendo nela que não tinha sentido, uma que não podia pronunciar.

Chase sabia o que era a fome. Uma mão segurou firmemente no lado do rosto de Kia para mantê-la presa, e o beijo que ofereceu era tão selvagem como a febre ardendo dentro dela agora. Mordiscou-lhe os lábios, aliviou a pequena dor prazerosa e gemeu quando ele introduziu a língua em sua boca, lutando com a dela, saboreando-a.

Kia se retorceu em seus braços, desesperada para ter mais dele, já. A alça do vestido deslizou mais abaixo sobre o braço, e um segundo depois afastou os lábios de Chase para gritar ante o incrível erotismo que sentia.

Os lábios de Khalid rodearam o mamilo. Estava percorrendo-a, dando leves golpes com a língua contra o endurecido broto enquanto se arqueava involuntariamente de prazer.

Chase deslizou a outra alça para baixo, despiendo o outro seio, e também baixou a cabeça para ela.

—Chase! —estremeceu, olhando para baixo, à visão de duas escuras cabeças inclinadas para ela, os lábios a percorrendo de uma vez, bochechas cavadas, línguas lambendo.

Juraria que ia ter um orgasmo por só este prazer. Nunca havia sentido essas duras e acaloradas carícias de sensações febris apressando-se por suas terminações nervosas, dos mamilos até o útero.

Retorceu-se sob eles, os braços levantados, estendendo-se para trás enquanto se arqueava para eles. Era delicioso, tanto prazer correndo e pulsando através de seu corpo. Sentia-se como um cabo carregado, a eletricidade faiscando de terminação nervosa em terminação nervosa, e era incapaz de detê-la.

Os espasmos no baixo ventre eram uma dor prazerosa, os profundos arcos convulsivos de sensações lhe rasgavam o útero e quase a fizeram gritar.

—Chase! —Gritou seu nome enquanto as mãos encontravam o corrimão acolchoado do bar e o agarrava.

Necessitava algo a que segurar-se, algo para mantê-la no lugar antes que começasse a



fragmentar-se pelas necessidades que a rasgavam.

—Tranquila, meu bem. —Tinha afastado os lábios do mamilo. Agora o lambia, logo pressionou a testa contra o monte enquanto sua mão, seus dedos se moviam sobre a carne nua exposta por cima das meias.

A faixa de renda acabava justo sob as coxas, coxas que foram reveladas a suas mãos, seus olhos. O veludo branco se reunia ao redor deles enquanto Khalid levantava a perna, arrastando-a para ele, e a deixou descansar sobre seu joelho.

Agora estava de pernas abertas e eles estavam mais que dispostos a aproveitar-se da carne exposta.

—Deveria fazer que se depilasse. —sussurrou Khalid enquanto fortes dedos roçaram sobre a peça de seda e renda das calcinhas.

Kia choramingou ante a sensação. Pôde sentir como os cachos que tinha afastado estavam escorregadios e úmidos contra as calcinhas.

—Talvez. —Chase a olhou fixamente, os olhos se obscureceram quando ela abriu os lábios e lutava por arrastar mais ar dentro. Parecia não poder respirar o suficientemente profundo. Parecia não poder encontrar o suficiente para segurar-se, para centrar-se.

—Quero despi-la, Kia. —disse, as mãos cobrindo seu rosto, o polegar acariciando por cima dos lábios— Podemos tirar este lindo vestido?

Estava pedindo, mas já estavam em movimento para despi-la. O sutiã deslizava para a cintura enquanto Chase a levantava, então Khalid o arrastou mais à frente, levantando seus quadris, as pernas, tirando o magnífico veludo de seu corpo e deixando-a com quase nada exceto os brancos saltos, as meias e as estreitas calcinhas.

Foi cuidadoso com o vestido, entretanto Kia mal se deu conta disso. Deixou-o brandamente sobre o pequeno assento na parte traseira da obscenamente grande limusine e girou de novo para ela.

Chase estendeu suas coxas, abriu-a, colocando suas pernas até que não houve nada oculto. Ela teria fechado as pernas, mas Chase deslizou a mão sobre o monte, o cobriu e sussurrou:

—Não se preocupe, Kia. Tudo está bem. Muito bem, benzinho.

E estava bem.

Deitou-a sobre o amplo assento, tombando-a de costas, a pele cálida contra as costas enquanto a acariciava com a mão ao longo do transpirado estômago para a cintura das calcinhas. Abaixo, Khalid estava acariciando com suas mãos lubrificadas de óleo sobre as coxas nuas massageando com os dedos e polegares a carne até que as conseguintes sensações lançadas em sua vagina a tiveram lutando para continuar deitada, para evitar retorcer-se sob o prazer.

Esse óleo era assassino. Esquentava a pele, logo quando os lábios, a língua entravam em contato com ele, queimava, ardia, e se retorcia sobre suas terminações nervosas.

—Tão bonita. —Chase baixou a cabeça para os mamilos de novo, chupou-os lentamente antes de levantar a cabeça —Tão doce.

Começou a descer por seu corpo enquanto Khalid subia, abrindo as pernas dela. Estendeu-se sobre a parte inferior do assento enquanto Khalid a levantava até o braço acolchoado do balcão



e um travesseiro surpreendentemente grosso acolchoou sua cabeça.

Kia levantou o olhar para Chase enquanto seus lábios lambiam sobre o óleo que Khalid tinha esfregado sobre sua pele, até que olhou os traços estranhos que a observavam com tanta ternura.

Khalid inclinou os lábios para sua orelha.

—Ele esteve esperando você. Para isto. — ele sussurrou, provocando um tremor enquanto sentia o fôlego de Chase contra seu monte.

As mãos de Khalid, agora escorregadias pelo óleo, moveram-se ao longo dos ombros e logo para seus seios. Massageou o óleo na pele sensível enquanto sentia Chase lhe tirando as calcinhas. Lentamente. As tirou dos quadris, sobre as coxas, e ao longo das pernas até que as tirou pelos pés.

Levantou-lhe um pé, ainda com o sapato de salto alto, e lhe beijou o tornozelo através das meias enquanto ela tremia, tentando pegar ar através da neblina de desejo.

A língua lambeu sua pele através da superfina seda e a fez curvar o pé de prazer.

—Olhe seu rosto — cantarolou Khalid em seu ouvido, as mãos massageando o óleo nos seios, nos mamilos, beliscando as duras pontas enquanto ela ofegava ante a sensação — Chase sabia que seu sabor ia ser delicioso.

Ela observou enquanto Chase se endireitava, movendo os dedos para os botões de sua camisa, abrindo o tecido rapidamente e tirando-a.

Estava se despiando enquanto ela o observava. Kia choramingou. Ela desejou gemer e não pôde. Quando ficou nu, completamente nu e o grosso e duro comprimento de sua ereção se liberou de seu corpo, ela ficou sem fôlego.

Abriu os olhos de par em par. Estremeceu, tremeu quando suas mãos a acariciaram subindo pelas pernas, os cílios descendendo sobre os olhos quando se inclinou para ela.

Calosos dedos masculinos afastaram os cachos e um segundo depois a primeira carícia de sua língua a fez estremecer. Gritou quando Khalid escolheu esse momento para agarrar seus mamilos e sensualmente puxá-los.

Girou a cabeça e se sentiu assediada. Sentiu-se perdida em um mundo de sexo com nada a que segurar-se agora. Teria que segurar-se em Khalid, teria, mas quando girou a cabeça estava cara a cara com a ereção de Khalid e já estava nu.

—Oh Deus — sussurrou.

Coragem. A palavra cintilou em sua mente.

Não é suficiente mulher para um homem, muito menos para dois. Drew disse depreciativamente estas palavras.

Levantou a mão, seus dedos percorrendo sobre a feroz dureza do comprimento de carne.

—Ah!, pequena. — Quase gemeu Khalid — Dedos como a seda mais suave.

O comprimento duro como o aço era grosso, de veias marcadas, de ponta larga e escura. Havia coisas que ela nunca tinha feito. Nunca tinha tomado o que queria. Nunca tinha pedido o que necessitava.

Curvou os dedos tudo o que pôde sobre a largura, abriu os lábios e levantou a cabeça.

A língua se encontrou primeiro com a quente e faminta ponta do membro e talvez tenha



ouvido Khalid sussurrar uma maldição.

Entre as coxas, Chase se tornou mais faminto. A língua lambia através do líquido que ela sentia saindo de seu corpo, um esmigalhado gemido vibrou em sua pele quando ordenhou a ponta do membro de Khalid em sua boca.

Chupou-o. Nunca tinha conseguido prazer com isto antes porque Drew sempre estava dando instruções quando o fazia. Khalid não estava dando instruções. Ao contrário, inclinou-se sobre ela, a língua percorrendo sobre um mamilo, a boca envolvendo-o e arrastando-o eroticamente enquanto ela arqueava os quadris mais perto dos lábios de Chase.

Oh sim. Abriu os lábios mais amplamente, tomou mais dele e gemeu ante a calidez, a enlouquecedora sexualidade e a fome que começava a formar-se dentro dela.

—Deliciosa. —Gemeu Khalid—Ah, doce, sua boca. Tão bonita.

Elevou-se de seu seio, mas ela não o soltou. Quando enterrou sua mão no cabelo de Kia, segurando-o em mechas, ela se esticou.

Não estava fazendo direito? Ia tentar obrigá-la a ir até o fundo?

Não o fez. Acariciou-lhe o couro cabeludo, as unhas arranhando sobre ele com sensualidade, mas permaneceu quieto em seu agarre. Não empurrou, simplesmente esperou. E quando ela começou a mover-se ouviu o gemido baixo e interminável que saiu de seus lábios.

Kia estava gritando enquanto tentava agradá-lo. Entre suas coxas, Chase a estava deixando louca. Acariciava-a com os dedos e a língua. Os dedos eram diabólicos e não deixaram nenhuma dúvida do que eles tinham previsto para ela esta noite.

Enquanto a lambia, acariciava-a e sua língua dava leves golpes dentro de sua vagina antes de mover-se ao clitóris, os dedos estavam destroçando seus sentidos.

A ponta de um dedo pressionou a entrada de seu traseiro enquanto lhe chupava o clitóris, levando-a a borda do topo antes de retirar-se, obrigando-a a ficar tateando em seu toque, os movimentos dela abriam essa entrada escondida e permitiam ao seu dedo deslizar-se dentro.

Frio e escorregadio pela lubrificação, o dedo aplainava o caminho lentamente em seu interior enquanto ela estremecia de novo. Deveria estar preocupada. Se o prazer não estivesse rasgando-a, poderia ter vacilado.

—Ah doçura. Tanta calidez e generosidade. —A voz de Khalid agora era mais rouca— Está destroçando meu controle. —Puxou-lhe o cabelo eroticamente— Ah merda. Sim, chupa a ponta, querida. Justo assim.

As coxas de Khalid esticaram quando ela arrastou mais profundamente a ponta, chupou e tamborilou com a língua sobre ela, logo se arqueou e gritou quando sentiu a intrusão no traseiro. Mais grosso que um dedo, agora estava utilizando dois, estirando-a, abrindo a sensível malha enquanto ondas de gritos de prazer começavam a percorrê-la.

Estava arqueada contra a língua de Chase, conduzindo os dedos mais fundo. A dor formando-se dentro dela era muito. Chase a estava deixando louca, a língua tamborilando sobre o clitóris, através de sua vagina e tirando mais de sua umidade do interior, partindo-a em duas com as sensações.

Não podia se concentrar no prazer que podia dar, porque estava correndo para o prazer



que lhe estavam dando.

—Isso, pequena. —Khalid retrocedeu, saindo de sua boca enquanto ela se deu conta que tinha as unhas cravadas na coxa dele—Certo. Tudo está bem. Sim?

Khalid verteu óleo em sua palmas, esfregou-as juntas, e começou a acariciá-la de novo enquanto ela o olhava fixamente, aturdida. Esfregou-lhe os seios, o ventre, as mãos correram perto de seu monte, enquanto Chase a olhava atentamente com diabólica cobiça.

Ali abaixo, profundamente dentro do canal proibido que Chase estava estirando, penetrando, sentiu outra vez os dedos fazendo o movimento de tesoura para separá-la, sentiu essa queimação que lhe transpassava o sexo e a fazia ofegar, tremer.

Estava tão perto.

—Chase. —Enterrou a cabeça no travesseiro enquanto tentava arquear-se mais perto— Por favor Chase.

—Prazer, Kia —sussurrou Chase em resposta, sua voz forçada enquanto deslizava seus dedos dela.

—Prazer suficiente —gritou ela, corcoveando contra eles enquanto a cabeça de Khalid se inclinava, os lábios rodeando um mamilo de novo.

Estava chupando o mamilo. Chase estava chupando seu clitóris. Os dedos, ele estava com seus dedos dentro dela outra vez. O acesso era mais apertado, e ela choramingou ante a queimação, a dor prazerosa.

—Relaxe para ele, doçura. —sussurrou Khalid, elevando a cabeça do mamilo, a mão plana sobre o estômago—Relaxe para ele. Deixa que seus dedos entrem em você. Lentamente. Sente como arde o prazer, Kia. Como percorre seu corpo, como a enche como uma droga.

Essa droga em particular estava bombeando por seu sistema sanguíneo, correndo para o clitóris, rodeando-o, e fazendo pedaços de um extremo ao outro as terminações nervosas que nunca soube que tinha.

—Tão simples. —sussurrou Khalid enquanto Chase tirava os dedos e os deslizava de volta.

Voltou a olhar para Chase antes de mover-se. Ignorou sua maldição, sua surpresa. Já tinha o bastante. Estava destrocada pela necessidade de liberação, pela fome que ardia nas partes mais profundas de seu corpo. Ficou de joelhos, inclinou-se e deixou que a boca lhe cobrisse a ponta do membro.

Esta era a carne que desejava em sua boca. A de Chase. Ela o chupou em seu interior, envolveu os dedos ao redor do eixo e ouviu a aguda e dura inspiração.

Agora ela era uma criatura de prazer. Pousou a boca no duro membro, com a língua o rodeou, provocou-o como a tinha provocado ele.

Atrás dela, os dedos de Khalid estavam penetrando seu traseiro, e não se importou. Abriu as pernas para ele, encheu sua boca com Chase e ouviu o estrangulado gemido enquanto saía seu nome dos lábios.

Empurrou os quadris para trás, contra Khalid, sentindo os dedos movendo-se em seu interior.

—Agora. —Ela levantou os lábios do membro de Chase, lambeu-lhe a ponta, e o olhou



fixamente—Tome agora, Chase. Por favor.

—Está preparada. —Khalid lhe beijou a nádega, passando a língua sobre ela, e pressionou os dedos em seu interior—Pode tomar a ambos agora.

Chase a olhou fixamente.

—A ambos, Kia.

Não ia permitir que ela o interpretasse mal. Não ia permitir que se sentisse traída mais tarde.

—Sim. A ambos. —Não houve vacilação em sua voz, ou em seus aturdidos e sensuais olhos.

Chase tomou o preservativo que lhe estendeu Khalid, desenrolou-o rapidamente sobre seu membro e puxou Kia para ele. Atraiu seus lábios, beijou-a, devorando o sabor dela enquanto a girava até que pôde deitar-se na ampla poltrona de pele, arrastando-a sobre ele, colocando-a até que ficou em cima escarranchada.

Não teve que guiar seu membro, ela o fez por ele. Dedos de seda envolveram o eixo e Kia baixou os quadris, as dobras escorregadias se abriram e ela ficou quieta.

Chase pressionou para cima enquanto Khalid se movia atrás dela, os dentes mordiscando o ombro enquanto Kia tremia e mais de sua nata se derramava sobre o embainhado comprimento do membro.

Chase teve que lutar para conter o controle. A vagina de Kia era quase tão apertada quanto seu traseiro. Os músculos o apertavam enquanto deslizava dentro. Diabos, como se ele não usasse preservativo para começar. Era tão doce, tão quente e apertada que podia sentir cada ondulação das contrações que o rodeavam enquanto entrava nela.

Kia sentiu a queimação do estiramento, o empalamento, inclusive enquanto sentia Khalid atrás dela, os lábios descendo por sua coluna, a língua lambendo, as mãos obstinadas em seu traseiro, balançando-a sobre o membro de Chase.

Ela estava ardendo.

—Tão perfeita. —gemeu Chase debaixo de Kia.

—Um tesouro —esteve de acordo Khalid empurrando-a para o peito de Chase.

Uns braços musculosos a rodearam, pálidos olhos verdes obscurecidos quase da cor do musgo a olharam enquanto ela lutava por concentrar-se.

Estava completamente enterrado nela agora. Estava apertadamente estirada, e Khalid estava tirando os dedos, movendo-se atrás.

—Não me faça mal. —sussurrou, tremendo, tocando o rosto de Chase— Por favor, não me faça mal.

Deteve-se embaixo de Kia, e atrás, sentiu também Khalid deter-se.

—Machucar você, Kia? —perguntou enquanto a acariciava meigamente com as mãos.

Chase ficou quieto dentro de Kia, estirando-a, ignorando os pequenos movimentos apertados que ela fazia, a necessidade de tê-lo empurrando em seu interior.

Ela tentava respirar. O prazer, o medo e o desconhecido a rasgavam.

Atrás, Khalid a acariciou outra vez com os dedos, descendo pela fenda, deslizando-se na abertura.



Ela ofegou, relaxando involuntariamente.

—Ah, tão doce. Sabe que aqui só há prazer. —cantorolou Khalid.

—Machucaria você, Kia? —perguntou de novo Chase, os lábios em seu ouvido enquanto ela soluçava de prazer—Machucaria você alguma vez?

Kia negou com a cabeça, acalmando-se mais, sentindo como relaxava, sentindo a larga e grossa ponta do membro de Khalid começando a deslizar em seu interior.

E não era dor. Não era prazer. Era uma sensação agonizante de veemente êxtase que começou a arder nela, atravessando-a por dentro.

Chase permaneceu quieto. As fortes mãos obstinadas a seus quadris, segurando-a no lugar, Chase enterrou o membro até o punho enquanto Khalid começava a mover o membro no interior de seu traseiro.

—Chase. —gemeu, cravando as unhas nos seus ombros.

—Tenho você. —sussurrou ele ao ouvido— Sempre tive você Kia. Recorda, meu bem? Cuidarei de você.

Ele cuidaria dela. Podia confiar nele. Deixou que o prazer a rodeasse, deixou que a enchesse, sentiu seus músculos relaxar quando Khalid deslizou em seu interior.

—Isso, coração. —Beijou-a no pescoço, lambeu-a— Só nos deixe te dar prazer. Cada parte de você tocada, acariciada.

Tocou-lhe o rosto com a mão, empurrando-a para cima enquanto as costas de Kia se arqueavam e Khalid deslizava em seu traseiro completamente.

Kia levantou a cabeça com um grito. Um grito estrangulado enquanto começava a tremer. Os olhos completamente abertos enquanto olhava para Chase. Mal podia vê-lo. Uma neblina de prazer em vermelho vivo cobriu sua visão e lhe rasgou o corpo.

—Merda. Está gozando, Khalid.

—Ah, sim. —Khalid soou como se obrigasse a soltar as palavras de seus lábios— Tão apertada. Tão apertada.

Estavam se movendo. Deslizando para trás e para frente, retirada e invasão até que ela sentiu crescer dentro outra vez, subindo por sua coluna e abrindo caminho para sua mente. Faíscas se acenderam em frente a seus olhos, e ela lutou para corcovear entre eles, mais forte a cada penetração, sentindo como a enchiam. Uma e outra vez, e gritou o nome de Chase quando se sentiu dissolver entre eles.

As carícias dentro dela eram mais duras, mais profundas. Gemidos masculinos, maldições, e a final gemidos afogados encheram seus ouvidos enquanto sentia que seus membros pulsavam e ondeavam com a liberação.

Kia estava derretida entre eles. O prazer ainda a embargava, uma neblina de brilhante satisfação que apagou da sua mente qualquer preocupação, pelo menos no momento.

Os braços de Chase a rodearam. Ainda estava tremendo.

Ainda os sentia dentro, quentes, possuindo-a, não perdeu a primitiva intensidade do ato.

Não ia lamentá-lo. Se não acontecesse nunca mais, então só teria isto para recordar. A noite em que Chase Falladay fez que dois anos de inferno valessem a pena.



A noite em que tinha lhe dado só prazer.

Capítulo 3

Eram três da manhã e havia um bom montante de neve antes que a limusine estacionasse na entrada coberta do edifício de Kia.

O chofer abriu a porta brandamente e Chase saiu antes de voltar-se para levantar Kia do veículo. Ela o agarrou pelos ombros enquanto as mãos de Chase lhe abrangiam a cintura, levantou-a, logo a pôs sobre a úmida calçada sob a marquise.

A neve caía ao redor deles em espessos flocos grossos e preguiçosos. Levantou-se um pouco de vento, soprando ao redor dela enquanto o olhava, envolta calidamente com o casaco de Chase sobre o vestido. Khalid não quis deixá-la sair da limusine sem o casaco.

—Acompanho você até seu apartamento. —Rodeou-lhe as costas com o braço enquanto iam para as portas.

—Bom dia, senhorita Rutheford. —O zelador inclinou a cabeça educadamente enquanto abria a pesada porta de vidro para permitir a entrada e saudou Chase.

—Bom dia, Kenny. —Sorriu ela.

Era quase de dia. Como em uma fantasia, o amanhecer tinha chegado e quando a frágil luz começou a derramar-se sobre a cidade, sua noite não seria mais que um sonho.

Chase a escoltou através do amplo vestíbulo para a área de elevadores no outro extremo. O apartamento, mais uma suíte no apartamento de cobertura, ficava no andar vinte e cinco, escuro, frio e solitário.

Chase continuou rodeando-a com o braço, manteve-a perto de seu lado enquanto o elevador subia muito rápido para o andar, e as portas se abriram deslizando brandamente. Kia abriu a diminuta bolsa que trazia e tirou a chave, e se encontrou estendendo-a para ele.

Havia tal arrogância na forma que ele tinha estendido a mão pela chave... ordem e dominação. Chase era um homem acostumado a fazer certas coisas, a controlar tudo ao seu redor.

Kia teclou o código de segurança ao lado da porta, e quando ele a abriu, as luzes já estavam acesas a baixa intensidade em todo o apartamento. Odiava andar às escuras.

Entraram, Chase entrecerrou o olhar varrendo o pequeno corredor e o luxuoso salão que se abria para um balcão que dava para um dos maiores parques.

—Estive procurando outro lugar —disse Kia, sentindo o olhar sobre ela.

—O que tem de errado com este?

O apartamento era muito grande para uma pessoa. Ela soube durante anos, mas de toda forma tinha ficado com ele. Tinha sido concedido com o acordo de divórcio. Com a área de janelas que davam sobre o parque, as grandes salas e o desenho espaçoso, o apartamento de cobertura seria fácil de vender.

Kia se girou para ele, olhou-o fixamente.



—Posso fazer café. Há vinho.

Chase podia ficar para passar a noite. Podia aconchegar-se nessa grande e solitária cama com ela. Em que Kia nunca dormiu e manter o frio afastado.

A expressão de Chase era pensativa enquanto a olhava e soube a resposta que ia dar.

—Mas estou segura que precisa ir para casa. —Afastando-se dele, permitiu que a calidez do casaco caísse de seus ombros e o estendeu. Para seu pesar.

Chase pegou o casaco lentamente, deu-lhe uma olhada e logo com a mão livre tocou sua bochecha.

—Vai ficar bem? —perguntou ele.

Não, não ficaria. Ia aconchegar-se no sofá e ia tentar recordar a comodidade de seus braços abraçando-a, talvez tentando convencer-se de que ainda estava ali com ela.

—Ficarei bem. —Sorriu em resposta, doída por dentro, perguntando-se por que era tão difícil não rogar que ficasse.

Chase assentiu lentamente, as pontas dos dedos se deslizaram sobre a bochecha de Kia antes que sua mão caísse, levando a calidez com ele.

—É uma mulher incrível, Kia Rutherford. —disse.

—Que nada —sussurrou enquanto Chase saía do apartamento, fechando a porta atrás dele.

Contemplou as salas abertas e muito grandes antes de andar para as portas de vidro que conduziam ao balcão. Abriu-as, saiu fora, estremecendo ante o ar fresco, observando enquanto os flocos de neve criavam uma cortina de branco diante dela.

—Que nada, Chase. —sussurrou na noite— A menos que conte o incrivelmente estúpida.

Suspirou enquanto se envolvia entre seus braços e se esfregou com eles, incapaz de entrar ainda. Aqui se sentia protegida, no gélido vento e na neve caindo. E se perguntava se poderia excluir a repentina escuridão deprimente que a rodeava.

Tinha pensado que uma noite com Chase aliviaria a solidão. Não tinha esperado que isto só a piorasse.

Girando, voltou a entrar no apartamento, fechando as portas atrás dela enquanto estendia as mãos às costas para deslizar o zíper do vestido por debaixo dos quadris.

O telefone soou na mesa do saguão. Pegando o sem fio olhou o número que mostrava e sacudiu a cabeça. O celular de Drew. Não tinha vontade de falar com ele esta noite. Ou esta manhã. Por que destruir as lembranças com as quais queria envolver-se permitindo essa intrusão? Pôs o telefone outra vez na base e entrou no quarto.

Tirando o vestido o deixou no pé da cama e deslizou os sapatos dos pés. Desenrolou as meias de seda das pernas enquanto o telefone continuava soando, e depois de jogá-las na cama com o vestido, tirou o sutiã.

Esqueceu-se das calcinhas. Tentou sorrir ante o pensamento, mas em troca uma lágrima caiu lentamente por sua bochecha.

Soltando o cabelo, deixou cair os alfinetes com ponta de diamante sobre a penteadeira e foi para o banho. Regulando a água da grande jacuzzi, esperou que enchesse o fundo enquanto contemplava o calor abafado.



A noite tinha acabado muito cedo.

* * *

Chase ficou confortável na limusine de Khalid enquanto seu amigo dava ao chofer a ordem de ir para o edifício em que Chase e Cameron tinham formado seu lar. A neve agora caía mais forte, soprava mais fria, e o ar fresco parecia tê-lo seguido dentro do veículo.

—É uma mulher preciosa —murmurou Khalid— Atenta e orgulhosa. Não há muitas destas por aí, meu amigo.

Chase apoiou o braço, na beira do balcão do bar recoberto de pele, que se estendia atrás do assento do condutor e cravou o olhar sobre o outro homem melancolicamente.

Khalid segurava uma bebida, curvado contra o outro assento menor, o olhar ainda sonolento com um excesso de satisfação sexual.

Seis horas. Tinham dado voltas no carro sob a neve durante seis fodidas horas.

—O chofer precisa parar para abastecer antes de continuar para Squire Point —disse Khalid— Estamos na reserva.

Chase assentiu.

—Posso pegar um táxi.

—Deixe que o velho pague a gasolina —disse Khalid, rechaçando a oferta — É o mínimo que pode fazer por permitir que seu pai me roubasse todos esses anos. —Levantou os lábios em um gesto de brincadeira— Não há suficiente gasolina no mundo para compensar os crimes desse sacana, acredito. Mas não estamos falando de gasolina ou de mim. Estamos falando da senhorita Rutherford.

Não sabia que ela tinha recuperado seu nome de solteira. Entretanto, ao pensar nisso, Kia, de todos os modos não tinha usado muito o nome de casada depois de contrair matrimônio com Drew Stanton.

—Seu pai demonstrou ser uma grande promessa nos negócios ultimamente —afirmou Khalid— Ofereci a ele vários contratos que sabia que meu pai estava considerando aqui, nos Estados Unidos, uma vez estabelecida sua lealdade com sua filha. A companhia de logística parece que tem uma grande demanda.

Chase o observou em silêncio, com desconfiança. Khalid era um entendido em mulheres, mas de maneira nenhuma era benévolo. Assim, por que demônios havia oferecido a Rutherford os contratos em vez de à companhia de logística que utilizava normalmente?

—Stanton tinha um tesouro, e não teve a sensatez de dar-se conta. —disse Khalid reflexivo.

—Drew ainda a persegue. —Suspirou Chase—Vou ter que cuidar dele.

Khalid negou com a cabeça.

—Deixe que o comitê judicial do clube cuide dele, Chase. Ocuparam-se do assunto na primeira vez. Estabeleça o problema e logo deixe fomentar as ações necessárias mais tarde, simplesmente tem a causa a seu favor.

Chase o olhou maliciosamente.

—Foi uma noite, Khalid. Não vou estabelecer uma relação com Kia Rutherford.



As mulheres estavam para ser agradadas, para desfrutá-las. Mas tinha aprendido anos atrás que ele não era um tipo de relações.

Um sorriso curvou os lábios de Khalid.

— Engana a si mesmo, meu amigo. Obcecou você durante dois anos. A única noite de prazer que te ofereceu nunca será suficiente para você.

Chase entreceitou os olhos.

— Mas foi suficiente para você?

Khalid riu entre dentes.

— Meu coração já foi conquistado. Não tem que temer que roube sentimentos que são só seus.

Chase fez uma careta.

— Essa não é minha meta.

— Ah, mas sim, esta era sua meta. — Khalid se inclinou para frente enquanto a limusine saía do posto de gasolina e continuava para o Squire Point — Se me requerer como terceiro, estou disponível para você a qualquer momento. Mas temo que sua senhorita Rutherford me veja como nada mais que um requisito para estar com você. Tolerará qualquer terceiro que escolha. Seu prazer será o seu, e ela aceitará com muita satisfação seu dever. Mas a diferença de algumas mulheres, Chase, esta não precisa de um terceiro. Você só pode levá-la às mesmas cúpulas de prazer, se não a níveis mais altos, que qualquer varão acrescentado poderia dar.

E isso era perigoso. Chase não desejava machucá-la, quebrar seu coração que já tinha sido assolado por seu ex-marido.

— Foi uma noite. — afirmou ele, entretanto ouviu a falta de determinação em sua voz.

— Informe ao comitê judicial que Drew Stanton não deixa seu ex-mulher em paz. Este foi o acordo que fez com ela. Que a protegeria. Não?

Chase o olhou fixamente.

— Fez a promessa, e ela cumpriu sua parte do trato para assegurar o segredo de quem e o que somos no clube que lan tão amavelmente nos proporciona.

— Posso me ocupar de Drew.

— Utilize o comitê, Chase. — Khalid franziu o cenho — Porque, grave minhas palavras, uma vez que Stanton souber que Kia passou a noite nesta limusine, e saberá, então a perseguirá ainda mais. O comitê judicial pode impedi-lo de castigá-la, e sua senhorita Rutherford estará protegida. De outro modo se converterá em uma vítima, e sabe tão bem quanto eu.

Chase exalou com força. Drew não deixaria Kia em paz, e isso não era uma opção. O comitê judicial se ocupou dele na primeira vez, assim possivelmente Khalid tinha razão. Se o clube protegesse Kia, então ele não teria que preocupar-se com ela. Não teria que vigiá-la ele mesmo. Ou ser tentado a outra noite de prazer que unicamente o faria mais fraco no que se referia a esse sorriso perdido e solitário dela.

— É muito mau que estivesse tão ansioso em voltar para casa. — remarcou Khalid então.

— E isso por quê?

Khalid olhou de esguelha a espessa neve pela janela.



—Em tormentas como esta, as mulheres têm inclusive mais frio em suas camas vazias. São criaturas cálidas, mas necessitam calidez para sustentar essa parte de si mesmas intactas. Uma mulher como ela, uma tormenta como esta. —Ondeuou a mão para a neve—Terá frio. Acredito que isso é uma lástima.

—Então vá mantê-la quente. —quase espetou Chase, sabendo que se Khalid sequer tentasse, enfrentaria pela primeira vez um membro do clube.

Khalid soprou.

—E ouvir minhas garotas chorarem e gritarem que foram abandonadas durante o fim de semana? Não mereço este castigo.

Suas garotas. O harém que seu pai tinha enviado.

—Essas meninas vão matá-lo, Khalid.

Khalid sacudiu a cabeça.

—Prometi levá-las às compras de Natal neste fim de semana. —Quase estremeceu— Seis mulheres com menos de vinte anos, Chase. Deveria se unir a nós. Talvez precise de você como terceiro neste fim de semana.

Chase o olhou fixamente. Khalid não tinha tido relações sexuais com as garotas que seu pai tinha enviado para seu harém. Eram como queridas irmãs que Khalid mimava sem piedade. Mas ir às compras com essas fantasias de diabo?

—Não faça que o mate, Khalid. —sugeriu com um olhar de temor. Porque Khalid não estava por cima de utilizar a chantagem, o suborno ou as ameaças quando tentava procurar companhia masculina durante essas compras.

Khalid riu.

—Então entrará em contato com o comitê judicial? —perguntou quando a limusine se deteve no estacionamento subterrâneo do edifício onde Chase tinha um amplo apartamento.

—Sim. Será o primeiro. —Assentiu Chase. Qualquer coisa para escapar de ir às compras. Qualquer coisa para proteger Kia.

Khalid riu entre dentes quando o chofer abriu a porta e Chase saltou da limusine. Uma vez que se fechou a porta e o chofer arrancou, Khalid abriu a separação deslizante entre a área do condutor e os passageiros.

—Acredita que a fatura de combustível foi suficiente para elevar as sobrancelhas do meu pai? —perguntou a Abdul com um olhar de diversão.

O sorriso de Abdul se projetou no espelho retrovisor.

—Ainda não, senhor Khalid.

Abdul sempre sorria.

—Humm. Talvez então no próximo trajeto.

Abdul riu ante o comentário. Khalid se dirigiu através da neve por volta da propriedade de que seu pai tinha colocado em seu nome o ano passado.

O velho bastardo estava desesperado em congregar-se com ele, por alguma razão que Khalid ainda não entendia.

As garotas tinham chegado dois anos atrás, antes que ainda tivesse o poder de enfurecer



Khalid. Todas tinham menos de dezoito anos, aterrorizadas, compradas de suas famílias e enviadas a uma terra estrangeira e para um homem que rechaçava fazer o que tinham ensinado a elas que era seu dever. Levá-las para sua cama.

Apertou os dentes ante o pensamento.

Agora eram mulheres jovens, adaptando-se aos seus estudos, as suas vidas. Logo, talvez, poderia encontrar maridos para elas. Esse era seu dever, como se fossem suas filhas. E de algum modo, assim era como tinha evoluído a relação entre eles.

Entretanto, não eram suas garotas o que o preocupava agora. Era seu amigo, Chase. Os últimos meses tinham sido um pesadelo. Depois da tentativa de assassinato de Cameron, o gêmeo de Chase, e Jaci, a prometida de Cam, por parte de uma amiga que Chase tinha desenvolvido carinho, o outro homem se tornou mais escuro, mais propenso às atividades solitárias do que o normal.

Os Brockheims, pais da garota que quase tinha destruído a estrutura da vida de Chase, não tinham tomado bem sua morte. Nem sequer acreditaram na mentira que o detetive na cena tinha tentado contar: ele mesmo tinha matado a garota depois que ela atirou no congressista Roberts.

Os membros do clube ainda debatiam para proteger Chase e Cameron contra qualquer medida que os Brockheims tomassem contra eles. Não é que parecesse que tomassem alguma. Mas Khalid considerava a si mesmo um homem com intuição. E a intuição lhe dizia duas coisas.

Primeiro: Chase Falladay nunca se livrou da fascinação que tinha por Kia Rutherford. Segundo: e este era de longe o mais preocupante, Moriah Brockheim poderia muito bem atormentar Chase da tumba, de maneiras que terminariam por destruir Chase.

Moriah tinha sido uma amiga, mas também havia tocado o coração de Chase com sua inocência e seu ar de fragilidade. Kia Rutherford estava fora do alcance de Chase porque lhe chegou ao coração. Mas Khalid sabia que Chase tinha contemplado os pensamentos de uma relação com Moriah porque, apesar de seu afeto por ela, Moriah não era o tipo de mulher que pudesse tentar seus sentimentos.

Era triste recordar Moriah. Com todo seu jeito doce era louca. Tinha visto Cam e Jaci como uma ameaça porque Jaci sabia o que eram os Roberts. Que sua sexualidade era mais escura inclusive que a dos membros do clube, e o amor demente que sentia por Annalee Roberts a tinha levado a tentar matar Cam e Jaci.

Para proteger seu irmão, Chase não teve escolha exceto matar Moriah antes que ela apertasse o gatilho da pistola que apontava contra Cam. Essa morte atormentava Chase e tinha provocado que se contivesse a formar outros apegos.

Chase tinha matado uma mulher que lhe importava. Agora enfrentava uma relação com a mulher que amava. Khalid sabia que tirar essa culpa e suas emoções não seria fácil para Chase.

* * *

— Fique decente, maldito seja. Estou faminto. — gritou Chase esca da abaixo enquanto abria a porta que conectava seu apartamento com o apartamento que seu irmão e Jaci compartilhavam agora.



Ouviu a risada de Jaci e depois de uns segundos de confusão ela ficou à vista, sorridente aos pés da escada.

Estava envolta em um robe apertado. Teria que lutar com isto. Pela primeira vez nos dois meses desde que ele e Cameron tinham chegado ao acordo tácito que Cameron já não ia a compartilhar mais, Chase não havia se posto duro imediatamente ante as lembranças das mulheres que ele e Cameron tinham compartilhado, com tanta facilidade.

Bem, possivelmente não tão facilmente, Chase se corrigiu enquanto descia as escadas.

Jaci tinha conseguido estar sob a custódia de seu irmão, embora, como agora, tinha estado quando ambos eram mais jovens.

—Bom dia, preciosa. —Envolveu o braço ao redor dos ombros do Jaci e lhe plantou um beijo no topo da cabeça —Diga-me que o café da manhã está quase preparado. Por favor.

Ela suspirou ante isso e o empurrou brincalhonamente enquanto lançava um escuro olhar.

—Agora só desce aqui por isso, quando pensa que há comida.

Chase sorriu, encontrando seu irmão sentado comodamente em um novo sofá enquanto amarrava as botas e ria ante sua noiva.

—Uns crepes estariam realmente bem. —disse Chase, logo se agachou, esquivando o pano de cozinha que Jaci tinha jogado nele.

Chase foi para o balcão, serviu-se de uma xícara de café recém-feito, e sufocou um bocejo antes de ir para o sofá reunir-se com seu irmão.

Mal eram nove horas, e tinha demorado muito a dormir depois que Khalid o deixou essa manhã.

—Não o ouvimos chegar ontem à noite, Chase. —Jaci estava tirando os ingredientes da geladeira e do armário enquanto falava —Khalid o reteve fora nos bares durante toda a noite?

—Não tão tarde. —Tirou a importância, sentando-se para beber o café—O sheik pegou uma manha de criança pela limusine nova adoeendo na garagem, assim Khalid a tirou para ver quanto tempo demoraria para gastar dois tanques de gasolina.

—Toda uma hora? —Bufou Cameron.

Chase quase riu.

—Levou um tempo.

—Pensava que iriam à festa de ontem à noite. —comentou Jaci, ainda juntando a massa dos crepes— O leilão de caridade fez uma boa quantia para as mulheres e crianças do refúgio.

A mesma festa em que Kia esteve, soube Chase. Khalid tinha mencionado vê-la quando o recolheu no apartamento.

—Eu não. —Chase sacudiu a cabeça — No entanto, fiz uma doação à causa.

—Os Brockheims estavam lá. —Cameron manteve a voz baixa enquanto contemplava Chase. —Estiveram com um reduzido grupo de amigos e abandonaram o grupo quando Jaci e eu entramos. Não ficaram muito tempo.

Todo mundo observou Harold e Margaret Brockheim imediatamente. Especialmente os membros do clube. Harold Brockheim era o presidente de um banco muito importante da cidade, e tinha tomado mal a morte de sua filha. Acusou os Roberts de corrompê-la, mas além disso não



tinham mencionado Cameron ou Chase.

Chase não disse nada. Não havia nada a dizer. Tinha matado Moriah. Era matá-la ou permitir que assassinasse Cameron enquanto ele observava.

—Carl se ocupará disto —disse afinal— O detetive tinha apresentado o relatório oficial, como juiz. A bala do detetive foi determinada como a causa da morte.

—Annalee e Richard Roberts tentaram também suavizar tudo isto. —Assentiu Cameron— Mas Margaret Brockheim, parece que renegou sua meio-irmã, Annalee. As notícias estavam nos jornais na outra noite.

A mandíbula de Chase se esticou. Com todo o problema que Richard e Annalee tinham causado pessoalmente, ainda sentia muita lástima pela mulher. Gostava da sua sobrinha Moriah.

Chase jogou uma olhada a Jaci. Estava calada, a cabeça inclinada sobre a preparação dos crepes, a expressão sombria. Os lábios de Chase se afinaram ante o aspecto de seu rosto. Não tinha merecido o trabalho que Moriah tinha lhe dado durante anos ou o engano utilizado na tentativa de destruí-la.

Olhou para seu irmão, a expressão dura. Teria que falar com alguns membros do clube quando fosse à mansão neste fim de semana. De todo modo precisava falar com eles sobre Kia. Proteger Jaci e Kia era primordial.

—Também tive uma chamada ontem à noite depois da festa. —De repente Cameron sorriu. A sobancelha de Chase se elevou.

—Eles o viram abandonando esse pequeno bar da esquina. Dizem que levava a senhorita Kia Rutherford diretamente à limusine de Khalid. Pensei que tinha mais bom senso, Chase. Ela quase afunda o clube sem ajuda quando rechaçou Drew.

Chase acabou o café antes de apontar um silencioso olhar para seu irmão.

—Estavam mal informados, estou seguro. —grunhiu afinal.

Cameron sorriu enquanto Chase se levantava e ia para a cafeteira.

—Vou chutar o traseiro de seu noivo outra vez. —advertiu a Jaci.

Brindou seu noivo com um sexy olhar oculto.

—Não faça muito dano, sim? Ainda estou desfrutando desse resistente corpo dele.

Chase grunhiu ante isso, tomou seu café, e foi para as portas trilhos que se abriam para o terraço. Ainda estava nevando. O pó branco se amontoou sobre o chão, as máquinas de limpar neve foram informadas que estivessem prontas para fazer horas extras, e ainda caía.

Tinham passado seis meses desde que Chase tinha aprendido com quanta facilidade uma mulher podia enganá-lo, e ainda se perguntava se tinha aprendido esta lição por completo. Porque quanto mais estava ali, olhando fixamente o frio, mais desejava ter ficado com Kia e manter a ambos quentes.

Girou e contemplou as luzes brilhantes da árvore decorada, bebeu o café e chamou a si mesmo de idiota de mil maneiras diferentes. Deveria ter ficado. Deveria ter-se envolto ao redor dela, e talvez então não estaria olhando o redemoinho de neve esta manhã, perguntando-se se ela estaria quente. E talvez, só talvez, ele não teria tido frio.



* * *

Poderia a garota, Kia Rutherford, ser a ferramenta?

Observou através dos prismáticos da janela de um apartamento próximo com vistas ao salão de Chase Falladay. Ali estava Chase, olhando melancolicamente a neve que caía no exterior, neve que se havia feito mais densa e que uma vez tinha enchido seu mundo com magia.

Entretanto, já não havia mais magia em seu mundo. Todo o prazer tinha sido lentamente sugado, e Chase tinha a culpa.

Seu olhar se entrecerrou enquanto observava Chase e sabia que era Chase. Cameron era ligeiramente mais largo, o caminhar ligeiramente distinto. Podia entender por que a garota Rutherford estava fascinada com ele. Ou estava ele? Teria que vigiar, esperar um pouquinho mais. Tinha que estar seguro antes de fazer seu movimento. Tanto como odiava Khalid, ainda Khalid não havia feito nada para invocar sua cólera. Era uma criatura desprezível, mas ainda, sob suspeita. Se a mulher pertencia a Khalid, então não seria uma ferramenta.

Mas tinha sido Chase quem a carregou até a limusine. Chase a tinha acompanhado ao apartamento. Era Chase quem agora contemplava a neve como se um problema pesasse sobre seus ombros. Um homem só tinha tal olhar quando no meio estava uma mulher.

Não, a puta Rutherford pertencia a Chase.

Vigia. Espera. Advertiu a si mesmo para fazê-lo adequadamente. Não havia espaço para o erro. Uma falha poria de sobreaviso Falladay e não podia permitir-se isso. Um pequeno aviso, advertiu a si mesmo. Um pouquinho mais e a vingança seria dele.

Capítulo 4

Uma semana depois, Kia estava com seus pais, Timothy e Celia Rutherford.

A companhia de seu pai era uma das principais benfeitoras do leilão de caridade. Soluções Logísticas Rutherford se uniu a Delacourte-Conovers, uma empresa de investigação e desenvolvimento de sistemas eletrônicos, para entregar uma parte dos benefícios a várias das organizações nas quais eles contribuíam grandemente.

Kia permanecia ao lado da enorme chaminé do salão de baile, com um sorriso no rosto enquanto conversava com um dos organizadores do evento. Varreu a sala com o olhar e se perguntou quantos exatamente dos homens presentes pertenciam ao clube de Chase.

Ian Sinclair, o dono de várias propriedades na área alta da Alexandria, também possuía o Clube de Homens Sinclair, mas a reputação do clube estava acima de qualquer suspeita. Havia vários clubes masculinos menores e menos distintos na área. Sabia que alguns homens do clube Sinclair também eram membros de outros clubes, ambos de negócios e privados.

Averiguar qual era um clube de trios seria impossível. E na verdade, uma parte dela não queria saber.

Ian Sinclair e sua mulher, Courtney, também eram amigos de Lucian e Deveril Conover.



Lucian e Deveril não mantinham em segredo o fato que ambos reclamavam sua antiga secretária como amante-esposa. Ao mesmo tempo.

Havia outros convidados na festa, como em todas as outras festas às que tinha assistido durante o ano, nas quais se comentava que praticavam tais jogos. O mundo onde Kia tinha crescido era um de rumores, especulações, humor negro e de uma intensa sensação de prazer ante a dor de outros. Era um mundo que ela nunca tinha gostado.

Cole Andrews, vice presidente do Delacourte-Conovers, estava presente com sua jovem esposa, Tessa, uma professora de escola primária e filha do proprietário e fundador da Delacourte.

Pequena e com classe, Tessa permanecia ao lado de seu marido, com um sorriso muito parecido com o de Kia puxando seus lábios.

Sim, estas recepções eram um desdobramento tão óbvio de riqueza e completo aborrecimento que havia vezes que Kia queria ocultar-se em seu apartamento e não assistir nunca mais a outra.

—Sempre poderia escapar ao banheiro de senhoras e logo sair por trás —ouviu Kimberly Raddington, uma ruiva perita em segurança, murmurar a seu marido, Jared, enquanto se moviam atrás dela —A limusine estaria perto. Sabe que estaria.

Quase sorriu ante o desespero na voz da outra mulher. Conhecia Kimberly só de passagem. Estava mais familiarizada com Jared Raddington porque havia feito alguns negócios com seu pai.

—Alguém deveria advertir Kimberly que lhe arrancariam o couro cabeludo se nos abandonar. —afirmou uma voz atrás dela. Se Kia não estava equivocada, era Ella Wyman, a mulher de James Wyman.

Agora havia um par. James Wyman era um dos nomes que Drew tinha dado como membro do clube dos Troianos, como se denominavam a si mesmos. Ela tinha vários anos mais que seu marido, mas James estava apaixonado por ela.

—Teria que assassiná-la. —manifestou Courtney Sinclair em um silencioso sussurro.

O grupo estava atrás dela agora, e foi com uma sensação de tristeza que escutou sua conversa. Era óbvio que ali havia verdadeira amizade entre eles. Mulheres que conheciam bem às outras, que riam e se queixavam juntas.

E o faziam?

Kia sorriu e devolveu saudações inclusive enquanto o perguntava.

Uma vez pensou que tinha amigas íntimas. Outras mulheres com as que podia trocar confidências, nas que podia confiar. E se inteirou do contrário.

Enquanto permanecia ali, uma destas amigas se movia por aí. Rebecca Harding, com seus frios olhos azuis cinzentos e o curto cabelo negro. A filha de um lobista de êxito. Tinham crescido juntas, tinham ido juntas às mesmas escolas; tinham sido as damas de honra em suas respectivas bodas.

Rebecca agora raramente olhava em sua direção, e Kia se alegrava disso. Dar-se conta de com quanta facilidade seus amigos a tinham traído tinha quebrado uma parte dela. Tinha deixado uma dor vazia onde deveria estar a confiança.

—Mulheres como Rebecca não precisam desculpar-se por seu comportamento, estão tão



acima do resto dos mortais que não se aplicam as regras básicas.

Kia girou rapidamente para encontrar-se olhando os sombrios olhos cinzas de Tessa Andrews. Tinha conhecido Tessa antes de seu casamento com Cole Andrews. Ela e Tessa tinham ido juntas à escola e também tinham sido amigas até que Tessa se graduou e se retirou da sociedade durante vários anos.

—De verdade? —murmurou Kia educadamente.

—Já sabe, Kia, alguns de nós sabe exatamente o que aconteceu faz alguns anos. —Tessa se aproximou, a voz amistosa, embora com um tom de cautela.

—E o que aconteceu exatamente? —perguntou Kia friamente. Quantas vezes tentariam outros averiguar os detalhes acidentados para fazer simplesmente tais insinuações?

O olhar de Tess foi compassivo, conhecedor. Kia sofreu quando girou se afastando da outra mulher. Já não necessitava amigos mais do necessitava um amante ou um marido, recordou a si mesma.

Conhecidos, tinha um montão destes. Comia uma vez por semana com um grupo cívico de mulheres e uma vez ao mês se reunia com as mulheres envolvidas nas atividades de caridade de seu pai.

Era suficiente. Prometeu-se, era suficiente apesar dessa extensa solidão que sentia, sofrendo pela necessidade de ser aliviada.

—É duro quando os amigos a traem. —murmurou Tessa — Isso não significa que outros o farão.

Kia quase girou os olhos.

—Se me perdoar, senhora Andrews. —Saudou educadamente à outra mulher e a seu marido—Vi alguém com o que preciso falar.

A verdade era que não.

Afastou-se do grupo, com a cabeça bem alta.

—Que horroroso. —sussurrou Tessa a seu marido— Dois anos e ainda se mantém tão isolada.

Sentiu que os braços de Cole a rodeavam. Sabia que se girasse e olhasse nos maliciosos olhos azuis veria o amor que a tinha mantido cálida durante quase dois anos. Cálida e amada.

—Quase destrói o clube sozinha. —sussurrou ele em seu ouvido enquanto dava a aparência de que a beijava.

—Porque tinha péssimos amigos. —resmungou Tessa—Kia sempre foi uma boa pessoa, Cole. Conheço-a desde sempre e age como se fôssemos desconhecidas.

A tristeza na voz de sua mulher atingiu Cole. Tinha-lhe dado tudo o que possuía. Ele tinha dado a ela. Seu coração sua alma e todo o prazer que pôde imaginar para ela.

—Chase está interessado em Kia. —Deixou que um sorriso inclinasse seus lábios enquanto ela girava a cabeça para ele, a surpresa rondando em seus olhos.

—Sério?

—Muito sério. —riu entre dentes—Pare de se preocupar por ela, Tess. Tenho o pressentimento que ele acabará cuidando muito bem dela.



Cole sabia que Chase tinha ligado para reunir o comitê judicial do clube e protestou pela perseguição de Drew Stanton a sua ex-mulher. Chase havia feito a Kia uma promessa dois anos atrás, uma que o comitê tinha aprovado cem por cento.

Em troca, Kia tinha tirado importância das intrigas, aceitando a culpa pelos rumores do clube sobre seus frágeis ombros e ajudou Chase a assegurar que o clube não fosse revelado mais do que já tinha sido. E a promessa tinha sido que Drew Stanton nunca seria capaz de aproximar-se de sua ex-mulher sem sua permissão e que nunca mais a perseguiria psiquicamente.

—Dança comigo, safada. —Arrastou Tessa para a pista de dança enquanto o olhar dela voltava para Kia.

Kia não tinha precisado falar com ninguém. Movia-se lentamente através da multidão, uma brilhante e vibrante pedra preciosa entre o negro e branco invernal, em seu vestido de caxemira azul safira.

Quando Cole segurou sua mulher entre os braços, as mãos deslizaram pelas costas do vestido de noite de seda cor esmeralda, seu olhar varreu o salão e ocultou um sorriso. Era uma mulher bonita. Calada. Às vezes quase se perdia em meio da multidão.

Ali estava Chase Falladay com seu irmão, Cameron e a noiva de Cameron, Jaci. E Chase estava observando Kia. Os olhos colados nela como um cão colado a um osso. Sempre era divertido ver cair outro membro do clube. Especialmente Chase, porque o outro homem tinha sido um presunçoso, tão divertido quando Tessa o levou através da perseguição mais feliz de sua vida.

—Chase está condenado. —prometeu à sua mulher.

—Como você? —Beijou-lhe o queixo. Um sorriso curvou seus lábios enquanto olhava esses preciosos olhos cinza e sentia essa fome familiar que o açoitava.

—Talvez se aproxime. —Sorriu ele.

Chase observava Kia. Esse vestido o estava matando. A caxemira lhe cobria os ombros, e o sutiã era apertado, mal insinuava o vale de seus seios, entretanto cavava e acariciava os montículos como as mãos de um amante. Atava-se sob o corpo para os quadris, logo alargava sobre as pernas, e caía ao chão em uma franja de elegante e maleável tecido.

Afastou-se da conversa com Tessa Andrews. Pouca gente se afastava de Tessa. Era afetuosa, amável e atraía às pessoas.

A expressão de Kia cortou seu coração quando o fez. Afastou-se, a fome refletida em seus brilhantes olhos azuis enquanto o fazia. Queria ficar. Queria rir e brincar como faziam as mulheres atrás dela, e queria unir-se a elas. Em troca, obrigou a si mesma a afastar-se.

Maldita fosse. Quanto mais averiguava da vida que tinha levado nos dois últimos anos, mais furioso se voltava. Deveria ter mantido uma vigilância mais estreita sobre ela, deveria ter-se assegurado de que ela o estava fazendo bem.

O que o fez imaginar que seria o bastante esperta para fazer o que lhe disse? Ir a ele se Drew se aproximasse dela de novo.

Não o fez. Relatórios extra-oficiais afirmavam que no último ano Drew tinha começado uma campanha intensiva para obrigá-la de volta ao casamento.



As possibilidades de que tivesse êxito pareciam escassas, mas Chase apostava que Drew já sabia o que Chase acabava de inteirar-se. Kia tinha se isolado completamente. Não tinha amigos, nem amantes. Tinha conhecidos, mas ninguém com quem compartilhar as confidências.

Essa solidão era destrutiva. Chase sabia que era. Tinha estado ali, fazia muito, muito tempo, e sabia que não funcionava.

Enquanto a observava, apertou os dentes de raiva. Daniel Conover, primo do Lucian e Deveril Conover, membros do clube e ambos amantes dessa pequena fera que era Tally Rafferty, tinha-a parado.

O atrativo loiro Daniel, os suaves e ensaiados flertes sempre deslumbravam às mulheres.

—Daniel não perdeu muito tempo, não? —comentou Khalid ao lado de Chase.

O bastardo estava rindo dele. Chase deveria ter pensado melhor antes de começar uma amizade com o maldito malicioso e autoproclamado playboy. Khalid se orgulhava de deixar louco seu pai ao convencer o mundo em geral de que era um rico preguiçoso e folgado em busca de sexo. Também se orgulhava de deixar loucos seus amigos.

—Daniel não tem nenhuma possibilidade. —grunhiu Chase.

Ante o qual Khalid soltou um evasivo murmúrio.

—Que diabos significa isso? —Franziu o cenho ao outro homem.

—O que significa o que? —Khalid agora estava rindo abertamente.

—Esse som. —disse Chase.

—Simplesmente significa o que você quiser acreditar. —Khalid deu de ombros— Mas Daniel é bastante popular com as mulheres. E como descobrimos, Kia se tornou bastante solitária. As mulheres não deveriam ficar assim sozinhas, Chase. É um crime contra a natureza, vai contra seus próprios instintos.

—Não comece a me dar um sermão sobre mulheres, Khalid. —Chase replicou.

—E aí se acaba a diversão por esta noite. —riu Khalid entredentes— Pergunto-me se Ian me deixará dançar com Courtney. Não teria que me preocupar que ela colocasse a mão em mim em público como fez essa pequena desavergonhada da Rebecca Harding.

Havia um tom de censura na voz de Khalid que Chase raramente ouvia. Ele teria comentado, mas Daniel escolheu esse momento para tocar de verdade Kia. Estendeu a mão e percorreu com o dorso dos dedos o braço dela. Chase tinha tido o bastante.

Perguntou-se se grunhiu de verdade.

—Deveria trazer a limusine? —perguntou Khalid, mais que um pouco divertido agora.

Chase nem se incomodou em responder. Khalid teria o chofer de guarda e a limusine estaria na porta em segundos se a necessitavam.

Abriu-se caminho entre a multidão, saudando quando os convidados o chamavam, ignorando as perguntas, os olhos entrecerrados, completamente centrado sobre Kia.

Ela estava negando com a cabeça quando Daniel inclinou sua loira cabeça de um lado para perguntar algo. Ela negou outra vez enquanto Chase se movia atrás dela.

—Chase. —Daniel sorriu enquanto Kia girava rapidamente, as mãos colocadas com firmeza contra o peito de Chase quando se deu conta do perto que estavam.



No momento que o tocou, sentiu algo mover-se em seu interior. Lânguida debilidade invadiu seu corpo, os mamilos ficaram em ponta, a carne entre suas coxas se inchou, sensibilizou-se. Umedeceu-se. Assim rápido.

Como se tivesse estado esperando que as mãos de Chase cobrissem seus braços, os olhos verde claros se encontrassem com os seus, sua expressão modificada ante a lembrança de uma noite roubada que tinham compartilhado.

—Chase. —Deslizou o nome pelos lábios em um suspiro, como de alívio.

—Prometeu-me uma dança, Kia —disse, em voz baixa, afável, como o brandy mais caro na noite mais fria, e assim foi como a encheu.

—Prometi, não? —Ela estava fascinada por seus olhos, seus lábios.

O mundo pareceu deter-se, nesse preciso instante. A música sussurrava na distância, as vozes se apagaram, sem importância, enquanto ignoravam Daniel, arrastou-a à pista de dança e a jogou em seus braços.

Pôs a cabeça no ombro dele, os braços ao redor do pescoço enquanto os braços de Chase a rodeavam, e começou a guiá-la pela pista.

Estava perdida. Nada mais importava exceto a dança e o homem, os braços segurando-a, e senti-lo contra ela.

—Parece uma jóia com esse vestido. —sussurrou, inclinando a cabeça para ela, como se fossem os únicos que existiam nesse momento.

—Por pouco não o visto. —admitiu isso Kia, muito perdida na sensação para brincar de flertar ou à fria e aborrecida pessoa da alta sociedade.

—Por quê? —Os lábios de Chase lhe acariciaram a orelha.

—Eu não gosto de me destacar.

—Está linda. Como uma safira na neve. Eu a vi no mesmo momento que entrei na sala.

E ela quis que a visse, deu-se conta. No instante que viu o vestido o outro dia, sabia que chamaria a atenção, e uma parte dela se perguntou se chamaria a atenção de Chase.

A carícia de seus olhos era melhor que nenhuma outra carícia. E como tinha sentido falta da carícia de suas mãos.

Uma noite roubada não tinha sido suficiente. Deitou-se sozinha o resto da semana, sofrendo, sonhando acordada e gemendo quando ele não estava ali no solitário sofá, ao seu lado.

—Decidi que o azul é minha cor favorita —sussurrou ele, mordiscando sua orelha com uma pequena dentada sutil— Mas também gostei do branco. Diga-me, meu bem, suas lindas calcinhas e sutiã combinam com o vestido?

Quase ficou sem respiração. Elevou a cabeça enquanto o olhava, encontrando-se com seus olhos, aguentando seu olhar, o calor e a dureza de seu corpo.

—Sim. —lambeu os lábios ressecados, a excitação emanava dela.

—E as meias? —Pressionou-lhe a parte traseira da cabeça contra o peito, sussurrando as palavras contra o cabelo.

—Mais claras.

—Seda?



—Sim.

—Esta noite vou desembrulhá-la como um presente. —disse, com voz rouca— Khalid tem um óleo novo que jura que foi feito para você. Você gostaria que o usássemos?

Ele queria usá-lo. Kia pôde ouvi-lo em sua voz.

—Sim. —Não foi capaz de dizer mais. As palavras saíram como um gemido, um pequeno grito suspirado de necessidade.

A necessidade era como uma febre dentro dela. Formou-se durante dias, fervendo a fogo lento e logo em chamas, e agora estava percorrendo seu corpo como um fogo devastador.

—Ficou úmida por mim, Kia? —perguntou então— Tocou-se imaginando?

Kia tinha os olhos fechados, a lembrança de tentar encontrar alívio enquanto pensava nele lhe abrasando todo o corpo.

—Sempre penso em você nesses momentos. —Engoliu Kia com dificuldade— Sempre o faço.

—Sempre?

—Mais tempo do que deveria. —admitiu.

Ele a tinha fascinado, inclusive antes de seu matrimônio. Girou a cabeça, perguntando-se pela maliciosa sensualidade que tinha captado nas expressões de Chase algumas vezes.

—Penso em você. —Os lábios de Chase acariciaram sua têmpora— Masturbar-se não é tão prazeroso como fodê-la, Kia. Enchê-la, ouvi-la gritar e rogar por mais.

Ela mal podia respirar. As palavras eróticas estavam rasgando seu cérebro, travessas, explícitas, umedeceram-lhe as calcinhas com o pensamento das coisas que lhe haviam feito na limusine de Khalid.

—Sonho com você —admitiu ela, perguntando-se onde tinha obtido a força ou o fôlego para obrigar-se a falar— Cada noite sonhei com você, Chase.

—O que eu fazia com você? —Suas mãos se apertaram nos quadris.

—Tocava-me na neve —sussurrou— O frio nos rodeava, e você estava quente dentro de mim. E sofria com tanto desespero, Chase. Necessitava que tomasse mais forte, e você permanecia quieto. Observava-me rogar, e ainda assim não se movia.

Seu corpo duro se esticou ainda mais.

—Não faria isso com você, Kia. Quando entro dentro dessa vagina quente, permanecer quieto não é uma opção —grunhiu ele.

Kia mal podia respirar. Estava a ponto de derreter-se a seus pés, de morrer em seus braços. Podia sentir a necessidade intensificando-se dentro dela. Seu clitóris era um nó de terminações nervosas dolorosamente inchadas, o roce com suas calcinhas de renda a deixava louca enquanto se obrigava a dar um passo, a mover-se, a dançar com ele.

—Este vestido vai sair de você —ele disse— Lentamente. E inclusive antes que a tomemos, teremos você gritando por isso.

—Contanto que me tome. —De que a enchesse, que afugentasse o frio que unicamente tinha crescido durante a semana passada.

Estava tentando sua própria destruição, e sabia. Se pensava que a solidão tinha sido ruim



antes, depois unicamente tinha aumentado. Quanto pior seria quando ele a deixasse de novo?

—Uma e outra vez —prometeu a Kia— Irá comigo, Kia? A limusine de Khalid está esperando. Podemos ir ao seu apartamento e passar a noite dando tudo o que você sonhou.

Exceto que em seus sonhos, Khalid não estava ali. Afastou-os. Não havia temor em que Khalid estivesse ali, nem vergonha. Chase estaria ali, e o prazer que lhe brindariam se acrescentaria às lembranças que podia conservar para ela mais tarde.

Não estava se enganando. Era patética. Inclusive antes de casar-se com Drew, Chase Falladay tinha sido sua fantasia. Inclusive antes que soubesse que compartilhava suas mulheres, sabia que faria qualquer coisa para passar uma noite em seus braços.

Depois de seu casamento, tinha afastado de lado estas fantasias até que veio a ela com uma petição e uma promessa.

Elevou a cabeça do ombro e o olhou fixamente. Ele não levantou a cabeça. Seus lábios estavam perto, o mais leve movimento de sua parte e estariam se tocando, e ali, diante de todos os convidados esplendorosamente vestidos neste extravagante baile, sabia, tentariam devorar um ao outro.

—Partiria com você em um bater de coração.

Tão fácil. Talvez estivesse sendo muito fácil. Não a tinha advertido sempre sua mãe que um homem não queria conservar o que não havia feito esforço para conseguir?

Não importava. De toda forma conservá-lo era só sua fantasia mais oculta. Nem se quisesse era uma esperança, a ideia era tão inverossímil.

Ele se deteve, afastou-a e tomou sua mão.

—Está pronta para ir?

Ela simplesmente assentiu e o deixou arrastá-la através da multidão. Era consciente de outros observando. É obvio, eles sabiam o que ia acontecer, sabiam que acabaria passando a noite com Chase. Entretanto, os prazeres eróticos que a brindaria não podiam imaginar.

Nem se ela quisesse podia ter imaginado o prazer antes de experimentá-lo. Sentir a ambos, Chase e Khalid, tocando-a. Ou ter a coragem, a fortaleza de estender a mão e tomar os dois homens, inclusive sabendo que se arriscava à dor maior de corações quebrados.

Apaixonar-se por Chase seria o cúmulo da imbecilidade. Seria o engano maior de sua vida.

Enquanto a conduzia pelo salão de baile e aceitava seu casaco e a capa dela, Kia sabia que era um erro que estava arriscando em cada fôlego.

—Parece uma princesa. —Colocou-lhe o cabelo sob o capuz de seda da capa combinando e fechou os pesados fechamentos entre os seios.

Ele a fazia sentir como uma princesa. Uma princesa muito travessa e muito valente, e ele era o cavaleiro que a desafiava a sair de seu trono e ser mais travessa.

Kia o fazia com gosto.

Pousou a mão na curva do braço de Chase enquanto atravessavam o vestíbulo do hotel para o gélido ar do exterior.

A limusine de Khalid esperava, uma bastante insossa comparada com o Hummer da semana



anterior. Deslizou dentro do luxuoso interior e não protestou quando Khalid a levantou entre seus braços e a estirou ao longo de seu colo.

A porta se fechou e Chase estava puxando a saia por cima de suas coxas, abrindo-as enquanto os dedos de Khalid abriam a capa e a cobria com os lábios.

A magia a rodeou. A magia e o prazer, partículas e uma salva de estrelas enquanto começava o prazer.

E recordou a si mesma, que isto era só pelo prazer. Não porque sofria por um homem. Sonhava com um homem. E quando gozasse, seria seu nome o que teria em seus lábios.

E houve outros que viram sua rendição. Olhos que a observaram de um canto oculto do vestibulo, cheios de malícia e raiva quando a porta da limusine se fechou com a visão de Khalid elevando-a para ele.

Drew sentiu a ira emanando dele, apertou os dentes e os punhos ao saber que Kia estava dando a esses dois bastardos o que tinha lhe negado.

A fodida puta. Puta. Andava vadiando com esse bastardo mestiço do Oriente Meio e esse filho da puta que se atreveu a adverti-lo que se afastasse de Kia.

Kia era sua mulher. Tinha chegado virgem a sua cama, e a conservaria. De uma maneira ou de outra. E tinha planos para assegurar-se que conseguiria sua meta em tudo.

Capítulo 5

Kia se arqueou e gritou contra os lábios de Khalid quando os de Chase encontraram seu sexo. Rasgou suas calcinhas. Sentiu o rasgão da delicada renda. O ar na limusine pareceu arder brilhante com a abrasadora luxúria.

Os lábios de Khalid se levantaram quando cravou o olhar no corpo, mas era a expressão de Chase a que manteve Kia enfeitiçada.

Tinha-a completamente de pernas abertas. Um salto alto estava apoiado no assento em frente, a saia do vestido de noite apinhada nos quadris enquanto ele cravava o olhar nas nuas dobras escorregadias de sua vagina. Os lábios inchados brilhavam com a nata, o botão do clitóris aparecia, pulsando de excitação, com a necessidade de contato.

Levantou-se para ele, insegura de por que se deteve, necessitando-o.

—Chase. —Sussurrou o nome, agora insegura. Fizera algo equivocado?

Ele levantou os olhos aos seus. A cara estava acesa, os olhos brilhavam intensamente e quando lambeu os lábios pensou que desmaiaria de excitação.

—Depilou-se. —A voz era rouca.

—Pensei que queria... —se quebrou, odiando a sensação de vulnerabilidade, o medo de ter tirado a vontade dele quando queria estimulá-la.

—Querida? —Estendeu a mão, os dedos percorrendo os sucos e fazendo-a sacudir com força, estremecer ante a sensação incrível de prazer que rasgava completamente as terminações



nervosas— Deus, Kia. Vai fazer com que fique louco.

A voz não soou condenatória. Soou faminta. Parecia faminto. Parecia desesperado pelo sabor dela. Lambeu os lábios de novo, inspirou audivelmente.

—Vimos algo tão incrivelmente lindo? —Gemeu Khalid então, a mão alisando o torso, dirigindo-se para a carne escorregadia sobre a qual se abateram os lábios de Chase.

Os olhos de Kia se abriram com surpresa, quando os dedos de Chase se precipitaram sobre o pulso do outro homem, os olhos brilhando intensamente com algo, disse a si mesma, que não poderia convencer-se de que era possessividade.

—Como quiser, meu amigo. —Khalid moveu a mão de volta para cima ao longo do corpo, enganchou os dedos no bordo arredondado do sutiã e o puxou sobre o seio.

A renda safira o encaixotou. O meio sutiã revelava o mamilo do montículo exposto quando Chase a observou, os dedos duros raspando-o.

—Logo estaremos em seu apartamento —advertiu Khalid.

—Muito logo. —sussurrou Chase, a respiração soprando sobre ela, fazendo-a sacudir com forças os quadris em reação, conduzindo a carne da vagina mais perto dos lábios.

—Chase, por favor. —Tinha esperado, tinha desejado isto. Tinha-o necessitado como nunca tinha necessitado nada.

Observava, fascinada, cativada, caindo em um poço de sensualidade como a língua distendida, arremetia entre as dobras e a lambia.

Os olhos suspensos nos dela, mas tudo o que podia ver era a língua, separando a abertura, recolhendo os sucos, e finalmente acariciando brandamente, muito delicadamente, ao redor do botão inchado do clitóris.

—Chase. —O nome foi um gemido de prazer quando os dedos de Khalid rodearam o mamilo nu e apertaram.

As sensações gêmeas. A comoção violenta. As chamas serpenteantes rasgaram sobre as terminações nervosas, concentraram-se no ventre, e delinearam cada músculo apertado ao longo do corpo.

Estava perto. Muito perto. O prazer a atravessou rasgando-a quando lutou para aferrar-se aos sentidos. Lutou e sabia que não o desejava. Desejava paralisar nisso, deixá-lo aumentar e explorar através dela até que não ficasse nada, exceto as sensações aumentando em seu interior.

—Chase, estamos perto de seu apartamento. —Falou de novo Khalid, a mão cobrindo o seio antes de subir o tecido sobre ele.

Chase não se deteve. A língua lambia, os lábios se fecharam sobre o clitóris quando os dedos enredaram seu cabelo, as pernas se fecharam sobre a cabeça, e as chamas começaram a açoiar atravessando-a. Só Chase, só seus lábios.

—Sim —gritou— Chupa. Oh Deus, Chase, chupa. Me faz gozar. Faz com que goze agora.

Suas costas se arquearam, e o orgasmo que a golpeou a atravessou até a alma. Alucinante paixão em vermelho vivo, faíscas e explosões até que pôde ver a chicotada atrás das pálpebras fechadas e senti-lo correndo através do corpo.

E não foi suficiente.



Quando ele se inclinou para trás, abriu os olhos, um gemido abandonou os lábios ante a visão dele lambendo os lábios, saboreando-a mais, os olhos mais escuros, a expressão impregnada de luxúria.

—Já chegamos, Chase —disse Khalid, o tom da voz sem inflexões, pronunciado cuidadosamente— Vai me requerer?

Kia o observou, Chase olhou com os olhos piscando de Khalid à carne que acabava de levantar-se. Novamente, lambeu os lábios, a mandíbula apertada, o peito agitado com as respirações.

—Requeiro você. —finalmente afirmou com dureza antes que os olhos se conectassem com os dela, ferozes, raivosos de luxúria e um indício, talvez, só um indício de desafio—Só por prazer.

Os lábios de Kia tremeram uma vez mais antes que sorrisse, estendeu a mão e limpou uma mancha de sua umidade no queixo com o polegar.

—Só por prazer—assentiu.

* * *

Kia entrou no elevador, o braço de Chase envolto ao seu redor. Khalid, estranhamente divertido, olhou quando o visor digital marcou o andar.

Entraram no vestíbulo tranquilo, elegante, e Kia deslizou a chave do pequeno bolso interno da capa antes de entregá-la a Chase.

Teclou o código de segurança no painel da parede, e não se surpreendeu que tivesse memorizado o código. E um segundo depois, estavam entrando no apartamento.

As lenhas da estufa de gás estavam ainda acesos. Tinha-as deixado por comodidade, algo quente para aliviar a solidão quando entrasse sozinha.

—Quer café? —Tragou apertadamente quando lhe tirou a capa — Alguma coisa?

Jogou o objeto sobre uma cadeira próxima e a levou através da casa, arrastando-a infalivelmente ao dormitório e a enorme cama que nunca tinha dormido.

—Compartilhou a cama com Drew? —deteve-se na porta, olhando dentro do grande quarto com a cama king-size, pilares pesados, e o baldaquim com envoltório de uvas de metal acima.

—É nova. —sussurrou.

Tinha substituído tudo no apartamento quando Drew se mudou, o mobiliário ultra moderno em que tinha insistido, os móveis de madeira insossos no dormitório, tudo.

—Deitou-se com outro homem aqui? —Arrastou-a dentro do quarto enquanto a olhava fixo.

Os olhos eram ferozes, as sobrancelhas escuras estavam franzidas, a expressão quase selvagem quando negou com a cabeça.

—Durmo no sofá —sussurrou, assinalando para a porta quando o braço de Chase se enganchou na cintura e a puxou para ele.

—Não, esta noite não. —Os lábios caíram sobre os seus, a língua atropelando a dela, obrigando-a a enredar-se com a dele, quando lhe cortou a respiração com a onda de calor e



emoção que a rasgou por dentro.

Não sabia onde estava Khalid. Esqueceu-se de que ele estava ali, exceto nos limites mais longínquos da mente.

Sentia Chase, por dentro e por fora. As mãos subindo o vestido, logo jogando-o para trás o suficiente para tirá-lo pela cabeça.

Tinha perdido as calcinhas de novo. Permitiu-se um pequeno sorriso satisfeito ante o pensamento. Tinha rasgada suas calcinhas na limusine. Outra vez. Chase gostava de rasgar suas calcinhas.

Quando o vestido escorregou ao chão sentiu Khalid atrás dela, tirando os grampos adornados de safiras do cabelo.

Chase inclinou a cabeça, os lábios inclinados sobre os dela novamente, e se perguntou se sabia que estava marcando sua alma com este beijo. Que a estava tomando, abrindo muito mais que os lábios para seu beijo.

Então, sentiu fluir o cabelo ao redor dos ombros, sentiu as mãos de Khalid peneirando ao longo dele, massageando o couro cabeludo, e gemeu ante a sensação, suas mãos se aferraram aos ombros de Chase quando Khalid beijou seus ombros antes que as mãos se movimentassem até eles, acariciando-os, os polegares afundando-se no músculo ali, e ela jurou que podia sentir o beijo de Chase nos músculos que se relaxavam debaixo dos dedos.

Sentiu o beijo de Chase em cada fibra do corpo.

Quando levantou os lábios, choramingou pela perda, aferrou-se mais forte aos ombros, e quase gemeu quando a levantou nos braços e a deitou na cama. Onde Khalid se estirava ao lado dela. Os lábios de Khalid cobriram os seus então, afastando-a de Chase enquanto lutava para segurá-lo.

Arrancou os lábios dos de Khalid, indo em busca de Chase, encontrou-o do lado da cama, despindo-se.

Os lábios de Khalid se deslizaram ao pescoço, a mão acariciando o estômago, os polegares fazendo círculos, aliviando e ainda assim aumentando a pressão sensual crescendo dentro dela quando Chase se moveu para a cama.

—Levanta, pequena. —Khalid afrouxou e desabotoou o sutiã.

Chase retirou as alças dos ombros e o jogou de lado. Tirou os sapatos, deslizou as meias pelas pernas, os lábios seguindo seu curso, beijando e lambendo a pele enquanto encontrava áreas erógenas que não sabia que tinha.

Agora estava nua, deitada em cima da grossa colcha da cama, as videiras retorcendo-se no alto, enquanto a paixão primitiva começava a formar-se no quarto.

—Semelhante beleza, Chase —murmurou Khalid quando lhe embalou o seio—Seda e quente cetim. É um prazer ser um terceiro para uma mulher tão linda.

O olhar de Chase se aguçou sobre Khalid. O outro homem era sempre uma fábrica de elogios quando se tratava de mulheres, mas agora a voz parecia mais profunda, arqueada com um tipo diferente de satisfação que Chase não tinha escutado antes na sua voz.

Chase recolheu a pequena garrafa de óleo que Khalid tinha posto sobre a mesa larga aos



pés da cama.

Esquentou-o entre as mãos, olhando-a enquanto ela o olhava. Os olhos eram safiras brilhantes na cara excitada, cheios de desejo e sensualidade, com toda a necessidade e a fome que sentia uma mulher.

Levantou-lhe o pé e o esfregou com o óleo quando Khalid tomou a garrafa, esquentou o óleo de modo similar e a levantou contra ele.

Kia se reclinou contra o peito, as pestanas fechando-se quando o outro homem lhe massageou lentamente os músculos dos braços. Chase fez o mesmo ao longo dos pés, das pernas magras.

No momento em que chegou às coxas estava gemendo, arqueando-se para ele, as pernas abrindo-se por própria vontade quando se meteu entre elas.

Abriu-as um pouco mais e ela seguiu a indicação facilmente. A excitação estava mais à frente do ponto de vergonha. Estava aberta a ele, completamente. As dobras suaves, cobertas do orvalho da carne se separaram, floresceram acessíveis.

A suave carne rosada estava ruborizada pela necessidade, as dobras inchadas, o clitóris congestionado e palpitante outra vez. Saboreava o desejo em si mesmo. Quente e doce fluido, rodando contra a língua como o néctar mais doce. E exigente. Kia tinha sido exigente na limusine, pedindo que chupasse esse pequeno botão, que lhe desse a liberação.

Apertou os dentes antes de inclinar-se muito mais, separou-os e empurrou uma dobra suave entre os lábios. Lambeu-o, mostrando-a por que queria a carne depilada, suave e nua para seu toque.

Choramingou ante as sensações através das terminações nervosas. As pestanas estavam baixas sobre os olhos de gema brilhantes, a expressão aturdida, cheia de sensual erotismo percorrendo ao longo de todos eles.

Era deliciosa em seu prazer, permitindo completa liberdade no corpo, permitindo-se qualquer prazer que lhe dessem.

Dava também. Abriu-se, tomou, uma vez que o prazer começou a ganhar força dentro dela, tocou, acariciou e exigiu cumprir com sua parte. Não estava acostumado a isso. Uma mulher exigente para dar, assim para tomar. As mulheres que tinham compartilhado no passado tinham aceitado o completo prazer como sua obrigação e assim era. Para permitir a dois amantes ver seu prazer, compartilhar seu corpo, satisfazer a escuridão dos desejos com ela, estiveram obrigados à completa concentração naquele prazer.

Quando se permitiu prová-la, acariciar a carne frágil com os lábios e a língua, observou como levantava os braços da cama, os dedos curvando-se sobre seus ombros, massageando enquanto Khalid lhe massageava os braços. Inclinou a cabeça para um lado para permitir ao outro homem o acesso com os lábios enquanto as mãos lhe cobriam os seios pesados, esfregando o óleo neles.

O quarto tinha o aroma de trovões e relâmpagos. Chuva, uma tormenta e o aroma suave de uma mulher. Levantou as pestanas, e jurou que Chase estava olhando dentro de sua alma.

O instinto o manteve, porque não tinha a mente para saber que carícia seguia, com qual



prazer arderia mais alto. Cravou o olhar na alma de uma mulher pela primeira vez na vida.

Viu a vulnerabilidade e os temores, viu a alegria e a tristeza, e viu muito mais os unindo que o que nunca deveria haver.

Ao ter que compartilhar afastou a cabeça dela, pressionou um beijo apertado na coxa quando gemeu seu nome. Quando retrocedeu os olhos de Kia estavam fechados, as mãos no cabelo, arrastando-o de volta à carne úmida e ao prazer.

Só prazer, recordou-se. Só por prazer.

Lubrificou-se os dedos e os empurrou brandamente contra o traseiro enquanto Khalid se afastava e permitia a Kia recostar-se sobre a cama.

Retorceu-se contra ele quando aplicou a mais leve pressão no franzido buraco com a ponta ensopada dos dedos.

—Mais —gritou em voz baixa— Oh Deus, Chase. Preciso mais.

Levantou-se para ele, pressionando contra os dedos e ele estava ofegando quando as pontas de dois dedos desapareceram em seu interior.

Havia um ponto onde a excitação, a pura sensação, cruzava uma linha muito magra entre o prazer e a dor para uma mulher. Quando podia tomar mais, exigia maior contato que nunca antes. Chase podia senti-la alcançando esse ponto. Permitiu-lhe exigir, permitiu-a tomar quanto necessitava.

Kia sentia a língua de Chase afundar-se dentro das profundidades ultra sensíveis de sua vagina inclusive quando empurrava contra a penetração dos dedos, forçando-os mais profundo dentro dela.

Estava cavalgando os dedos, ainda quando adicionou um terceiro, apertando-os para lhe permitir facilitar a entrada. Tomou gritando ante as sensações, sentindo os espirais de intensidade girando através dela.

Os lábios de Khalid se moveram ao mamilo com um som faminto, e quando ela girou a cabeça, a ereção, grossa e palpitante, tentou-a. Levantou uma mão do cabelo de Chase, envolveu-a ao redor do eixo de Khalid, e arrastou o calor a seus lábios.

—Merda. —Khalid mal respirava agora, a voz rouca enquanto Kia chupava sua grossa ponta e se movia sob os dedos de Chase.

A fome selvagem, cruel rasgou através dela. Era só por prazer, e desejava esse prazer. Tudo. Desejava encontrar o que sentia crescendo dentro dela, rasgando através dela. Uma mulher que podia dar prazer, assim como também ser satisfeita.

A língua tamborilou sobre o membro enquanto os dedos se deslizaram para as bolas, e logo depois de volta para o eixo. Chupou e acariciou até que esteve tenso sobre ela, o corpo endireitando-se quando obviamente lutava contra a necessidade de bombear em sua boca.

Chase lhe cravou o olhar enquanto estirava os dedos em seu interior, e a sentiu acomodando-os. Era exigente, correndo para o clímax inclusive quando ele retrocedia.

Tinha a boca cheia do membro de outro homem, e sentiu, em lugar de cólera ou ciúmes, uma sensação de orgulho, e também uma de posse. Mas a posse não era aceitável.

Observou a expressão de Khalid, assim como também a de Kia. Uma parte dele em guarda,



cauteloso, assegurando-se que Khalid fosse um terceiro, nada mais; Chase não permitiria nada mais. O pensamento disso lhe oprimiu o peito e açoitou através da dominação natural que se elevava em seu interior.

Kia sentiu os dedos de Chase saindo dela enquanto Khalid retrocedia, estendendo-se na cama.

O erotismo a impregnou. O ardor a esquentou. E por agora, nesse instante, podia ter cada desejo sobre o que alguma vez tivesse fantasiado. E tomaria, ainda sabendo que, quando chegasse a hora de que se fosse, machucaria-a mais do que tinha sido machucada antes.

—É selvagem, Kia. —a acusou Chase, subindo pelo corpo, detendo-se para chupar os mamilos, esfregando o membro contra o baixo ventre.

—Desejo-o —gemeu— Não me faça esperar. Esperei muito tempo. Agora Chase.

Beijou-a, adorava sua boca. Deus, amava seus lábios, a forma como se abria para ele, tomou o beijo, e o devolveu. Chase reclamou sua propriedade com isso, e não pôde voltar atrás inclusive quando se deu conta exatamente do que estava fazendo.

—Toma o que quiser —sussurrou, retrocedendo— O que quer, Kia? Como quer?

O que tomasse o que quisesse.

—É isso o que quer, Chase? —Devolveu-lhe o olhar, sentindo essa ferocidade reunindo-se dentro dela em um apertado nó de paixão em seu útero.

Cravou o olhar nela. Havia desafio e demanda na expressão, confiança e segurança. Não precisava mais para despertar a dominação masculina que a fome surgindo dentro dela.

—O que quiser, Kia. —recostou-se entre as coxas— O que quer, querida?

Moveu-se, deslizando-se graciosamente através da colcha, consciente de ambos os homens observando-a agora.

Tomou o óleo que jazia na cama, abriu a garrafa pequena e verteu um pouco nas mãos antes de tampá-lo. Esquentou-o entre as palmas

—Qualquer coisa que desejar?

—Qualquer coisa que desejar. —Sua voz se estrangulou quando ficou de joelhos, ambas as mãos enroscando-se ao redor do membro, acariciando, deslizando-se ao longo do eixo, da cabeça inchada, acariciando-o como ela desejava acariciá-lo.

Chase jogou a cabeça para trás quando Khalid trocou de posição a trás dela. Um segundo depois, Kia sentiu as mãos acariciando o óleo sobre o traseiro, ao longo da fenda, encontrando a entrada lubrificada enquanto os lábios de Khalid se oprimiam contra a coxa.

—Quero você em minha boca —murmurou enquanto os lábios acariciavam o peito de Chase, levantando o olhar para cravar os olhos nele.

—Quero tudo de você em minha boca. —Mordiscou o músculo duro, as mãos bombeando o membro.

Os olhos de Chase se entreabriram para ela.

—Quero que goze em minha boca, Chase —sussurrou — Quero saborear tudo de você, sentir tudo de você. Só você.

Apertou a mandíbula. Chase sentiu o movimento de seu membro quando ela começou a



beijá-lo descendo pelo corpo, o pensamento de gozar em sua boca o estava matando. Era algo que nunca tinha feito. Algo que negou a si mesmo.

Deveria usar uma camisinha. Sempre tinha sido cuidadoso, e com seu estilo de vida não tinha outra opção. Sempre em particular com as mulheres que compartilhava, e sempre, rigorosamente, cuidadoso consigo mesmo, assim como com o companheiro.

E este pequeno demônio desejava saboreá-lo?

Sentiu-a cobrir com os lábios a cabeça da ereção, e apertou os dentes, lutando contra a entristecedora necessidade de lhe dar exatamente o que queria. Diabos, dar-se a ela não incidiria em lhe dar prazer. Permanecia duro por ela. Não importava quantas vezes tomasse, sempre queria mais.

Kia encheu a boca com o sabor de seu amante. Chupava a ponta lenta e profundamente, a língua movendo-se vacilante enquanto saboreava o indício sutil do sabor do óleo agregado à carne.

Acariciava com uma mão, a outra se movia entre as coxas, cobrindo as bolas e as acariciando. Imitando cada livro que tinha lido, cada filme pornô que tinha visto. Preparando-se para isto.

Enquanto acariciava seu amante, os lábios de Khalid se moveram entre as coxas, lambendo seu vagina, a língua empurrando em seu interior, os dedos abrindo mais seu traseiro, deixando-a louca por mais.

Queria seu membro dentro dela. Queria Chase. Queria todas as sensações açoitando através dela até que explodisse entre eles.

—Venha, beleza — sussurrou Khalid quando o sentiu mover-se, recostando-se na cama, atirando as coxas sobre as dele— Toma o que precisa.

O membro arremeteu contra o vagina, e ela choramingou, gemeu e se moveu fora de seu alcance. Não o teria ali. Não ali. Levantou-se e fugiu da ereção em seu ponto máximo até que o teve onde queria.

—Kia. —Chase a obrigou a deter-se, retrocedendo, cravando o olhar nela —Esta posição não será tão fácil para você.

—De quem é o prazer? —murmurou, arqueando, tremendo quando Khalid a segurou pelos quadris, sustentando-a quando pressionou a si mesma para baixo sobre a grossa ereção.

—Seu prazer, Kia. Qualquer prazer que precisar.

—Oh, Deus.

Nunca tinha tomado nada nesta posição. Nem em seu traseiro, nem em seu sexo. Nunca tinha sabido que era possível até que tinha visto os vídeos. Nunca tinha imaginado que poderia fazê-lo.

Esqueceu-se de tudo exceto da intensidade erótica presente. Chase a posicionou até que a parte superior do corpo esteve direita, o traseiro bem aberto, aceitando o duro membro enquanto olhava fixamente Chase.

—Chase. —Estava tremendo.

Podia sentir-se separando-se. Não havia outra sensação para desviar-se disso, nada para



aliviar a realidade brutal ou o prazer violento rasgando-se dentro dela.

—Lento e suave, querida. —Levantou primeiro uma perna, logo a outra, as puxando para frente, afrouxando-a para trás enquanto as mãos de Khalid continuavam sustentando-a — Toma-o lento e suave.

Chase observou quando a carne grossa e escura da ereção de Khalid se movia dentro dela. Khalid conhecia o corpo de uma mulher melhor que a maioria dos homens. Sabia quando dominar, quando deixar a iniciativa.

Chase estendeu a mão, separou as curvas inflamadas, excitadas da vagina e observou os sucos saindo da vagina para filtrar-se ao longo da carne do membro de Khalid que ainda não tinha tomado.

Nunca tinha visto isto. Nunca viu uma mulher tomar esta íntima penetração. Mas estava vendo Kia. Vendo como as coxas apertavam, e manobravam Khalid mais profundo dentro dela, os gritos crescendo quando a necessidade aumentou dentro dele como um desejo aditivo. Encolheu-lhe o estômago, agarrou com força suas bolas.

Perguntou-se como seria, só uma vez, tomá-la sozinho. Usar o espelho, senti-la, possuir tudo dela.

—Quero saboreá-lo. —gritou de novo, a voz rasgada à medida que mais da metade do comprimento da carne de Khalid a atravessava —Chase. Por favor. Agora.

Moveu-se para ela, apoiando-se sobre os joelhos quando volteou a cabeça para ele e encheu a boca.

—Maldita seja —grunhiu. Porque não teve que deixar de olhar. Quando olhou para trás às coxas abertas, viu o espelho na mesa. Em frente aos pés da cama. E ali, em tela completa, estava a visão de Kia tomando a grossa ereção no traseiro.

Tinha que fodê-la. Estava morrendo para fodê-la.

A boca estava trabalhando sobre seu membro, cada chupada extraía a puxões o sêmen que enchia suas bolas.

—Khalid?

—Ah, merda! Não me faça falar —grunhiu— Merda, é como um punho ao meu redor, Chase.

—Pode aguentar? —Só por um minuto, queria só o tempo suficiente para lhe encher a boca antes de empurrar-se dentro dessa vagina apertada.

—Posso morrer quando tivermos terminado? —ofegou Khalid—Ah, diabos! Está me ordenhando. É melhor que se apresse.

Apressar-se?

Fechou os olhos, soltou rapidamente o controle desgastado e lhe deu o que queria. Sentiu-se explodir, seu nome nos lábios, o sêmen saindo a jorros dentro da boca, enquanto perdia algo, sentiu algo dentro dele rasgar-se, e derramar-se dentro dela junto com sua semente.

Ela estava soluçando, gemendo, chupando sua liberação e tomando tudo dele. E estava mais ardente, a cara cheia de mais prazer, com mais erotismo de que tinha tido quando tomou o outro homem.



Retrocedendo, Chase soube. Algo. Precisava pensar. Precisava pensar agora, e não havia maneira de pensar. Não havia nada exceto a necessidade de enterrar-se dentro dela.

—Segure-a, Khalid. —localizou-se entre as coxas, olhou e quase perdeu a respiração.

Khalid estava enterrado profundamente dentro dela, as bolas apertadas; a própria necessidade de terminar tinha que ser uma tortura.

—Doce coraçõzinho. —Khalid, agora a abraçava contra seu peito, a cabeça jazendo sobre o ombro enquanto Kia retornava o olhar para Chase.

—Meu prazer? —sussurrou.

—Seu prazer.

Seu membro estava dolorosamente duro. Não ia durar tanto tempo como deveria, mas sempre havia um depois. Depois que descansasse, tomasse uma sesta, poderia ter mais dela. E mais dela.

Empurrou dentro.

—Oh merda! Kia. Maldita seja. Maldita seja.

Sua vagina estava devastadoramente quente, tão apertada, tão ajustada, que mal podia penetrá-la. A carne violentamente sensível do membro estava gritando em renovada luxúria. Os sucos a umedeceram, empaparam sua carne e a dela enquanto se movia em seu interior.

—Maldição, Chase. Não mais como isto. —Khalid grunhia debaixo dela — Pensei que tinha mais juízo.

Mais juízo? Supunha-se que um homem teria controle quando os braços de Kia o alcançaram, quando abriu mais as coxas e levantou as pernas, apertando os quadris ainda quando a posição enterrou Khalid mais profundo dentro dela.

—Forte. —sussurrou— Tome forte, Chase.

Sacudiu a cabeça, o suor correndo pelo pescoço, pelo peito. Estava muito apertada. Não queria machucá-la.

—Preciso mais forte. —retorceu-se, os pés pressionaram na parte posterior das coxas e moveu os quadris, levantando-se e baixando-se ela mesma quando o gemido estrangulado de Khalid debaixo advertiu a Chase que o outro homem estava alcançando o limite.

Agarrou-lhe as coxas e empurrou. A cabeça caiu para trás sobre os ombros quando se enterrou dentro dela em três duros impulsos, ouvindo-a gritar em seus ouvidos, a exigência de mais.

—Me tome —soluçava— Tome forte. Oh Deus, Chase. Tome agora. Forte e profundo.

Era uma demanda, cheia de calor sexual e necessidade desesperada. E uma vez que esteve enterrado dentro dela, não pôde parar.

Suas mãos agarraram os quadris com força feroz quando se inundou dentro dela, sincronizando com Khalid em um ritmo natural como o sentia. Sentiu que lhe encolhia o peito quando olhou para seu rosto, observou-a olhá-lo, viu as emoções enchendo-a, alcançou-o, afundou-se na carne.

—Chase, maldição. —Khalid estava grunhindo atrás dela, a cara uma máscara de prazer retorcido quando Kia chegou até ele, tocou-lhe a cara, os lábios. E explodiu ao seu redor.



Um instante depois seus olhos se alargaram. Khalid estremeceu atrás dela, enterrado dentro dela, enquanto se liberava em uma camisinha ainda quando Chase não tinha usado uma.

—Ah, meu Deus. —afundou-se dentro dela, acariciando, desesperado. Jogou a cabeça para trás, saiu dela com um grunhido de raiva e cobriu a carne dolorosamente dura com os dedos quando jorros de liberação explodiam da ponta palpitante.

Bombeando as mãos sobre seu membro, recordando as noites, tantas noites que o tinha feito, pensando nela, morrendo por tocá-la. E agora sua liberação brilhava em seu ventre, nas coxas.

Neste instante, seu olhar era sonolento, exótico. Úmida de suor, saciada no momento, passou os dedos pelo sêmen que tinha caído no ventre e o levou a boca.

Saboreou-o.

Chase inclinou a cabeça, apoiando a testa em seus seios e lutou. Pela primeira vez na vida, teve que lutar contra a emoção e sabia que, se não tomasse cuidado, este delicado assunto se converteria em algo mais que só prazer. E quando o fizesse, corria o risco de quebrar a ambos.

Capítulo 6

Khalid saiu brandamente da cama, ficou de pé lentamente enquanto dava um olhar pela janela escura do quarto de Kia. O amanhecer ainda não tinha chegado, faltavam várias horas em realidade. Por alguma razão nunca dormia bem fora de sua própria cama. Hábito intencionado, disse a si mesmo, enquanto procurava e encontrava sua roupa.

Enquanto se vestia, voltou o olhar para a cama, os lábios quase relaxados em um sorriso. Kia estava aconchegada contra Chase como um gatinho cansado, a cabeça contra seu peito, os braços sobre sua cintura enquanto ele a encerrava em um íntimo abraço. Seus braços estavam envoltos nela, e as pernas de Kia colocadas entre as dele.

Era uma imagem surpreendentemente inocente, pensou, tendo em conta os excessos sexuais que se desenvolveram nessa cama.

O cabelo comprido, loiro cor champanha, caía sobre o braço de Chase. O cabelo de Chase estava alvoroçado, caindo sobre a testa, lhe dando quase uma aparência de garotinho. Como se um Falladay pudesse ter aparência de garotinho, pensou com um suspiro silencioso quando sentou em uma cadeira e colocou os meias e os sapatos.

No exterior fazia um frio terrível. A temperatura tinha caído abaixo de zero ainda antes que abandonassem a festa; inclusive agora fazia mais frio. Se havia uma coisa que Khalid odiava, era o frio da noite. Gerava-se ao redor dele, dentro dele, fazendo-o recordar muitas coisas que era melhor esquecer.

Sacudiu a cabeça e ficou de pé, dando uma última olhada ao casal antes de deslocar-se através do silencioso apartamento.

Deteve-se ante esse sofá, estreitando os olhos ao pequeno lar de gás do outro lado da sala,



o muro com janelas a um lado, e avaliou o sofá. Havia um travesseiro, e uma colcha grossa ao longo do respaldo de almofadas.

Aqui era onde Kia dormia, ela havia dito. Cravava o olhar na escuridão, e sentia a dor que suportava? O calor do fogo aliviava a dor por Chase quando ele se mantinha tão obstinadamente em seu coração?

Chase, aparentemente, negava-se a reconhecer o que inclusive seus amigos sabiam. De Kia Rutherford não seria fácil afastar-se. Poderia desejar que fosse. Khalid não tinha nenhuma dúvida que Chase o tentaria, mas nunca a deixaria ir.

Sacudiu a cabeça ante isso enquanto saía do apartamento e tirava o telefone celular da jaqueta.

—Abdul, estou preparado para ir. —afirmou quando o chofer respondeu.

—Sim, senhor, mas deveria informar, que tenho companhia.

As sobancelhas de Khalid se levantaram.

—Que companhia poderia ter, Abdul?

Abdul suspirou profundamente.

—É ela, senhor.

Khalid se deteve ante o elevador, logo retornou o olhar ao apartamento quando sufocou um xingamento. Não tinha tempo para ela.

—E por que está com você?

—Porque trouxe consigo um recipiente térmico de café negro excelente e alguns donuts recém feitos —pigarreou Abdul—Mas seu carro se foi.

—Então pode tomar um táxi. —grunhiu Khalid.

Abdul pigarreou.

—Faz muito frio, senhor Khalid. Seu hotel não é muito longe daqui.

Khalid entrou no elevador, rangendo os dentes.

—Não tem um casaco?

—Não, senhor. —Abdul pigarreou de novo—Bom, sim, senhor, mas é muito fino.

Sentiu alargar seu nariz.

—E por que deveria me preocupar por isso? —espetou.

—Senhor Khalid! —surpreendeu-se a voz de Abdul—É uma noite muito fria.

—Está sendo um urso de novo, não? —a voz de Martha soou através do telefone. Muito malditamente alegre e muito fodidamente descarada—Diga que esqueça.

—Esquecer o que? —grunhiu.

—Vamos, senhor Khalid, seu hotel é justo rua abaixo.

—Vá —disse com dureza—Tire-a da limusine, imediatamente. Leve-a ao seu hotel, devolva o café e os donuts, e traga seu traseiro de volta aqui. Está claro?

—Tomei o café e os donuts —disse com tristeza Abdul.

Khalid se viu obrigado a massagear as têmporas quando escutou Martha fazendo sons compassivos de fundo.

—Abdul, dez minutos —disse furioso—Será melhor para você estar de retorno diante deste



edifício em dez minutos. Sem ela. Está claro?

—Vou agora mesmo, senhor Khalid.—prometeu nervosamente Abdul— Dez minutos. Deveria, umm, substituir o café e os donuts?

Khalid jurou que teria que fazer sua primeira visita ao dentista se não parasse de ranger os dentes.

—Deixa que ela os consiga. —grunhiu lentamente, só para assegurar-se que Abdul entendia—Dez minutos, Abdul.

Abdul pigarreou.

—Dez minutos, senhor Khalid.

E de fundo, Martha, maldita fosse sua imagem, riu.

* * *

Chase despertou quando Khalid deixou o apartamento. Abriu os olhos e olhou ao redor do dormitório, sentindo-se estranhamente contente. E contente não era uma sensação que deveria experimentar na cama de Kia. Os braços envoltos ao redor dela. As pernas encaixadas às dela. A cabeça de Kia contra seu coração, a respiração profunda e tranquila, como se ela pertencesse a este lugar.

Teve que esforçar-se para não afastar-se bruscamente dela, para não afastar-se de um salto como se a temesse. Ele não temia a nada. Não tinha temido a nada desde que atirou na mulher cujo dedo estava apertando o gatilho de uma pistola apontada para seu irmão, Cameron.

Conteve a lembrança, o pensamento, e fechou os olhos, permitindo-se segurar Kia somente uns poucos minutos mais.

Durante os anos em que tinha sido o terceiro de seu irmão em suas relações, dormir com uma mulher não o tinha incomodado. Tinha sido sua responsabilidade assegurar-se que se satisfizessem mais que as necessidades sexuais.

Diabos, agora sabia por que Cam havia se oposto a dormir com Jaci, ou a tomá-la sem um terceiro. Porque existia esta intimidade. Podia senti-la, abrindo caminho dentro dele, enchendo-o com algo extremamente desconhecido que não podia entender.

A sensação de que, se agora não saía rapidamente desta cama, então nunca poderia fazê-lo e que além disso nunca poderia mantê-la fora de seu coração.

Como Khalid dizia, as mulheres eram criaturas ternas com desejos ferozes. E um desses desejos era a necessidade de ser tocadas e abraçadas fora do sexo. Nunca tinha incomodado a Chase ser o único em prover isso. Até agora. Agora francamente o aterrava. Porque quanto mais tempo a abraçava, mais a sentia.

Deu a volta e a olhou na escuridão. As espessas pestanas loiras se recostavam contra a bochecha; os lábios estavam relaxados no sono, embora ainda estavam inflamados por seus beijos, pelos impulsos de seu membro.

Engoliu, roçando o polegar sobre a maçã do rosto na carícia mais leve.

Sabia que, algumas vezes, ela olhava dentro de sua alma. Era uma sensação incômoda para um homem que tinha aprendido a esconder quem e o que era. Conhecía partes dele que sabia que



outras mulheres nunca poderiam adivinhar. E embora ela não houvesse dito, diabos, tinha-lhe dado a oportunidade, perguntava-se se talvez não conhecia mais que ele a respeito de si mesmo.

la ter que deter-se.

Tocou-lhe o cabelo, deixou que os fios suaves acariciassem os dedos e se sentiu apertar a mandíbula ao pensar em arrastar-se de sua cama quente e enfrentar o frio exterior. E soube que não tinha alternativa.

Esta não era uma relação, recordou-se. Simplesmente, era só por prazer. Não havia troca de confidências; o bate-papo noturno e o despertar no mesmo travesseiro não estavam permitidos.

Se o fizesse, então admitia que era mais e admitir que era mais tinha o poder de debilitá-lo. Chase tinha olhado o vazio sombrio da impotência seis meses antes, quando teve que matar uma mulher com a qual era mais carinhoso que a maioria, uma mulher que de certa forma tinha perdido o controle da realidade, e tentou matar seu irmão e sua noiva.

Uma mulher que Chase tinha desejado. Uma que pensou que era uma amiga. Seu julgamento tinha sido defeituoso até o ponto que tinha passado por cima de todos os indícios quando efetuou a investigação no passado de Jaci e dos Roberts em uma tentativa de entender por que os Roberts tinham tentado destruí-la.

E agora, aqui estava, seis meses depois, preso nas garras de uma fome estranha e desconhecida, por uma mulher que ameaçava enroscar-se ao redor de seu coração de maneiras que Moriah Brockheim não teria tido possibilidade.

Se não se afastasse dela, então ia terminar tentando ficar com ela. E ficar com ela não era possível. E ficar com qualquer mulher não era possível a estas alturas. Porque Chase nunca tinha servido para deixar que alguém se aproximasse dele. Era muito arriscado; o perigo daquilo era muito grande.

Tinha perdido seus pais aos treze anos, e perdeu seu gêmeo durante quase vinte anos. Tinha permitido que Cameron fosse quase destruído quando era um menino e durante anos tinha lutado para sobreviver sem o vínculo com o qual tinha crescido.

Tinha aprendido como ficar sozinho. Era tudo o que sabia. Nunca tinha desejado, nunca tinha ansiado nada mais, mas Kia o fazia perguntar-se como seria mais. Essa curiosidade estava se gerando dentro dele e era perigosa.

Não queria machucá-la. Quebrar seu coração, depois do que Drew fez, pensar em fazê-lo era algo que o acovardava.

Não era pelo sentimento e tinha que recordar. Nunca foi pelo sentimento.

Obrigou-se a desenredar-se lentamente dela, jogando as mantas ao seu redor quando ela gemeu, um sussurrado “não” deixando os lábios entreabertos enquanto ele rodava até a beira da cama e se endireitava.

Passou os dedos através do cabelo enquanto lutava para evitar retornar a ela. Sacudindo a cabeça, ficou de pé e cravou o olhar em Kia. Ali, nesse oceano de cama, parecia uma bonequinha, perdida e sozinha.

Merda. Não era de estranhar que dormisse nesse fodido sofá. Esta cama era para ser



compartilhada com um amante. Grande e romântica, mas engolia seu pequeno corpo. O sofá, com as almofadas sólidas contra as costas, ao menos daria certa ilusão. Talvez pudesse fingir que havia alguém para abraçá-la durante a noite.

E ele a estava abandonando a isso.

Levantou de um puxão a roupa do chão e rapidamente se vestiu. Se não se apressasse, então nunca seria capaz de afastar-se.

Como diabos tinha conseguido meter-se nisto? Apaixonar-se não estava em seus planos, mas se isto não se detinha aqui, então ele ou Kia, ou ambos, iam terminar entrando em algo que poderia destruir os dois.

Metendo a camisa nas calças, levantou a cabeça para olhá-la pela última vez e congelou.

— Pelo menos não está destroçando seu braço na tentativa de ir embora sem me despertar.

— disse em voz baixa — Pode se vestir mais rápido, Chase?

Kia arrastou o lençol de seda sobre seus seios, rodeada pelo aroma de Chase e de sexo e o olhou solenemente. Não era ainda dia e já ia embora.

Deu uma olhada no relógio na mesa de noite. Eram apenas duas, fora fazia um frio terrível, estava segura e ele se apressava para vestir-se e ir embora antes que ela despertasse. Agora bem, não era muito bom para o ego de uma garota?

— Tenho que retornar ao apartamento. — disse enquanto arrumava as calças e ajustava o cinto. Jogou a jaqueta no fundo da cama antes de deslocar-se para ela.

— É óbvio que sim. — Sorriu hipocritamente, mas era difícil ser sincera quando podia sentir a dor aflorando por dentro.

Caiu na conta que nem sequer podia passar a noite com ela.

— Verei você logo. — prometeu.

Ela o olhou nos olhos, e leu coisas ali que não desejava ver. O desespero para ir embora, a pena. Pena porque ia embora? Ou pena porque despertou antes que pudesse escapar dela?

— É óbvio que sim. — Manteve o braço apertado sobre a bochecha, e se recusou a deixá-lo ver o dano que chegava com esta situação singular — Sabe, Marcy Stephens se gabou muito desagradavelmente das noites que você e Cameron passaram em sua cama. Jura que Cameron era o único que escapava depois de sua liberação e que era você o que a acariciava durante a noite. Deve tê-los confundido.

Entretanto, existia aquela cicatriz na bochecha de Cameron. Isso teria sido difícil de confundir.

Uma ruga atravessou a testa de Chase.

— Vá — disse em voz baixa — Antes que fique muito mais tarde. Estou segura que tem uma reunião cedo ou algo parecido pela manhã.

Quase podia vê-lo agarrar-se à desculpa.

— Ian nos mantém ocupados. — A voz era suave, não exatamente agarrando-se a isso, mas tampouco o negava — Ligue se precisar de mim.

— Farei isso. — Nunca o chamaria sob estas circunstâncias; asseguraria-se de não necessitá-lo.



Evitou que seus lábios tremessem, quando Chase se aproximou e lhe deu um beijo rápido antes de dar um puxão à jaqueta da cama e sair.

O silêncio encheu o apartamento depois que o ferrolho da porta se fechou, e o som oco indicou que a segurança estava religada. Afastou o lençol e se arrastou da cama, tremendo pelo frio do quarto enquanto arrancava o grosso robe da cadeira ao seu lado da cama e o vestia.

Atou-o apertadamente ao seu redor, o grosso material cobrindo-a do pescoço aos pulsos, e até os tornozelos. Abrigava-a quando não havia nada mais.

Olhou ao redor do quarto e rapidamente piscou para controlar as lágrimas quando lhe entrecortou a respiração e lutou para deter a dor.

Nem sequer passaria a noite com ela.

Meteu as mãos nos bolsos do robe antes de entrar lentamente na sala.

As lenhas do gás estavam ainda acesas, sua luz trêmula guiando o caminho para o sofá onde habitualmente dormia. Levantou a manta do respaldo do sofá, colocou o travesseiro contra o braço do sofá e se aconchegou contra ele.

Atrás, os almofadões macios lhe davam a ilusão de calidez, de que havia alguém às suas costas. Cravou o olhar na parede de vidro e observou o céu. Às vezes observava a saída do sol e fingia que esses raios dourados a esquentavam como esquentavam a terra.

Durante os últimos dois anos, só havia se tornado mais fria por dentro, e mais solitária. Tinha perdido algo dentro de si mesma que já não estava segura como encontrar. Tinha pensado que era a coragem, mas depois da noite passada, soube que não era a coragem.

Era a capacidade para confiar, para sentir, até que Chase estendeu sua mão e disse que não estava brincando com ela. Que a desejava. Que desejava compartilhá-la.

Talvez um deles deveria ter refletido um pouco mais nesta não-relação, porque podia senti-la destruindo-a lentamente.

Não era o compartilhar, era a perda. Quando Chase partiu, isso significou que despertaria sozinha, sonhando que seus braços estavam ao seu redor.

O conhecimento de que não havia nada para esperar palpitava por dentro como uma ferida cruel. Não tinha havido nada para esperar em muito mais tempo que nos últimos dois anos, e nem sequer se deu conta. Até esta noite.

Enquanto olhava fixamente a janela, não contou os minutos ou as horas. Ficou com o olhar fixo, e recordou Chase. Tocando-a, abraçando-a, seus olhos travados com os dela, sua imaginação sentindo que tocava não só o corpo, mas também a alma.

Que ela o tocava, que seu toque ia mais profundo que a carne de Chase.

Ela era muito boa enganando-se, decidiu. Porque, esta noite, por uns poucos momentos preciosos, imaginou que sentia mais por ela que desejo, mais por ela que pelas outras mulheres que tinha tomado.

Ele tinha passado a noite com aquelas mulheres.

Àquelas mulheres tinha levado a ópera, para jantar, aos clubes que frequentava. Com aquelas mulheres se mostrou em público sem vergonha.

E a única vez que ela foi vista com ele foi quando se foram. Desaparecendo.



Secou as lágrimas das bochechas quando o sol começou a aparecer sobre o horizonte. Bebeu os soluços que pudessem escapar e se recordou que não deveria ter esperado mais.

Não tinha prometido sentimento. Não tinha prometido esquentá-la.

Somente tinha prometido prazer.

Não tinha direito a queixar-se, não tinha direito a sentir-se desprezada. Mas a mulher que ele tocou, o coração que palpitava dentro dela, sentia-se muito, muito desprezada.

Capítulo 7

O sono vinha aos poucos. Finalmente, Kia se rendeu e abandonou o sofá. Colocando as sapatilhas saiu ao balcão e deixou que o vento fresco de inverno açoitasse ao seu redor enquanto olhava fixamente o azul brilhante do céu matutino.

Aonde ia uma mulher quando se dava conta de quão vazia se tornou sua vida? Quando olhava as curvas frias, escuras e abismais e se dava conta de quão débil e solitária se tornou? Tão solitária que se permitiu acreditar que umas poucas horas de prazer seriam suficientes. Que era o suficientemente valente, o suficientemente imune às necessidades que tinham outras mulheres, que mudou seu coração por esse prazer.

Chase tinha vindo a ela só duas vezes. Não tinha tido chamadas telefônicas no meio dessas vezes, nenhum jantar, nenhum almoço. Não tinha havido nada para indicar que queria algo mais que prazer.

Chase não era um homem sutil. Era dominante, forte, tranquilo e controlado, mas não era sutil. Se quisesse mais dela, teria exigido.

E realmente poderia culpá-lo por não querer mais? Sua ira e sua indignação dois anos antes tinham arriscado a reputação de Chase, assim como a reputação dos homens e mulheres que era seu trabalho proteger. E quando ela se retratou das declarações, retirou-se dos círculos sociais o quanto foi possível, desiludida com os amigos que pensou que tinha, que de repente a deixaram à deriva e insegura sobre que caminho tomar.

Assim tinha se escondido. Aqui, neste enorme e solitário apartamento, escondeu-se e se obrigou a ficar contente com isso. Porque as feridas tinham sido tão profundas, tão desastrosas, que não tinha ideia de como curá-las.

A noite em que Drew tinha vindo a ela com champanha e flores, querendo reparar a fenda que se abriu entre eles, quis acreditar nele. Não lidava bem com champanha, ou nenhum álcool, em realidade; sua tolerância era muito baixa. Ele não havia feito muito para conseguir embriagá-la o suficiente para que estivesse aturdida e confusa.

Quando a levou ao dormitório, havia se sentido como uma princesa. Quando a despiu, ela tinha fechado os olhos e imaginado amor. E então, sentiu as mãos de outro homem.

Afastou a lembrança. O horror de seu marido e outro homem segurando-a na cama. Drew a imobilizando enquanto ela lutava, enquanto chorava, enquanto rogava que a soltassem.



Finalmente, tinha sido o terceiro quem se distanciou, logo a arrancou de seu marido tempo suficiente para que escapasse ao banheiro, onde se encerrou, soluçando aterrada. Tinha sido esse terceiro e ela ainda não sabia quem tinha sido, quem tinha discutido com seu marido no dormitório, quase brigado, ela acreditou, antes que se fosse do quarto dando uma pancada na porta. E só minutos depois, seu pai tinha chegado, a equipe de segurança do apartamento atrás dele, respondendo a uma chamada de que sua filha tinha problemas.

Drew nunca havia dito quem foi essa terceira pessoa. Quando seu pai chegou ao apartamento, acompanhado por seu pessoal de segurança do escritório central da empresa, Drew tinha ficado furioso.

Seu pai esteve frio e perigosamente furioso. Envolheu-a em sua jaqueta, envolveu seus braços ao redor do corpo tremente e a levou de volta ao lar onde tinha crescido.

Seus pais a protegeram tanto tempo como puderam. Tinha utilizado a advogada de seu pai, Lenore Zimmer, para solicitar o divórcio de Drew. Lenore se assegurou que Drew estivesse fora da casa antes que Kia retornasse, que pagasse as contas até que o divórcio fosse definitivo. Ela tinha sido uma bênção para Kia. Mas nada, nenhuma quantidade de consolo, nenhum acordo econômico, poderia compensar saber que sua mais querida amiga, Rebecca, esteve contando a todo mundo que conhecia, a informação que Kia tinha dado enquanto estava virtualmente em estado de choque e lutando para entender por que seu marido tinha tentado machucá-la como fez.

Todo mundo faz isso, tinha gritado Drew na porta do banheiro. Essa cadela da Tessa Andrews a quem tem em tanta estima, seu marido é um dos membros principais. Esse filho da puta que come você com os olhos a cada oportunidade que tem, Chase Falladay, todos nossos fodidos amigos, cadela estúpida. Por que diabos pensa que estive animando essas amizades?

E ele o fez. Eram Tally Rafferty, Ella Wyman, e tantas outras. Pessoas que conhecia, mas com as quais nunca tinha tido amizade, pessoas que não podia imaginar vivendo o estilo de vida a que tinha tentado forçá-la.

Enquanto esfregava os braços frios e voltava a entrar no apartamento, admitiu que não podia culpar Chase pelo que agora sentia. Talvez esperasse muito de Chase, como Drew tinha acusado de esperar muito dele.

Não era a obrigação de Chase encher sua cama de noite. Conter o frio. Não tinha prometido nada, pensou com tristeza, fechando a porta atrás dela. Tinha prometido prazer, e tinha cumprido adequadamente com essa promessa. Não tinha direito a pedir nada mais.

Assim que onde a deixava isso? A este passo, se não deixasse em ordem sua cabeça e entendesse sua vida, então ia tornar-se velha e amargurada antes do tempo. Vinte e seis anos era muito pouco para perder a esperança na vida ou em ter amigos.

Chase a tinha ensinado. Através do prazer que lhe deu, do calor que a rodeou enquanto o dava e do frio que a encheu quando se foi, tinha demonstrado que não podia viver em tal isolamento. E estava cansada de estar sozinha.

Poderia ter amigos. Simplesmente levaria um tempo encontrar os amigos corretos, pensou. E esses amigos só precisavam conhecer a informação mais básica dela. Nada sobre seu casamento



ou divórcio, assim não tinha que responder. Não queria responder.

Tinha cometido um engano dois anos atrás. Escondeu-se, lambeu as feridas e tentou dar sentido ao que ocorreu em sua vida. Não tinha nenhum sentido. Deveria ter-se levantado, deveria ter levantado o queixo para o alto e deveria ter-se obrigado a continuar sendo uma parte do mundo que ela e Drew tinham compartilhado.

Mas agora, como solucionar o problema? Possivelmente sua mãe pudesse ajudar. Não estava sempre convidando Kia para almoçar e jantar com ela e suas amigas? Eram mais velhas, sim, mas ainda assim convites eram convites.

Enquanto franzia o cenho com este pensamento, a companhia da porta soou.

A cabeça de Kia deu uma sacudida para a porta. Poucas pessoas vinham ao apartamento. Seus pais sempre ligavam primeiro.

Chase?

Deslocou-se para a porta, levantou-se nas pontas dos pés, e espiou pela mira antes de recuar, mordiscando o lábio, e perguntando-se por que demônios estavam ali fora.

O som repicou uma vez mais.

Abrindo lentamente a porta fechada com chave, Kia se afastou, olhando confusa a dupla. Ella Wyman e Tessa Andrews estavam vestidas para ir às compras. Ir às compras era um jogo sério em Alexandria. Sapatos planos para Ella, sapatos de verniz de salto baixo para Tessa. Cada uma delas vestia calças e camisas elegantes e traziam bolsas grandes.

—Posso ajudá-las? —Estava de pé com o robe, o cabelo despenteado, os pés metidos em antiestéticas sapatilhas de pele, olhando confusa às duas.

—Sim, querida, pode recuar assim poderemos entrar. —sorriu amavelmente, os olhos cinzas brilhando em um rosto que parecia muito mais jovem do que Kia sabia que era sua idade real. Ella Wyman tinha quarenta e quatro anos, vários anos mais velha que seu bonito e encantador segundo marido, James.

Kia recuou lentamente.

—Kia dá a impressão de que viemos linchá-la, mamãe —a risada baixa de Tessa passou a Kia quando entraram no apartamento.

Ela se deteve justo no interior do vestíbulo. Cravou o olhar no sofá, na estufa de gás baixa, e interpretou muito mais nisso do que Kia teria apreciado que soubesse.

A manta no sofá, o travesseiro no braço. A impressão do corpo leve de Kia se encontrava ainda nas almofadas, testemunhando que a jovem o utilizava frequentemente para dormir. Era muito provavelmente sua cama, e por certo, o conhecimento daquilo era triste.

Ela conhecia esse tipo de solidão. A fossa enterrada na alma de frio profundo que uma cama grande só intensificava.

Kia fechou a porta e as observou cautelosamente.

—Estão seguras que pretendiam vir aqui?

Ella Wyman era amiga de sua mãe e sabia que o marido dela fez muitos negócios com seus pais.

—Já tomou café? —Ela se voltou para ela, o suave cabelo cor castanho avermelhado



balançando sobre os ombros quando a olhou com a mesma expressão que sua mãe usava quando tentava convencer Kia para fazer algo que não desejava fazer.

—Sim — respondeu lentamente Kia — Quer um pouco?

—Eu prepararei. — Ela agitou a mão descartando-a e se dirigiu à cozinha aberta — Você precisa de uma ducha.

—Sim? — Agora, Kia as observava cautelosamente, consciente de Tessa parada às suas costas, de sua expressão divertida e de seus brilhantes olhos cinzas, tão parecidos com os de sua mãe, cheios de calidez e um pouco de muita determinação.

Ela se moveu à cozinha e começou a abrir as portas da despensa enquanto girava para olhar Kia.

—Vamos às compras — informou a mulher mais velha — Vista-se cômoda, já que as ofertas são numerosas e as multidões são horrendas.

—Por que vamos às compras? — perguntou Kia, conservando cuidadosamente o tom de voz, apesar do medo de que uma louca tivesse invadido sua casa.

A porta de sua despensa se fechou de repente quando Ella a repreendeu, apoiando as mãos nos magros quadris e olhando furiosa para Kia.

—Sua mãe deveria estar envergonhada por permitir que se ocultasse como tem feito. Tive uma discussão muito interessante com ela ontem à noite e Tessa e eu decidimos nos ocupar de você. Agora, tome banho e se prepare para ir às compras. Considere-se em nossas mãos e não enrugue a cara assim. Não a favorece.

Instantaneamente, Kia alisou o semblante carrancudo de sua expressão, logo o franziu de novo.

—O que tem a ver minha mãe com isto?

—Gosto de Celia como se fosse minha própria irmã. — Ela sacudiu a cabeça — Mas é óbvio que não tem ideia do que fazer com você. Eu tenho.

—Você sim? — Kia cruzou os braços sobre os seios e olhou a outra mulher com fingida curiosidade — E isso é?

—Informá-la que permitiu que seu ex-marido ganhasse, colocou sua pequena cauda suave e sedosa entre as pernas e desapareceu.

Sua pequena cauda suave e sedosa? Kia teve um louco desejo de dar a volta e ver se de algum jeito tinha conseguido adicionar gramas extras ali sem querer.

Drew tinha atirado um golpe ao seu orgulho que tinha sido difícil de superar.

—Assim o que importa que Drew pense que ganhou, por quê? — Kia inclinou a cabeça para um lado enquanto Ella continuava fazendo café em uma cozinha que não era a sua.

Ella Wyman tinha bolas. A mãe de Kia sempre havia feito essa afirmação acompanhada por uma risada carinhosa.

—Querida, se os únicos que nos importam somos nós mesmos então não somos melhores que esse lixo que tentou destruí-la. Agora, tome essa ducha. Estou preparando o café da manhã, e logo vamos às compras. É uma saída de garotas, assim se prepare para ela.

Quanto tempo tinha passado desde que teve uma saída de garotas? Anos, de fato. Inclusive



tinha recusado os convites de sua mãe. Entretanto Kia e sua mãe não estavam de acordo precisamente, a cada vestimenta que Kia escolhia para si.

—Você simplesmente está permitindo que Rebecca ache que ganhou —interveio Tessa nesse momento. — Isso é um engano nesta cidade, Kia sabe. Nunca deixe que a vejam sangrar. Mas ainda mais, nunca deixe que a vejam se esconder. E se negar a ver-se em público com Chase Falladay depois que foi vista saindo de uma festa com ele, é ainda um erro maior. Houve comentários quando não esteve no jantar do clube com ele e os amigos com quem se reúne ali.

A humilhação explodiu dentro de Kia.

—Talvez por que não fui convidada. —Sorriu friamente— Tem a impressão de que Chase Falladay e eu temos uma relação, Tessa. É uma impressão errônea.

A surpresa estreitou os olhos de Tessa enquanto dava uma olhada a sua mãe.

Ela estava indignada embora cuidasse de resguardar esse conhecimento da jovem cujos olhos brilhavam com dor e cuja expressão se encheu de silencioso orgulho.

Tessa a tinha machucado sem querer, mas elas tinham observado Chase cuidadosamente. Foi frio com as mulheres que se aproximaram dele nesse clube, onde poucas vezes era frio com qualquer mulher. Chase deu todos os sinais de um homem que não estava disponível. E inclusive James tinha brincado na noite antes do jantar, que Chase estava se apaixonando pela garota Rutherford. E James poucas vezes se enganava.

—Bem, todos somos propensos às impressões errôneas —disse Ella a Kia— Vá. Ducha. O café da manhã estará pronto em uma hora e vamos pouco depois. As ofertas não vão esperar por nós.

—Talvez este não seja um bom dia. —Kia as olhou, todo esse orgulho ferido oculto sob essa voz fria.

—É o dia perfeito —informou Ella— E não irei sem você. Para se desfazer de nós, suponho que terá que vir às compras conosco.

Kia se sentiu como se o peito fosse estalar pela dor interior. As pessoas já estavam formando impressões, identificando-a com Chase. Ia parecer como se ele a tivesse rechaçado. Como se não fosse suficiente mulher para manter sua atenção por mais tempo do que tinha levado a levá-la.

Apertou os punhos, enquanto dava a volta e saía a passos longos da cozinha. Ir às compras era a última coisa que desejava fazer. Especialmente com duas mulheres que eram testemunhas do fato de que nem sequer podia manter a atenção de Chase pelo tempo suficiente para jantar com os amigos.

Maldita seja! Sua própria teimosa e obstinada necessidade por um homem que obviamente não tinha necessidade dela.

Tomou banho porque era a única forma de liberar as lágrimas formando-se em seu interior. Porque estava furiosa consigo mesma, com Chase e com a maldita sociedade da qual aparentemente não podia ocultar-se, sem importar quão forte o tentasse.

A fofoca nunca a tinha incomodado. Mas o orgulho sempre foi sua ruína. Sempre tinha sido. Prepararia-se, iria às compras e quando terminasse, decidiria por si mesma como exatamente



mostraria a Rebecca Harding o pouco que importava sua opinião. E uma vez que o fizesse, tentaria curar-se desse estranho vício por Chase Falladay. Antes que a destruísse.

—Mamãe, somos as únicas que pensamos que Chase Falladay tem algo com ela? — perguntou Tessa depois que Kia estivesse com certeza na ducha.

Brindou-lhe uma breve inalação.

—De maneira nenhuma. Cameron contou com James a semana passada que Chase estava tão destroçado pela garota que anda louco.

—Ainda assim não a levou para jantar? — sussurrou Tessa, transtornada — Não estão atados?

Ela negou com a cabeça, jogando um olhar à porta enquanto franzia o cenho preocupada.

—Courtney diz que Chase estava gritando no escritório de Ian sobre esse estúpido ex-marido de Kia, Drew. Chase nunca grita por nada.

Ela olhou para o dormitório.

—Não importa. Tanto se for de Chase como se não, já se escondeu o suficiente. — Logo sorriu — Mas sei como averiguar se ela é de Chase.

—Oh, Mamãe! O que vai fazer? — Os olhos de Tessa aumentaram, mas Ella estava orgulhosa ao ver a divertida confiança no olhar.

Ela deu de ombros.

—Há maneiras, Tessa. — Fez um movimento para fazê-la calar e assinalou com o dedo para os sons no dormitório de Kia — Confie em mim, há muitas, muitas maneiras.

* * *

Tinham passado muitos anos desde que Kia tinha ido às compras com as garotas. Quando tinha transcorrido meia hora de passeio, outras duas tinham se unido a elas, Kimberley Raddington e Terrie Wyman. Na hora seguinte, Courtney Sinclair e Jaci Wright, a noiva do irmão de Chase, estavam ali também.

A multidão de mulheres foi recebida com entusiasmo pelo gerente de cada loja, e Kia estava segura de que uma pequena fortuna se gastou nesses negócios.

Kia se encontrou atraída por seus favoritos. As lojas de lingerie que se especializavam nos artigos perversamente eróticos que tinha entesourado antes de seu casamento. Antes que Drew sistematicamente tivesse destruído a confiança que tinha em si mesma.

Entretanto, Chase tinha adorado as calcinhas, os sutiãs e meias que tinha escolhido para usar com seus vestidos longos. O que faria se a visse com o espartilho de renda que encontrou, as calcinhas quase inexistentes, o par de meias com diminutos e brilhantes adornos?

Ali estavam os conjuntos de regatas, seda e renda, perversos e eróticos. E enquanto os olhava, recordou a expressão de Chase em ambas as ocasiões em que a despiu. O prazer em seu rosto quando destroçou as sensuais calcinhas.

Adquiriu mais do que deveria. Com cada peça, pensava em se Chase as visse, se as desfrutaria.



Havia conjuntos para dormir e conjuntos de roupa de baixo. E com cada um, sabia que estava gastando dinheiro em peças supérfluas que talvez nunca fossem vistas pelo homem para o qual as estava comprando.

Não foi consciente das olhadas que as outras mulheres a brindavam, a maneira em que examinaram cada peça que colocou em sua cesta e como Courtney usou o telefone celular para tirar várias fotos dela. Só assim poderiam estar seguras de que certo grupo as ouviria por acaso discutindo sobre os artigos quando se reunissem essa tarde com Courtney, mais tarde.

Convenceram-na de um par de saltos que a faziam ver-se como uma deusa sexual com sua pequena figura e um par de botas para combinar com um vestido muito curto que ela sabia que nunca usaria.

As botas negras abraçavam suas pernas e passavam sobre os joelhos. Saltos de oito centímetros e um zíper escondido. Combinava o mini vestido violeta intenso, ruborizava-se ao pensar em usá-lo.

Então por que o tinha comprado? Porque o olhou e viu a mulher que se ocultava em seu interior. E o comprou porque essa mulher necessitava desesperadamente algo tão selvagem como ela queria ser. O vestido era mais provocador que revelador. Mas era um vestido que uma mulher sabia que atrairia os olhares, um vestido que garantia o interesse.

Quando se derrubaram nas cadeiras, ao redor da mesa reservada para elas em um dos restaurantes mais exclusivos, Kia estava exausta. Os pés palpitavam e o vinho que tomou com a comida a teve sufocando um bocejo.

—Tive suficiente, Ella — gemeu Kimberley, enquanto recostava na cadeira e cravava o olhar na taça de vinho vazia, com hostilidade— Se tomo um gole mais, ou tenho que entrar em uma loja mais, então Jared vai ter que sair do escritório e me conduzir para casa. Não ficará contente, sabe. —Enrugou o nariz com malícia— Ou talvez sim.

Kia sorriu ante o verdadeiro significado da declaração de Kimberley.

—Eu tampouco posso mais. —Jaci olhou ferozmente para Ella— Cameron não disse que era pior que um sargento quando ia às compras. Suponho que sabe estas coisas.

—Cameron sabe. —riu Courtney— Várias vezes no ano passado, Ian enviou ele e Chase de escolta quando as negociações sobre alguma propriedade ficavam desagradáveis. Jura ram que na próxima vez que Ian os recrutasse como guarda-costas, se demitiriam.

—Oh, mas eles eram definitivamente uma delícia para os olhos —disse Kimberley arrastando as palavras— Escuros e ferozes, e oh, tão sexys!

—Ei, um desses escuros, ferozes, e oh, tão sexys! Me pertence—protestou Jaci com um sorriso afável— Como diabos supõe que olhe nos seus olhos sem me partir de risada quando chegar em casa, se você senta e suspira por ele? Suspira por seus pedaços.

—Isto, querida, é o divertido de ir às compras conosco. —Ela se estirou e deu tapinhas brincalhões na mão de Kia—Põe-se a rir dissimuladamente quando chega em casa e ele se perguntará exatamente por que está tão divertida. Os mantém sobre brasas.

—Sim e conseguimos vê-la ruborizar-se cada vez que conversamos sobre os duros abdominais de James. —Courtney tomou a brincadeira à mulher mais velha— Conseguimos fotos



quando estava fazendo exercícios na piscina do clube um dia.

E Ella se ruborizou até as raízes de seu cabelo.

—Que malvadas são. —disse brincalhona entre dentes— Muito más.

Então, a mesa se encheu de risadas.

—Eu adoro quando conseguimos esconder algo. —A risada baixa de Kimberly era terna, carinhosa— São tão homens.

—James não gostou quando soube daquelas fotos. —gemeu Ela— Fez bico durante semanas.

Elas riram enquanto Kia sorria ante a cena.

—Cameron acredita que todas vocês estão loucas. —as acusou Jaci— Acredito que está aterrorizado.

—Deveria estar—atacou Ella— Deveria recordar que o conheci durante muitos, muitos anos. Ele e seu irmão, ambos. Não há muito que fizeram que eu não saiba.

Kia baixou a cabeça, aterrorizada pela ideia de mostrar muito interesse neste ponto. Ela queria saber mais, precisava escutar mais.

Entretanto, Jaci não disse nada mais e o assunto voltou a mudar e uma vez que Kia terminou o vinho, ficou de pé.

—Senhoras, dou por terminado o dia —disse antes de dirigir-se a Ella quando esta também se levantou— Obrigada por me convidar.

—Nos asseguraremos de sequestrá-la de novo na próxima vez. —Ella riu antes de abraçá-la afetuosamente— Diga a sua mãe que a saudei e espero poder falar com ela logo.

—Logo. —Kia assentiu com a cabeça e recolheu a bolsa do chão, agradecida por ter enviado as compras ao apartamento em vez de levá-las e deixou a mesa.

Assentiu com a cabeça ante o arco das sobancelhas do maître perguntando por um táxi, e soube que alguém estaria esperando quando saísse à entrada do restaurante.

Mal tinha entrado no vestíbulo quando se deteve, levantando o queixo ante a visão de Drew de pé junto à entrada.

Apenas um metro e oitenta de altura, ainda em razoavelmente boa forma. Cabelo cor marrom perfeitamente cortado e arrumado, olhos marrons, um bronzado falso e o cenho franzido. Drew não tinha mudado muito nos últimos dois anos.

Inalando lentamente, deslocou-se para as portas quando o táxi se deteve.

Durante dois anos, ele tinha se mantido a distância, embora nunca permaneceu completamente afastado. Aparecia nas festas às que era convidada, ficava olhando, cravando o olhar... furioso, vigiava cada um de seus movimentos. Ainda ligava, ainda tentava convencê-la a retornar para ele, a lhe dar outra oportunidade.

Ela não queria nada mais que permanecer tão longe dele como fosse possível.

—Nem sequer um olá, querida? —Arrastou as palavras ressentidamente enquanto bloqueava a porta, logo a empurrou ligeiramente para o lado.

Ela foi consciente da manobra de controle, do conhecimento de Drew de que ela não causaria uma cena tentando lutar para adiantá-lo.



—Nem sequer um olá. —Kia se deteve quieta e tranquila, olhando-o—Fora do meu caminho!

Fez uma careta de desprezo enquanto jogava uma olhada pelas altas e largas janelas que davam para a rua.

—Não vejo a limusine de Khalid esperando você. Ou Chase. Já caiu em desgraça?

Kia permaneceu em silêncio. Ficou olhando pela janela, observando enquanto perdia seu táxi para outro casal. Não tinha intenção de discutir com ele em público.

—Vi com quem abandonou a festa —sussurrou, surpreendendo-a— Como esperei fora de nosso fodido edifício de apartamentos e vi quem saiu mais tarde. Fodida hipócrita reprimida!

Kia se sentiu ruborizar quando se separou dele, o vergonhoso terror começando a crescer em seu interior.

—Evidentemente, deveria ter prestado mais atenção para onde vagavam seus olhos —espetou— Nenhuma vez pôde manter seus fodidos olhos separados de Chase Falladay e então gritou e chorou quando tentei te dar o que desejava?

A voz de Drew era ainda o suficientemente baixa para que não tivesse chamado a atenção. Ela ficou olhando ao redor do vestibulo, captando o olhar do maître enquanto este olhava carrancadamente para Drew. Quando deu a volta, Kia sentiu que seu ritmo cardíaco se alterava.

—Olhe para mim, Kia —grunhiu Drew.

Voltou-se para ele.

—Não temos nada para discutir, senhor Stanton. Por favor, deixe-me passar.

Refrear sua própria raiva não foi fácil. Durante dois anos, tinha causado um sem-fim de dor. Tinha conseguido interferir em vários dos projetos de caridade que ela ainda presidia através da companhia de seu pai onde ele ainda tinha um trabalho. Continuamente fingia ser o cônjuge maltratado ante seus pais, conseguindo provocar alguma simpatia neles.

—Está se prostituindo por eles. —A ira marcava suas feições—Ele não esteve de acordo em ser um terceiro faz dois anos; acredita que o está fazendo agora por alguma razão além da amizade com esse bastardo de Khalid?

A comoção rasgou uma navalhada através de sua alma quando cuspiu as palavras. Meu deus! Certamente ele não tinha pedido a Chase... Não. Mas soube que ele tinha pedido. Que o fez. E Chase nunca havia dito uma palavra.

—Afastese de mim, Drew! —Ela se aproximou, estalando a ordem na cara de Drew, mostrando os dentes enquanto a raiva começava a rasgar em seu interior— Afastese de mim ou colocarei uma ordem de afastamento contra você. Não direi isso uma segunda vez.

Passou junto a Drew, quando de repente ele deu um passo atrás, surpreendendo-a. Passou rapidamente através das portas, fazendo gestos a um táxi que passava justo por ali e entrou nele depressa. Estava tremendo, furiosa.

Drew tinha pedido a Chase ser seu terceiro, e Chase nenhuma vez o havia dito? Desejava cobrir o rosto mortificada. Seja porque Drew tinha pedido, ou porque Chase tinha rechaçado, Kia não poderia decidir-se.

Sentiu-se humilhada na essência própria de seu ser e agora rezou para não ver Chase logo.



Deus, quanto pior poderia chegar a ser sua vida?

* * *

Khalid se aproximou de Drew Stanton lentamente no espaço onde tinha estado parado, seu olhar imperturbável, sua expressão serena e tranquila; assegurou-se disso.

O homem mais baixo empalideceu, como havia feito na noite que tentou violentar sua esposa e se encontrou com a ponta da adaga de Khalid contra a garganta.

Khalid tinha aceitado ser seu terceiro uma vez. Uma vez, porque a esposa de Drew tinha essa latente e adormecida sensualidade que sempre atraiu Khalid.

Deveria ter se perguntado sobre Drew lhe dar a chave do apartamento e o momento para chegar, mas naquele tempo Khalid não tinha perguntado. Cada membro do clube de homens de Ian Sinclair tinha sua própria forma de administrar tais assuntos, tal como fazia Khalid.

Quando ele chegou, Kia dava a aparência de estar perdida no prazer que seu marido estava lhe dando. Quando Khalid se uniu, não levou muito tempo para inteirar-se de que o prazer era embriaguez e quando ela se deu conta de que outro homem a havia tocado, a histeria a embargou.

Não podia culpá-la. Dava graças a Deus todos os dias de que Stanton tinha prestado atenção à ponta de sua adaga e nunca revelou quem foi o terceiro nessa noite.

—Não a incomodava. —Drew umedeceu os lábios nervosamente quando suas costas toparam com a parede.

Khalid se deteve.

—Posso ter que matá-lo lentamente —murmurou ao ouvido então— Roubado de sua cama, levado a um deserto que nunca saberá o nome e torturado até que rogue pelo inferno. Quer isso, homenzinho? —insultou-o.

Drew empalideceu de maneira alarmante.

—A machucou o suficiente —afirmou Khalid.

—É minha esposa.

Khalid sorriu lentamente.

—Deseja ver o inferno?

Drew negou com a cabeça rapidamente.

—Então escute minha advertência. Escute bem. Porque ambos sabemos, verme, que não teria problema em cortar suas bolas e alimentar com elas meus mascotes. Não é?

Não esperou uma resposta. Em troca, moveu-se às portas e deixou o restaurante quando sua limusine se deteve na calçada.

Deslizando na parte traseira, olhou o espelho retrovisor onde o chofer o observava.

—Edifício da senhorita Rutherford, Abdul. Parece que tenho certo assunto ali.

Abdul assentiu com a cabeça e a limusine deslizou brandamente da calçada. Talvez, Khalid pensou, deveria ter matado Drew Stanton quando teve a desculpa correta. Agora essa suja consciência sua simplesmente o incomodaria.

Durante um ou dois dias.



Capítulo 8

Chase fechou com força a gaveta do arquivo, ignorando a diversão de seu gêmeo, antes de retornar à mesa e sentar-se pesadamente. Abriu a seguinte pasta, mas maldição se podia entender uma palavra do que estava lendo. Tudo o que podia pensar era em Kia. Nessa maldita aparência de seu rosto, estoica, taciturna, da última vez que a tinha visto. Seu olhar tinha sido tranquilo; nem sequer tinha havido raiva ali, somente essa aceitação cheia de orgulho que ele não ia consentir.

Sabe, Marcy Stephens se gabou muito desagradavelmente das noites que você e Cameron passaram em sua cama. Jura que Cameron era o único que escapava depois de sua liberação e que você era o que a acariciava durante a noite. Deve tê-los confundido.

Apertou a mandíbula enquanto recordava a tranquila acusação em sua voz. Ficou abraçado às outras durante a noite, então por que não podia abraçá-la?

Porque era um maldito imbecil, esse era exatamente o porquê. Porque Kia era como um choque de trens esperando acontecer em seu coração. Não podia manter-se longe dela, mas isso não significava que tivesse que piorar as coisas permitindo que se desenvolvessem sentimentos.

Mantenha-se no nível físico, disse a si mesmo. Não deixe entrar a emoção e ninguém vai sair machucado.

Então, por que diabos se sentia como o maior filho da puta da terra porque não tinha ligado para ela? Porque ela não esteve nesse maldito jantar na noite anterior a que passaram juntos. Porque não havia dito que se unisse a ele e a seus amigos nas outras vezes no transcurso da semana.

Porque sabia que a queria com ele e não podia obrigar-se a fazer a chamada.

Enquanto estava sentado ali chutando-se mentalmente, a porta se abriu e entrou Ian. Fechou a porta atrás dele e se apoiou nela enquanto Chase levantava a cabeça e o olhava furioso.

Ian franziu o cenho.

—Estou seguro que deveria culpá-lo por isso. —disse despreocupadamente— Encontrarei a maneira de provar que é sua culpa, Chase.

Chase fechou a pasta e cruzou as mãos sobre ela, olhando seu chefe com uma tentativa de cortesia.

—O que fez desta vez? —perguntou Cameron a Ian quase alegremente— Chegaremos a açoiá-lo?

—Amadureça de uma vez! —respondeu bruscamente Chase a Cameron.

Ian suspirou.

—Hoje Courtney foi às compras.

Chase grunhiu ante isso.

—Não é minha culpa se ela foi às compras.



—Não, mas é inteiramente culpa sua, estou muito seguro disso, de que ela me ligasse e me pedisse por favor que diga a você que verifique seu correio eletrônico. Agora minha esposa está conspirando, planejando e confabulando e vou culpá-lo.

Chase sentiu que suas bolas se apertavam pelo medo. Cada vez que Courtney conspirava, planejava ou confabulava, um homem tinha que ficar apavorado.

Girou para o computador, abriu o correio eletrônico e clicou na mensagem de Courtney.

Isto é o que ela comprou em nosso passeio de compras. Não ficará verdadeiramente sedutora?

E havia um arquivo anexo.

Chase clicou no arquivo anexo como se fosse um vírus. Abriu-se, as diminutas fotografias fizeram que seu coração começasse a palpitar com fortes batimentos, enquanto Cameron e Ian se moviam atrás dele.

Os artigos de lingerie eram tão pecaminosos que ia explodir. Vermelho e negro, branco virginal e um profundo azul safira. Camisetas e regatas, sutiãs e espartilhos, e calcinhas tão delicadas que jurou que podia sentir uma fina linha de suor sobre a testa enquanto olhava as fotos que alguém tinha tirado com seu telefone celular.

E a expressão de Kia enquanto escolhia os artigos. Um pouco distante, um sorriso sensual inclinando os lábios, como se estivesse imaginando o que seu amante pensaria.

Fechou o arquivo rapidamente.

—Fora! —Grunhiu a seu irmão e a seu chefe enquanto limpava o suor da testa e se obrigava a permanecer na cadeira em lugar de precipitar-se ao apartamento de Kia e implorar, suplicar de joelhos, que permitisse vê-la com cada um desses malditos objetos.

—Maldição! Espero que Jaci esteja prestando atenção ao que Kia comprou. —Suspirou Cameron— Melhor ainda, espero que não. Sou muito jovem para um enfarte.

Neste momento, um enfarte era a menor das preocupações de Chase.

Levantou o olhar para Ian.

—Por favor, informe a Courtney, que isso estava fora do lugar. —Ela estava conspirando em seu contrário. Chase sabia que terminaria fazendo-o, mas não tão rápido.

Ian sorriu.

—Sim, assumi que isto era sua culpa. O que fez? Esqueceu o aniversário da garota Rutherford? Algum tipo de aniversário pessoal?

Chase quase empalideceu. Não, Kia nunca teria dito a essas mulheres que se negou a passar a noite com ela. Mas poderia ter negado uma relação. Porque não havia relação.

—Não tenho uma relação com ela. —As palavras foram arrancadas de seus lábios, obrigadas a sair.

Ian levantou a sobrancelha. Chase jurou que Cameron estava se sufocando de risada atrás dele.

—Não me diga. —disse Ian arrastando as palavras, as sobrancelhas negras levantando-se em seu curtido rosto moreno.

—Isso é exatamente o que disse —grunhiu.



Ian deu uma olhada em Cameron.

—Está um pouco suscetível com o assunto não?

—Um pouco. —Cameron ainda soava sufocado.

Chase estava preparado para dar a volta e lhe dar palmadas para que o ar voltasse para os pulmões de seu irmão quando o telefone celular soou. Recolhendo-o da escrivaninha, esticou-se e amaldiçoou.

O número do investigador que eles tinham vigiando Kia por qualquer indício que Drew a estivesse perseguindo apareceu no visor.

—Falladay. —respondeu.

—Senhor Falladay, o senhor Stanton apanhou à senhora Rutherford no vestíbulo de um restaurante ao qual a segui. Tiveram um confronto. Tive a oportunidade de recolher fragmentos da conversa, ela partiu, mas bem aborrecida. Segui-a a seu apartamento e o senhor Stanton está agora ali no vestíbulo.

—O que escutou?

O investigador fez uma pausa.

—Fale. — disse bruscamente.

—Senhor, o senhor Stanton informou à senhora Rutherford de que ele o solicitou como um terceiro uma noite e você rechaçou o oferecimento.

Chase se congelou. Podia sentir a fúria aumentando dentro dele agora, uma onda rude e escura de pura fúria e conhecimento.

—Que o fodam. —Abandonou a cadeira, ignorando os olhares de Cameron e de Ian, aguçados pela preocupação—Fica com ele. Estou indo para o edifício.

—Sim, senhor.

Chase cortou a chamada, colocou o telefone celular na capa de seu cinturão, logo levantou o olhar para Ian.

—Stanton está descontrolado —disse bruscamente— Quero que faça algo com ele.

Ian jogou uma olhada a Cameron, logo retornou a Chase.

—Não acaba de manifestar que ela...

—Merda, nós lhe fizemos uma promessa —disse— Contate o comitê, Ian. Fiz uma promessa e eles me respaldaram. Respaldaram-me ao fazer que o investigador reafirmasse o problema e o problema está ali. Quero cuidar dele.

Os olhos de Ian se estreitaram sobre ele.

—Dentro dos limites de sua promessa. —Ian assentiu lentamente— Discutiremos quando retornar.

Chase não estava escutando. Deu uma pancada na porta ao sair do escritório e avançou rapidamente pelos corredores até a porta principal. Seu carro estava esperando no caminho de acesso onde o tinha estacionado mais cedo. As chaves pendurando no contato.

Saiu da propriedade com um chiado de pneus e um grunhido de fúria.

Fodido Stanton, a este passo ia terminar por ter que matá-lo. Ele devia manter-se longe de Kia. Ponto. Se seu punho não tivesse sido o suficientemente claro dois anos atrás, então Chase



acreditava que algo mais contundente que um golpe poderia fazê-lo entender o assunto. Talvez, vários.

* * *

Kia podia sentir a fúria, o ressentimento e a entristecedora vergonha aumentando em seu interior quando fechou de um golpe a porta do apartamento e jogou no sofá as bolsas que a estavam esperando com o administrador do edifício.

Derrubaram-se, esparramaram-se e lhe importou um nada. Tinha que tirar rapidamente as lágrimas furiosas que começavam a escorrer dos olhos.

Por esta razão se manteve à margem da sociedade. Devido a que as observações mordazes, os comentários sarcásticos e as puras crueldades que abundavam a destroçavam de formas que não tinha ideia de como combater.

Drew tinha atirado o golpe mais contundente a noite em que havia dito que não era suficiente mulher para ele. Diabos, isso tinha sido inclusive antes que tivesse introduzido seu maldito terceiro para ela.

Chase a tinha rechaçado?

O fato de que não tivesse tido importância a quem Drew introduziu essa noite não vinha ao caso. O fato de que se fosse Chase a teria feito cair mortificada tampouco vinha ao caso.

Chase a tinha rechaçado.

Secou as lágrimas enquanto dava um puxão à colcha do respaldo do sofá e a lançava através da sala. Seguiu o travesseiro. A fúria em seu interior não tinha saída e não tinha ideia do que fazer com ela.

Tirou a chutes os sapatos e grunhiu quando um bateu na parede e o outro aterrisou em alguma parte da cozinha.

Estava se comportando de maneira infantil e sabia. Irracional, diria sua mãe. Fungou e desta vez não se incomodou em limpar as lágrimas de seu rosto. Em troca, cobriu o rosto com as mãos, apoiou-se contra a parede e soltou o primeiro soluço.

Nem sequer podia compreender por que se sentia tão rechaçada, tão desamparada por dentro. Sentiu-se como se a tivessem despojado de seu orgulho uma vez mais e não tinha ideia de como reparar a falha.

Oh Deus!, se alguém ouviu o que ele disse. Sabia Rebecca? Drew e o marido de Rebecca ainda eram amigos. Sabia o que Drew fazia? Que Chase não a queria desde então?

E ela tinha sido tão patética. Comendo-o com os olhos exatamente como Drew a tinha acusado. Fascinada com sua aparência escura, bronzada, atraente, o corpo alto e duro e o conhecimento sensual, perverso, nos olhos cada vez que a olhava.

Estava tão fora de seu grupo que nunca tinha tentado chamar sua atenção. Era um desses homens que as mulheres adoravam de longe porque sabiam que nunca poderiam aspirar a tê-los.

Entrou na cozinha, umedeceu um pano e o colocou contra o rosto. Não queria chorar. Tinha derramado suficientes lágrimas durante dois anos para manter flutuando uma pequena cidade. Não podia permitir o luxo de fazê-lo de novo.



Mas doía. Doía saber inclusive que Drew o tivesse perguntado. O rechaço só cravava o aguilhão mais profundo, fazia a ferida mais cruel.

Secou as lágrimas do rosto e se sobressaltou quando a companhia da porta soou. Sem dúvida, mais pacotes. Esperava alguns mais.

Roupa que provavelmente penduraria no armário e nunca encontraria uma ocasião na qual usá-la. Lingerie que usaria sem que ninguém a visse.

Inspirou com aspreza. Não, isso não era verdade. Não desta vez. As roupas ao menos seriam vistas. Asseguraria-se disso.

Caminhou pisando forte para a porta e a abriu bruscamente.

Desejou ter verificado primeiro quem estava do outro lado.

Antes que pudesse dar uma portada na cara de Khalid, ele entrou e fechou a porta brandamente atrás dele.

—Chase sabe que está aqui? —perguntou furiosa— Ou o que? O envia para fazer o trabalho sujo por ele?

Khalid inclinou a cabeça lentamente, os fios grossos e negros de seu cabelo girando sobre os ombros, dando uma aparência perigosa, ligeiramente incivilizada.

—Só faço meu trabalho sujo, se não se importa —disse arrastando as palavras—Vi o confronto com Stanton no restaurante. Simplesmente vim ver como está.

Sua voz era suave, terna, uma melodia masculina que acalmaria qualquer mulher. Exceto Kia. Podia meter sua melodia diretamente onde lhe coubesse.

—Estou muito bem —informou com aspreza.

—Sim —assentiu com a cabeça — Posso vê-lo.

Olhou ao seu redor, sem dúvida advertindo a roupa atirada sobre o sofá e o chão, a manta lançada descuidadamente pela sala, o travesseiro ao outro lado da sala. Diabos, tinha esquecido o acontecido com os sapatos.

—Já pode ir. Feche a porta ao sair. — virou as costas e caminhou à cozinha para a garrafa de vinho que tinha na geladeira.

—Não o ouvi fechar minha maldita porta. —voltou-se e ele estava ali, parado justamente dentro da cozinha, sua expressão levemente desconcertada— O que? —Tirou de um puxão a cortiça da garrafa e alcançou um copo da prateleira de vidro— Não tenho tempo para tratar com você hoje, Khalid.

—Tem outros encontros? —perguntou.

—Vários. —O sorriso de Kia estava cheio de dentes— Minha agenda está enchendo rápido. Não sabia?

—E Chase sabe? —arqueando a sobancelha enigmaticamente.

—Chase não se importaria se soubesse. —Ela deteve o soluço por essa observação.

Separou-se dele e bebeu o vinho enquanto abria o congelador. Extraiu uma bandeja de comida congelada, arrancou a parte superior, e abriu o forno.

—Essa coisa é detestável. —A arrebatou bruscamente da mão e a jogou no lixo— Vou levá-la para jantar esta noite. Algo decente. Se Chase não vier.



Uma risada zombadora saiu de seus lábios. Sim, ela poderia ver esse acontecimento.

—Pedi a você que vá, lembra? Chase não está aqui, Khalid. Não posso...

Voltou-se para ele, olhou-o fixamente. O orgulho, recordou-se, era como uma adaga de lâmina dupla.

—Não posso... —engoliu com dificuldade, incapaz de dizer as palavras “estar sexualmente com ele”, tão simples como eram— Não irei... sem ele.

—Ah. Já vejo. —Assentiu com a cabeça, a voz tranquila, os agudos olhos negros a observavam—Está apaixonada por ele.

—Não. —De acordo, orgulho era uma palavra feia, mas tinha direito a ter um pouco. Depois de hoje, deveria ser merecedora de um carregamento enorme dele.

Então, Khalid franziu o cenho.

—Por que deveria ter importância se Chase se unirá a nós ou não?

Ela passou os dedos pelo cabelo e se afastou dele novamente. Exatamente, por que diabos deveria importar? Mas importava.

—Por que demônios está aqui? —Colocou sua taça na bancada, encheu-a e voltou o olhar para ele, lutando para conter a dor e a raiva.

Ela não queria parecer uma harpia ou uma cadela. Queria ter uma pequena e agradável sessão de pranto, em privado e logo continuar com sua vida. Não desejava tratar com Khalid, ou com as complicações que pareciam ter se desenvolvido em sua vida ultimamente.

—Vim para estar seguro de que estava bem. —Finalmente, encolheu os ombros debaixo da camisa de seda branca que usava e colocou as mãos nos bolsos de sua calça — Estava alterada quando saiu do restaurante e queria me assegurar de que ele não... —fez uma careta— Que não tinha arrebatado um pedaço de seu encantador orgulho. Mas vejo que é exatamente o que fez.

Um pedaço? Drew fizera pó de seu orgulho, mas isso não era assunto de ninguém, exceto dele.

—Eu ainda respiro. O que pensa disso? —replicou maliciosamente—Vá para casa, Khalid. Vá procurar alguém mais com quem jogar hoje.

—Nem sempre funciona dessa maneira —disse pensativamente.

—E por que não funciona dessa maneira? —enfrentou-o do outro lado da cozinha, desejando que simplesmente se fosse.

Khalid suspirou profundamente.

—Como vê esta relação entre você e Chase, Kia? —perguntou finalmente—Quando um homem introduz um terceiro, estabeleceu uma confiança, um vínculo entre sua mulher e o amigo que também a toca. Seu bem-estar e sua felicidade podem ser a prioridade de Chase, mas também são minha preocupação.

—Teria que existir primeiro uma relação. —informou, sua voz quebrada—Só por prazer, lembra, Khalid?

Ele franziu o cenho de novo, baixando as sobrancelhas pesadamente sobre os olhos negros.

—Em tomar, há mais que simplesmente te dar prazer, Kia.

Não no que a Chase se refere, Kia não ia informar Khalid desse fato tampouco. Colocou-se



nisto com os olhos bem abertos. Sabia que era unicamente sexo; se estava começando a sentir como se algo faltasse, então era culpa dela, não de Chase.

Levantou o queixo, e o olhou.

—Sabe que Drew, faz dois anos atrás, pediu para Chase estar aqui?

—Para ser o terceiro? —elucidou Khalid delicadamente.

Kia assentiu com a cabeça, vendo o conhecimento nos olhos de Khalid e fazendo retroceder um soluço.

—Não sabia —disse brandamente— E sem dúvida Chase não o teria mencionado, pequena. Tais ofertas se mantêm sempre entre aqueles que as fazem ou que as aceitam. Acaso importa?

Ela deu de ombros vacilante, tentando compreender de que forma importava.

—Sente-se rechaçada, não? —perguntou Khalid então, olhando-a em silêncio— Este homem que agora possui seu coração, rechaçou-a inclusive em um momento quando não o poderia ter aceito.

—Não é isso. —Mas o era, em certo modo— E esquece que perguntei. Que diabos importa a você, de todo modo?

Os lábios de Khalid se arquearam tristemente.

—Faço de você meu assunto, bela, simplesmente porque você está viva e se desliza através da vida com graça e beleza. —Seus olhos brilharam maliciosamente, quando jogou o extravagante elogio.

Ela não desejava escutar adulações, mas seus lábios se arquearam antes que pudesse controlá-los.

Kia sacudiu a cabeça quando a campainha da porta soou de novo. Dirigiu-se à porta e ficou surpreendida quando a segurança se abriu e o trinco girou. Chase entrou, com muita confiança, fazendo girar uma chave na mão e olhando-a com um toque de raiva enquanto fechava de repente a porta atrás dele.

Ele detectou imediatamente Khalid, o olhar movendo-se entre a expressão dela e a do outro homem.

—Está bem? —perguntou a Khalid.

—Ainda tenho que determiná-lo —respondeu Khalid— Um pouco zangada, embora deva admitir que pode ter motivo para estar.

—Olá, gente, perdão. Ainda estou aqui. —Tinha vontade de jogar algo sobre suas cabeças quando se aproximou indignada de Chase e arrancou a chave da mão— Como conseguiu isto?

A sobrancelha de Chase se arqueou.

—Ian é o dono do edifício. Eu sou seu empregado. Recorda?

Deu a volta e se afastou dele, batendo a chave sobre a mesa antes de levantar o vinho e tomar um saudável gole.

—Estou bem. Ambos podem ir agora.

Não se via bem. Parecia ferida. A dor reluzia nos olhos brilhantes. Seu rosto estava pálido e os lábios apertados.

—O que Drew te disse?



Kia deixou o copo e o olhou. Deus, amava olhá-lo. O modo como seu cabelo roçava a testa e emoldurava o escuro rosto. Esses olhos verdes claros. Era tão alto que a fazia sentir delicada, tão forte que lhe recordava que era uma mulher. E tanto que ela deveria ter tido melhor critério que tentar tê-lo.

—Por que não me disse que pediu a você que fosse seu terceiro naquela noite? — terminou o vinho enquanto forçava as palavras além de seus lábios.

Falsa coragem. Dois meios copos foram suficientes. O champanha podia pô-la debaixo da mesa, o vinho a fazia muito valente. De qualquer maneira, o álcool era algo que ela sabia que não devia consumir quando precisava manter o juízo.

Tinha conseguido surpreendê-lo. A mandíbula de Chase se apertou e olhou para Khalid. O outro homem deu de ombros, a expressão inescrutável.

—Não disse porque não queria machucá-la. — disse finalmente— Eu o rechaicei, Kia. Eu não fui o que estava aqui com ele essa noite.

—Oh, sim, sou muito consciente do fato de que o rechaçou —disse— Ele o deixou muito claro hoje. Quantas pessoas sabem? A quantos outros se aproximou nesse maldito clube antes que tivesse sorte e encontrasse um interessado?

Ela cruzou os braços sobre os seios e disfarçou as lágrimas com sua ira. Sentia-se como um pedaço de carne em exibição que não tinha estado à altura. O que era pior? perguntou-se. Saber que tinha estado em exibição, ou saber que tinha sido rechaçada.

—Nunca perguntei — respondeu Chase, a voz muito suave, quase como uma advertência — E não tem importância a estas alturas.

—Claro que tem. — Ela sacudiu a cabeça, tentando aferrar-se a sua raiva porque não tinha outra coisa a que agarrar-se.

—Precisa se manter afastada de Drew, Kia. — disse Chase de maneira terminante, sua expressão furiosa quando se deslocou para ela, agarrou-a pelos braços, e a olhou exigente— Dê-me tempo para me ocupar das coisas e a deixará em paz novamente. Até então, se assegure de manter a distância entre vocês.

Ela o olhou com incredulidade antes de soltar-se de uma brusca sacudida.

—Até que você possa fazer o que? Ocupar-se das coisas? O que vai fazer, Chase? Prendê-lo em algum lugar? — Riu com amargura enquanto dava as costas— Lamento sua sorte, garotinho, mas isto não é o Longínquo Oeste. Não faz suas próprias regras.

—Mantenha-se afastada dele, Kia. — cuspiu de novo.

Voltou-se para ele, olhando-o com fúria enquanto Chase expunha suas exigências.

—É o mesmo homem que não me quis dois anos atrás verdade? — perguntou finalmente— Sabe, quando me casei, pensei que tudo sobre polir-se e as atuações para prender a atenção masculina tinham terminado. Quem sabia que só pioravam? Não, já não ia às compras para um marido. Diabos, não. Ia às compras para um terceiro. Quem ia dizer!

Olhou para ambos. Parados ali, olhares pensativos, como se ela fosse a que de algum jeito tinha conseguido voltar-se louca.

—Drew desvirtuou tudo isto, Kia. — disse Chase suspirando afinal— Experimentou algo que



nunca deveria ser.

—Assim simplesmente me diga o que deveria ser. —exigiu— Ou deveria adivinhar? Porque, os maridos de seu genial e maravilhoso clube simplesmente amam tanto a suas esposas que desejam assegurar-se que sempre haja alguém que vele por elas —disse sarcasticamente— Assim têm seu pequeno ramallete de gigolôs que representam um bonito papelzinho de terceiro em suas camas, assim ela está bem e adequadamente vigiada no caso de que algo lhes aconteça, verdade?

—Gigolô —murmurou Khalid— Devo me sentir insultado, Chase?

—Provavelmente —disse Chase arrastando as palavras, olhando para Kia com um toque de diversão.

—Definitivamente —replicou Kia—Então, por que não vai? Assim não terá que ser insultado por mais tempo.

—Sinto muito, meu bem, tem os termos um pouco errados.

—E você tem a arrogância um pouco equivocada, Falladay —respondeu bruscamente— Realmente não me importa o que é o clube de garotinhos ou como funcionam seus jogos. O que me importa é ser humilhada, não uma, mas sim duas vezes, por um de seus membros. O que me importa é manter a boca fechada para preservar seu maldito segredo enquanto esse bastardo que protege, detém-me em público e começa a me informar na cara que fui rechaçada em um joguinho sujo no qual não tinha nenhum interesse.

—Maldição, Kia. —passou os dedos grosseiramente pelo cabelo— Pensa que não sabia, inclusive então? Pensa que não era perfeitamente consciente do fato de que alguma vez teria sobrevivido ao que Drew queria de você?

—Nem sequer me disse o que ia fazer! —gritou Kia—Permitiu, Chase. Deixou-o me fazer isso e logo me fez sentir culpada por cada conto sórdido que ele me contou sobre seu pequeno e perfeito clube. Maldito seja.

—Kia, não foi assim.

—Saia imediatamente de meu apartamento! —grunhiu a ambos—Tive o suficiente.

—Mantenha-se afastada de Drew, Kia. —A voz de Chase se endureceu.

Kia cravou o olhar nele. Um ano atrás, diabos, um mês atrás, ela teria aceitado impacientemente a qualquer exigência semelhante. E não importava que tivesse toda a intenção de permanecer tão longe de Drew como fosse possível. Isso era completamente irrelevante.

Não, o ponto era, que estava ordenando que o fizesse. Como se tivessem uma relação, como se fosse algo mais para ele que uma boa transa, cada vez que ele e Khalid decidiam que tinham vontade.

E bem, ali estava o vinho. Falsa coragem. Ela realmente não bebia frequentemente, por uma razão. Turvava-lhe a mente o suficiente para fazê-la esquecer toda uma vida de regras quando sua própria raiva e sua inteligente boca estavam envoltas. Tinha tido o suficiente, combinado com sua raiva, a fez falar em um tom tão cortante, tão falsamente adocicado, como nenhuma debutante ou cadela de sociedade jamais criada.

—Não é meu marido nem meu pai. Nem sequer é meu puto amante —afirmou friamente—



A menos que possa reclamar um desses títulos, guarde para você suas malditas exigências, Chase, porque não estou de humor para elas.

Capítulo 9

Chase a olhou fixamente. Quase podia sentir sua cabeça pronta para explodir. Os impulsos dominantes que mantinha tão cuidadosamente encadeados, puxavam de suas correntes.

Ela era como uma chama, ardente. Seus olhos azuis brilhando com emoções e cólera, sua cara gentilmente arredondada estava ruborizada com elas, e esse pequeno queixo obstinado se levantou em desafio.

Ele era consciente de Khalid apoiado preguiçosamente contra a bancada da cozinha, vertendo vinho em um copo e olhando-os com curiosidade. Como se fosse algum maldito espetáculo que estivesse desfrutando.

Também era consciente de outras coisas. O sapato apoiado contra a parede como se tivesse sido jogado ali. A cascata de cetim, renda e seda sobre o sofá, caindo até o chão. A manta atirada pela sala, o travesseiro atirado contra as portas de vidro que conduziam a terraço.

Sutil. A fúria que tinha assolado o apartamento era sutil. Como Kia. Mas a cólera que impacientava agora dentro dela não era sutil, e provocava algo dentro dele que não queria examinar mais atentamente.

—Você não quer me pressionar nisto —adverteu, mantendo-se sob controle, deixando de lado o núcleo sexual dentro dele que às vezes parecia muito fortemente ligado a ela.

Kia riu. Um som quebrado e cheio de dor que fez Khalid estremecer e Chase inspirar bruscamente. Estava ferida. Ele não podia suportar vê-la ferida; não podia suportar ver essa decepção em seus olhos.

—Possivelmente você não quer me pressionar, senhor Falladay —adverteu ela— Você disse o que queria faz dois anos, e conseguiu o que quis de mim nas passadas semanas. Considere-se afortunado e seja consciente do que exige. Eu não sou uma pobre imbecil que vai sentar-se em uma canto e esperar que me diga quando me mover.

—Pedi isso? —disse ele cuidadosamente.

—E não vai fazê-lo. —informou ela antes de gesticular para a porta— Vamos. Fuja agora. Já fez aquilo para o que veio; advertiu-me que o obedecesse. Levarei em conta suas exigências.

Foi o sorriso que ela deu. Aquela pequena e apertada imitação de um sorriso que curvou as beiradas de seus lábios e não tinha uma maldita esperança de alcançar seus olhos.

Maldita seja, parecia uma fodida adolescente de pé na frente dele. Uns cômodos jeans rodeavam seus quadris, essa camiseta deliberadamente baixando só um pouco mais sob a beira do decote. Ela não era como as outras mulheres que conhecia. Vestia-se com o que gostava, não o que acreditava que devia vestir. Caminhava com majestosa elegância apesar de ser de baixa estatura, e ele não tinha nenhuma dúvida de que ela podia pôr a reis de joelhos.



Kia definitivamente o tinha pronto para ajoelhar-se.

—Quer considerar isso? —arrastou as palavras, consciente de Khalid terminando o vinho com uma careta, antes de erguer-se com interesse ante o tom na voz de Chase.

—Certamente o farei. —Ela apoiou as mãos nos quadris, e o controle do Chase minguiu — Um dia destes.

Já tinha tido suficiente. Seu membro estava tão duro contra as calças que palpitava. O sangue corria com força e rápido por suas veias, e uma neblina de luxúria começou a empanar sua visão.

—Vou surrar seu traseiro. —Manteve a voz tranquila, tão segura como a decisão que estava tomando.

—Você e quem mais? —mofou-se ela em resposta.

—Pois então, seu terceiro, é obvio. —Khalid riu entre dentes atrás dela enquanto Kia se voltava para ele.

Os olhos negros de Khalid brilhavam com prazer antecipado, sua expressão cheia dele.

—Já foi surrada, Kia?

Khalid manteve sua atenção enquanto Chase desabotoava a camisa e a tirou pelos ombros. Ela se voltou para ele, enquanto se aproximava a passos longos, abrindo muito os olhos, mas não com alarme. Cólera e entusiasmo piscaram conjuntamente em seus olhos agora, ruborizaram seu rosto, e relaxaram a tensa linha de seus lábios.

—Não se atrevera!

Rodeou-lhe os quadris com um braço e a aproximou bruscamente dele.

—Sente o que me faz, Kia? —grunhiu enquanto ela afundava os dedos no leve arbusto de pelo que lhe cobria o peito —Nota o fodidamente duro que me põe?

Notava-o. Não podia evitar senti-lo e ele sabia. O membro pressionava contra seu baixo ventre enquanto ele enredava os dedos entre seu cabelo e jogava sua cabeça para trás.

—Drew é perigoso. —disse Chase— Se manterá afastada dele.

Kia lambeu os lábios.

— Obrigue-me.

Obrigue-me. Ah, Deus.

Seus lábios caíram sobre os dela quando perdeu o último fio de controle, o qual jurou que manteria. O desafio de Kia, seu próprio conhecimento, uma maldita certeza de que Drew supunha algum risco para ela, flamejaram em seu interior. A determinação dela de permanecer cotovelo com cotovelo com ele e negar-se a ter em conta sua própria segurança impacientava-se dentro de Chase.

Maldita seja.

Obrigue-me! Isso era como agitar um capote vermelho ante um touro. Os instintos masculinos primários e primitivos saíram bruscamente de seu lugar, e nada importava exceto seus gritos de prazer. Que ainda estavam por vir.

Cobriu com seus lábios os dela, tomando o beijo que ele necessitava como necessitava do ar para respirar. Segurou-a contra ele, ignorando sua resistência. Ele conhecia a diferença. Tinha



nascido para saber a diferença entre as lutas de uma mulher para libertar-se e as lutas para estabelecer sua própria primazia.

Ela lutava contra seu beijo e a deixou morder seus lábios antes de devolver a dentada. Não com força. Só o suficiente para que ela sentisse. Então ficou quieta, levantando as pestanas para permitir que seu olhar se encontrasse com o dele.

A ira lutou com a própria sensualidade de Kia, com sua força. Devolveu o olhar e ele viu a fortaleza dentro dela que tinha dado por fato durante anos.

Essa força era excitante, erótica, perigosa.

Quando se tratava de sua segurança, ele não podia permiti-lo.

Chase não podia explicar por que o rechaço de Kia em prestar atenção a suas advertências fazia que seus impulsos dominantes crescessem dentro dele. Poderia ter discutido até convencê-la. Poderia pôr um guarda-costas. Em troca, sexual, poderosa, ela chamava a esse núcleo dominante em seu interior com o que sempre lutava.

Mordeu-lhe os lábios outra vez. Devolveu-lhe a dentada, mantendo-a em seu lugar, depois devorando seu beijo. A língua dele se inundou em sua boca, lambendo e acariciando, enredando-se com a dela enquanto as unhas da Kia lhe arranhavam o peito, traçando um caminho de fogo para seu abdômen sem romper a pele.

Chase gemeu pelo extremado prazer antes de retirar-se. Seu braço apertado ao redor de seu quadril, levantou-a e as pernas dela rodearam seus quadris, abraçando-o enquanto suas pestanas revoavam e a quente vagina se esfregava contra seu membro.

Maldita seja.

Obrigue-me! As palavras ecoavam em sua cabeça enquanto a levava para a cama, ajoelhando-se no colchão e deitando-a de costas ao longo do edredom.

—Alguma vez foi surrada, Kia? —seus dedos foram para os botões da suave blusa de algodão.

Segundos depois, o tecido desapareceu e teve que apertar os dentes ante o gemido que ameaçava rasgar através dele.

Aqueles sutiãs iam ser sua morte. A sedosa renda cavava e levantava seus aumentados montículos enquanto que os mamilos se sobressaíam da borda de renda. Os duros e pequenos mamilos que se ruborizavam e demandavam atenção encheram sua boca de água por seu sabor.

Khalid se colocou na cama atrás de sua cabeça enquanto Chase a empurrava mais perto do outro homem. As mãos de Khalid se dirigiram ao botão dos jeans enquanto Chase retrocedia, sustentando seu olhar e despindo-se.

Virtualmente arrancou a roupa enquanto Khalid baixava o zíper da calça, revelando a suave e sedosa carne. Deus, ele ia explodir pela necessidade de tê-la, de tomá-la, empurrar o membro dentro dela e ouvi-la gritar de prazer.

Tirou os sapatos e as meias antes de agarrar as pernas de suas calças e tirá-las.

As suaves calcinhas de corte baixo de algodão mal cobriam o montículo depilado de sua vagina. Chase sentiu que suas mãos começavam a tremer enquanto deslizava os dedos contra úmido meio de suas pernas.



—Chase, vamos surrá-la? —a voz de Khalid era baixa, divertida, enquanto estirava os braços de Kia sobre a cabeça e ela girava a cabeça, mordendo com seus dentes pequenos e afiados o estômago tenso de Khalid.

Chase sentiu seu próprio abdômen esticar-se, pela necessidade de seus dentes, arranhando, beliscando.

—Que completa delícia. —Khalid riu entre dentes, seus olhos negros brilhando quando levantou o olhar para Chase—Acredito que deveria castigá-la.

Chase estava hipnotizado por ela. Kia girou a cabeça para ele, lançando um olhar sob os cílios baixados e algo em seu peito doeu, quase de medo. Ele nunca tinha conhecido uma mulher que não se submetesse a ele sexualmente. Nunca tinha conhecido uma que o carregasse de impulsos dominantes como o fazia Kia. Que desafiasse o domínio sexual.

O desafio estava nos olhos de Kia e não havia nada tímido neles.

Os dedos dele se engancharam no bordo de renda de suas calcinhas e a puxou devagar para baixo sobre suas coxas, revelando a perfeição de pêsego e nata das reluzentes dobras entre suas pernas. Esses doces lábios o chamavam, a lembrança de seu sabor o deixou louco para lamber os escorregadios sucos.

Viu como a cabeça dela girava e se movia para torturar Khalid. Para torturar Chase. A língua de Kia lambia a grossa ponta do membro do outro homem enquanto Chase deixava que sua mão acariciasse sua carne sensível e quente. Quase uma ligeira palmada, não de tudo.

Ela corcoveou com as pequenas e duras carícias, gemendo enquanto sua pequena e quente língua lambia o duro eixo do membro de Khalid.

Chase lambeu os lábios, movendo as mãos para abrir mais as pernas quando Khalid se moveu e a deitou sobre o estômago, obviamente rindo dele.

—Maldito seja! —ela lutou contra o agarre de Khalid, fulminando por cima de seu ombro Chase quando ele estendeu a mão, alisando sua palma sobre o traseiro.

Era arredondado, suave, os músculos apertando-se sob seu toque e ainda, o desafio brilhava nos olhos dela, esse “o desafio” que o deixava louco e não podia explicar por que isso o deixava louco.

—Ela prova seu controle —disse Khalid brandamente, segurando as mãos de Kia contra a cama, enquanto Chase sentava escarranchado sobre as pernas dela.

—Ela prova tudo. —murmurou, consciente do que revelava com essas palavras.

Fechou as mãos sobre os montículos de seu traseiro, flexionou os dedos e olhou suas costas arquear-se, descer e curvar-se enquanto ela pressionava sua carne contra as mãos dele.

—Nunca a surraram —declarou ele, baixando a cabeça para mordiscar no alto de uma curva.

—Não se atreveria —ela arrastou as palavras, o suave tom de senhorita sulina esticando seu ventre enquanto o membro se sacudia entre suas pernas.

—Oh, atrevo-me —disse ele— Me atrevo a isto e mais. Diga-me que terá cuidado Kia.

Ele deslizou brandamente as mãos descendo pelo traseiro, as coxas e olhou.

Ela baixou a testa enquanto seu traseiro se flexionava.



Tentando. Com ousadia. Desafiando.

—Sempre tomo cuidado. —gemeu Kia.

Ele deixou que sua mão batesse contra o traseiro.

Ela levantou a cabeça e o olhou por cima do ombro de novo e sorriu. Seu desafio. Chase viu o desafio em seus olhos.

E devolveu o sorriso. Ele definitivamente se atrevia.

—Me prometa que tomará cuidado —pediu— Que se manterá a salvo.

—Obrigue-me —suspirou de novo ela.

Kia podia sentir a transpiração reunindo-se em sua testa quando a segunda palmada aterrissou em seu traseiro. Porque era muito bom. Mandou fogo e gelo estendendo-se ao longo de terminações nervosas que nunca tinham conhecido tanta sensação. Cada pequeno golpe, só um pouquinho enérgico, só começando a criar um pouco de calor. Ela estava impressionada, desfocada. Não deveria sentir-se tão bem. Ela sabia que não deveria sentir-se tão bem.

Lutou contra o agarre de Khalid, excitada e entusiasmada, rebolando com cada palmada.

Depois ele pararia, beijaria, lamperia, acalmaria. Beliscou-lhe as nádegas, estendeu-lhe as coxas e ela soube que a liberação ia vir.

—Chase, meu amigo. —Khalid riu, embora sua risada estivesse cheia de excitação— Devo surrá-la eu? Acredito que você está muito mais inclinado para outras atividades.

—Outras atividades parecem malditamente tentadoras —grunhiu Chase enquanto cobria em côncavo a mão sobre sua vagina, energicamente, o pequeno golpe fazendo-a ficar de joelhos, um grito rasgando-se de sua garganta.

Isto não deveria ser bom. Não deveria. E depois a esfregou com a palma, deslizando contra a carne escorregadia, criando pura fricção sobre o clitóris enquanto ela tentava apertar-se mais perto.

—Maldição. Está molhada. —Sua mão deslizou entre suas coxas.

—Não. Não, Chase, não pare. —Empurrou para ele, de joelhos, estendendo as coxas— Não pare.

Sentiu-o mover-se, sentiu as mãos dele agarrando os pulsos, os segurando contra a cama enquanto ela levantava seus ombros, balançando-se sobre os cotovelos e joelhos quando o comprimento grosso e pesado de seu membro esteve à vista.

A inchada glândula avermelhada. Kia se levantou, gemendo quando a mão de Khalid aterrissou em seu traseiro. Ela se esticou com o pequeno calor enquanto Chase agarrava o eixo de seu membro e pressionava a dura carne contra os lábios.

—Ah, Deus. —O gemido de Chase soou desigual, rouco, quando ela tentou engolir o que necessitava. Tomou seu membro tão profundo como era possível, chupando e lambendo, pressionando contra as palmadas de Khalid quando estas se tornaram mais fortes, mais acaloradas, e ainda assim, não o suficiente.

Gemeu ao redor do membro que enchia sua boca, puxando-o com um apertão apertado, úmido e chupou enquanto sua língua esfregava a carne sensível de baixo.

Kia se obrigou a levantar os cílios e elevar o olhar para ele. Para ver como a cabeça de



Chase se inclinava para trás sobre seus ombros, riachos de suor corriam pelo áspero pelo de seu peito enquanto lhe sustentava as mãos nos quadris.

Estava fodendo seus lábios em curtas e duras estocadas, movendo-se entre eles lentamente, deixando-a tomar tanto como pudesse antes de retirar-se. Nunca muito. Nunca muito forte.

Atrás dela, Khalid estava deixando-a louca. Seus quadris se retorciam quando ele, estendendo-se entre suas coxas, acrescentou às agudas palmadas contra seu traseiro, acalorados golpes contra a carne muito sensível de sua vagina.

Manteve cada enérgica palmada na beira do prazer e da dor. Nunca o bastante em cada direção. Zombando dela, fazendo-a estender-se por mais, suplicar por isso enquanto gritava ao redor da ereção de Chase.

—Tão linda, Kia — murmurou Chase, levantando a cabeça para olhá-la enquanto ela sentia os hábeis dedos de Khalid deslizando-se entre a fenda de seu traseiro. Bem lubrificados, meteram-se no pequeno buraco, pressionando enquanto dava tapas e esbofeteava cuidadosamente com a outra mão.

Uma carícia forte em uma nádega e um dedo deslizando-se na pequena entrada que ele acariciava. Uma palmada na outra nádega e outro dedo deslizando-se dentro dela. Movendo-se. Acariciando. Em uns segundos esteve separando-a brandamente, pequenos movimentos cortantes de seus dedos que a fizeram rogar silenciosamente, olhando Chase enquanto enchia a boca com seu membro.

Ela necessitava. Precisava ser fodida. Tomada. Com dureza.

—Foda-a, Khalid — sussurrou Chase.

Khalid se deteve.

—Assim? — Seus dedos se deslizaram mais profundamente dentro dela.

Chase negou com a cabeça.

—Foda-a. Quero-a aí. — Ele baixou o olhar para a Kia — Confia em mim?

Com tudo o que era, com tudo o que havia dentro dela.

Chase apertou a mandíbula durante segundos longos.

—Sem camisinha — sussurrou — Quero tomá-la aí, desprotegido, Kia. Estou morrendo por você. Desprotegido.

Khalid pareceu ficar quieto atrás dela. Um segundo depois, seus dedos se deslizaram livres dela enquanto Chase liberou o membro de seus lábios.

Ela estava aturdida. Olhou para Chase enquanto a endireitava até que pôde abarcar seu rosto, apoiando seus lábios contra os dela.

—Estou protegida — sussurrou ela — Pode me tomar. Goze dentro de mim. Da maneira que quiser.

Chase fechou os olhos. Apertou-os.

—Justo assim. — Beijou-a, puxou seu lábio inferior, acariciando com sua língua sobre ele — Assim, Kia.

Girou-a para Khalid.



Uns gentis olhos negros devolveram o olhar enquanto ela se sentava escarranchado sobre os quadris do Khalid. Sua respiração se deteve quando sentiu contra ela, o primeiro toque da ponta de seu membro coberto com uma camisinha.

Khalid baixou a cabeça enquanto Chase se movia atrás dela, até que seus lábios estiveram contra o ouvido de Kia.

—Fecha os olhos —disse meigamente.

Kia fechou os olhos enquanto ele se deslizava mais profundamente dentro dela, os quadris de Chase afundando seu membro dentro dela.

—Ele nunca, em todos os anos que o conheço, tinha tomado uma amante desta maneira. Desprotegido. Sem distância. —A voz de Khalid era tão suave que ela mal podia escutar suas palavras.

—Kia. —Chase lhe tocou o traseiro, separou-lhe as nádegas, e olhou como Khalid finalmente se afundava em seu interior até o punho.

—Ele me vê dentro de você. —Khalid beijou sua orelha com suma suavidade— Ah, doce. Haverá poucas vezes em que ele me permita este prazer.

Ela se apertou ao redor de seu membro enquanto sentia a dura ponta da ereção de Chase apertar contra a entrada traseira.

—Agarre-se a mim, pequena.

As mãos de Kia foram pressionadas contra os ombros de Khalid. A sua ordem, curvou as unhas contra eles.

Gemeu com a sensação da carne quente e dura como o aço movendo-se contra ela.

—Sua cara está retorcida pelo êxtase —Khalid falou contra seu ouvido— Tenso. Selvagem. Perderá o controle uma vez que se afunde dentro de você.

Kia tremeu, estremeceu quando ouviu o gemido de Chase atrás dela.

—Desfrutarei sendo agarrado por sua carne quente desta vez. —Beijou-lhe a bochecha —Temo que nunca outra vez.

—Chase! —ela gritou seu nome quando a ponta de seu membro se afundou nela, passando o anel tenso e apertado do músculo, flamejando aberto quando ele gritou seu nome.

—Kia, pequena. Com calma. —As mãos de Khalid a apertaram nos quadris enquanto ele resistia debaixo dela — Chase, ela está muito apertada para isto —gemeu.

—Não. Não. —Kia cravou as unhas nos ombros de Khalid— Não pare. Por favor. Por favor não pare.

Chase estava desprotegido, quente. Ela podia sentir cada sulco de seu membro, cada pulsado do sangue através das marcas das veias enquanto ele movia a grossa carne dentro dela.

—Kia. Deus, como ele aguenta este prazer?—Khalid ofegava sob ela — Tão doce. Tão doce.

Ela apertou, ordenhando o membro que mantinha cativo quando Chase se enterrou mais profundamente dentro de seu traseiro, tomando-a, deslizando-se dentro dela, lentamente, brandamente. Até que ela conteve cada duro centímetro. Tão quente. Tão perverso.

Umas duras mãos lhe apertaram os quadris, a cintura.

Ela sentiu o suor gotejando por suas costas.



—Kia. Deve me dizer — Khalid— Se for muito rude. Deve me dizer isso

Ela podia sentir a tensão no ar, tensa em seus corpos.

—Ah, Deus. —Chase parecia estremecer atrás dela.

—Chase! —a voz de Khalid foi como um chicote. A partes iguais de prazer atormentado e preocupação.

—Cale-se. —gritou ela.

Kia se moveu, sentindo ambos gemer, escutando-o. Seus membros se moveram dentro dela, deslocando-se, palpitando.

Podia sentir a si mesma abrasando-se. Tão perto da liberação. Tão perto de perder esse último bordo de desespero.

—Chase. —Kia curvou as costas enquanto as mãos de Khalid se deslizaram por sua cintura, cobrindo seus seios— Foda-me. Tome, maldito seja. Dê-me isso pelo menos.

Pelo menos o prazer.

Ela o sentiu mover-se, cobri-la, sua testa pressionando no pescoço quando ele finalmente grunhiu seu nome. E se moveu.

Como se a frágil tentativa de controle que os continha houvesse se quebrado, Khalid e Chase fizeram erupção com selvageria, com sons masculinos de fome.

Eles começaram a mover-se, empurrando, golpeando. Não foi lento. Ela não queria devagar. Foi duro e profundo. Eles se inundaram dentro dela, seus membros bombeando, empurrando com selvageria em um ritmo sincronizado. Os golpes da carne, os selvagens gemidos, dela ou deles, ela não sabia de quem.

Kia sabia que o prazer era muito. Sabia que estava morrendo, queimando viva e rogando por mais. Mais forte. Mais rápido. Algo para queimar o duro nó de tortuosa necessidade que a rasgava.

O prazer e a dor não se comparavam. Havia tão pouca dor. O ardor, a necessidade, a fome agonizante de mais. Isso era dor. E prazer. Não havia palavra para o prazer. Era puro êxtase. Estava envolta em prazer ardente. Estava destruindo-a de dentro para fora e voltando a criar alguma parte dela que ela mesma se perguntava se deveria temê-la.

—Tão doce. —Chase estava lhe beijando o pescoço, os ombros, empalando seu traseiro com abrasadores e duros golpes— Ah Deus. Kia. Meu bem. Preciso de você. Preciso de você tão fodidamente.

Ela podia senti-lo, apertando-se.

—Doce meu bem. Deus, adoro seu corpo, amo... —a mordeu com os dentes no ombro, e ela se desfez no agarre por eles.

Kia se entregou a isso, tentou gritar, mas só conseguiu emitir um desesperado gemido de culminação enquanto sentia o nó apertado de seus clitóris, a torturada tensão em sua útero, simplesmente explodiu. Rompeu-se por dentro. Fragmentos de quem tinha sido uma vez se fundiram sob uma cascata de quem quer que fosse agora.

Atrás dela, Chase gritou seu nome, corcoveou, sacudiu-se e ela congelou.

O prazer ainda era uma chuva candente de intensidade, e se ampliou.



Seu sêmen palpitou em seu traseiro. Líquido quente, saindo a jorros dentro dela enquanto girava sua cabeça de lado, inclinava-se para ela e roubava o fôlego com um beijo que a lançou mais alto, mais quente, que lhe roubou a alma.

Mal foi consciente da liberação de Khalid, de seus estremecidos fôlegos, o grosso batimento de seu membro enquanto se derramava dentro da camisinha que tinha posto.

Mas atrás dela. Atrás dela sentia Chase. Sentia-o em seus lábios. Sentia-o dentro dela, uma parte dela e sentia as lágrimas deslizar de seus olhos.

Porque sabia que nunca poderia ser a mesma de novo. Queria ser aquela que pensou que poderia abraçar homem que agora derramava sua semente dentro dela.

Queria ser selvagem, corajosa e queria ser uma mulher que pudesse tomar o prazer que ele tivesse para dar.

Ela não era essa mulher.

Capítulo 10

Chase estava no banheiro, provavelmente escondendo-se, como os homens costumam fazer quando estão em um estado de ânimo covarde, pensou Khalid maliciosamente.

Kia jazia no centro da enorme cama, uma pequena forma aconchegada que tinha chorado silenciosas lágrimas quando tinha alcançado o clímax entre ele e Chase.

Khalid terminou de vestir-se e sentou na beira da cama, olhando-a até que levantou essas úmidas pestanas e o olhou com abatimento.

Ele recordou ter estado aqui há dois anos, dando-se conta de que seus gritos e suas lágrimas não eram os de uma mulher excitada e sentindo a fúria agitando sua alma. Quase tinha matado Drew nessa noite. Tinha desejado mais que nada ter deixado o bastardo jazendo em seu próprio sangue.

Inclinou-se mais perto e retirou o cabelo da bochecha, olhando-a meigamente.

—Diga a ele. —disse gentilmente.

Sua respiração se entrecortou.

—Acredita que machucaria meus sentimentos saber que não deseja minha presença aqui durante mais tempo? —assinalou com a mão para a cama, sentindo o peito encolher-se de novo quando os olhos dela se encheram de lágrimas — Querida, tão trágico como seria renunciar a este prazer, isso não é o que você necessita agora. Diga e ele e peça o que você merece.

Ela afastou o olhar, mas ele viu o brilho de aço em seus olhos. Kia já se deu conta disso, compreendeu ele. Essa era a razão das lágrimas.

—Como homens, há vezes que somos pobres desculpas de amantes —suspirou— Ferimos os corações sensíveis colocados ao nosso cuidado, porque nossa própria luxúria frequentemente nos governa antes que nossos corações aprendam a nos conduzir. Sua cabeça luta contra o que seu coração sabe.



Ela negou com a cabeça.

—É só por prazer —sussurrou, sua voz tosca— Pensei que poderia fazer isso.

Khalid negou com a cabeça.

—Eu sempre conheço a diferença, pequena. Seu coração governa sua luxúria e sempre, Chase atraiu sua atenção tanto como seus desejos. Soube durante muitos anos. É Chase quem não quer ver. Arriscaria seu próprio coração, seu próprio objetivo vê-lo. Às vezes, os homens como nós, não vemos a verdade de nossos próprios destinos.

Percorreu com seus dedos a pálida bochecha.

—Se não passar a noite com você e a escuridão se tornar insuportável, estou a uma chamada de telefone.

—Não posso...

Colocou os dedos sobre seus lábios.

—Posso manter afastada a escuridão —prometeu brandamente— Não sua necessidade daquele que ama. Não tentarei excitá-la, pequena, simplesmente a abraçarei. Às vezes, só precisamos dessa calidez na escuridão, não?

Os dedos dele tocaram o dorso da sua mão, um sorriso triste deu forma a seus lábios, e soube que ela nunca ligaria.

—Você merece uma mulher muito especial, Khalid. —sussurrou Kia.

Ele negou com a cabeça.

—Mereço muito menos do que acredita.

Khalid olhou fixamente ao redor do quarto e se perguntou se sua dívida com ela tinha diminuído. Uma parte dele sentia que não. A noite em que quase tinha participado no ato mais horrível que uma mulher pode ser forçada ainda queimava em sua memória.

Jurou a si mesmo que nunca tomaria mais de um sorriso que uma mulher não queria lhe dar. Que proporcionaria só prazer, nunca dor. E a esta mulher delicada, tão jovem, tão atraente e sensual, ele quase tinha ajudado a destruí-la.

Escutou a água fechar no banheiro.

—Irei agora. —levantou-se da cama— Se precisar de mim, Kia...

Ela assentiu enquanto se levantava da cama e lançava um olhar à porta antes de voltar-se para ele.

—Chamarei você.

Mas ele sabia que não o faria, como ela.

Khalid suspirou ante o pensamento e assentiu antes de voltar-se, deixar o quarto e depois o apartamento. Que mais podia fazer neste ponto? Esta noite? Amanhã seria outra coisa.

Kia olhou como abria a porta do banheiro e Chase saía, metendo a camisa nas calças. Ela permaneceu de pé junto à cama ajustando o cinturão do robe e quando a olhou silenciosamente ela afogou um suspiro.

Sim, partia. Ela não tinha esperado nada mais. Sentiu a tensão ao redor de seus olhos, as lágrimas que queriam enchê-los e passou os dedos pelo cabelo antes de abandonar o quarto.

Ele a seguiu, olhando em silêncio quando ela se deteve junto à porta.



Deixá-lo ir sem rogar que ficasse foi a coisa mais difícil que jamais tinha feito. Não porque necessitasse que ele a fugentasse a escuridão. Porque necessitasse que ele a abraçasse. Porque ela tinha aprendido que necessitava mais que só o prazer.

—Não se incomode em voltar a menos que venha sozinho.

Viu a surpresa que apareceu em seus olhos. Mas como podia estar surpreso? Certamente ele não tinha pensado que isto poderia continuar assim indefinidamente.

Que sempre seria o pequeno brinquedo que ele podia compartilhar com seus amigos e que ela nunca ia pedir nada mais.

—Não desfrutou disso? —Entrecerrou os olhos, sua expressão se esticou. Não com ira. Estranhamente, ela pensou que deveria ter sentido uma pequena piscada de conhecimento em seu lugar.

Não podia afrontar deixar a si mesma preocupando-se por ele mais do que já tinha feito. Seu coração estava retorcendo-se por isso, ela necessitava mais, algo mais profundo, estava começando a roê-la como uma besta faminta. Vê-lo ir embora a cada vez, nunca conhecendo o lado mais suave e agradável de ter um amante, estava começando a doer muito. Queria rir na cama com ele. Queria despertar junto dele e discutir sobre os lençóis, e quão estúpido isso era?

E estava se apaixonando por ele. Sabia que estava. Logo Chase teria o poder de destruí-la de maneiras que Drew nunca poderia ter imaginado.

Devolveu-lhe o olhar, frente a frente, e sussurrou:

—Não tenho a força para um coração quebrado agora, Chase. E isto vai quebrar meu coração. Preciso mais que umas poucas horas de cada vez.

—Que diabos tem a ver um coração quebrado conosco? —Apertou a mandíbula, o músculo nela flexionando-se perigosamente.

É óbvio, para ele, o coração dela não tinha nada a ver. Eles nem sequer estavam envolvidos em uma relação. Não era nada mais que uma amiga com direito a toque, disse a si mesma, tão doloroso como era o pensamento e não podia suportar mais tempo.

—Tem tudo a ver comigo —respondeu— Pode vir para mim sozinho, ou nada. Tão quente, tão perverso, como foi estar com ambos, com você e Khalid, eu gostaria de ver, só uma vez, se você sabe como foder sem ele.

Formou-se um cenho entre as sobrancelhas de Chase.

—Isto é uma loucura, Kia. O que nós temos é algo que não encontraremos sem um terceiro.

—Bem, agora eu gostaria de encontrar por mim mesma —arrastou as palavras dolorosamente— Se você realmente acredita nisso Chase, pode sair por essa porta e encontrar outra mulher para ser o recheio no pequeno sanduiche entre Khalid e você. Realmente não me necessita para nada. Qualquer loira imbecil serviria.

—Não vai converter isto em algo que não é, Kia —advertiu— As emoções não vão formar parte disto. Esse foi o acordo. Pelo prazer. Esse é o trato que nós temos.

—Então, esse é seu trato, porque já tive o suficiente. —Ela levantou o queixo, sua respiração áspera, dolorosa. Podia sentir o doloroso golpe da faca cortando-a ante o conhecimento de que não poderia nem sequer ter isso dele por causa de suas próprias emoções



lamentáveis— Pode voltar aqui sozinho, ou não voltar.

Apaixonar-se fedia. Deu-se conta disso no dia que soube que seu casamento estava acabado, o que ocorreu inclusive antes da noite em que seu marido tinha tentado a dupla violação, mas não tinha se magoado como isto.

Isto era tudo o que Chase queria dela e entretanto, tinha o poder de quebrá-la.

Chase sacudiu a cabeça, como desorientado.

—Olhe, só precisa de um pouco de tempo. —clareou garganta e passou os dedos através do cabelo enquanto ela o olhava assombrada— Obviamente está transtornada por esse confronto de hoje com Drew. Sei que foi suficiente para desequilibrá-la. Uma vez que resolva o que temos aqui e que não quer deixá-lo, tudo o que tem a fazer é me ligar.

Me ligar. Khalid fez essa oferta. Seus lábios se curvaram maliciosamente.

É obvio, realmente não sabia por que ela estava insatisfeita. Era um homem. E isso era só pelo prazer. Ela era só por prazer. Não era suficiente mulher para seu coração. E que Deus a ajudasse, mas ela necessitava a emoção, o coração para ir com o homem.

—Isso não mudará nada —disse finalmente ela, brandamente enquanto abria a porta—. Se mudar de ideia, entretanto, possivelmente possa fazer você mesmo o esforço de me ligar.

Chase ponderou suas palavras em silêncio. Não podia arriscar-se. Sabia que não podia arriscar-se. Kia tinha um poder sobre ele que nenhuma outra mulher tinha tido. Dormir com ela, fazer amor com ela —e estaria fazendo amor, sabia com um instinto contra o qual não lutaria— se despiria ante ela completamente.

—Está segura de que isto é o que quer? —perguntou, aproximando-se dela lentamente, cobrindo sua bochecha em sua mão e olhando seus cílios revoar de prazer. E dor.

—Estou segura.

Não soava segura. Soava perdida e sozinha, como uma mulher lutando contra as lágrimas. Mas seus olhos estavam secos, embora seu rosto estivesse pálido.

— Kia...

—Só vá Chase —sussurrou— Por favor. Só vá.

Ele se foi. Obrigou a si mesmo a sair pela porta, forçou a si mesmo a manter-se em movimento quando se fechou silenciosamente atrás dele. Como obrigou a si mesmo a caminhar na fria tarde, chamar um táxi e ordenar que se dirigisse ao Squire Point.

Mas deixou algo atrás, pensou para si. Algo que possivelmente nunca recuperaria.

* * *

Cameron se acomodou na cadeira quando seu irmão irrompeu no escritório na manhã seguinte. Tarde.

Nos anos em que Chase e ele estavam trabalhando para Ian Sinclair, Cameron não podia recordar da última vez que seu irmão se atrasou. Por nada.

Chase era metódico; gostava de manter seu horário e se orgulhava de ser pontual. Houve um tempo em que Cameron se perguntou se seu irmão era humano em vez de um robô quando chegava na hora.



—Chega tarde. —Assinalou o óbvio enquanto Chase lançava a jaqueta no cabide da parede e perambulava para a mesa do computador.

Recebeu alguma tipo de grunhido em resposta.

Cameron sorriu, ficou cômodo na cadeira e estudou o enigma que era Chase. Levou uns cinco segundos. Nos últimos seis meses Cameron estava permitindo lentamente que o vínculo entre gêmeos que uma vez tiveram retornasse. Soltar o controle que sempre teve não tinha sido fácil, mas o amor de Jaci tinha ajudado. Ela tinha apaziguado todas essas arestas irregulares, cheias de dor, lhe dando de novo uma razão pela qual viver.

Tinha-lhe dado a força para arriscar-se a deixar que seu irmão sentisse suas emoções, algo que não havia feito em vinte anos. E ele tinha aprendido que não era Chase percebendo o que Cameron sentia. Era o contrário.

Cameron deu um salto ante as emoções engarrafadas dentro de seu irmão, e quase sorriu. Diabos, não era de estranhar que Chase estivesse tão divertido quando Jaci tinha voltado para suas vidas e continuou até sacudir o pequeno mundo de Cameron.

Era categoricamente gracioso.

Ao olhar a cara composta e hermética de Chase, ninguém poderia adivinhar a falsa ira que enchia seu irmão e a necessidade. Maldição, essa necessidade era suficiente para recordar Cameron que tinha um encontro para almoçar em casa com sua noiva e uma pequena tarde de amor que tinha preparado.

A necessidade presa dentro de Chase era devastadoramente quente, fervendo e ameaçava estalar. E Cameron tinha a sensação de que sabia exatamente quem ia sair escaldado. O potencial para isso sempre esteve aí. Inclusive antes que Kia Rutherford se casasse com Drew Stanton, ela tinha sido a única mulher da qual Cameron havia sentido que Chase fugia.

Chase poderia dizer a si mesmo que era só pelo prazer, mas Cameron sabia melhor. E tinha a sensação de que seu irmão estava se inteirando melhor.

Ter uma cunhada seria uma experiência estranha, pensou Cameron. Especialmente Kia Rutherford. Mas imaginava que Chase provavelmente se sentia da mesma maneira, com os planos de casamento avançando rapidamente entre ele e Jaci.

Logo teria seu anel no dedo de Jaci, prometeu-se Cameron. E levaria o dela com orgulho. Mas esse sentimento não estava ajudando de maneira nenhuma seu irmão.

Chase necessitava um pouco de ajuda, decidiu Cameron.

—Chegou tarde ontem à noite —comentou enquanto Chase desenganchava seu telefone celular do cinturão e o atirava sobre a mesa.

Essa era outra coisa, Chase vestia jeans no escritório. Algo que ele raramente fazia. Os jeans significavam que estava irritado e preparado para chutar traseiros. Tão figurativamente como literalmente. Cameron esperava que fosse figurativamente.

—Não tenho toque de recolher. —Chase sentou e olhou na direção do computador durante um minuto antes de ligá-lo.

Cameron exalou um suspiro silencioso. Ele somente fazia isso quando temia que Courtney tivesse enviado e-mails. Ou possivelmente mais fotos de celular de Kia Rutherford comprando



lingerie.

Cam sorriu.

—Como vai Kia e você?

Chase congelou.

—Não há um Kia e eu —espetou— Nunca haverá.

—Oh sim. —Assentiu Cam como se recordasse— É verdade. Seu velho lema, não é? Só pelo prazer?

Os ombros de Chase se esticaram.

—O que seja.

—Aposto que está se tornando possessiva? —perguntou Cam— Sim, mulheres, metem algo na cabeça e o seguinte que se sabe é que a creditam que nos possuem. Por que acontece isso?

Pessoalmente, Cam amava ser possuído, mas a tentativa enchia o saco de Chase e esse era o melhor entretenimento matutino que teve fora de seu apartamento há muito tempo.

—O que acontece com você? —cuspiu Chase, lhe dando uma olhada. —Ninguém está se tornando possessivo exceto você.

Cameron conteve a diversão até que seu irmão se voltou para o computador, depois sorriu. Sim, ele era um tipo possessivo agora. Mas quando um homem encontra uma mulher que tira a besta, sempre era melhor deixar-se levar. Era infernalmente mais divertido dessa maneira.

—Rompeu com ela, não?—Perguntou Cameron, embora já soubesse. Um homem não podia romper uma relação que se negava a admitir que mantinha.

—Não há nada a romper. —soltou Chase.

—Certo. —Cam assentiu pensativamente, como se seu irmão estivesse olhando-o de verdade—De todo modo, provavelmente está melhor sem ela. Quero dizer, só pense em todas as complicações.

Chase girou na cadeira, olhando-o.

—Que complicações? Não há complicações.

Cam pôde sentir como dizer “complicações” transbordou seu irmão e era de uma vez divertido e dava o que pensar. Demônios, ele tinha sido como um capacho quando estava lutando contra o que sentia por Jaci? Tinha que assegurar-se de compensá-la esta noite quando chegasse em casa.

—Bem — Cam arrastou as palavras —, sempre há esses pequenos projetos de “Querido faz isso” que sempre têm na cabeça, como pôr árvores de natal, que ocupam grande parte da noite.

Chase franziu o cenho, suas sobrancelhas baixando sobre os olhos pensativamente.

—É obvio, depois há a compensação. — Cam clareou garganta e deixou que um pequeno sorriso estirasse seus lábios— Mas nem todos os homens pensariam que merece a recompensa.

Se a expressão de Chase pudesse ter-se voltado mais escura, o teria feito.

—E esse hábito que têm de querer falar depois do sexo quanto tudo o que um homem quer fazer é dormir. —inclinou-se para frente, como se o pensamento fosse aborrecido, depois elevou as sobrancelhas e sorriu—É obvio, pode aprender alguns bons segredos sobre elas nesse momento. Gostam de tirar as coisas da cabeça, assim podem dormir. — Cam se assegurou de ter



uma aparência convenientemente misteriosa na cara.

Estava satisfeito ao ver esse pequeno reflexo de preocupação no rosto de Chase, como se seu irmão se perguntasse se Jaci ou Kia estiveram discutindo aquilo nesse pequeno almoço de ontem.

É óbvio, Cam apostava que o fizeram. Só que Jaci não havia dito nada.

—Que tipo de segredos? —perguntou Chase, sua voz escura, e impressionantemente preocupada.

—Só coisas de garotas, acredito. —Cameron franziu o cenho—Acredito que são coisas de garotas. Até então, normalmente sempre estou quase dormindo.

Estupidez. Se Jaci estava falando, Cam estava escutando, simplesmente porque estava fodidamente hipnotizado por ela.

—Definitivamente elas vêm com pequenos problemas. —Cameron suspirou e sacudiu a cabeça.

—Como quais? —grunhiu Chase—Kia não é um problema.

—Bem, isso é certo. Imagino que se você somente estiver lá para foder, então não é um grande acordo. —Deu de ombros— Agora eu, por exemplo. Está todo esse papo de abraçar toda a noite que Jaci quer. —Deu um toque com os dedos contra a escrivaninha pensativamente— Mas isso mantém um homem quente. Compartilhar o espaço do banheiro se faz complicado às vezes, todos esses cacarecos de garotas atirados por aí. Mas ela me lava as costas na ducha. —Sorriu abertamente. Fazia muitíssimo mais que isso na ducha.

Chase o olhou.

—Cara, a monogamia pode ser uma merda, suponho e as mulheres insistem nisso. —Mataria a qualquer homem que tentasse tocar Jaci.

Apesar do fato de que a primeira parte de sua relação tinha passado com Chase como terceiro, essa não era uma relação que tivesse continuado.

O aspecto de Chase se voltou ainda mais sombrio.

—Não há relação. —espetou de novo— Não era amor, não era compromisso, era só prazer. Isso foi tudo. Simples. E. Sinceramente. Ponto.

Sim, isso é o que ele sentia emanando de Chase, maldita e pura loucura, misturada com emoções masculinas. Simples. E. Sinceramente. Ponto.

—Sim, considere-se afortunado. —Cameron deu de ombros e sorriu outra vez— Suponho que tenho todos os gens monógamos da família. Maldição. Sou um bastardo com sorte.

—É definitivamente um bastardo. —escutou que Chase murmurava enquanto dava a volta para o computador.

Cameron teve que guardar para si seu sorriso. Clareou a garganta, cobriu a boca com a mão enquanto se inclinava sobre os arquivos em cima de sua mesa e deixava que um sorriso puxasse seus lábios.

Cara, Chase estava perdido.

Possivelmente devia lamentar por seu irmão, depois de tudo, apaixonar-se não era uma coisa fácil de fazer. Estavam todas essas emoções misturadas, sensações com as quais não sabia



que diabos fazer e o fato de que um homem sabe, profundo em suas bolas e em suas vísceras, que nunca ia sentir mais prazer do que sentia com essa única mulher.

Chase estava lutando com isso agora. Toda a possessividade, emoções instintivas que o assaltavam quando finalmente tocava essa única mulher que o fascinava, estavam caindo em ondas sobre Chase.

O que demônios fosse que seu irmão tivesse feito, o que fosse que estivesse negando, não sentava bem. E apesar de sua aparente fascinação com o e-mail, sua mente não estava realmente nisso.

—Conseguimos o relatório sobre a solicitação de John Haggard? —perguntou Cam a seu irmão vários minutos depois.

—Não.

Cameron quase riu. Estupidez. Tinha-o visto sobre a escrivaninha de Chase essa manhã e não o tinha recolhido.

—Penso que vai ficar preocupado para conseguir essa solicitação. —declarou Cam — Teve o depósito preparado durante um ano enquanto o temos feito passar pelo pão que o diabo amassou. Acredita que poderíamos apressá-lo?

—Estou nisso.

Cameron estirou o pescoço, comprovando para ver o que tinha Chase tão absorto, depois sacudiu a cabeça com comiseração.

Essas malditas fotos do celular que Courtney tinha tirado de Kia entre a lingerie.

Sim, Chase o tinha malditamente mau.

Levantou-se e se aproximou da escrivaninha de seu irmão, quase sorrindo abertamente de novo quando Chase minimizou a tela.

—Que demônios quer? —perguntou Chase.

Cameron se inclinou para a escrivaninha e sorriu abertamente com cumplicidade.

—O arquivo Haggard. —Recolheu-o, logo sorriu entre dentes quando seu irmão franziu o cenho—Aposto que ela estará no baile do Edgewood na semana que vem. Possivelmente deveria vir conosco.

Chase levantou o lábio em um grunhido e Cameron teve que rir dissimuladamente. Pobre Chase. Um caso perdido, com certeza.

Capítulo 11

Dois dias depois, Kia entrou na mansão de três andares de seus pais, passando por um vestibulo de mármore que era quase do tamanho de seu apartamento. Não podia perder o almoço dominical com seus pais. Se o perdesse, sua mãe faria cara feia, mas seu pai faria um hábito aparecer por seu apartamento, sem ter em conta o momento, durante semanas, só para lhe dar uma olhada. Isso era tão mau como perder os jantares em festas. Algo que Kia não se atrevia mais



a tentar.

Eles se preocupavam com ela, sabia, e por muito que discutisse contra isso nada mudaria esse fato, a seus olhos, ela continuaria sendo seu bebê.

Seus pais eram velhos quando a tiveram. Seu pai já estava nos trinta tardios, e sua mãe perto dos trinta e cinco. Agora, vinte e sete anos mais tarde, ainda queriam tratá-la como a garota de vinte e um que tinha deixado sua casa no braço de seu marido.

O almoço dos domingos e as festas era algo importante para sua mãe. O único dia em que seu marido e filha estavam juntos na mesa com ela. Cecilia Rutherford insistia em vestir-se para o acontecimento. Kia usava pérolas cultivadas nas orelhas e no pescoço. Um relógio de pulso de ouro puro, calças de lã negras e um suéter cinza complementavam a jaqueta de couro que seu pai tinha dado em natais passados.

Kia temia este almoço em concreto. Conhecia seus pais. Constantemente estavam tentando encontrar alguém, sempre preocupados sobre seu estado de solteira e a falta de bebês. Como se tudo o que necessitasse para ser feliz fosse um marido e um par de crianças.

—Aqui está, querida. —Sua mãe, Celia, negava-se a ficar grisalha. Inclusive em seu sessenta e dois seu cabelo continuava do mesmo loiro champanha que tinha quando se casou, com um pouco de ajuda da esteticista.

Seu pai de outro lado, Timothy Rutherford, tinha envelhecido como o bom vinho. Não era muito alto, só um metro e sessenta centímetros, contra o metro e cinquenta de sua esposa.

Infelizmente, Kia tinha herdado esse corpo pequeno e delicado. Teria preferido muito mais ser alta, magra e esbelta.

—Olá, papai. —aproximou-se e deu um beijo na bochecha enquanto ele se levantava da mesa de vidro no agora caloroso solarium.

Ele ia vestido em seu estilo informal do domingo. Calças de vestir marcadamente enrugadas e uma camisa branca elegante. Sua mãe também usava pérolas e um vestido de seda.

Tudo para o almoço do domingo.

Kia recordava seus anos de crescimento quando odiava vestir-se para o jantar. Às vezes teve muita vontade de pedir pizza e ver a televisão enquanto comia. Algo estritamente proibido na casa dos Rutherford.

Embora tivesse sido um bom lugar para crescer. Tinha sido abrigada e protegida. Foi aos colégios corretos e todos seus amigos eram das famílias corretas e a princesa Rutherford nunca tinha conhecido um momento de dor.

Até que se casou com o príncipe reinante dos escritórios de seu pai. E que desastre tinha sido.

—Está linda, coração. —Sua mãe levantou a bochecha para um beijo — Não está linda hoje, Timothy?

Seu pai grunhiu em um tom de não-resposta dedicando a Kia uma piscada divertida.

—Ele não é nenhuma ajuda absolutamente —protestou sua mãe enquanto sentavam.

—Supunha-se que tinha que ser de ajuda? —a enrugada cara de seu pai se contraiu em um cenho fingido.



Sua mãe o descartou com um gesto antes de voltar-se para Kia.

—Vi você deixar o baile na outra noite com Chase Falladay. Estão se vendo?

Essa era sua mãe. Ela nunca deixava para amanhã aquilo sobre o que pudesse bisbilhotar hoje.

—Chase e eu somos só amigos, mamãe —disse firmemente, mas doía. Oh, como doía. Profundamente, em um lugar que nunca tinha conhecido dor até Chase.

—Só amigos? —Retumbou a voz de seu pai naquele tom paternal, em advertência — Não sou tão velho para não recordar o que isso significa.

Kia se inclinou para trás na cadeira quando a empregada colocou o café e a água diante dela antes que seu ajudante viesse trazendo a comida.

—Simplesmente amigos, papai. —Brindou-lhe um olhar firme de sua própria colheita — Chase é um cavalheiro muito agradável.

Deus ia bater em seus mortos por aquilo.

—Humm. —Grunhiu de novo seu pai e lançou um olhar conhecedor, embora deixasse passar o assunto.

—Bem, isso está muito mal —disse sua mãe— Não estamos rejuvenescendo Kia. Seria agradável ter netos.

—Primeiro um marido seria mais agradável. —resmungou seu pai— Os outros pais levam seus genros por aí como bagagem extra. Onde está o meu?

—E as outras mães em meu clube de bridge têm netos. — disse sua mãe. — Servem de babá. —Sua mãe suspirou— Eu seria uma babá excelente, Kia.

—Sim, senhor. Sim, senhora. Corrirei em volta da loja de maridos e depois a de bebês e me encarregarei disso antes de ir para casa hoje.

Ela não era consciente do fio cortante em sua voz. Tentou mantê-la leve e divertida e perdeu o olhar que compartilharam seus pais. Cheio de preocupação e confusão.

Eram seus pais. Conheciam sua filha. Ela tinha sombras sob os olhos e havia um fio de desilusão que nem sequer Drew tinha sido capaz de pôr ali.

Timothy bebeu a goles a água, o olhar agora mais penetrante sobre sua única filha. Nunca esqueceria quando recebeu dois anos atrás aquela chamada que sua filha estava em perigo e seu marido provavelmente abusando dela.

Tinha se deslocado para seu apartamento, encontrando-a no banheiro, histérica, envolvida em uma toalha e rogando que a tirasse dali.

A necessidade de destruir Drew Stanton o regia frequentemente. O pequeno bastardo ainda trabalhava para ele, mas só porque o filho da puta continuava pagando a pensão alimentícia de Kia. E se Timothy escutava de algum ardil nas quais as obras de caridade de Kia estivessem envolvidas, algumas cabeças iam rolar.

Não é que sua filha se dignasse a contar a respeito disso. Não, tinha que usar subterfúgios para obter a informação de outros. Kia era muito independente, muito decidida. Sempre tinha sido.

—Está se tornando atrevida, Timothy —indicou Celia.



—Sim, ouvi. —Assentiu, lançando a sua filha um olhar zombador— Possivelmente devemos ir às compras com ela, Celia. Um esforço familiar, para falar, assim não levaria tanto tempo em decidir.

Finalmente uma faísca de risada iluminou os olhos como pedras de Kia e baixou a cabeça, uma risada ligeira saiu de seus lábios.

—Vocês dois são impossíveis. —gemeu.

—Somos pais —recordou ele— Agora, coma sua comida. Ouvi que sua tia a tem atarefada com a festa de amanhã a noite. Não deixe que a esgote.

—E seu vestido chegou aqui por engano na sexta-feira —informou sua mãe— Pode levá-lo para casa com você esta noite. Enviaremos Farrel com uma limusine para pegá-la. Não vai chegar em um táxi. Não quero ouvir nada sobre isso.

—Sim, mamãe. —Quase girou os olhos, mas pegou seu pai olhando-a.

Ele quase sorria abertamente, esperando pegá-la.

—Há um homem jovem muito agradável na Delacourte-Conovers que você gostará. —disse ele brandamente— Um cavalheiro muito bonito, me disseram. Aparentado com esses dois demônios, Lucian e Deveril. Daniel Conover.

Kia devolveu o olhar a seu pai em advertência.

—Bem, ele tem traços fortes. —Timothy deu de ombros— Geraria moços fortes.

Ela só o olhou fixamente.

Ele clareou a garganta.

—Pode usar escolta para a festa.

Kia depositou o garfo junto ao seu prato.

—Bem, magnífico. Já fiz minha parte. Não desgoste sua mãe partindo.

Ele pinçou em sua própria comida e Kia ignorou os comentários sobre os netos de outros casais, genros e vários assuntos de família.

Ignorou-o, porque escutar só produzia a dor mais intensa. A fazia recordar a noite que Chase tinha esquecido de colocar uma camisinha depois de ter pedido pedido que gozasse em sua boca e depois quase se derramou dentro dela. E isso não era algo que ela precisasse recordar diante de seu pai.

Seus pais podiam ler as mentes. Era arrepiante.

Celia queria chorar por seu bebê. Kia era o orgulho de sua vida e estava tão sozinha. Isso lhe rompia o coração, preocupando-a de noite. Se ela e Timothy não estivessem, quem protegeria sua mais apreciada posse, seu maior lucro na vida? Quem protegeria Kia contra o mundo, as crueldades da vida, a solidão e a dor que a enchiam? Quem poderia velar por sua pequena?

Celia olhou para seu marido e viu a mesma preocupação em sua cara. Kia tinha se escondido durante muito tempo depois do divórcio. Eles tinham tido esperança na outra noite quando ela deixou o baile com o menino Falladay.

Chase Falladay era um jovem bonito e honesto e Celia sempre tinha gostado dele. Ian Sinclair sempre falava muito bem dele e de seu irmão.

É obvio, havia esses rumores repugnantes sobre eles, mas sempre havia rumores



repugnantes. Alguém tinha que acreditar que sua filha se assegurava de que eram infundados.

—Como está indo a festa de sua tia? —perguntou finalmente Timothy a Kia.

A festa era um esforço conjunto dele e de sua irmã. Rutherford Logistics, a companhia de Timothy, e Edgewood Computer Security Service trabalhavam juntas para organizar um baile beneficente, para arrecadar dinheiro para o refúgio de mulheres e seus filhos, pelo Natal.

Kia assentiu.

—Tudo está preparado. Tenho um encontro com os fornecedores outra vez pela manhã assim como com o pessoal do hotel. —verificou seu relógio— Deterei-me brevemente hoje depois do almoço para me assegurar de que todas as decorações chegaram bem.

Kia deixou que a conversa fluísse ao seu redor. Acabou a comida leve e agradeceu à empregada pelo café. Mas sua mente não estava aqui. Seu coração não estava aqui hoje.

Estava com Chase. Para Kia, esse era o cúmulo de sua própria estupidez. Porque ele tinha deixado bastante claro, não queria ficar com ela.

—Não é feliz. —disse Timothy, interrompendo seus pensamentos, levantando a mão de maneira que seu dedo indicador pudesse golpeá-la na ponta do nariz— Sempre sei quando algo a preocupa, Kia amor. Está segura de que não quer falar sobre isso?

—Estou bem, papai. —Tentou devolver o sorriso, mas ele a conhecia, este forte homem de ossos grandes com esses gentis olhos marrons e grosso cabelo cinza.

—Pode voltar para casa —disse enquanto a olhava— A casa é muito grande só para mim e sua mãe.

Ela negou com a cabeça.

—Eu gosto do apartamento.

Ele assentiu ante isso.

—Sua mãe está preocupada.

Sempre culpava sua mãe da preocupação, mas Kia sabia que ele também estava preocupado.

—Só preciso reunir algumas prioridades —disse afinal— Estou aprendendo como viver de novo, papai. Isso não é tão mau, não?

—Feriu você.

E ante isso, Kia negou com a cabeça.

—Não, papai, eu nunca o amei o suficiente para ser ferida por ele —disse— E essa é uma coisa muito triste, porque me casei com ele. Nunca quero isso de novo. Eu quero... —olhou ao redor, à casa e pestanejou para conter as lágrimas antes de voltar a olhar seu pai— Quero o que você e mamãe sempre tiveram. Quero amar alguém mais que a mim mesma. E quero que esse alguém me ame mais que a si mesmo. Não é como deveria ser?

Timothy engoliu fortemente. Ele amava Celia e a filha que tinha dado mais que a sua própria vida, seu orgulho ou as participações que tinha adquirido em sua vida. Elas eram o centro de seu ser e a alegria que traziam era incomensurável. Era exatamente o que queria para ela.

—Assim é como deve ser, coração. —Estreitou-a entre seus braços e beijou brandamente o topo da cabeça — Exatamente como deve ser.



E rezou para que ela o encontrasse antes que seu coração estivesse cicatrizado até o ponto de que já não quisesse mais.

Finalmente, forçou a si mesmo a afastar essa preocupação. Ela estava a salvo, embora não tão feliz, como ele desejaria. E continuava sendo uma parte vital da Rutherford Logistics.

—Conseguiu as projeções dos custos da nova conta? —perguntou, olhando como sua expressão se alterava sutilmente.

Sua filha trocou a modo mulher de negócios, uma que a maioria das pessoas não tinha nem ideia de que existia.

—Precisam revisar de novo as cifras. Pode fazer o dobro de benefício se for com uma companhia de transporte menor. Esse produto em particular não se move em quantidade suficiente para justificar fazer espaço para ele em um armazém maior.

—Isso não é o que as cifras mostram —informou ele.

Ela deu de ombros, a confiança curvando seu corpo, sua expressão.

—Enviei para você meus comentários via email esta manhã. Pode revisá-los, ver o que pensa ao vê-los.

—Por que não traz seu traseiro de volta ao escritório e o diz você mesma? —resmungou, voltando para outro desacordo que mantinham—Não achava que a consultasse, maldita seja.

—Ainda não.

—Por que não?

—Não estou preparada.

Celia olhava, escondendo seu sorriso e reservou sua própria opinião, seus desejos, para si mesma. Acontecia algo com Kia e com a intuição de uma mulher sabia que envolvia um homem e a fortaleza de sua filha.

Houve muitas coisas para as quais Kia não tinha estado preparada nos últimos dois anos, mas Celia tinha a sensação de que logo sua filha poderia encontrar seus limites. Quando o fizesse, que Deus ajudasse seu pai e a qualquer outro homem que queria colocar-se ante ela para protegê-la.

Eles haviam feito isso. Protegê-la até onde puderam. Ela estava saindo de seu refúgio. E Celia a animava, embora silenciosamente a cada passo do caminho.

Capítulo 12

Estava de negro. Usava um vestido de noite negro, de seda, com uma única alça sobre um ombro que deixava ver a parte superior de seus seios. Fluía ao redor do corpo como a meia-noite, caindo em cascata ao longo das pernas até varrer o chão atrás dela.

Uma capa negra forrada de seda foi tirada de seus ombros pelo porteiro e a verificou, assim como a pequena bolsa negra.

O cabelo loiro champanha estava jogado para trás e seguro por pentes de prender cabelos



decorados com diamantes e opalas. Brilhavam em seus cabelos, compridos até os ombros.

Chase não podia afastar os olhos dela. Parecia uma princesa. Tão linda, que a necessidade de tocá-la para assegurar-se de que era real doía no peito.

Não tinha dado nenhuma volta na sala quando seus olhares se conectaram. Os tristes olhos azuis estavam cobertos de sombras, sua expressão era solene antes que seus pais se dirigissem para ela e se obrigasse a sorrir.

Parecia um sorriso tão natural como o amanhecer, mas Chase sabia que não havia nada de genuíno na curva de seus lábios. Esse sorriso não alcançava os olhos, não relaxava as curvas de seu corpo enquanto beijava as bochechas de seus pais.

Surpreendentemente, Timothy Rutherford franziu o cenho, seu olhar dirigido a Chase como se estivesse decepcionado com ele por algo.

A sociedade fedia, decidiu Chase. Tinha respondido a tantas malditas perguntas sobre sua inexistente relação com Kia que já estava apertando os dentes. E para culminar, os homens estariam certamente contentes com a ideia de que Chase não a estava reclamando.

Começou a dar leves golpes com os dedos na toalha da mesa onde ele, Cameron e Jaci se sentavam. Investigações Falladay, embora seu único cliente fossem as propriedades do Sinclair, doava grandes quantidades para os eventos que os Edgewoods organizavam a cada ano.

O baile beneficente ajudava o refúgio para mulheres e crianças que os Edgewoods tinham tomado sob suas asas há dez anos, quando sua filha tinha morrido nas mãos de um marido agressivo.

—Eu adoro o vestido que Kia usa—suspirou Jaci— Também é um modelo exclusivo.

Chase a olhou, a ponto de perder seu petulante sorriso. Estava-o cravando; dava-se conta. Levava dias fazendo-o.

Levantou a bebida e tomou um gole, seus olhos seguiam o progresso de Kia quando notou que Jaci se levantava da mesa e se unia a Courtney.

Isso nunca era bom sinal. Courtney e Jaci juntas eram malditamente perigosas. E em minutos estavam junto à Kia.

Começou a perguntar-se o que acontecia quando viu Kia olhá-las com cara de surpresa. Franziu um pouco a sobrancelha e por um momento pareceu confusa.

Jaci riu e puxou seu braço, finalmente dando um jeito para afastá-la dos casais mais velhos junto aos que se encontrava e levando-a a outra mesa.

Aguentou um gemido. Diabos. Ia ser um pesadelo. Se essas mulheres dessem um jeito para corromper Kia, já não seria a mesma.

Já eram oito. Tinha começado com aquela pequena bruxa da Tally Rafferty. Tinha reunido todas as mulheres que sabiam que estavam casadas com membros do clube e amigos de seus amantes, Lucian e Deveril Conover. Tinham-se feito amigas, tinham formado uma irmandade que tinha aterrorizado os homens de suas vidas.

E agora estavam se tornando amigas de Kia.

Sentia uma urgência incomensurável de afastá-la do agarre delas e escondê-la para sempre. Não que fossem más garotas. Eram as melhores mulheres que Chase conhecia. De bom coração,



doces, amáveis e tortuosas como o inferno.

Reclinou-se na cadeira e entrecerrou os olhos ao olhá-las. Kia parecia um pouco fora do lugar, como se não estivesse muito segura do que estava fazendo ali com as outras mulheres. Estava falando, sorrindo, mas ele captou os pequenos olhares nervosos, a incerteza.

Malditos fossem Drew Stanton e as mulheres que a haviam feito tão insegura de seu próprio atrativo, sua capacidade para escolher e fazer amigos. Sua falta de confiança em si mesma como mulher.

Embora, admitia, o pouco tempo que tinha passado em sua cama a havia feito aumentar a confiança em si mesma. Tinha crescido tanto que o tinha expulso dessa cama.

Apertou a mandíbula ao pensar em sua demanda.

Volta sozinho, ou não volte.

Afastou-se dela. Havia dito a si mesmo que era melhor. Soube desde o começo que Kia não era feita para o tipo de relação que ele necessitava.

Sem emoções. Essas eram as normas. Não queria fazer mal ao terno coração de uma mulher, não queria criar falsas ilusões, assim mantinha as coisas tão simples como era possível. Era melhor assim. Mais seguro.

Tinha quebrado essa norma só umas poucas vezes e em todas se arrependeu.

Até Kia.

Com Kia se arrependia de algumas coisas, mas de estar em sua cama não.

—É uma linda mulher — comentou Khalid, sentado na frente dele, olhando também para Kia — Uma mulher assim não deveria ficar sozinha pelas noites.

O olhar de Chase passou ao outro homem. Estava olhando Kia com um pouco de arrependimento também. Surpreendente em um homem que nunca esteve atado a nenhuma mulher. Essa era a norma de Khalid, amar a todas por igual. Mas havia algo em Kia que fazia que se tornasse mais calado, mais reflexivo.

Saber isso revolia seu estômago de ira.

—Que problema tem? — espetou — Aqui há um monte de mulheres sozinhas.

—Mas nem todas são ela — Khalid deu de ombros, girando para Chase com um sorriso quase divertido — Desfrutei do tempo que passei com ela.

Chase estreitou os olhos.

—Também expulsou você?

Khalid elevou a sobrancelha.

—A mim, meu amigo, nunca me expulsaram — informou a Chase arrogantemente — Sou um homem bastante inteligente no que se refere às mulheres. Sei quando o tempo para brincar terminou. O tempo para brincar com ela acabou, infelizmente.

—Que diabos quer dizer com isso?

Os lábios de Khalid fizeram um gesto peculiar.

—Às vezes me surpreende, observando os homens que conheço como amigos, ver por mim mesmo quão densos se podem voltar no que tem a ver com os assuntos do coração. Diga-me, Chase, tem intenção de declará-la como sua?



Declará-la. O processo de informar ao clube e seus membros que ele estava envolvido em uma relação com ela. Impediria qualquer outro membro de tentar tirá-la a menos que a mulher iniciasse o contato, em cujo caso os dois membros estariam obrigados a distanciar-se e ver qual escolhia no final a mulher.

O clube tinha normas. Normas que se formaram há várias gerações e que continuavam com apenas pequenas revisões ou mudanças. Mantinha o clube seguro, mantinha-o pacífico. Mantinha-o restringido a um número muito limitado de membros.

—Não tinha planejado —admitiu Chase finalmente, embora lutasse internamente para não fazê-lo. Para manter sua relação com Kia tão pouco restritiva e fácil como qualquer outra relação que teve.

Os lábios de Khalid se fizeram mais finos ao escutar essa informação. Pegou sua bebida e a engoliu de repente antes de deixar bruscamente o copo na mesa e de dar a Chase um olhar duro, quase zangado.

—De todo modo ela merecia algo melhor que nós —espetou de repente—Se me perdoar, acredito que já tive o suficiente do ambiente desta festa.

Chase observou surpreso como Khalid ficava de pé, estirava sua jaqueta de noite de seda, e se afastava da mesa.

Isto era realmente muito estranho vindo do sempre frio Khalid.

—Problemas? —Cameron se inclinou para frente. Tinha observado Khalid enquanto saía do salão de baile.

O olhar de Chase voltou para Kia. Estava no meio das outras mulheres agora e viu um sorriso, um real, aparecer em seus lábios por algo que havia dito Tally Rafferty.

Courtney estava indo para a pista de dança com Ian e algumas das outras mulheres iam a seguir.

Kia o olhou, sua expressão a princípio era somente distante. Seus olhos se encontraram e seu rosto se encheu de tantas emoções que empurraram em seu próprio peito e obstruíram seu cérebro.

—Khalid está bem. —levantou-se enquanto Jaci saía da outra mesa para retornar ao outro lado da sala—Vejo você logo, Cam.

Cruzou com Jaci e ignorou seu petulante sorriso. Ignorou muitos amigos que o chamaram pelo nome. Sua completa atenção estava em uma mulher e sua determinação que não o expulsasse de sua cama.

Ele podia tomá-la sozinho, decidiu. Não tinha por que deixar que as emoções estivessem envolvidas nisso. Poderia lidar com isso.

Foi para a mesa, seus olhos sustentando os dela.

—Dance comigo, Kia —murmurou quando se deteve na frente dela e estendeu uma mão—Uma dança.

Uma dança.

Kia o olhou e soube que estava perdida. Podia ver a fome em seus olhos, a mesma fome que ardia em seu interior e não sabia como lutar contra isso. Necessitava-o. Doía até perguntar-se



se poderia suportar o vazio dentro dela.

Pôs sua mão na dele e o deixou conduzi-la da cadeira à pista de dança. Igual à última vez, a realidade desapareceu na distância ao ser levada entre seus braços e começou a conduzi-la entre os outros casais.

Juntos se moviam como a seda contra a pele. Deslizavam devagar, facilmente, seus corpos roçando-se, ardendo.

—Senti sua falta. —sussurrou ele e o coração de Kia quase volta a romper.

—Sim? —não pôde impedir um ponto de incredulidade em sua voz— Poderia ter ligado.

Era surpresa o que apareceu em seus olhos? Certamente não. Era um homem, completamente amadurecido; conhecia as mulheres, conhecia seus corpos e todas as coisas que teria que dizer. Certamente ele sabia que necessitava mais que os orgasmos que sabia dar.

—Ligar teria sido suficiente para você? —perguntou, sua mão apoiada no quadril.

—Poderia ter sido um princípio.

Ela necessitava mais e sabia. E ele deveria saber.

Apertou-a mais forte contra si, seus passos conduzindo-os mais para o interior da pista de dança e pressionando sua ereção mais firmemente contra seu estômago.

Kia sentiu que seus joelhos se debilitavam ao notar sua excitação, ao vê-la na reflexiva expressão de seus olhos. Chase estava faminto, muito faminto. Conhecia esse olhar, tinha-o visto em sua cara quando a tomou, sentiu-o em seu toque enquanto a abraçava.

E era só fome.

—Necessito mais que umas poucas ligações, Kia —disse ele finalmente— Sou um homem, não um adolescente.

—Vamos discutir as normas de nossa relação, Chase? —ela negou com a cabeça ao pensar— Está dando desculpas e já passamos essa fase. Se quer ir, então não vou tentar retê-lo. Mas se quiser mais de mim, então há coisas que eu também preciso.

Não podia permitir que a rompesse, permitir-se romper-se. Já tinha passado dois anos tentando expiar uma culpa que não era dela, temendo a si mesma e à sociedade porque tinha perdido a confiança que necessitava para fazer amigos, para conservá-los.

Dando-se conta do longe que se permitiu afundar-se era aterrador. Mas era inclusive mais aterrador saber que Chase a poderia destruir como jamais Drew teria imaginado destruí-la.

—Por que não basta o prazer, Kia? —perguntou então, olhando-a, observando-a tão atentamente que se perguntou se poderia vê-la através de sua alma. Ou se queria fazê-lo.

—O prazer em si mesmo dura muito pouco tempo, Chase —disse— Quando acaba, o que mais fica?

Sua expressão se endureceu.

—Pensei que já tinha aprendido, Kia, ao que se prende, para começar, é uma ilusão. Quer amor, verdade? Quer que isto se converta em uma montanha russa emocional que poderia nos destruir.

Ela negou com a cabeça lentamente.

—Só é uma montanha russa se deixar que se converta nisso —disse em voz baixa— Mas



quero mais, Chase. Quero mais ou não quero nada de nada. Porque quando o prazer acaba, o que fica é uma cama fria e a mesma vida que tinha antes que você aparecesse. Além disso, o conhecimento de que falta algo. Estou cansada desse “algo” que falta.

Kia se deteve quando a música se aproximava de seu fim e se separou de seus braços antes que a orquestra começasse a tocar outra canção lenta.

—Tampouco basta a você. —disse então, sabendo-o, sentindo-o tão dentro que sabê-lo era parte dela — Quer isto. Deseja isto. Mas ambos sabemos que não. E isso é o que potencialmente nos destruiria. Não a emoção em si mesma.

—Oxalá não se afastasse, Kia. —Sua voz era dura, seu olhar frio, aqueles olhos verdes se voltavam cor gelo.

Ela sorriu tristemente.

—Oxalá não tivesse que me afastar.

E o fez. Girou e foi para seus pais, que estavam de pé junto a sua tia.

Fez sua aparição, misturou-se com outros, tinha dançado e tinha tomado sua única taça de vinho. E já tinha tido o bastante.

Muito melhor do que nos últimos dois anos, disse a si mesma. Não se escondia, não tinha medo das sutilezas sociais e não temia os sussurros que a perseguiam.

Girando, observou Chase voltar para a pista de dança, desta vez com uma debutante que sem dúvida estava exultante pela honra de dançar com um dos príncipes da sociedade.

Kia suspirou e tristemente se deu conta de que essa garota poderia ter sido ela seis anos atrás. Acreditando que tinha tanta altivez, era tão forte e tão impossível de ferir. E tinha aprendido que não.

—Kia, coração, seus tios virão para casa depois do baile. —seu pai captou sua atenção para ele. — Una-se a nós.

—Acredito que já tive o bastante por esta noite, papai. —segurou-lhe o braço e se inclinou para lhe dar um beijo na bochecha — Poderia fazer que trouxessem a limusine? Vou para casa.

—Está segura? —ele franziu o cenho e olhou além de seu ombro para a pista de dança, a Chase, sem dúvida.

—Estou segura —afirmou decidida — Preciso descansar.

Abraçou seus pais e seus tios antes de cruzar a sala, mantendo os olhos afastados de Chase. Era quase impossível. Se o olhasse começaria a chorar.

Seus dedos morriam para acariciá-lo, seu corpo formigava de necessidade por ele. Sob o vestido, seus fluidos molhavam a fina renda das calcinhas negras, calcinhas novas, compradas com Chase em mente.

Enquanto o porteiro a ajudava com a capa e devolvia a bolsa, Kia girou e olhou.

Não dançava. Estava apoiado contra a parede e conversava com Ian Sinclair. Seus olhos estavam nela. Seu olhar a chamava, urgindo-a a retornar, a tomar o prazer que lhe oferecia.

Umas poucas horas em seus braços e nada mais.

Valia a pena afastar-se? Deixar ir o que poderia ter em troca da solidão que a esperava em casa. Poderia tomá-lo e a Khalid, abraçar-se a Chase e fazer ver que estavam sozinhos.



Não, não podia. Sabia que não podia. Por muito que tivesse desfrutado daqueles encontros furtivos, não queria voltar a vivê-los.

Girou lentamente e passou do salão de baile ao vestíbulo do hotel, para as portas que outro porteiro abria.

A limusine esperava sob o pórtico e a neve caía de novo. Grandes flocos que prometiam empilhar-se e voltar a cobrir a cidade uma vez mais com a magia do inverno.

Meteu-se na limusine e sentou, sentindo pesado o coração. Poderia observar a neve do sofá esta noite. Só com a chaminé de gás acesa por companhia. Acabaria tirando Chase de seu coração e então já não doeria. E quando já não doesse, talvez fosse o momento de reorientar sua vida.

Passava muito tempo sozinha e uma garota podia ir às compras só umas poucas vezes. Necessitava um hobby, talvez um trabalho. Seu pai tinha oferecido um trabalho muitas vezes e ela o tinha rechaçado. Talvez fosse o momento de dizer sim. Quase algo para vencer a solidão. Trabalhar de consultora não a ocuparia tempo suficiente.

* * *

Chase saiu da entrada do hotel quando a limusine se foi e o guardador trouxe seu carro. Deslizou atrás do volante e acelerou, seguindo a limusine dos Rutherford.

Deveria ter ficado na festa, disse a si mesmo. Era um idiota, seguiu-la assim, sabendo o que ia fazer.

Mas a necessitava, uma última vez. Sozinho.

Só eles dois.

A ideia o tinha atormentado desde o momento em que disse que não voltasse se não fosse sozinho. Isso e a permissão que tinha dado para derramar-se dentro dela.

Nunca tinha se derramado dentro de uma mulher até Kia. Desde sua primeira experiência sexual, até Kia, Chase sempre usou proteção.

Coçou o queixo, ausente. Com Kia, pensar em algo entre os dois o deixava louco. Queria enterrar-se nela, desprotegido, sentir a estreiteza e a tensão em torno de seu membro com cada onda de prazer que a percorresse.

Enquanto seguia à limusine, qualquer advertência contrária a uma relação com Kia desapareceu de sua cabeça. Tinha um hábito de toda a vida, mas este estava se desintegrando ao pensar na carne úmida e ajustada de Kia rodeando-o.

Isso, em si mesmo, já deveria ser uma advertência.

* * *

A limusine dos Rutherford subiu o caminho de entrada até a parte dianteira do apartamento de Kia e o chofer saiu para abrir a porta.

—Obrigada, David — permitiu que a ajudasse a sair, girou e viu como uma forma familiar se aproximava em sua visão periférica.

Olhou-o em silêncio enquanto ele estava apoiado no carro, sem importar a neve que



formava redemoinhos e caía ao seu redor.

Kia amassou a capa enquanto o olhava.

—Vai tudo bem, senhorita Kia? —perguntou David, obviamente esticando-se ao ver Chase.

—Está bem, David. Pode ir agora e retornar para meus pais.

Ele deu uma olhada de advertência a Chase e quando o único conseguiu foi um sorriso divertido nos lábios de Chase.

David retornou ao veículo e fechou a porta enquanto Kia se aproximava lentamente de onde esperava Chase.

Podia sentir a carícia de seu olhar nela e se sentiu quente, acalorada, inclusive com o ar frio que formava redemoinhos em torno deles.

—Está sozinho? —sussurrou.

Ele se moveu, rodeando suas costas com o braço, atraindo-a para o calor de seu corpo.

—Só nós —baixou a cabeça, seus lábios quase tocavam os dela —Venha comigo. Veremos as luzes.

Kia sentiu esperança, calidez, vida. Olhou-o fixamente e deixou que um sorriso curvasse seus lábios ao mesmo tempo que seus dedos apertavam seus bíceps.

—Eu adoraria ver as luzes com você, Chase.

Roubou-lhe um beijo. Estava segura que devia ser um rápido, mas se entretive, apertou seus lábios com os seus e ela sentiu pulsar rapidamente o coração quando a afastou relutante.

—Vamos. —a conduziu à porta do passageiro, abriu-a e a ajudou a entrar em seu BMW esportivo.

Ela observou como dava a volta no carro e se metia junto a ela antes de introduzir-se no tráfego e neve que estava caindo mais densa.

Soava Aerosmith no CD, mas não estava alto. A mistura da música, o som do limpador de para-brisas e o calor de Chase junto dela a balançaram para o vórtice de um espiral de desejo e de uma calidez reconfortante.

—Faz muito calor? —perguntou ao ver que desabotoava a capa e a separava de seus ombros.

Fazia calor, mas não acreditava que fosse o ar da calefação o que criava esse calor.

—Estou bem —negou com a cabeça —Por que está aqui esta noite?

Ele começou a golpear o volante com os dedos enquanto conduzia entre o tráfego.

—Senti sua falta. —afirmou, finalmente.

Kia o olhou com receio.

—Sei.

—Ah, sim? —seu tom era o classicamente zombador masculino —Alegra-me saber que ao menos um dos dois sabe o que diabos está acontecendo.

—O que é que está acontecendo?

—Morro por você —disse— Não se vai, Kia. Não vai.

Ela olhou para baixo, às mãos, acariciando com o polegar a unha do dedo indicador em vez de lhe permitir ver a esperança que crescia em seu interior.



—Não, não se vai —murmurou finalmente— Sabe, eu estava completamente fascinada por você antes de me casar com Drew.

Ele levantou a cabeça para olhá-la em estado de choque.

—Foi um dos motivos pelos quais estava tão furiosa, saber que, embora fosse o suficientemente bastardo para tentar colocar outro em nossa cama, doeu-me saber que você tinha rechaçado.

Ele fez uma careta.

—Ser seu terceiro não teria sido suficiente —grunhiu afinal— Sabia então. Sempre soube.

—Mas agora é suficiente? —perguntou ela.

—Eu não sou o terceiro nisto, Kia e Khalid sabe. Eu era seu amante principal. Eu dava as indicações, não o contrário.

—Ah, assim há normas inclusive para isso? —perguntou, quase sacudindo a cabeça ao pensar.

—As normas fazem as coisas mais fáceis —disse, sua voz agora um pouco distante— Evita que as emoções arruinem a festa.

A isso, Kia assentiu.

—Sim, as coisas se fazem mais complicadas quando se envolviam as emoções.

Disso podia dar fé.

Silenciosamente enquanto cruzavam a cidade, as luzes que decoravam os edifícios e lares, piscavam e brilhavam em feliz caos.

—Não queria que isto fizesse mal a você, Kia. —disse enquanto se dirigiam ao Squire Point—Não queria que fizesse mal a nenhum dos dois.

—Não pode ir na direção em que ia.

E talvez isso fosse o que ele não queria ouvir. Chase conduziu através da neve com a suave música de fundo, enquanto Kia ia tranquila ao seu lado.

—Seu pai me viu sair do baile —explicou—Não parecia muito feliz comigo.

Viu que fazia uma cara divertida.

—Papai tem a impressão de que temos uma relação. O “só amigos” que dei não acreditou muito.

Chase fez um gesto de dor. Definitivamente isso explicava.

—É um bom homem —disse— E um mal inimigo. Recorda-me um pouco de como lembro que era meu pai. Digno de confiança, mas com suas próprias normas e assim é como funcionava seu mundo.

—Como papai —se voltou para ele e o observou com curiosidade— Seus pais estão mortos, verdade?

Assentiu.

—Quando tínhamos treze anos —e o inferno começou nesse ano.

—Tínham família?

—Se podia chamar família —sorriu ironicamente— A tia Davinda. A irmã de minha mãe. Um demônio nascido no inferno.



Podia sentir a escura amargura crescer em seu interior, saber que tinha sido seu irmão, Cameron, a quem quase tinha destruído e como o tinha feito. Aceitar isso durante os últimos seis meses não tinha sido fácil. Em certo modo, talvez Kia estivesse pagando por isso, assim como pela loucura de outra mulher.

Moriah Brockheim. Que quase mata Cameron. Chase a tinha matado e tinha feito pedaços sua alma. Inclusive agora, podia ver o perfeito buraco que brotava de sua testa e a inocente confusão que mostravam seus olhos no momento de sua morte.

Suas mãos se apertaram ao volante quando a amargura se intensificou. Não quis acreditar que Moriah tivesse nada em seu interior que pudesse fazer mal a outra pessoa. Importava-se com ela. Não como Kia, como sempre lhe tinha importado Kia. Mas tinha sido importante para ele. E as emoções tinham embaçado seu bom julgamento.

E se cometia o mesmo engano com Kia? E se permitisse que lhe importasse, que as emoções embaçassem sua visão e arriscasse a destruição de sua vida de novo?

—Sua tia é o motivo pelo qual não se envolve com suas amantes, Chase? —perguntou Kia então.

Ele negou com a cabeça.

—Não.

Havia muitos motivos, muitas variáveis e nenhuma delas era culpa de Kia. Ela estava pagando, porque estava lutando contra a atração que sentia por ela e parecia que não podia escapar.

—Então por que?

Estava fazendo a pergunta que oxalá não tivesse feito.

Chase franziu o cenho. Por que? perguntou-se. Porque Davinda foi primeira a lhe ensinar a não confiar e os anos que vieram depois não fizeram mais que reforçar a ideia?

Não era uma razão suficientemente boa. Não podia explicar os motivos; só conhecia os fatos que o tinham criado. E isso era algo triste. Diabos, ela merecia algo melhor. Sabia que merecia algo melhor e ainda assim, não podia deixá-la partir.

—Alguns homens não têm a inteligência que Deus deu às mulas —disse afinal, recordando algo que seu pai costumava dizer—. Poderíamos dar lições de teimosia a essas mulas, sabe?

Sorriu brevemente e brincou com seus esbeltos e delicados dedos. Inclusive enquanto mudava as marchas, segurava sua mão sob a dele mantendo o contato, o calor, enquanto conduzia por Squire Point e girava para tomar a estreita estrada que conduzia à parte traseira da propriedade de Ian.

—Onde vamos? —perguntou em voz baixa.

—Ian está construindo uma casa aqui —explicou— Acrescentarão a mansão ao clube uma vez esta esteja acabada.

—Sério?

Ele assentiu.

—É tranquilo. Protegido. Pensei que poderíamos ver cair a neve.

Tomou o caminho que conduzia à mansão meio acabada, conduzindo pelo cascalho escuro



e girando para a área onde se construiria a casa de hóspedes.

Não havia luzes aqui, só a neve caindo, o silêncio das árvores dando proteção. Desligou o carro e parou, deixando o motor lento enquanto puxava o freio de mão e apagava as luzes.

A neve caía lenta e tranquilamente. Grossos e esponjosos flocos de neve, desfaziam-se sobre o caminho de entrada esquentado geotermalmente enquanto se acumulavam ao redor deles.

Voltou a cabeça enquanto Kia abria sua porta e saía.

A capa fluuava ao redor de seus ombros enquanto saía do veículo. Observou-a. Ela elevou a cabeça, um sorriso em seus lábios ao sentir a neve acariciar seu rosto. A neve formava redemoinhos em torno dela, derretendo-se sobre seu rosto voltado para cima.

Parecia uma princesa, como um ser etéreo e místico que nenhum homem mortal podia tocar. Não as mãos dele, tão cheias de sangue, calejadas pela vida e rudes pela escuridão de seu interior.

—Que bonito —se dirigiu à parte dianteira do carro, olhando ao seu redor antes de girar para ele; a perfeição de seu rosto tocada pelas sombras e o mistério.

Chase se aproximou dela. Não tocá-la não era uma opção. Não beijá-la era impossível. Tinha que beijá-la. Justo aí, com a neve caindo ao redor deles, enquanto a tocava o gelo e a enchiam as chamas, o epítome de cada fantasia luxuriosa que teve.

Nunca saberia o que fazia. Como o fazia abrandar-se por dentro, desejar ser diferente, menos duro, menos amargurado. Quanto o fazia desejar que pudesse abandonar-se a todos os sonhos que via formar redemoinhos em seus olhos.

—Acabarei nos destruindo.—murmurou, rodeando seu rosto com as mãos, olhando-a aos olhos, morrendo por dentro por ela—.Sabe, Kia? Destroçarei aos dois.

Não a queria destroçar. Não queria ver as lágrimas que lhe causaria. E não poderia suportar vê-las justo agora.

Necessitava esta noite com ela. Uma noite mais, um toque mais. E o necessitava como a própria vida.

Capítulo 13

Kia levantou as mãos, acariciou o cabelo de Chase, o pegou com prementes dedos e abriu os lábios para seu beijo. Era como abrir-se à magia.

O prazer enchia todo seu organismo. Corria através de suas veias, palpitava em seu coração e a tinha aquecendo-se para ele, estendendo-se por mais.

A neve caía ao seu redor, protegendo-os, encerrando-os num manto branco enquanto o muito alto carvalho por cima das suas cabeças apanhava a maioria dos flocos, deixando só mínimo indício de gelo esplendoroso para derreter em torno deles.

Kia podia sentir as entristecedoras sensações movendo-se através dela. As mãos de Chase



se moveram debaixo da capa, percorreram suas costas, agarraram seus quadris e a atraíram bruscamente para ele, ao mesmo tempo que seus beijos avivavam o desejo causando estragos entre eles.

—Doce, Kia. —gemeu, movendo os lábios sobre a mandíbula — Senti sua falta.

O coração de Kia saltou com a confissão; a esperança se apoderou dela.

Jogou a cabeça para trás, permitindo acesso ao seu pescoço enquanto os dedos de Chase baixavam o zíper na parte posterior do vestido. As mãos deslizaram dentro do tecido, acariciando, esquentando-a mais.

—Também senti sua falta —sussurrou— Oh Deus, Chase, senti tantas saudades.

Os lábios se moveram ao ombro, a alça do vestido caiu pelo braço, o tecido se separou dos seios e seus lábios estavam ali.

Chase lhe apoiou as costas contra o capô quente do carro. Sua abrigada capa protegia as costas do excesso de calor, enquanto ela permanecia quente entre o capô e o corpo de Chase.

Kia podia sentir o calor, debaixo dela, em cima dela. Os lábios de Chase se deslocaram aos arredondados seios, a língua lambia os mamilos enquanto suas mãos subiam, como em uma carícia, o vestido pelas pernas, pelas coxas.

Os dedos de Kia tentaram torpemente desabotoar sua camisa, não obstante conseguiu soltá-los, para afastar o tecido, para acariciar a dura amplitude de seu peito.

O gemido de Chase contra seu mamilo a fez tremer de prazer. Então o meteu na boca, chupando-o com voraz avareza.

Ela se arqueou, tensa com as sensações rasgando-a completamente agora. Podia sentir seu toque em cada poro do corpo, enchendo-a de elétrico prazer e estava ávida por cada carícia. Cada sensação.

—Chase. —Sussurrou seu nome com voz trêmula enquanto empurrava as mãos por baixo da camisa para agarrar-se aos ombros.

Podia senti-lo entre as coxas, os dedos de uma mão arrastando suas calcinhas sobre os quadris enquanto os lábios começaram a deslocar-se mais abaixo.

Certamente, ele não tinha intenção de fazê-lo? Aqui, na neve?

Mas tinha a intenção de fazê-lo. Estava fazendo.

Kia o olhou, observando quando abriu suas coxas, e inclinou a cabeça para o calor líquido que fluía dela. O rosto de Chase estava deformado pelo prazer, os olhos dilatados e enquanto lhe beijava o clitóris devolveu o olhar com intensa e quente luxúria.

Beijou-a. Apoiou os lábios sobre ela, chupou-a dentro da boca e a marcou com a língua antes de soltá-la. Repetiu, outra vez, uma vez mais, até que as mãos de Kia estavam no cabelo de Chase, as pernas levantadas para ele, os sapatos apoiados sobre o para-choque do carro.

Suas mãos se apertaram debaixo dela, levantaram-na para os lábios. Chovendo beijos na carne inchada e sensível, enlouquecendo-a com o êxtase próximo. Lambeu, chupou cada dobra entre seus lábios e a acariciou com a língua.

Ele gemeu contra a carne, sua língua tamborilou e logo separou os lábios íntimos e empurrou a língua dentro do núcleo apertado de seu corpo.



Kia se arqueou, um grito destorcido saiu de seus lábios quando o prazer correu da vagina, através de suas terminações nervosas, chispando sobre o corpo e empurrando-a mais perto da borda de pura sensação.

—Seu sabor é tão doce, Kia. —Ele levantou a cabeça, passou a língua ao redor do clitóris. Lentamente. Tão lentamente. Brincando, tamborilando enquanto ela o observava, ofegando, mal capaz de respirar pela excitação percorrendo-a velozmente.

—Toque seus seios para mim. —Sua voz era uma chicotada de autoridade, resolvida, gutural pelo prazer— Deixe-me vê-la, Kia. Deixe-me olhá-la brincar com seus mamilos.

Kia gemeu ante a ordem, sentindo um rubor que a esquentava.

Tirando as mãos do cabelo de Chase, levantou seus seios, cobri-os com a mão em concha e gemeu. Os dedos polegares e indicadores se apoderaram dos mamilos, os quadris se sacudiram com força pela sensação aguda que correu rapidamente para o clitóris e mais adiante.

—Tão bonita —gemeu Chase, baixando a cabeça uma vez mais, os olhos observando enquanto a língua acariciava ao redor do clitóris.

Beijou-a de novo, meteu bruscamente o sensível broto na boca e o chupou lentamente, deliciosamente. Ela estava tão perto. Montando a borda do orgasmo quando ele retrocedeu uma vez mais, provocando que se arqueasse para ele, clamando ante a perda.

—Merda, tão bonita. —Os dedos acariciaram as dobras inchadas— Dê-me a mão.

Agarrou-lhe o pulso, puxando-a bruscamente do seio e a levou entre as coxas.

—Deixe-me vê-la —grunhiu—Mostre-me como se dá prazer, Kia.

Os olhos de Kia se abriram de par em par ante o pedido, a comoção e a luxúria consumindo completamente as defesas quando pressionou os dedos no calor úmido de sua vagina.

—Mostre-me. —lambeu os lábios com a língua enquanto se endireitava, movendo as mãos para as calças—Mostre-me o que você gosta. Então darei a você o que ambos necessitamos.

Oh Deus, sim. Ela o necessitava.

Rodeou o clitóris com os dedos, esfregou, logo passou os dedos pela escorregadia abertura. E olhou com atenção quando o cinturão de Chase se soltou.

Separou os lábios, observando como o olhar de Chase apontava para seus dedos, e esfregou a entrada de seu corpo, gemendo quando ele desabotoou as calças e baixou brandamente o zíper.

Empurrou um dedo dentro, choramingando enquanto ele liberava lentamente a carne grossa e dura de seu membro das cuecas.

—Quero você sem camisinha. —Levantou os olhos para os dela uma vez mais— Ainda está protegida?

Kia estremeceu ante a ideia de tomá-lo, senti-lo ali, dentro dela, desprotegido, movendo-se em seu interior, enchendo-a.

—Posso tê-la assim, Kia? —sussurrou— Desprotegido. Só você e eu?

—Oh Deus, Chase —gritou, a voz rouca— Não sabe? Pode me ter de qualquer forma que desejar.

O olhar de Kia se moveu, baixou, sua boca encheu de água diante da visão dele acariciando-



se, seus dedos movendo-se lentamente sobre a carne grossa do membro.

Provocando-a.

Ela o provocou também.

Os olhos de Chase se moveram à mão de Kia, para onde bombeava o dedo lentamente dentro da vagina, a seguir o retirou bruscamente, os sucos brilhando nele quando estendeu a mão para Chase.

—Ai, Deus! Kia. —Aproximando-se dela.

Separou os lábios, tomando o dedo dentro do calor de sua boca enquanto empurrava a cabeça de sua ereção contra ela, separava-lhe as dobras e começava a estirá-la.

—Chase. Chase, é tão bom. —arqueou-se, levantando-se, separando as coxas— Preciso de você. Preciso tanto.

Precisava dele duro e profundo. Rápido e forte.

Apertou-lhe as coxas separando-as mais, manteve-a aberta e juntos olharam, como a penetrava.

A eletricidade chispava ao redor deles. O prazer raspou sobre as terminações nervosas de Kia, esquentou-a e a esticou com a necessidade da liberação enquanto ele a penetrava lentamente. Centímetro a centímetro, separando a carne tenra e acariciando seu interior enquanto Kia tirava o dedo da boca de Chase e se agarrava aos seus pulsos.

Algo a que agarrar-se. Precisava agarrar-se a ele, porque podia sentir-se ameaçada precipitando-se dentro de algum brilhante torvelinho de prazer que lhe roubaria os sentidos.

Nunca tinha sido assim. Nunca tinha conhecido um prazer igual. Inclusive com ele e Khalid o prazer não tinha sido assim. Só os dois. Só a carne de Chase e a dela, seu toque e o dela.

—Ah, diabos! Kia. —Seus quadris se sacudiram com força, corcovearam, enchendo-a com os últimos centímetros de seu membro, penetrando-a duro e profundo.

Levantou-lhe as pernas, escorou-as, empurrou dentro mais profundo enquanto a cabeça de Kia se retorcia contra a capa.

Ela não podia dar sentido a este prazer. Era mais que paixão, mais que os elétricos estremecimentos de voraz paixão e vivo desejo. Era mais que prazer.

Sua vagina se flexionou e apertou, a sensação esticando o útero enquanto gritos quebrados saíam de seus lábios e Chase começava a mover-se. A princípio, empurrões lentos e suaves, que aumentaram a necessidade dentro dela. Como um fogo sendo avivado, fortalecido, ardendo quente e abrasador, Kia começou a arder.

Retorcia-se debaixo dele, olhando-o com aturdido êxtase quando começou a mover-se mais forte. Mais rápido. A expressão de Chase distorcida, apertada em tensas, selvagens linhas de fome. Seus olhos brilhavam debaixo das pestanas e ainda no frio, debaixo da neve, um fio de suor descia pelo lado do rosto.

A fodia com golpes fortes, duros, bombeando dentro dela, atravessando-a com um prazer que a rasgava e enchia os sentidos com um caleidoscópio de sensações.

—Chase! —Gritou seu nome enquanto se retorcia debaixo dele. Ardendo. Necessitando.

Sentiu-se rasgada pela necessidade que se desatou nela, que percorreu sua pele, meteu-se



em seu útero e envolveu seus clitóris. Podia senti-la fortalecendo-se em seu interior, expandindo e contraindo quando ele começou a mover-se mais forte, mais profundo.

—Chase, Chase, por favor. —As mãos de Kia se aferraram aos pulsos dele quando sentiu seu orgasmo aproximando-se, sentiu-o com uma força, um poder, que uma parte dela advertiu que poderia ser destrutivo.

—Agarre-se em mim, meu bem —gemeu—Agarre-se forte em mim.

Aproximou-se dela, as mãos se deslocando por baixo dos ombros de Kia, suas pernas envolvendo os quadris e estava tomando-a com força. Energicamente. Quadril contra quadril, carne contra carne quando Kia sentiu a explosão detonar em seu interior.

Gritou seu nome, arqueou-se, apertando as pernas ao redor dos quadris quando os velozes tremores de sensação se tornaram êxtase através de seu corpo. O raio de paixão radiante e a sensação dele derramando-se em seu interior. O prazer aumentou e a arrastou em uma maré de pura sensação.

A magia e o estalo de êxtase. Chase em cima dela, seus braços por baixo dela, grudando-a a ele enquanto sussurrava seu nome contra o pescoço, o corpo estremecendo, sacudindo quando se precipitou para sua liberação.

Kia o grudou a ela, envolveu os braços ao redor do pescoço, enterrou a cabeça contra seu ombro e o sentiu afundar-se em seu interior. Sentiu-se envolvida em uma calidez, presa dentro do resplendor de prazer e pela primeira vez em sua vida adulta, completa.

Essa era a parte aterradora. Sentia-se completa nos braços de Chase.

—Doce Kia. —A voz se quebrou enquanto beijava seu pescoço antes de recuar lentamente.

Chase levantou a mão, tocou-lhe a bochecha, enxugou a umidade da neve meio derretida e passou roçando através dos lábios inchados quando os olhos de Kia se abriram.

E cravou o olhar nos olhos dele. Os olhos de Chase estavam mais escuros que antes, a expressão muito tensa, tão grosseiramente revestida pela fome, a necessidade, que ela soube que não tinha nada a ver com o sexo ou a luxúria.

—O que vou fazer com você? —sussurrou, apoiando a testa contra a dela enquanto fechava os olhos— Ah Deus, Kia. Como diabos vou enfrentar isto?

Kia estava deitada debaixo dele, esperando agora, sentindo a batalha livrando-se dentro de Chase e perguntando-se se sairia perdendo ou ganhando essa guerra.

Podia senti-la debaixo dele, crispada, tão quente, seu corpo ainda aferrando o seu em um agarre apertado como um punho, tão apertado e quente que sabia que poderia tomá-la outra vez, muito facilmente.

Tão condenadamente fácil.

Em lugar disso recuou, fazendo uma careta quando sentiu seu membro protestar pela retirada e o frio que o esperava. Quando foi para trás, as pernas de Kia caíram de seus quadris, o vestido deslizou pelas coxas e ela levantou a alça sobre o ombro.

—Faz frio. —disse, furioso por dentro. A necessidade de abraçá-la ardia tão intensa e feroz como a necessidade de soltá-la.

Podia sentir a escuridão correndo dentro dele, golpeando em sua cabeça. Uma fome que só



associava com Kia, certa desconhecida onda de emoção que o fazia impor seu controle sobre ela.

Jamais conheceu antes o que podia sentir rasgando-o agora. Era de natureza dominante, sexualmente forte e ela era tão doce, tão suave que o aterrava.

Cravou o olhar na expressão tranquila e vigilante de Kia enquanto a ajudava a levantar-se, a arrumar a roupa antes de arrumar as suas.

Nunca deveria ter ido a ela esta noite e sabia. Viu a esperança em seus olhos e viu o medo. E soube, que esta noite, terminaria por destruir a si mesmo.

Kia observou seu rosto quando a rodeou com os braços e fechou o zíper do vestido. Sua expressão era dilaceradora, os olhos turvos com uma emoção que ela sabia não ia liberar. Podia vê-la, podia senti-la. Mas ele nunca a soltaria o suficiente para confiá-la aos seus cuidados.

Perguntava-se se essa era a batalha. Se ele queria confiar nela, apoiar-se nela e tinha que repeli-lo. Ou se essa escuridão em sua expressão, em seus olhos guardava algo mais.

—Chase.

Apoiou os dedos sobre seus lábios no momento em que ela teria perguntado, teria tentado sussurrar seus sentimentos.

—Vamos para sua casa. —Apertou a mandíbula. Flexionou-a— Antes que pegue um resfriado.

Ela o olhou, rasgada, sabendo, sentindo a distância que repentinamente colocava entre eles. Tal como fazia quando Khalid os unia. O mesmo que sempre fazia.

Maldito seja! Algo dentro dela explodiu pela dor enquanto Chase a ajudava a entrar no carro. Esperou até que a porta fechasse atrás dela antes de abotoar a camisa, rodear o automóvel, a cabeça encurvada, a expressão grosseiramente controlada. Só por um segundo tinha visto a dor em seus olhos, um brilho da selvagem escuridão que empurrava a alma de Kia e encolhia seu peito.

Quando sentou no assento do condutor, via-se tão apresentável como na dança. Ninguém saberia que acabava de tomá-la no capô do carro, enquanto ela sabia que estava despenteada, possivelmente ainda um pouco sonolenta pelo prazer.

Entretanto, essa neblina estava se afastando rapidamente.

Kia sentou em silêncio enquanto Chase saía rapidamente da propriedade Sinclair, e retornava para Alexandria. Não perdeu tempo; conduziu o veículo eficientemente, velozmente e, logo, detiveram-se diante de seu apartamento.

Surpreendeu-se quando ele saiu do automóvel e foi para seu lado.

Ajudou-a a sair e a manteve presa pelo braço quando entraram no edifício. Como se estivesse ansioso por deixá-la no apartamento e seguir seu caminho.

—Não tem que subir comigo —disse—Sou perfeitamente capaz de chegar em cima por minha conta.

Não queria que subisse com ela. Não queria o que intuía se aproximava, a dor que sabia que explodiria em seu interior.

—Sei que é.

De todo modo entrou no elevador com ela, apertou o botão de seu andar e observou a tela



digital enquanto subiam.

Kia pegou a chave em sua carteira quando as portas do elevador se abriram novamente e uma vez mais se surpreendeu quando as pediu com um gesto.

Segundos mais tarde, a porta se abriu e ela entrou. Chase não a seguiu. Permaneceu em pé na soleira, observando. Ela se voltou para encontrar-se com seu olhar.

Deslizou a capa dos ombros e a jogou sobre o sofá. Kia teve que conter o tremor que queria correr por seu corpo, a fúria traiçoeira que queria surgir nela.

—Vai ficar? —Perguntou, a voz fria, distante.

Já não ia aceitar mais. Maldito fosse! Estava apaixonada por ele. Era um bastardo... frio, longínquo, distante... algo em seu coração respondeu violentamente à piscada de emoção nos olhos de Chase e em sua luta por ocultá-lo.

Apertou a mandíbula.

—Não. E você realmente não quer que o faça.

Os lábios de Kia se torceram maliciosamente enquanto a raiva que dias antes tinha surgido dentro dela permanecia fervendo a fogo lento. Nem sequer se surpreendeu. Pensou que, talvez o esperasse.

—Sabe, Chase —finalmente disse— Quero um amante, não uma rapidinha de vez em quando. Vou te dizer uma coisa. Feche a porta ao sair e fingiremos que nada disto aconteceu jamais. Já tive o suficiente.

Não podia enganar-se. Estava destroçando-se por dentro, abandonando sua luta por aferrar-se a algo, por dar sentido a si mesma e a suas emoções. Já não podia aguentar.

Ele entrou no apartamento então e com um movimento controlado da mão, fechou a porta de repente.

Kia não se alterou. Cravou o olhar na porta, logo retornou para Chase enquanto cruzava os braços sobre o peito e sacudia a cabeça.

—Primeiro não podia me ter sozinho. Agora, segundo você, pode me tomar só, mas não quer passar a noite em minha cama. —Moveu a mão para ele— Dou a você uma saída e o que faz? Entra e fecha a porta de repente. —Seu sorriso era um de brincadeira furiosa— Pensei que as mulheres eram as únicas que tinham problemas para decidir-se, não os investigadores particulares grandes e rudes.

Os olhos de Chase se estreitaram sobre ela.

—Desfrutou de cada minuto que passamos juntos —informou asperamente— Agora, não pode se queixar.

—Não estou me queixando —assegurou— Pensei que tinha recebido a mensagem na outra noite. Quero mais. Não sou uma boneca para ser usada quando quer e que ficará feliz, sentada sobre um suporte, até que esteja preparado para voltar a brincar. Se isso for o que quer, vá contratar uma prostituta. Elas não lhe darão os problemas que eu te darei sobre essa questão.

—Você sabia que isto só era por prazer —disse bruscamente.

Agora, podia ver a raiva nos olhos de Chase, o batimento de fome e de escura intensidade.

—Bem, no que diz respeito a mim, o prazer envolve mais que sexo proibido —replicou— Há



mais no prazer que isso, Chase. E se não há, então não quero ser parte disso. Quero mais do que está oferecendo e você não quer dá-lo. Bem. Saia da minha vida e permaneça fora dela.

Possivelmente estava sendo injusta com ambos, mas as necessidades que surgiam dentro dela a afligiam. Queria mais. Sofria por ter mais dele, apesar das promessas que se fez a si mesma de que não permitiria que isto acontecesse. Estava cansada de ficar olhando a noite, perguntando-se se amanhã se dignaria a abraçá-la, a falar com ela, só estar com ela para algo mais que sexo.

Necessitava isso dele. Necessitava-o de maneiras que não podia combater por mais tempo.

E isso era exatamente o que ele deveria fazer. Deveria sair por essa porta, sair do maldito edifício e tinha que fazê-lo.

Em troca, estava ali de pé, olhando-a, vendo algo em seus olhos que tinha cada instinto masculino dentro dele em pé de alerta.

—E o que fará quando eu partir? —grunhiu— Encontrar alguém, assim não terá que dormir nesse maldito sofá todas as noites?

Não podia acreditar nas palavras que brotaram de seus lábios, ou na raiva que parecia acender-se dentro dele. Maldita seja, sabia que era hora de deixá-la ir. Sabia que era hora de afastar-se antes de machucá-la. E ainda assim continuava de pé aqui. Ainda pressionando a ambos.

Ela inspirou abruptamente.

—Acredita que isto é só por que eu não gosto da maldita cama? —lançou um olhar desgostoso— Que bom é salvando seu orgulho, Chase. E se acaso outro homem a encher não é de sua conta.

Uma merda que não era.

Chase tinha se preparado para afastar-se. Sabia, internamente, que depois desta noite não tinha mais remédio que acabar com isto. Agora sabia que era algo que não ia acontecer. Deixá-la partir não era uma opção.

Olhou-a com ira, observando como levantava desafiante o queixo. Seus ombros estavam retos, todo seu corpo preparado para a batalha e zumbindo de obstinação.

E o estava deixando mais duro que nunca.

—É muitíssimo de minha conta —grunhiu— Diga-me Kia, já escolheu meu substituto?

Os olhos de Kia se entreabriram, a satisfação curvando seus lábios e a fúria ardendo dentro dela.

—Em realidade, já. É uma manta elétrica e um vibrador. Decidi, Chase, que há benefícios em ambos.

A comoção explodiu através de seu organismo. Nem sequer era outro homem? Nem sequer estava substituindo-o por carne e osso?

—Já o provou? —disse bruscamente— Não vai ser tão satisfatório como acredita.

Deu de ombros diante disso, a expressão tensa de raiva.

—Passei muito bem com meu vibrador durante dois anos. Nunca foi infiel, nunca gritou, nem me fez exigências impossíveis —disse— Nunca me rechaçou, nem tampouco tem problemas de compromisso. E sabe o que, Chase?



—O que?

—Enquanto o mantenha com baterias, nunca deixa de me fazer companhia durante toda a noite. Uma melhora categórica sobre meus deprimentes amantes, não acredita?

—Deprimentes? —disse lentamente, sentindo-a agora. Podia senti-la. Maldita seja. Essa escuridão arrastando-se ao fio de seus sentidos, essa latente, primitiva necessidade que só sentia ao seu redor.

Por esta razão se elevou dentro dele como um maldito animal tentando ser livre. Desafio. No momento em que a viu tinha brilhado atrás de seu olhar, oculto, misterioso, desafiando-o a encontrá-lo.

—Deprimentes. —Kia enfatizou a palavra apoiando a mão em seu quadril e olhando-o com olhos furiosos— É um deus sexual, Chase. Faz todos os movimentos corretos, diz todas as palavras certas e pode fazer que uma mulher goze até que esteja segura que seu cérebro se fundiu na confusão. Mas sabe o que?

—O que? —grunhiu.

—É um péssimo amante. —Enrugou o nariz com desdém— Não posso imaginar como suas ex-amantes tiveram o descaramento de mentir com tal assombrosa facilidade quando se gabaram de que as abraçava durante toda a noite. —Elevou a voz— Que tomava banho e as lavava, secava e as tomava ainda depois que Cameron se fosse. —disse afastando-se.

Chase quase jurou que ouviu sua voz quebrada. Kia quase jurou que ia perder o controle de sua raiva e sua dor. Sacudiu a cabeça e engoliu com força.

Merecia ao menos tanto como as antigas amantes de Chase e recebia muito menos. Estava rompendo seu coração, necessitando que a abraçasse, necessitando mais de um amante, mais do que Chase estava disposto a lhe dar.

—Por que? —voltou-se para ele— Diga-me por que acredita que elas merecem mais que simplesmente esse muito experiente membro seu e eu não.

A dor que florescia dentro dela estava eclipsado não pela raiva, mas sim pela pena e a determinação. Não ia permitir que a destruísse. Poderia amá-lo. Não necessitava que ele estivesse aqui, que a abraçasse, que a tocasse, para amá-lo. Não podia obrigar-se a não amá-lo. Mas tampouco tinha que deixar-se destruir.

—Porque. —Enfrentou-a, cravando o olhar nela, os olhos atentos, observando-a com atenção— Você não é o suficientemente forte para uma relação comigo, Kia, e ambos sabemos. Não pôde dirigir os jogos que Drew quis de você e não poderá dirigir a dominação que eu traria. Ele quase a destroçou. Não serei responsável por isso.

A incredulidade a encheu.

—Acredita que Drew quase me destroçou? —perguntou incrédula.

—Você sabe que o fez, Kia —espetou— A observei, quando se permitiu deixar este fodido apartamento. Escondeu-se do maldito mundo. Não podia enfrentar sabendo que ele tinha tentado compartilhá-la. O que diabos pensa que vai encontrar em uma relação comigo, Kia? A gente sabe. As ex-amantes, as amigas, elas sabem que Cam e eu compartilhávamos nossas mulheres até seu compromisso com Jaci. Adivinharão o que está acontecendo. É isso o que quer?



Kia inalou, aferrou-se ao seu controle por um fio e se negou a gritar de raiva. Importava um nada a fofoca ou o que os outros pensavam que sabiam. O que rastelou com garras de agonia através de sua alma foi que ele usasse uma desculpa tão frágil para resistir a ela.

—A diversão e os jogos se acabaram, Chase —disse com aspereza, a voz rude, a garganta engrossando—Pode ir agora. Por favor, feche a porta atrás de você.

Voltou-lhe as costas. Tinha que escapar dele. Se não o fizesse, poderia ficar violenta. Ainda pior, poderia gritar. Maldito fosse!

—Não me volte as costas, Kia. —Sua mão apertou seu braço, girando-a— Quis esta discussão. Quis a explicação, agora trate com isso.

—Tratar com o que, Chase? —replicou— Com um homem que acredita que sou uma covarde? Um que pensa que mereço menos que qualquer outra mulher com quem alguma vez se deitou?

—Isso não foi o que disse, maldita seja.

—Chamou-me de fraca. —separou-se dele.

—Isso é o que quero dizer. —Agarrou-a pelo braço de novo— Se olhe, já está ferida. Menos de um mês no inferno seja qual for está fazendo estragos em nós e já a machuquei. Aqui é onde estamos. É fraca, meu bem. Muito fraca eterna e eu sou duro. A destroçaria animicamente e não quero isso.

Realmente acreditava. Kia ficou olhando, tremendo por dentro e por fora, tão furiosa e cheia de incredulidade que mal podia dar sentido às suas emoções.

—Pedi que saísse —disse cuidadosamente, olhando-o com uma determinação de aço— Mereço mais que isto, Chase. Mais que um homem que acredita que sou muito fraca para uma relação com ele. Talvez seja você o defeituoso. Talvez seja muito fraco para uma relação comigo. O desafio. Chase sentiu seu membro endurecer a extremos impossíveis.

Maldita fosse. Nunca tinha reagido assim com uma mulher, não importava a provocação ou o desafio. Nunca antes tinha desejado fazer gritar de prazer a uma ou rogar por submeter-se como queria que esta o fizesse.

Antes que ela pudesse detê-lo, tinha-a encostada na parede, os braços sobre a cabeça, os pulsos algemados em suas mãos. Ela não mostrou medo. Não a queria assustada, mas sempre tinha se preocupado como ficaria se visse como era por dentro.

O homem que podia matar. O homem que necessitava da luxúria ardente, a provocação, o desafio que estava lhe dando agora. Nunca tinha visto este lado dela, mas de algum jeito, sabia, tinha-o intuído. Sabia que estava ali. E tinha lutado para não lhe dar a oportunidade de enfrentá-lo.

Mas era só a raiva de Kia. Essa obstinação que viu em seus olhos não faria um longo caminho em uma relação com ele. Quando estivesse sombrio e temperamental, ela choraria. Se respondesse bruscamente, machucaria-a. Se se atrevesse a tomá-la mais duro ou mais forte, ou a desafiasse a ampliar sua sexualidade, nunca saberia como estabelecer seus limites.

Ela não conhecia seus próprios limites, só os dele. E isso destruiria a ambos.

—Tem razão. —separou-se dela— Merece algo melhor.



Viu-a levantar o queixo, os braços deslocando-se aos lados quando se afastou dele, caminhou para a porta e a abriu antes de girar para enfrentá-lo.

—Tem toda a razão, mereço.

—Isto não vai mudar nada, Kia —disse— A próxima festa, a próxima dança, vamos terminar tal como terminamos esta noite.

—Aposte nisso! —As aletas de seu nariz se alargaram, os olhos endureceram até brilhar como pedras preciosas em seu pálido rosto.

Com o cabelo despenteado por fazer amor, o pescoço ainda mostrando o toque da queimadura de seu bigode e os lábios inchados por seus beijos, parecia uma deusa do sexo enfurecida.

E não apostar, porque sabia a verdade sobre isso. Ia machucá-la, ia machucar a ambos e o odiava. Mas estava aprendendo. Manter-se afastado dela era impossível e depois desta noite seria ainda mais.

—Adeus, Chase. —Os lábios de Kia se afinaram, a expressão tão cheia de feminina determinação que se sentiu como um animal no cio.

Chase não se atreveu a falar. Assentiu bruscamente com a cabeça e saiu, preparando-se psicologicamente para a portada quando saísse.

Um segundo mais tarde, virou-se para trás e se deteve quando a porta fechou brandamente, deliberadamente, o ferrolho foi colocado. Chase apertou os dentes e caminhou irado para o elevador.

Ela veria que na próxima vez seria mais duro, mais rápido, mais quente e mais dolorosamente profundo. Podia sentir agora as andrajosas feridas rasgando-se em sua alma. A força, o controle que requereu afastar-se dela, como sempre se afastou cada vez que seus sentimentos estiveram envoltos.

Ela era sua debilidade. Ele era a dela. E até que pudesse dirigir as emoções escuras que o rasgavam, não se atrevia a lhe dar mais do que estava dando agora.

Porque uma vez que aprendesse o que significava estar com ele tratando-o dia após dia, saberia que não era tão fácil. Ela bem poderia inteirar-se que Chase Falladay não deixava em liberdade algo que lhe pertencia.

Tinha mais posses agora do que nunca em sua vida. Amontoava-as. Guardava-as. Assegurava-se que ficassem com ele. E se alguma vez reclamasse Kia como dele, então não tinha nenhuma dúvida que ela viveria para lamentá-lo.

Ambos o fariam. Porque nunca a deixaria partir. Converteria-se em sua alma. E se Chase alguma vez tivesse que observar sua alma partir, destruiria-o.

Capítulo 14

Kia apertou as mãos em punhos e logo se forçou a relaxá-las antes que as lágrimas se



precipitassem por seus olhos.

O pranto não ia solucionar isto mais do que tinha consertado seu matrimônio com Drew ou seu próprio orgulho ferido. Não ia ajudar a resolver os problemas de sua vida, nem ia aliviar o horrível conhecimento de que era incapaz de manter o único homem que a fascinava.

Inalou com força, deu uma olhada no relógio para verificar a hora, logo caminhou para o telefone. Bateu na marcação rápida com um dedo e esperou enquanto o telefone celular de seu pai soava.

—O que vai errado, meu bem? —A voz preocupada de seu pai chegou pela linha e outra lágrima caiu.

—Estarei no escritório pela manhã —disse— Vou chamar o advogado e Drew pode meter sua condenada pensão onde couber, mas se o despedir ou tentar destruir, trabalharei para seu competidor. Está claro?

Fez-se silêncio. Ela tinha ajudado seu pai ficando ao seu lado durante anos com a coordenação de entregas e horários, fazendo sugestões e integrando algumas das ideias que tiveram quando ocupou o posto antes do matrimônio. Drew tinha exigido que abandonasse seu trabalho, mas tinha continuado envolvida, assim como dando suas opiniões. Depois do divórcio, esteve mais ativa, mas não tinha tomado uma posição oficialmente porque sabia que a pensão era só o que evitava que seu pai destruísse Drew.

Não era tudo culpa de Drew. Ele a tinha assustado, sim. Enfurecido e ferido quando a golpeou. Mas a profunda dor que seu pai podia dar a ele teria destruído sua vida. Ele não tinha destruído a sua. Ela não queria destruí-lo tampouco.

—Sou o chefe, menina. Não me dá ordens. —grunhiu.

—E eu sua filha. Ensinou-me como jogar sujo —recordou—Estou segura que Johannes Logistics adoraria não me deixar escapar. O que pensa?

Timothy Rutherford sorriu apesar de si mesmo. Ficou cômodo na cadeira e olhou sua mulher, que estava sentada com sua irmã, Jillian Edgewood, e seu cunhado, Harvey.

Celia estava olhando com um fio de esperança, escutando o final da conversa em silêncio. Era a filha pela qual se desesperaram para ver outra vez. Em sua voz, ele podia ouvir a confiança e, sim, a ira. Algo finalmente, a tinha empurrado, a tinha irritado o bastante para recuperar a mulher dentro da jovem confusa que tinha conhecido durante os últimos dois anos.

—Nove em ponto pela manhã. —grunhiu— Em meu escritório.

Ela fez uma pequena inalação.

—Estarei ali às oito. Há algumas coisas que quero esclarecer com você antes de começar a limpar a confusão que estou segura me aguarda no escritório.

O sorriso se incrementou.

—Melhor que esteja pronta para trabalhar. —Manteve sua voz em um tom resmungão— Ou desta vez Stanton estará fora da porta tão rapidamente que sua cabeça ricocheteará no pavimento.

Não é que Timothy se importasse uma merda com o que acontecesse a Drew Stanton. Ele era eficiente em seu trabalho, não ficava muito no escritório e Timothy raramente tinha que tratar



com ele. Asseguraria-se que o outro homem soubesse seus limites no que concernia a Kia.

—Muito bem. Então o verei pela manhã.

Kia desconectou a linha e olhou fixamente o telefone, logo à mão tremente. Inclinou a cabeça contra a parede e deixou sair um só soluço. Perder Chase valia uma noite cheia de soluços, mas ela não podia permitir ceder ante ele.

Embora, estivesse pendente pelo esforço dos anos passados. Três anos casada com Drew, onde tinha tentado ser a mulher que pensou que ele desejava. Aonde a tinha levado isso? Tinha aceitado sua pensão durante os últimos dois anos e odiado todos os meses disso. Não necessitava do dinheiro. Era perfeitamente capaz de trabalhar, e inclusive se não o fosse, o fundo de investimentos que seus pais e avós tinham deixado daria a ela e os filhos que tivesse uma vida cômoda.

Durante os últimos dois anos, ela tinha merecido muito mais que essa miserável pensão. Merecia medalhas e um desfile. Assegurou-se que Drew mantivesse seu trabalho e seu pai não tivesse a oportunidade de destruí-lo. Tinha assumido a culpa de seu matrimônio sobre os ombros assim como das intrigas que o rodearam enquanto lambia as feridas em privado e tentava colocar sentido na mulher que estava surgindo do divórcio.

Embora sua falta de confiança em si mesma a tivesse desconcertado. Nesses dois anos tinha aprendido que o matrimônio com Drew de algum modo tinha quebrado parte do escudo de confiança e segurança que sempre teve. Tinha permitido que ele o tirasse, e isso era culpa dela. Era intolerável. Não permitiria mais, mas era culpa dela.

E estava malditamente segura que não ia deixar que outro homem, um homem que significava muito mais para ela do que Drew jamais tinha suposto, destroçasse o resto do que ficava.

Endireitou-se, girou e olhou fixamente o sofá. O travesseiro estava caído no braço e pertencia à cama.

Inalando profundamente caminhou com energia até ali, tirou de um puxão o travesseiro do sofá e se dirigiu ao dormitório. Por muito que demorasse, aprenderia a dormir nessa maldita cama. Não importava como era grande, ou tão solitária chegasse a ser. E amanhã, no momento em que deixasse o escritório, pararia e compraria essa manta elétrica. E possivelmente uns poucos brinquedos de adultos para acompanhá-la.

Despiu-se e tomou banho. Lavou o aroma de Chase do corpo e as lágrimas se misturaram com a água, mas não se preocupou. Secou-se com a toalha, secou o cabelo e foi para a cama. Arrastou-se ao centro e empurrou os travesseiros extras atrás das costas e se apoiou em outro. Com o lençol e o edredom sobre ela, quase podia imaginar que Chase a abraçava.

Quase.

Teria que ser o bastante.

* * *

Escada acima, a porta do apartamento de Chase bateu com suficiente força para que Jaci saltasse contra o peito de Cam onde estavam sentados no sofá, olhando fixamente o teto.



O som das botas golpeando contra o chão de madeira acima vibrou abaixo e ela arqueou as sobrancelhas quando girou para Cameron.

Que explicação supunha que ia lhe dar? Cam olhou fixamente o teto e o peito doeu. Podia sentir o eco das emoções tumultuosas e selvagens que atravessavam seu irmão e desejou que houvesse uma maneira de fazê-lo mais fácil.

—Que demônios acontece ali em cima? —perguntou Jaci lentamente, franzindo a testa quando ele a empurrou mais apertadamente em seus braços. Cam deu graças a Deus por não encarar mais noites só.

Cam suspirou ante sua pergunta.

—Está se apaixonando. —Se não estivesse já. Kia Rutherford sempre tinha sido a debilidade de Chase. Cam não duvidava que Chase sempre havia sentido algo por ela.

—Isso vale para que bate a porta tirando-a das dobradiças e golpeie o chão? —perguntou com ceticismo.

Cam sacudiu a cabeça.

—Não é algo mau, querida. Mas para Chase, possivelmente, não tão familiar. Não está levando bem.

Acariciou-lhe os braços, recordando como tinha lutado contra apaixonar-se, que duro tinha sido deixá-la ir, como foi difícil confessar os sentimentos que tinham enraizado dentro dele.

—Por certo que Kia não golpeia o chão. —Bufou— Provavelmente chora em seu travesseiro. Vai romper seu coração, verdade?

Cam a puxou mais perto.

—Eu rompi seu coração?

—Amassou um pouco. Possivelmente. —Tinha derramado lágrimas por ele, tinha sofrido por ele, mas seu coração sempre esteve inteiro e tinha pertencido inteiramente a Cam.

Ele sorriu contra seu cabelo.

—É uma coisa de meninos. Faz-nos vulneráveis. Todo nosso orgulho, nossas emoções e tudo o que somos se enreda ao redor de uma pessoa que facilmente pode destruí-lo. É o instinto do guerreiro, perder uma batalha contra uma mulher sedosa, suave e indefesa. Colocamo-nos emocionalmente de joelhos. Chase lutará a cada passo do caminho.

—Por que? —Sacudiu a cabeça, recostando-se para elevar o olhar, tentando obviamente captar o sentido— Por que faria isso?

Cam sacudiu a cabeça.

—Quando se dá conta pela primeira vez que o coração, a alma, a força, tudo o que é, pertence a outra pessoa não é sempre fácil, Jaci. Porque um homem se dá conta de como facilmente podem tirar isso, pela morte, pelos intuitos ou por pura ignorância de nossa parte. Esse instinto, esse conhecimento, quando acorda pela primeira vez, é uma coisa malditamente aterradora.

—Você não parece tão assustado, Cam. —Seu sorriso era toda mulher e o deixou mais duro que uma rocha. Mas também recordou que ele tinha lutado contra esses sentimentos com tanta força como Chase lutava agora. Por razões diferentes, mas tinha lutado.



—Se perdê-la, eu me perco, e sei. Mas tê-la, o prazer, a necessidade e a fome mantêm esses temores afastados. Mas fique segura, qualquer homem que tente tomar o que é meu morreria. E se a morte roubá-la de mim, Jaci, então a seguiria rapidamente.

Olhou-a nos olhos alagados de lágrimas, vendo como uma só gota caía.

—Amo você igual, Cam —sussurrou— Sempre. Para sempre.

Abraçou-a contra ele, seu olhar foi ao teto outra vez enquanto rezava para que Chase perdesse a batalha interna que estava lutando.

Perder Jaci mataria Cam. Mas ela o completava. Era a união que seu irmão e Kia mereciam.

* * *

Chase caminhou com energia para a pia, tirou de um puxão o uísque do armário e verteu o líquido âmbar escuro em um copo antes de beber de um gole e fazer uma careta ante a explosão abrasadora que golpeou a parte de trás da garganta e fluiu ao estômago.

Demônios, tinha passado muito tempo desde que havia tomado um gole de licor. Muitos anos desde que tinha posto do contrário uma garrafa para ver quanto podia tirar de um gole.

Deixou de lado o licor quando completou dezenove anos e raramente tinha olhado para trás. Até agora.

Bateu a garrafa contra o balcão e se afastou. Passou os dedos pelo cabelo e olhou ao redor do imenso e aberto apartamento. A sala, a cozinha e a copa eram abertos, igual no apartamento de Cameron. Dois dormitórios e o banheiro estavam separados, mas eram grandes, abertos e ventilados uma vez que alguém entrava. E havia espaço para adicionar quartos se precisasse fazê-lo; se ele e Cameron fizessem o que uma vez tinham falado que fariam. Ter aqui suas famílias, sempre parte um do outro. Sempre irmãos e família.

Esses planos tinham sido desenvolvidos há muitos anos. As incoerências bêbadas de dois jovens com nada a que agarrar-se exceto o futuro. Naquele momento, Chase soube que era seu sonho, não o de Cam. Agora Cam tinha uma noiva e vivia o sonho e aqui Chase estava sentado, olhando fixamente à escuridão entre a merda que tinha reunido com o passar dos anos.

Só nos meses anteriores Cam tinha começado a escolher fotos familiares das que Chase tinha guardado quando venderam a casa de seus pais e a propriedade para financiar o resto de suas vidas.

Chase tinha jurado, no dia em que a venderam, que nunca perderia algo que lhe pertencesse. Cameron também tinha necessitado vendê-la, para cortar todas as ataduras com a pequena cidade, com o condado, onde não tinha conhecido nada mais que o inferno. Para Chase, foi agri-doce.

Tinha tomado todas as lembranças, as colchas que sua mãe tinha feito, as fotos e álbuns familiares, as lembranças que eram impagáveis para ele e as tinha guardado até que compraram este armazém. Até que construiu os quartos e se introduziu no passado que o tinha criado.

Uma das colchas estava em sua cama e outras esperavam no respaldo do sofá, assim como na cama restante. O valioso jogo de dormitório de sua mãe estava no quarto de hóspedes. A antiga baixela era polida cuidadosamente pela senhora da limpeza a cada semana e estava



colocada placidamente em sua copa.

E aqui estava sozinho.

Por que demônios tinha guardado estas coisas? Não enchiam o buraco que sempre tinha sentido em sua vida e não aliviava o desolado conhecimento de que não havia ninguém com quem compartilhar. Um conhecimento de que só tinha começado a dar-se conta.

Tenho pena, Chase. Um dia destes se dará conta de tão malditamente poucos se preocupavam com você!

Essa acusação vagou por sua cabeça. Joannie Lemaster, a primeira amante com quem tinha vivido, não tinha se privado de dar sua opinião quando saiu pela porta essa noite para voltar ao trabalho. Tinha sido agente federal, tinha um trabalho a fazer e nessa noite quase tinha morrido ao fazê-lo.

Tinha despertado no hospital dias mais tarde e Joannie não estava ali. Quando voltou para casa, ela tinha partido. Caminhou por um apartamento vazio e a solidão o tinha golpeado por dentro.

Vários anos depois recordou despertar sozinho, erguendo-se na cama, o peito ardendo, um sonho de morte e sangue tão vívido no cérebro que seu primeiro pensamento tinha sido seu irmão. No dia seguinte, tinha recebido a chamada que tinha estado temendo desde que Cam se uniu ao exército.

Cam estava a beira da morte. Não esperavam que sobrevivesse. Tinha pirado ao lado de Cam, seguro que ia perder o último laço com alguém que verdadeiramente conhecia. E a culpa era dela. Quando voltou para os Estados Unidos com seu irmão, sua nova amante o tinha deixado, igual a Joannie. Fizera um esforço com esta relação. Tinha tentado não ser distante. Tinha-a chamado quando voou para fora do país e a chamou diariamente até o dia antes de voar de voltar para casa com Cam. E nem sequer disse que ia embora.

A parte que realmente tinha golpeado foi que, dessa vez, o abandono não tinha doído. Assegurou-se que ela estivesse bem, chamou-a, despediu-se e seguiu com sua vida.

Não tinha se permitido aproximar de ninguém, desde então, tinha esquecido como chegar a estar perto de alguém. Tinha mantido suas amantes à distância e seus amigos ainda mais longe. Só seu irmão estava perto dele e Cam tinha seus próprios escudos. Não havia risco. Chase tinha se assegurado de não correr riscos em sua vida pessoal.

Agora tinha Kia.

Não ia deixá-la ir tão facilmente. Tentou. Deus sabia, tentou permanecer longe dela, mas não tinha funcionado.

Afastava-a com uma mão e a arrastava mais perto com a outra. Não era de estranhar que estivesse pronta para lhe jogar algo.

Todos os velhos temores se elevaram dentro dele no que se referia a Kia. A escuridão em seu interior, a intensidade. Às vezes exigia muito de suas amantes, pensou. Queria conhecê-las, queria ouvir seus segredos, conhecer seus corações, mas sempre retinha o seu. Queria saber onde estavam quando partiam, precisava estar seguro que estivessem a salvo.

As mulheres eram mais suaves, mais agradáveis e podiam desaparecer tão facilmente.



Como seus pais tinham desaparecido, como Cam quase tinha desaparecido.

E Moriah. Se alguém se ocupasse o bastante dela para reconhecer a enfermidade que a devorava, possivelmente não teria tido que matá-la. Não teria tido que apertar o gatilho e matar uma amiga para salvar seu irmão.

Ela estava doente e ninguém tinha visto. Ninguém a tinha amado o bastante para detê-la.

E Kia não compreendia o demônio de temor dentro dele porque não tinha permitido vê-lo. Não podia culpá-la por sua ira nem suas exigências. Foi sua decisão colocar essa distância entre eles e não tinha direito a ficar zangado agora.

Mas não estava zangado com Kia. Sofria por ela. Tinha fome dela. E se odiava a cada segundo por isso. Porque sabia que não podia afastar-se dela. Sabia que iria atrás de Kia outra vez e outra vez e os destruiria no processo, porque ela não sabia como dirigir um homem que não podia suportar abraçá-la na escuridão e deixá-la ir sair ao sol.

Voltou para o uísque, verteu outro trago e o bebeu de um gole. Não ia acontecer. Não ia deixar. Teria-a outra vez, ou morreria de necessidade.

Capítulo 15

Dois dias depois Kia estava sentada atrás da escrivaninha que não tinha ocupado em cinco anos e olhava fixamente as projeções que tinha proposto para várias das principais contas da empresa de logística de seu pai.

Havia muito espaço nos armazéns da companhia e recursos esbanjados em outras áreas. Tinha estado repassando duas dessas contas desde o dia anterior pela manhã quando entrou no escritório de seu pai e negociou seu salário.

Quem poderia ter suspeitado que teria que brigar contra seu pai para conseguir o que pensava que valia? Estremeceu interiormente com o pensamento. Tinha conseguido menos do que queria, mas mais do que tinha pensado que obteria. Que nunca se dissesse que seu pai não era um bom negociador.

E era um chefe duro. Ela ficou no escritório muitas horas, nesses dois dias, repassando as projeções. A empresa de logística proporcionava serviço tanto nacional como internacional e parte das contas maiores pareciam estar deteriorando-se em áreas de entrega e eficiência.

Infelizmente, a pessoa que adquiriu as contas e proporcionou as menos que excelentes projeções não era outro senão seu ex-amigo, Marion, o marido de Rebecca Harding.

Marion era um tipo bastante agradável. Suave, seguro. Encantador e sociável, se acaso muito tranquilo. Parecia desvanecer-se na escuridão, sempre que Rebecca estava presente. Embora fosse um excelente sócio para a companhia e houvesse trazido várias das maiores contas.

Infelizmente, duas dessas contas iam ser ajustadas. Os ajustes economizariam à companhia e ao cliente uma grande quantidade de dinheiro. Duvidava que Marion fosse apreciar, quando se inteirasse das mudanças que fariam.



O qual tinha sido há aproximadamente uma hora.

Olhou a porta diante do elevador som da voz de sua secretária e fez uma careta pouco antes que se abrisse de um puxão e Marion irrompesse em seu escritório.

Kia se recostou na cadeira e o olhou enquanto caminhava com fúria até a mesa. Não podia dizer que tivesse visto Marion zangado. Até agora.

—Você gostaria de me dizer que demônios está fazendo? —bateu os arquivos na mesa, inclinou-se para a frente e apoiou as mãos na mesa.

Seus olhos marrons a olharam através das lentes dos óculos e seu fino cabelo marrom tinha decididamente um aspecto desordenado. O que não era do estilo de Marion absolutamente.

—Acredito que os arquivos se explicam por si mesmos —disse com cuidado—Como a mensagem de que podíamos discuti-lo, Marion. Não tinha que irromper em meu escritório e fazer uma cena.

Levantou-se da mesa e foi para a porta, fechando-a brandamente enquanto sua secretária olhava de seu lugar. Quando voltou com Marion, viu o rosto ligeiramente atraente franzido em um cenho.

Sempre tinha gostado de Marion. Não era em nada como sua mulher e normalmente era difícil de transtornar.

—Não fiz nenhuma maldita cena. —respondeu colericamente—Está aqui há dois dias, Kia, e decidi começar a olhar por cima de meu ombro? Se isto for algum tipo de vingança, então me permita saber agora e entregarei minha maldita demissão.

Ela sacudiu a cabeça enquanto retrocedia a sua mesa e se sentava.

—Eu não faço vinganças, Marion. Você e eu sempre nos demos bem quando trabalhava aqui. Estas contas são duas das maiores que a Rutherford tem. Uma vez que esclareça isto, começarei com mais duas. —Olhou-o firmemente— Este é meu trabalho, olhar por cima de seu ombro e organizar suas projeções. Recorda?

Ele apertou os lábios.

—Olhe, sei que você e Rebecca tiveram uma tremenda briga e o que seja que ela fez, desculparei-me agora.

Ela levantou a mão.

—Isto não tem nada a ver com sua mulher e tudo com suas projeções. Se quiser, discutiremos.

—Não estive neste escritório em cinco anos e pensa que pode entrar aqui e saber tudo o que fazemos como se nunca tivesse saído? —Olhou-a fixamente com incredulidade— De onde demônios tira o sangue-frio?

Timothy Rutherford abriu a porta em silêncio quando a pergunta de Marion Harding explodiu na sala. Levantou as sobrancelhas. Dois dias e seus sócios principais de vendas já estavam chiando? Quis sorrir quando olhou antes de disparar a Marion um olhar de advertência. Essa era sua garota. Todo dentes. Tinha sido uma trabalhadora tremenda antes que esse condenado Drew Stanton a convencesse a deixá-lo.

—Tirou o sangue-frio de meu lado da família, acredito. —disse Timothy enquanto fechava a



porta atrás dele.

Marion estremeceu antes de ficar ereto lentamente e girar para ele. Apertou a mandíbula e um rubor de ira subiu pelas bochechas.

—Timothy. —Cabeceou— Não me advertiu que Kia tinha entrado para despedaçar nossas contas.

—Kia esteve despedaçando nossas contas desde o dia que saiu —informou o outro homem enquanto se movia a mesa de sua filha— Simplesmente porque não teve o título não significa que não repassasse as contas, Marion.

Ele colocou o arquivo que levava sobre a mesa de Kia antes de girar para encarar o outro homem.

—Vai ter problemas para trabalhar com ela?

Os lábios de Marion formaram uma tensa e fina linha.

—Minhas projeções sobre essa conta são excelentes, Timothy e ambos sabemos. Você e eu as repassamos. Ela não está aqui nem há dois dias e agora remove tudo?

Timothy assentiu.

—Isso espero. Vai ter um problema com isso?

—Papai, este não é o momento. —disse Kia silenciosamente— Marion e eu podemos resolver isto.

Timothy refreou o impulso de colocar Harding no lugar.

—Fiz uma pergunta, Marion.

—Se ela for começar a criticar minhas contas por causa de seus problemas com minha mulher, então tem toda a maldita razão. Vamos ter problemas. —disparou Marion.

Marion era um bom homem, mas essa mulher fazia que Timothy se perguntasse sobre as habilidades de criação dos pais.

—Excelente. Não temos problemas então. —Kia se inclinou para a frente— Pode ir, papai. Ele a fulminou com o olhar.

—Quero me sentar nesta reunião.

—Nem pensar. —Estreitou os olhos— Temos um trato, recorda?

Condenada garota. Ela e seus entendimentos. Disparou a Marion um olhar de advertência.

—Bem. Mas discutiremos isto mais tarde.

—Mais tarde está bem. —Kia ocultou o sorriso quando seu pai saiu a passos largos do escritório. Voltou-se para Marion— Isso não foi inteligente. Papai não é tão neutro como eu no que se refere ao dano que Drew e Rebecca causaram antes do divórcio. Acredita que lutei contra ele durante seis meses para preservar sua posição e a de Drew, sua reputação e a dele nesta companhia para que possa mandar tudo ao inferno desafiando agora meu pai?

Esfregou o rosto com as mãos antes de empurrar a mesa e levantar-se da cadeira para fulminar Marion com o olhar.

—Rebecca pode ir ao inferno pelo que me importa, Marion. Igual a Drew. Eu não teria lutado contra meu pai pela posição de Drew se quisesse entrar aqui e ameaçar a sua. —Esmagou as mãos sobre a mesa—Pode trabalhar comigo ou pode sair por essa porta neste momento e



podemos converter isto em uma disputa. Trabalhamos bem juntos uma vez, Marion. Certamente podemos fazê-lo de novo.

Fulminaram-se um ao outro antes que ele recuasse com cuidado e entrecerrasse os olhos e, por um segundo, um sorriso lhe tocou os lábios.

—Tem dentes. —grunhiu por último.

—Um jogo completo. —Os mostrou.

—Maldita seja. Rasguei o traseiro nessas contas. —Finalmente se jogou sobre uma das cadeiras diante da mesa— Chutou meu fodido orgulho.

Ela sacudiu a cabeça.

—Olhos objetivos, lembra? Essas contas são seus bebês, não meus. Posso olhar com mais imparcialidade e isso é o que tenho feito. Agora, você gostaria de discutir como podemos resolver os problemas?

Ele entrecerrou os olhos.

—Sairia algo bom? Se não estiver de acordo, seu pai se assegurará de que se faça a sua maneira.

Nesse momento, Kia exalou com força.

—Faz cinco anos me chamou arrivista arrogante por outra conta. Disse-me que não diferenciaria meu traseiro de um buraco no chão. Lembra, Marion?

Ele escolheu.

—Mostrou-me onde estava equivocado, escutei e aprendi. Estou disposto a fazê-lo outra vez. Se estou equivocado, demonstra-o.

Marion a olhou durante um longo e silencioso momento.

—Sabe, Kia, está ficando malditamente difícil imaginar você permitindo que Rebecca fizesse o que fez há dois anos quando a vejo aqui. —Ondeu a mão ao redor do escritório— Quer me explicar como sobreviveu a ela?

Kia deu leves golpes à mesa com as unhas.

—Poderia não ter sido minha amiga, mas não foi inteiramente culpa dela. —Deu de ombros— Também foi minha. E me nego a discutir mais. Embora possamos discutir estas contas.

Ela sacudiu a cabeça e esfregou o pescoço com cansaço.

—Bom. Bem. Mostre-me o que encontrou e eu mostrarei onde está equivocada.

Quatro horas depois saiu do escritório, contrariado. Não tinha exatamente razão, mas houve lugares onde Kia não esteve inteiramente certa tampouco. Tinham acabado com outros quatro sócios no escritório, uma cafeteira de café e, às vezes, enérgicas discussões.

Ambos tinham trabalho a fazer durante os próximos dias, mas Marion jurou que tinha sido a reunião mais produtiva que o departamento tinha tido desde que ela saiu cinco anos atrás.

Kia amontou os arquivos antes de verificar o relógio, pegar o telefone celular da bolsa e sair correndo do escritório.

—Onde está? —ladrou seu pai quando respondeu a chamada.

—Sai tarde. Encontrarei com você no clube em poucas horas.

—Íamos tomar algo primeiro. —Grunhiu seu pai— Perderá isso.



—Não posso evitar, papai. —Gesticulou para um táxi enquanto saía do escritório e deu seu endereço rapidamente—. A reunião se alongou e agora tenho pressa.

—No clube para jantar então. Encontramo-nos com Cameron Falladay e sua noiva assim como com os Sinclair para discutir a venda desse armazém que Sinclair possui. Também esperava escolher o cérebro de Cameron Falladay no assunto da segurança. Quero você ali.

—Estarei lá. Prometo. —Rezou para que Chase não estivesse— Duas horas. Prometo.

—Duas horas —disse com brutalidade— Se chegar tarde, descontarei de seu salário.

A chamada se desconectou antes que ela pudesse discutir. Deveria chegar tarde só por esse condenado comentário, pensou. Minutos mais tarde, o táxi se deteve na frente de seu edifício.

Correu para dentro, calculou o tempo e viu que chegaria pelo menos com uns poucos minutos de antecipação.

O bom de trabalhar para seu pai outra vez era que não tinha tempo de sentir falta de Chase como o faria de outro modo. A coisa má sobre isso? Não tinha tempo para sentir falta de Chase como sabia que faria.

Quase riu desse pensamento quando as portas do elevador se abriram e foi para o apartamento.

Pelo menos era um clube para jantar, pensou enquanto se permitia entrar no apartamento e se precipitava à ducha. Porque estava morta de fome. E sentia falta de Chase mais do que pensou possível sentir falta de alguém.

* * *

Ele não se deu conta de que ela fosse um peão de tal valor. É óbvio, tinha havido falatórios, dois anos antes, quando Drew e Kia Stanton se divorciaram. Comentários sobre Chase Falladay estar muito interessado no bem-estar da garota, comentários sobre que algo podia ter qualquer coisa cozinhando.

Tinha vigiado Chase, tinha visto a garota com ele e Khalid, mas pensou que ela tinha mais bom senso. Tinha pensado que não era tão fácil de se manipular por Falladay. Deveria ter tido melhor critério.

Na outra noite, quando os seguiu, tinha-a visto abrir-se para ele no capô desse carro e tomá-la, então soube que era um peão, não uma menina.

Estava esperando. Esperando pacientemente para encontrar um modo de ferir Falladay. Para destruí-lo. Esperar era frequentemente a parte mais dura. Forçar-se a ter paciência, obrigarse a esperar, a não golpear. Não queria Chase morto. Oh não, matá-lo era muito simples.

Queria destruí-lo. E a esta garota. Ela era primeira em muitos anos que sabia que Chase Falladay tinha tomado a sós. Era óbvio que significava algo para ele.

Tinha-a visto sair disparada ao seu apartamento e fez seus planos. Teria que tomar cuidado, muito cuidado. Teria que arrumar as coisas do modo correto. E quando chegasse a oportunidade, destruiria Chase Falladay através desta jovem formosa e vibrante.

Era uma vergonha que ela tivesse que pagar o preço pelos pecados de seu amante. Mas não era assim no mundo? A justiça devia ser servida e ele a serviria através de Kia.



* * *

Ela teve razão com a hora.

Kia se aproximou da mesa de seu pai, ignorando seu olhar surpreso quando ele vislumbrou sua roupa. O clube era a última moda, a nova onda e cheio, como sabia que estaria, com o melhor e mais brilhante da cúpula dos negócios.

Depois de trabalhar era hora de relaxar e tempo de se divertir. O Jordain estava se convertendo em lugar para pequenos negócios misturado com um pouco de diversão e Kia se vestiu para a ocasião.

A saia negra de couro era o bastante curta para ser coquete sem ser indecente. A blusa de seda de cor bronze era elegante e singela. Mas eram as botas as que conseguiram as olhadas. De couro negro, ajustadas sobre o joelho e com saltos de dez centímetros que fazia que suas pernas parecessem quilômetros mais longas do que já eram realmente.

No clube fazia calor, estava cheio de risadas e bate-papos e quase cada pessoa que conhecia em Alexandria estava ali, estava segura.

—Cheguei com três minutos de antecipação, deveria conseguir um prêmio —disse a seu pai quando este ficou de pé e segurou uma cadeira para ela, fulminando-a com o olhar turvo.

—Deveria descontar só por seu traje. —grunhiu.

—Timothy, deixe-a em paz. Está magnífica —disse sua mãe, rindo —Eu adoro a saia.

A expressão de seu pai foi de completa frustração masculina ante esse ponto quando girou para uns sorridentes Ian e Cameron.

—Meninos, tenham filhos, não filhas.

Kia riu deles.

—Sim, façam. E se assegurem que sejam uns completos viciados no trabalho para que não ponham em perigo nenhum coração feminino mais que o necessário. Odiaríamos que seguissem os passos de seus pais, é óbvio. Desfrutamos de vidas aborrecidas.

Courtney Sinclair tomou o vinho com uma pequena tosse e uma expressão assombrada antes de tornar a rir.

—Kia, me advirta antes que faça comentários assim, por favor —ordenou ferozmente— Lançar vinho através da mesa teria sido humilhante.

—Para não mencionar sujo. —riu Jaci enquanto girava para Kia —Comprou essas botas quando fomos às compras, verdade? —A diversão em seus olhos era perversa.

—E outras poucas coisas. —Kia sorriu.

Jaci olhou a blusa de seda, então franziu os lábios para ocultar um sorriso.

—Está usando todo o bronze? —perguntou, inclinando-se para que os homens não ouvissem.

—Cada fio. —Kia enrugou o nariz brincalhona — Foi essa uma das fotos que Courtney enviou?

Os olhos de Jaci se abriram de par em par.

—Sabia das fotos?



Kia girou os olhos.

—A peguei tirando. Não sou completamente tola.

—É muito mau que ele não esteja aqui. —Jaci deu uma olhada ao redor— Está deixando-o louco, sabe.

Kia se recostou para atrás e cruzou as pernas com negligência ante o comentário.

—Realmente, não o faço. Não o vejo há dias.

—Não conte que dure. —Bufou Jaci.

Kia contava com isso exatamente. Sacudiu a cabeça e se inclinou para frente, seguindo a conversa de seu pai com Ian e Cameron enquanto discutiam sobre a propriedade que Ian Sinclair queria vender e um assunto de segurança em outra área.

Escutou as negociações sociais disfarçadas de conversa cortês e como sempre o mundo dos negócios de seu pai a fascinou e divertiu. Ela nunca tinha conseguido manter o ritmo em um ato social. Sua mãe tinha ensinado uma coisa: falar de negócios requeria o lugar apropriado.

Além disso, a pista de dança estava cheia e o copo de vinho que se permitiu consumir a fez dar leves batidas com o pé enquanto Cameron e Jaci se moviam pela pista.

—Kia, lembre de realizar as projeções desse armazém quando chegar ao escritório pela manhã. —indicou seu pai— Quero uma conta cheia de lucros projetadas contra o preço atroz que Ian quer. —Lançou a Ian um fingido olhar violento.

—A propriedade vale cada centavo que peço. —discutiu Ian com um sorriso— Só que é tão pão-duro como sempre foi.

—Pode acreditar? —Timothy ondeou a mão para Ian com ferocidade brincalhona — Menino pão-duro e avarento. Não posso acreditar que esteja tentando negociar com ele.

—E adora cada minuto disso. —Kia riu.

Uma risada forçada. Estava aqui sentada, olhando, escutando e estava recordando Chase. O que era pior? Saber que ele não queria ser visto em público com ela ou ficar em público sem ele?

—Senhorita Rutherford, temo que devo lhe pedir uma dança.

Ela girou, olhando fixamente Sebastian de Laurents, o espanhol que Ian tinha contratado como diretor do clube.

Sebastian era membro de uma das famílias de elite na Espanha, um atrevido, uma uva sem semente e uma ovelha negra. Tinha gostado dele no momento que o conheceu fazia mais de um ano.

—Uma dança. —ficou de pé, o rápido ritmo da música corria por seu sangue, unido com o vinho, fazendo-a valente.

Sebastian era loiro escuro, diferente de Chase. Os olhos eram marrons mais que verdes, seu corpo mais largo, seus traços menos definidos. Mas o clube era escuro e estava desesperada. Dois dias, duas noites em branco. Queria fingir, só por uns poucos momentos, nada mais.

Levou-a para a pista de dança, elegante e perito enquanto se moviam juntos ao ritmo rápido. Tocou-lhe a cintura, o pulso, os dedos. Sorriu e ela se perguntou se seu olhar era tão conhecedor como parecia. Se ele sabia tanto como parecia quando baixava o olhar para ela.

—Tão elegante como a brisa. —fez o cumprimento quando a música terminou—Outro e



então terei misericórdia de você.

Outro mais. Outro rápido ritmo e se moviam dentro da multidão. Kia sentia que a energia da dança a enchia. Sempre tinha adorado dançar, mas Drew não. Ele se negava inclusive às danças lentas ou que ela dançasse com amigos. Isto era como um bálsamo para sua feminilidade ainda enquanto a feria.

Girar, retorcer-se. Os olhos varreram as mesas e encontraram com uns olhos verdes claros.

A música se desvaneceu. Sentia o ritmo com seu corpo, era consciente de Sebastian atrás dela, mas nesse momento só via Chase.

Impassível. A fome a encheu, corroeu-a. As noites em branco e a necessidade dolorosa formaram redemoinhos dentro dela. Forçou-se a afastar os olhos. Ao ouvir o final da melodia, agradeceu Sebastian pela dança e começou a voltar para a mesa.

—Ainda não.

Girou. Chase envolveu o braço ao redor de sua cintura enquanto um forte ritmo latino se animava e a olhou fixamente nos olhos.

Kia sentia seu corpo mover-se na dança e o seguiu. Os quadris giraram com os dele, oscilando. Uma mão agarrou o quadril, a outra a mão. A sensualidade se arrastou entre eles com a força da maré, encerrando-os juntos enquanto a sentia ao redor dela, movendo-a.

O rápido ritmo da música fluiu entre eles como o sexo, como a fome que corria entre eles. Estavam quadril com quadril, então ela girava, o fazendo girar, o braço ao redor da cintura, apoiando as costas contra o peito de Chase enquanto a outra mão a agarrava justo debaixo do seio e se balançavam. Os quadris rodaram e se esfregaram e contra a ponta sensível de seu mamilo ela captou o golpezinho rápido do polegar.

Sentia-se perdida com ele. Quando a música parou e se derramou em um tom mais lento ele a girou em seus braços, aproximou-a e atraiu sua mão ao pescoço onde a segurou contra ele.

—Preciso de você. —Ele meio grunhiu a declaração, os olhos entrecerrados e ferozes — Acontecerá, Kia. Sabe.

Ela separou os lábios enquanto se obrigava a respirar, tentou lutar além da forte excitação que se espalhava entre ambos. Podia senti-lo duro, grosso, contra o estômago. Ele tinha o corpo tenso, os braços eram possessivos e fortes enquanto a rodeavam e inclinava a cabeça sobre ela.

—Morro por você. —Roçou as palavras contra seus lábios.

—Me matará — sussurrou ela, oscilando com ele, impotente em seus braços.

—Morro para tocá-la. —Moveu os lábios através da bochecha quando ela baixou as pálpebras — Sonho tomando-a outra vez, Kia. Empurrando dentro de você. Derramando-me dentro de você. É mais prazer do que jamais conheci em minha vida.

—Não. Por favor — murmurou a súplica enquanto se sentia fundir-se nele, sentia que a enchia mais que o vinho e a dança.

Sentia Chase. Sentia-o sobre ela, dentro dela, acariciando, tomando. As lembranças a alagaram e teve que piscar para evitar as lágrimas.

—Não pode continuar fazendo isto. —meio soluçou ela quando os lábios acariciaram a pele suave sob a orelha — Empurra-me para você, logo me afasta. Não posso fazer isto, Chase.



—Não posso permitir que vá. —As mãos se apertaram nas costas— Não permitirei que vá, Kia. —Levantou a cabeça, a expressão selvagem.

—Não tem escolha. —estava se rompendo por dentro—Não sou um brinquedo, Chase. Uma bonequinha bonita. Não posso ser isso para você.

A música diminuiu e terminou, golpeando com um choque duro e violento de som e luzes enquanto girava longe dele e saía correndo da pista de dança.

Podia o sentir olhando-a, sentir seus olhos sobre ela, sentir seguindo-a. Sentia-o, inclusive quando não a estava tocando e a sensação a atravessou, apertou-lhe o útero e espalhou o calor sedoso da excitação entre as coxas.

Preciso de você, tinha sussurrado. Se só fosse necessidade mais que desejo. A necessidade não podia ter-lhe negado. Mas o desejo? Desejar era uma pequena aventura oculta, nada de substância, nada quente entre eles. Preferiria fazê-lo sem desejo. Sonhava com a necessidade. Porque ela necessitava...

* * *

Ele os observou. Tinha-os seguido, para assegurar-se. Para vê-los juntos. Não poderia estar seguro a menos que os visse juntos. E os tinha visto. Tinha visto a dança, a sensualidade em seus movimentos, e na cara de Falladay viu algo que evidentemente a mulher tinha passado por cima.

Enquanto ela se afastava de Chase, ele viu a piscada de miséria cruzar seu rosto, logo a determinação, logo a selvagem possessividade.

E assentiu, o peito subindo e baixando, o coração cheio de dor.

* * *

Chase a seguiu. Não quis estar aqui esta noite. Queria permanecer tão longe como fosse possível. Nada bom poderia sair disto, disse, inclusive enquanto conduzia ao clube. Ferir Kia não era justo. Estava fazendo mal a ambos e não podia retroceder.

Ela era dele assim teria que aprender a viver com as consequências disso, porque esta noite tinha intenção de reclamá-la, de abraçá-la todas as noites e despertar com ela pela manhã.

Que Deus os ajudasse. A vida com ele não era fácil; assegurou-se disso uma e outra vez.

Por agora, permitiria que fugisse enquanto a seguia. Merecia isso, poder feri-lo por um tempo. E merda se isso não o rasgava, vendo essas lágrimas em seus olhos, a suspeita e a falta de confiança.

Havia dito que precisava dela. Perguntou-se o que pensaria ela se soubesse que nunca havia dito a outra mulher que a necessitava. Que nunca tinha pedido a outra mulher que vivesse com ele. As poucas vezes que tinha conseguido compartilhar a casa com uma, tinha sido pela insistência delas, não dele.

Pensava insistir desta vez. Teria-a em sua casa, em sua vida e ela acabaria por aprender a tratar com ele, não?

Seguiu-a de volta à mesa, tomou assento ao seu lado, o que tinha deixado livre Jaci, apesar do olhar de Kia que prometia castigo.

Moveu-se com cuidado na cadeira e captou a atenção do garçom. Pediu sua bebida e bebeu



um gole enquanto ela comia o jantar leve que tinha pedido. E tentava ignorá-lo.

Timothy Rutherford o olhava com suspicácia, com conhecimento. Homem a homem, os dois sabiam que demônios estava acontecendo aqui. O outro homem teria que aprender a não intervir nisso e ele aprenderia que nada importava mais para Chase que ter Kia em sua vida.

O compromisso não era algo que Chase tomasse levemente. E ainda tinha os intestinos cheios de nós. Demônios, estava atordoado por ela e sabia. Sempre tinha estado.

Negou-se a dançar com ele outra vez, mas não dançou com ninguém mais.

Sebastian tentou adúlá-la para voltar para a pista de dança e ela se negou.

Daniel Conover esteve ali minutos mais tarde, só para ser rechaçado.

—Por que não dança? — Perguntou Chase, olhando como brincava com seu copo de vinho.

Ela sacudiu a cabeça.

—Estou cansada.

—Desfrutou da dança antes. Acredita que me zangarei porque dança com outros homens?

—Perguntou com cuidado — Não ficarei com ciúmes, Kia. Mas quando a noite acabar, irá comigo e não com eles.

O olhou fixamente com surpresa.

—Foi feita para dançar — disse silenciosamente — Seu corpo adora a música. Eu não tiraria isso.

—E eu não permitiria isso. — Levantou o copo e terminou o vinho rapidamente antes de levantar-se e se inclinar para sussurrar algo ao seu pai.

Este franziu o cenho, olhou Chase, então assentiu e tirou o telefone.

—Perdoem-me. — Assentiu para os que estavam na mesa antes de girar.

Chase assumiu que tinha ido ao banheiro de senhoras até que a viu mover-se para a saída. Empurrou a cadeira para levantar quando a mão pesada de Timothy Rutherford aterrisou sobre seu braço.

—Deixe-a ir, filho — ordenou, sua expressão decidida — A feriu bastante.

—Penso em consertar isso. — disse com firmeza — Mas não posso fazer isso se fugir.

—E não pode obrigá-la a ficar e escutar — grunhiu Timothy — Não a faça esconder-se outra vez, Falladay. É a razão pela qual se ocultou da primeira vez. Dois anos, escondendo-se para que tivesse o que queria. Assim todos assumiriam que foram suas mentiras, suas manipulações, as que quase revelaram seus segredos. Ela o fez por você. Não por mim, nem por Drew, nem por ela mesma, assim Deus me ajude, se o fizer outra vez, assegurarei-me malditamente bem que pague por isso.

Chase sentou outra vez lentamente.

—De que demônios está falando? Nunca pedi isso. De maneira nenhuma.

Timothy sacudiu a cabeça.

—Não tinha que pedir, filho. O que pediu, ela fez de boa vontade e se assegurou de fazê-lo bastante bem para que tivesse o que desejava. Tomou bastante dela. Deixe-a ir esta noite. Possivelmente amanhã, possa se convencer que é mais que só a estupidez de um homem o que o guia.



Podia esperar. Umas poucas horas. Quando os Rutherford se fossem, ele também. E quando o fizesse, sabia exatamente para onde iria.

Capítulo 16

Estava esperando-a. Odiava fazer isto. Isto ia feri-lo, mais do que a ela, porque se estivesse certo, então ela iria para sempre e ele seria o que teria que viver com suas ações.

Mas viver com isso era algo que estava disposto a fazer. Vivia pior, diariamente. Vivia com sua vida movendo-se em espiral fora de controle. Vivia com sua fúria a cada dia. E Chase devia sofrer.

Esse era seu encargo. Isso era tudo o que importava, que Chase sofresse. Falladay tinha destruído sua vida. O filho da puta. O bastardo. Tinha tirado tudo e agora tinha esta jovem formosa, vivaz.

Estava fazendo a ela um favor. Porque Chase só a destruiria. Por que não tinha permanecido simplesmente como a pequena doce e fiel esposa que tinha sido? Se ela houvesse feito isso, então não teria que sofrer agora. Não teria que pagar pelos delitos de Chase.

* * *

Kia observou as luzes da cidade quando partiu para casa na limusine de seu pai. As luzes de Natal piscando. O Natal a ponto de chegar. Suas compras tinham sido feitas há anos. Só comprava para seus pais e seus tios. Não havia ninguém mais. Exceto o presente que tinha escondido no dormitório. O presente que tinha comprado para Chase e que provavelmente nunca daria.

Não era muito. Um cinturão novo. O couro delicioso era suave e flexível e se deu conta que gostava dos cinturões de couro cômodos.

Não havia nada elaborado nisso. Nenhum adorno ou fivela extravagante. Mas por baixo ela o tinha gravado. Lembranças. Kia.

Não tinha sido capaz de controlar-se. Estava louca no que se referia a ele, sabia. Sabia quando se forçou a deixar o clube. Se não o tivesse feito, teria terminado indo com ele e não poderia suportar outra noite como tinha passado a noite que tinha vindo a ela.

Era melhor assim, disse a si mesma. Melhor fugir enquanto podia, evitar a toda a tentação possível. Mas quando tinha murmurado que a necessitava, ela esteve perto de tropeçar, quase tinha rogado que a levasse então.

Sofrer por ele ia matá-la. Rasgava atravessando-a como uma tormenta implacável e isso tomava toda sua energia para se manter afastada dele.

À medida que a limusine se detinha no caminho para o meio-fio diante do edifício, ela cravou o olhar fora da janela com uma sensação de arrependimento. Desejando estar com Chase.

Louca, pensou outra vez quando o chofer abriu a porta.

Kia saiu da limusine e agitou as mãos para o chofer de seu pai enquanto rodeava o carro,



para o lado do condutor.

Não advertiu a sombra que se moveu ao redor do edifício. Quando girou, a dor rasgou através de seu crânio e a escuridão formou redemoinhos ao seu redor.

Ela se sentiu cair e foi o nome de Chase que exclamou quando sentiu sua bolsa sendo arrancada do ombro.

* * *

Timothy Rutherford respondeu ao celular menos de meia hora depois que sua filha abandonou o clube, escutou o relatório frenético de seu chofer e seu olhar encontrou o de Chase, o terror movendo-se a grande velocidade através de sua mente.

—Timothy, o que aconteceu? —Celia, sempre em sintonia com ele, agarrou seu braço enquanto ele continuava escutando.

—Fique com ela —ordenou— Estamos a caminho.

—Kia? —O tom de Celia era atemorizado quando Chase ficou rapidamente em pé.

—Foi atacada no exterior de seu edifício. A ambulância está a caminho. Está inconsciente, sangrando por uma ferida na cabeça.

—Minha limusine está no exterior —Ian estava de pé, como estavam outros.

Chase não os esperou. Saiu disparado do clube, correndo rapidamente através da porta e apressando-se além da área de estacionamento para onde tinha deixado o carro.

Saiu como um raio do estacionamento, os aros chiando, as marchas chiando quando vislumbrou a limusine dos Sinclair se afastando do clube.

Kia. Sabia que deveria tê-la seguido. Algo dizia que a seguisse, que ficasse tão perto dela como fosse possível. Isto não teria ocorrido se ele estivesse ali. Se a tivesse levado para casa. Ninguém teria tido a possibilidade de tocá-la, de machucá-la.

Ela não estaria jazendo sobre uma calçada, inconsciente, sangrando, se estivesse ali.

Fez manobras através do tráfego congestionado, amaldiçoando, tocando a buzina. Foi um maldito milagre que não tivesse um policial em seu traseiro quando se meteu em uma praça de estacionamento na frente de seu apartamento e saltou do carro.

A ambulância estava ali, as luzes brilhando intermitentemente. Chase viu sangue na calçada e espiou os paramédicos dentro do vestíbulo.

Empurrou as portas abrindo de repente, a fúria e a violência percorrendo através dele até que escutou sua voz.

—Disse que estou bem —espetou ela— Juro por Deus, Drew, que se não tirar as mãos de cima de mim, vou bater em você.

Drew!

Chase grunhiu enquanto empurrava a um lado a pequena multidão que se reunia e a viu empurrando Drew. Uma força animal de pura fúria o venceu.

—Merda, afaste-se dela! —Agarrou o braço do outro homem, empurrou-o para trás, e cravou os olhos em Kia.

—Solte-me, bastardo. —Drew sacudiu com força seu braço para trás— Você não tem o



direito de estar aqui.

Chase girou para Drew furiosamente.

—Não me faça matá-lo. —Depois girou para olhar Kia e sentiu que o sangue desaparecia do rosto.

Um paramédico se ajoelhou diante dela, uma luz pequena enfocada em seus olhos quando piscou para ele. Atrás dela, outro tentava verificar o corte profundo em sua cabeça. Tinha sangue na testa e na bochecha. Manchava sua blusa. Os joelhos de Chase começaram a ceder.

—Não diga que me afaste, Falladay! —exclamou Drew—Você não estava aqui. Você não a viu deitada sobre essa maldita calçada.

Chase agarrou as lapelas da jaqueta de Drew, quase levantando-o do chão. Sentiu vontade de amassar sua mandíbula com o punho.

—Fora da minha vista, fora da sua vida, ou me assegurarei por completo que lámente. Fez Drew retroceder.

—Afastese de mim. —ordenou Kia, o medo em sua voz quando o paramédico explorou sua cabeça.

—Senhorita Rutherford, tem que nos deixar levá-la ao hospital —a mulher paramédica ajoelhada diante dela, ordenou com voz firme— Poderia ter uma concussão cerebral. Isso não é algo com o que brincar e essa ferida na cabeça vai precisar de pontos.

—Estou bem. —Sua voz tremeu quando Chase se apressou para ela.

—Kia. Querida.

Girou a cabeça e um pequeno grito passou por seus pálidos lábios quando pareceu cambalear onde tinha obrigado os paramédicos a deixá-la sentar-se, em lugar de deitar-se.

—Chase. —Seus olhos se viam dilatados, aturdidos— Faça com que me deixem em paz.

Ele se ajoelhou ao seu lado, perguntando-se se tinha força em suas pernas para evitar cair aos seus pés em completo terror.

—Está bem, querida. —Tocou-lhe o rosto com dedos que estremeceram por seu pânico absoluto quando se mancharam de sangue— Está bem. Prometo.

—Não me deixarão tranquila. —As lágrimas brotaram de seus olhos— Diga que estou bem. Por favor. Não quero ir ao hospital.

Ele viu a preocupação nos rostos dos paramédicos. Pelos olhos dilatados e o rosto branco como papel de Kia, soube que ela não ia a nenhum lugar exceto ao hospital. Seus olhos eram como cardeais na carne branca.

—Irei com você, meu bem. —prometeu— Irei no carro com você, ao seu lado. Arrumaremos tudo e me ocuparei de tudo.

—Não quero ir. —ela murmurou— Eles não me deixam partir.

Sua voz estava agora debruada de pânico. Ele não entendia e importava um nada o que tivesse que prometer.

—Está bem. Confia em mim, Kia. Não a deixarei. —Inclinou a cabeça para os paramédicos quando se moveram para trás, à maca— Deixe que a levem. Todo o resto vai ficar bem. Prometo.

—Tem que fazer que me deixem voltar para casa. —Ele viu a primeira lágrima deslizar



abaixo, por sua bochecha, quando os paramédicos a ajudaram a subir na maca — Prometa-me isso.

— Por minha vida, Kia. Juro. — Seguiu os paramédicos, ignorando Drew quando passou — Vamos. Simplesmente uma viagem rápida. Está bem?

— Não me deixará?

Deu um passo na parte traseira da ambulância com ela quando o paramédico a segurou com correias.

Seus olhos estavam tão grandes, tão cheios de medo, que jurou que ia ficar violento.

— Não te deixam sair uma vez o levam ali. — Sua voz soava aturdida quando cravou os olhos nele, essas fodidas lágrimas umedecendo suas bochechas, deslizando pela mancha de sangue.

— Não a deixarei. — Ele se inclinou para frente quando o paramédico se moveu atrás dela e fez uma chamada de informação ao hospital — Estarei bem ao seu lado. Prometo.

Manteria essa promessa.

— Seu pai está bem atrás de nós. Ninguém vai machucá-la outra vez, Kia. Juro.

— Minha bolsa desapareceu. — Seus lábios tremeram — Era uma de minhas favoritas.

— Está aturdida — murmurou o paramédico — O chofer comunicou um assalto, disse que o tipo levou sua bolsa quando a golpeou. Possivelmente sofreu uma concussão, definitivamente está aturdida.

— Encontraremos sua bolsa — prometeu — Quero que descanse, Kia. Fará por mim, meu bem?

Chase ignorou o paramédico e se inclinou mais perto. Tocou seu rosto e manteve sua bochecha contra a dele. Estava tão fria. Sua pele estava gelada e seu olhar ardia nele.

— Estou assustada — murmurou — Minha cabeça dói, Chase. Como quando era criança. Mamãe e papai me faziam permanecer no hospital e odiava.

— Não os deixarei — prometeu. Prometeria tudo, faria tudo para tirar esse medo de seus olhos — Escuta-me, meu bem? Vão costurar sua cabeça e eu estou chamando o médico de Ian. A tiraremos dali e a levaremos para casa. Há um quarto de hóspedes. O doutor pode dormir ali.

Franziu o cenho.

— Não tenho um quarto de hóspedes.

— Tem agora. — Pressionou seus lábios nos dela — Confia em mim, Kia. Deixe-me cuidar de você.

Ficou com o olhar fixo nele.

— Não sou uma boneca.

— Nunca. — Roçou o polegar sobre a bochecha dela — Nunca mais. Só esta única vez, por favor, querida. Não deixarei que a façam ficar.

Se não tirasse esse medo de seus olhos, então ia cometer um assassinato. Também o olhou e relaxou, lentamente. Entretanto a dor ainda enchia seus olhos e o agarre em sua mão era intenso, decidido.

— Quero fazer uma chamada ao doutor Sanjer. Transmita por rádio ao hospital agora. Diga que Ian Sinclair solicita sua presença imediata no hospital.

O nome de Ian Sinclair abria portas. O paramédico fez a chamada enquanto a ambulância



manobrava através das ruas da cidade. Chase olhou atrás da ambulância e viu a limusine de Ian atrás deles. Seus pais estariam ali e tentariam afastá-la de seu lado, de levá-la para sua casa.

Diabos se o fariam. Tinha desistido antes por Timothy Rutherford; não cometeria esse engano outra vez. Quando a ambulância irrompeu na entrada de emergência do hospital, ele agarrou sua mão e a levantou para seus lábios.

—Estarei bem atrás de você. —prometeu.

Kia engoliu fortemente.

—Não deixarão.

Ele cravou o olhar com ferocidade em seus olhos.

—Estarei bem atrás de você, Kia.

Ela cravou os olhos em Chase e não confiou nele. Diabos, não podia culpá-la, mas demonstraria. Estaria ali, sem importar que nem o que o impedisse.

Pôs-se de lado quando a ambulância se deteve e os olhou tirá-la às pressas.

—Chase! —Timothy Rutherford estava fora da porta quando a limusine de Ian se deteve— Está bem?

—Está consciente. —voltou-se para Ian— Tive que fazer uma chamada ao Sanjer.

Ian assentiu.

—Liguei do carro e falei com ele pessoalmente. Deveria estar aqui esperando-a. O que aconteceu?

—Os paramédicos disseram que foi um assalto. —O pelo em seu nunca se arrepiou, uma advertência primitiva, uma premonição que parecia não poder se desfazer.

—Assalto? —Timothy estalou— Achava que esse edifício é um dos mais seguros da cidade.

—É—disse Ian bruscamente— É um de meus. Chamei o gerente por todos os discos de segurança e o detetive a cargo da investigação contatará comigo. Ele deverá estar em seu apartamento quando ela retornar ali.

—Não estará ali. —Chase deu a volta para as portas do hospital enquanto seu irmão, Jaci, Ian, Courtney e os pais de Kia o observavam transtornados — Ficaré na minha casa.

Não viu a comoção nas caras daqueles que o observaram desaparecer no hospital. Não teria importado se tivesse visto. Tinha prometido a Kia que estaria bem atrás dela. E tinha a intenção de manter essa promessa.

* * *

A dor de cabeça a estava matando. Kia tinha suportado o exame, refreando uma maldição e padecendo em silêncio quando o doutor costurou sua cabeça. Quando a enfermeira lhe deu duas pílulas, ela as tinha tomado ansiosamente. Havia sentido como se os duendes estivessem escavando seu cérebro com as unhas mau cortadas.

Trouxe para a mente um pesadelo de sua infância. Quando era uma menina pequena e tinha dores de cabeça horríveis, seu doutor sempre a levava ao hospital. Ali eles organizavam exames, espetadas e agulhadas nela e rogava aos seus pais que a levassem para casa.

E nunca o fizeram. Sua mãe chorava. Seu pai punha essa aparência infeliz em sua cara e



prometia levá-la para casa com eles. Mas sempre a faziam ficar.

Agora seus pais estavam na sala a que a tinham levado da sala de emergências. Sentaram-se um ao lado do outro perto de sua cama. Chase estava parado silenciosamente no pé da cama, e Ian Sinclair, sua esposa, Cameron Falladay e Jaci esperavam fora.

Kia somente desejava ir para casa. Queria aconchegar-se no sofá diante do fogo e dormir.

—Não há sinais de uma concussão cerebral. —anunciou o doutor Sanjer.

Corpulento e robusto, o doutor de meia idade sorria em excesso.

—Entretanto, eu gostaria que passasse a noite aqui. —continuou.

—Não. —Kia não se incomodou em olhar, simplesmente soltou a palavra.

O esforço causou um gesto de dor e esfregou a têmpora. Se só pudesse chegar ao seu apartamento, fechar os olhos e dormir, então tudo estaria muito bem. Estava segura disso.

—Kia, sair agora é uma má ideia. —começou sua mãe, a voz preocupada.

—Isso é o que dizia quando era uma criança. —sussurrou— Não fico. —Olhou Chase— Prometeu.

Ele fixou o olhar de volta nela, seus olhos verdes meditando, a expressão tão dura como o granito. Mas ela viu sua determinação quando deu uma olhada ao doutor e quase exalou um suspiro de alívio.

—Doutor Sanjer, tenho um quarto extra em meu apartamento —disse ao doutor— Passará a noite lá.

Isso, Kia não esperava. Evidentemente, o doutor tampouco. Era o médico pessoal de Ian, mas também um amigo de Chase e Cam.

Sanjer suspirou.

—É uma coisa boa que eu goste de você, Chase. Essa ordem não soa bem.

—Por favor. —Seu tom de voz era duro, a expressão sem remorsos.

O doutor resmungou.

—Deixarei-a sair então. Conseguirei o que preciso e estarei em seu apartamento dentro de uma hora. Quero que ela fique na cama esta noite e amanhã.

—Tenho um trabalho. —soltou ela.

—Não terá um por muito tempo se não escutar o doutor —Timothy espetou furiosamente— Pelo amor de Deus, Kia, quando se tornou tão malditamente teimosa?

—Enquanto você não olhava. —sentiu-se tão ranheta como soou.

—Não resta dúvida, porque se estivesse olhando poderíamos ter tido que discutir isso, pequena. —informou, obviamente cobrindo seu medo com a fúria.

Kia o olhou encolerizada.

—Também ficará na casa de Chase? —Olhou Chase— Não mencionou que ficaria com você.

Tinha uma dor de cabeça espantosa. Ela sabia que realmente precisava protestar, mas simplesmente não tinha forças.

—Você não tem um quarto de hóspedes para o doutor —disse Chase.

É obvio, havia uma razão. Ela suspirou e cravou os olhos em suas mãos. Não era porque a quisesse ali.



—Bem, merda —disse ela— Suponho que seu sofá é tão bom quanto o meu.

Chase deu um sobressalto. Não ia dizer agora exatamente onde ia dormir. Em sua cama. Ao seu lado.

Ele deu uma olhada em Rutherford e soube que seu pai sabia. Ele olhava furiosamente Chase. Sua expressão prometendo castigo se Kia acabasse com um coração destruído.

—Querida, pode voltar para casa conosco —disse Celia.

Ela olhou Chase e ele viu pânico em seus olhos. Oh Senhor, não. Sua mãe revoaria ao seu redor, choraria e se preocuparia durante toda a noite. Não poderia tratar com isso.

—Irá para casa comigo. —disse ele— Sanjer estará bem no apartamento e ambos podem vir pela manhã e podem ficar tanto tempo quanto quiserem. Demônios, nos sigam se quiserem.

Não importava absolutamente desde que a tirasse disto. Não tinha intenção de permitir ficar em nenhum lugar salvo com ele.

—Desde quando decide você como deveria ser cuidada? —ladrou Timothy.

—Se não deixarem de discutir sobre mim como dois cães com um osso, então vou para casa por mim mesma —os advertiu, pressionando as mãos em suas têmporas— Meu Deus. Não me importa onde vou, eu só quero dormir.

Ela não era consciente da preocupação que encheu o ambiente. Timothy nunca tinha visto sua filha ensanguentada; Celia sabia que teria pesadelos durante anos e anos a respeito disso. E Chase. Chase sentia como se a fúria fosse destruir sua prudência. Que Deus o ajudasse, se descobria quem fez isto, ia matá-lo.

—Conseguirei a alta —prometeu Sanjer— Estarei ali em uma hora, Chase. Tenha meu quarto pronto. E um pouco de comida se ninguém se importar. Esta noite interromperam meu jantar.

Chase rodeou a cama, mantendo a atenção em Kia, vendo em seus olhos a vulnerabilidade, os temores quase escondidos e os desejos. Ele não se incomodou em esconder os seus. Não cometeria o mesmo erro que tinha cometido anteriormente esta noite. Ateve-se a afastar a vista dela quando tudo em seu interior tinha gritado que fosse com ela, que fosse atrás dela.

Agora Kia estava forçosamente comprometida com ele e se perguntava se isso no final poderia terminar por destruir a ambos. Chase nunca tinha sido alguém que soltasse nada que lhe pertencesse. E começava a sentir como se Kia... lhe pertencesse.

A tomou em seus braços, sentindo-a tão leve que era, tão frágil. Ele sustentou seu olhar.

—Você disse. —murmurou então— Isto não muda nada. Só as circunstâncias o fazem.

—E eu disse. —sussurrou ela em resposta— Pode apostar!

Capítulo 17

O doutor Sanjer voltou a revisar Kia depois que Chase a levasse ao seu apartamento e a metesse na cama. Ela sabia que era sua cama. Esse monstro com dossel tinha que ser dele. Só ele



era o suficientemente alto para subir com facilidade.

Agora jazia silenciosa, olhando o teto, contando as horas enquanto tentava compreender exatamente como tinha acabado em sua cama. Com ele.

Usava uma das camisetas de Chase e suas calcinhas de cor bronze. Um lençol e uma colcha costurada delicadamente, herança de família, cobriam-na e junto a ela Chase estava deitado, o braço dele jogado sobre seu estômago enquanto dormia.

Jazia ali desejando poder se afastar dele, desejando poder pôr suficiente distância entre eles para dar sentido aos sentimentos que seguiam removendo-se em seu interior.

Tinha sonhado dormir com ele. Agora que estava ali, em sua cama, o sono era a coisa mais longínqua em sua mente. Simplesmente queria dar sentido ao que ocorria, neste momento, dentro dela.

Chase dormia relaxado contra ela, a cabeça perto da sua, seu corpo maior, mais poderoso, esquentando-a. Tinha que reprimir o desejo de acariciar seus braços, de colocar a cabeça contra o peito dele e perguntar por que demônios estava fazendo isto.

Confundia sua cabeça e o coração e ela não tinha ideia de como supunha que tinha que agir agora, ou como tinha que se sentir.

Descansar em seus braços era o céu e o inferno.

Fechou os olhos e lutou contra as emoções, que parecia não poder enterrar o suficientemente fundo para escondê-las. As lágrimas brotaram dos cantos de seus olhos e jurou que não ia girar em seus braços e rogar que desse sentido a isto.

Doía-lhe a cabeça. Esse era o problema, assegurou a si mesma. Sentia-se machucada, assustada e tão terrivelmente fora do lugar neste momento.

O que era pior? Ficar só em sua cama, ou dormir com Chase e lutar por manter-se afastada?

—Se continuar chorando, Kia, poderia me romper o coração.

Seus olhos se abriram de repente quando Chase mudou de postura ao seu lado e se apoiou cravando o olhar nela enquanto levantava a mão de seu quadril e afastava uma lágrima de sua bochecha.

—É a dor de cabeça. —murmurou, com lábios trementes.

—Sei, meu bem. —Beijou-lhe a têmpora delicadamente— O doutor Sanjer não pode te dar nada mais agora.

Sua mão se fechou sobre o pescoço dela, as pontas de seus dedos deslocando-se pela parte de trás da cabeça, brandamente. Acariciando e massageando, roçando a pele enquanto caía outra lágrima.

—Nunca vai deixar que eu esqueça, verdade? —Finalmente perguntou, sentindo os movimentos ternos, tranquilos na base de seu pescoço relaxando um pouco a dor de cabeça.

Oh, isso era agradável. As pestanas se agitaram fechando-se por um momento enquanto tomava ar, deixando que essa massagem lenta, calmante penetrasse em seu cérebro.

—Nunca. —esteve de acordo ele, mas sua voz era suave, tranquila. Um sussurro de conhecimento fluiu através dela quando ele mudou de posição aproximando-se, ou a aproximou



dele?

Agora não estava segura. Ela sabia que seus dedos não deixavam de deslizar-se lenta e calmamente e quanto mais acariciava o espaço na base de sua cabeça, mais se aliviava a dor.

—Eu gosto disso. —suspirou afinal.

—Quando Cameron era um menino, costumava ter dores de cabeça —disse— Observava mamãe massagear sua cabeça. Ela dizia que inclusive os meninos sabiam como se estressar. Você não tem que se estressar, Kia. A mantereí a salvo.

—De todo mundo menos de você. —suspirou, escondendo a cara contra seu peito.

—De todo mundo menos de mim. —esteve de acordo, sua voz era grave apesar do tom terno.

Um sorriso agri-doce se formou em seus lábios quando os dedos acariciaram o pescoço. Kia sabia que deveria afastar-se. Melhor se ocupar da dor de cabeça que tratar com Chase, em sua cama, aconchegada contra ele enquanto a escuridão se envolvia ao redor deles, carregada de sensualidade.

—Por que se escondeu durante os últimos dois anos, Kia? —Ela sentiu novamente seus lábios sobre a testa — Por que não deixou Rebecca Harding e seus poucos amigos aceitar a queda como mentirosos em vez de pôr isso sobre sua cabeça e seus ombros?

Por que o fez? Ela exalou bruscamente, seus dedos se enterraram na colcha que a cobria enquanto tentava se aferrar a sua determinação.

—Não vou deixar passar —assegurou— Diga-me por quê?

—Porque era mais fácil. —murmurou finalmente. E era somente parte da verdade— Rebecca não começou esse desastre, Chase. Eu o fiz. Confiei na pessoa errada e me casei com o homem errado. Precisava de tempo.

—Não minta. —O toco sussurro foi exalado contra sua bochecha — Aqui mesmo, agora mesmo, Kia. Quero a verdade.

—Porque sabia que não seria capaz de me manter longe de você e não queria me humilhar ainda mais.

Aí estava. Havia dito. Confessou o que esteve combatendo por admitir inclusive a si mesma. Que estava lambendo suas feridas; era uma verdade pela metade. Estava envergonhada. Quem não teria ficado? Mas também soube que era fraca. Drew tinha visto. Até Rebecca soube da fascinação que Kia sentia por Chase. E a ideia de ser rechaçada a tinha mantido escondida dentro de si mesma como uma criança assustada.

Inventou-se desculpas. Tinha pouca confiança. Tinha medo de confiar. Tudo estava dito e feito, isto foi por que se escondeu até que já não pôde ocultar-se mais.

Podia aceitar o rechaço. Amar Chase era algo que não pensava que fosse o suficientemente forte para dirigir.

Então o silêncio encheu o dormitório. Chase a aproximou mais de seu peito, as pontas de seus dedos acariciando atrás do pescoço, aliviando a dor de cabeça e a enchendo de uma sensualidade preguiçosa, aterradora.

—Toda mulher tem uma fraqueza. —murmurou contra o peito dele— Você foi minha



fraqueza, Chase. Inclusive Drew sabia que não podia manter meus olhos longe de você. Quanto mais se deteriorava nosso casamento, pior ficava. Não queria ninguém presenciando isso e acreditando que tinha sido infiel, ou que você tinha algum papel nessa ruptura.

—Continuaria com ele se não houvesse trazido um terceiro essa noite?

Ela estendeu as mãos sobre seu peito, sentiu o batimento de seu coração contra as palmas, lento e estável.

—Amava Drew quando casei com ele. Amava a ilusão que ele me dava de presente de quem e o que era. Não quero ilusões nunca mais. Mas tampouco quero uma relação que seja fria e distante exceto na cama.

—O que quer, Kia?

Ela levantou a cabeça e olhou fixamente sua sombria expressão.

—Quero algo real. Rir. Poder chorar quando preciso. Quero dançar e ser livre. E quero ser abraçada.

Seus dedos continuaram acariciando, esfregando seu pescoço.

—É difícil ser livre e ser abraçada ao mesmo tempo. —disse baixinho.

—É, Chase? —Tocou-lhe a mandíbula, simplesmente porque não podia evitar— Não é isso o amor? Ser livre inclusive quando é abraçado? Sabendo que pode alcançar as estrelas e alguém estará ali para compartilhá-las com você? Ou animá-la se precisar? Alguém com quem rir, amar, chorar e discutir? Alguém que sabe que estará ali quando estiver deprimido, sombrio, ou quando simplesmente necessitar um abraço. —Sorriu, sentindo isso em seu interior relacionado com ele, sabendo que Chase era o homem com quem queria isso— Não é confuso o amor?

Chase sentia os sonhos que se agitavam nela como se fossem deles. Era algo tão pouco familiar, sensações tão únicas, que não queria nada mais nesse momento que sair da cama e abandonar o quarto. Escapar das algemas de veludo que podia sentir envolvendo-se ao seu redor.

—É livre, Chase. —sussurrou, afastando a mão de sua mandíbula e centrando-se nele com esses olhos radiantes, cheios de sonhos— Sempre livre.

E sempre o abraçaria. Ele também viu isso. Viu que Kia guardava as coisas em seu interior, envolvia-se ao redor das pessoas que amava de uma forma tão sutil que nunca sabiam o que havia feito até que era muito tarde. Até que possuía uma parte deles.

—Está delirando. —respondeu, enquanto sua mão se estirava passando pelo seu lado até que se fechou sobre seu quadril, sustentando-a contra a grossa e dura ponta de sua ereção.

—Preciso de você. —Devolveu suas palavras, e Chase jurou que o coração ia saltar fora do peito.

—Está ferida. —Engoliu apertadamente— Quando estiver melhor. Ah merda, Kia.

Os magros e elegantes dedos se deslocaram de seu peito até sua pesada ereção. Envolveram-se ao redor dela, acariciaram, bombeando sua carne com uma destruição de seda.

—Não é uma boa ideia —gemeu— Sanjer me matará por isso.

Os lábios dela roçaram a mandíbula, sua língua saindo para acariciar, saborear sua pele. Cada toque era como um arrasador sussurro. Chase a abraçou, deixou-a tocar, deixou-a acariciar, e fez recuar a fome que se elevava dentro dele como uma besta que não sabia como controlar.



Tinha tentado, disse a si mesmo. Tinha tentado permanecer tão longe dela como foi possível. Tinha tentado salvar a ambos.

—Kia, durma, ou a dor de cabeça vai piorar. —advertiu— Quando me deslizar dentro de você, não quero me deter até que ambos tenhamos gozado. Até que nossas cabeças estalem. Não quer isso agora mesmo.

Ele aferrou sua mão, sustentou seu pulso apesar de tudo.

—Não me deseja? —O tom de vulnerabilidade em sua voz lhe partiu o coração.

—Um dia destes, muito em breve, vai se inteirar exatamente do quanto a desejo—a advertiu— Mas esta noite não. —Levantou a mão de sua carne— Não quando só te causará mais dor.

Ela se moveu para afastar-se de seus braços, afastando-se dele.

—Não faça isso, Kia. —Pôs a mão sobre seu quadril, cravando a vista quando o olhou com surpresa— Não se separará de mim, entende? Nem agora, nem nunca.

A mão que aterrissou em seu peito foi menos que suave. Um tapa contra os músculos tensos antes que se visse forçado a deixar que se afastasse dele.

—Entenda isto —disse com ferocidade— Você não me controlará, Chase Falladay. Ponto. E no minuto em que consiga empurrar meu traseiro fora desta cama e sair por essa sua porta, estarei fora daqui.

Sacudiu com força o travesseiro, o afofou e colocou a cabeça cautelosamente contra ele.

Chase sorriu abertamente. Esperou, contando para trás os minutos, os segundos. Mais tarde com calma, atentamente, voltou a lhe pressionar o pescoço com os dedos e começou a massagear os músculos tensos outra vez.

Apenas quinze centímetros os separavam. Por agora. Até que a ajudasse a dormir, logo a teria em seus braços outra vez. E ali era exatamente onde ela pertencia.

Quando seus ombros relaxaram e a cabeça se acomodou mais profundamente no travesseiro, Chase se aproximou. Um pouco mais tarde, ela estava se aproximando de seu calor, outra vez e não foi muito depois que a seguiu no sono rodeando-a com os braços.

Abraça-la o completava. Não ia explicar aquilo, nem ia investigar muito a fundo. Era assim simples e no momento ia deixar assim.

* * *

—Onde diabos pensa que vai?

Cinco dias mais tarde, Kia se congelou enquanto tentava deslizar da cama e debaixo do braço de Chase quando sua voz sonolenta resmungou das profundidades da enorme cama em que a tinha obrigado a passar cada noite.

—Tenho que ir trabalhar.

Tinha estado deitada e de braços cruzados exceto para dormir e comer durante quase uma semana. Seus pais a deixaram louca, revoadando ao seu redor. Esse doutor louco a havia feito querer disparar nele cada vez que despertava e Chase a tinha tão esgotada que se perguntou se alguma vez poderia assentar seus nervos de novo.



—Nem pensar. Sanjer disse uma semana completa. —Rodeou com o braço sua cintura e a arrastou de volta ao seu peito— Volte a dormir. Realmente, não quer que desperte ainda.

Mas soava muito acordado. E se sentia acordado. O comprimento duro, grosso de sua ereção estava pressionando contra suas costas. Porque dormia nu. Porque tinha vindo à cama depois que ela caísse adormecida e tinha envolvido seu corpo duro e quente ao seu redor.

E ele fez que gostasse daquilo. Isso foi o que fez. Depois que ia para a cama, gelada e dolorida, ele deslizava na cama, conseguia enfraquecê-la e relaxá-la e quando despertava na manhã seguinte tudo o que queria fazer era ficar ali.

Bem, tinha tido dor de cabeça então, reconfortou-se a si mesma. Agora não tinha.

—Realmente não me importa se desperta, Chase. —informou irritada— Ou o que disse Sanjer. Tenho um trabalho e tenho minha própria cama.

—Uma cama em que não passa a noite —suspirou, segurando-a em seu peito.

—Passo agora. —disse, sua voz firme. Tinha descoberto que tinha que manter-se firme ao discutir com Chase.

Ele estava tranquilo atrás dela.

—Que diabos significa isso? —grunhiu finalmente.

—Significa exatamente o que disse. —Empurrou o braço envolvido ao seu redor e pensou por um momento que simplesmente o morderia se não a soltasse.

Um segundo mais tarde estava sobre suas costas, cravando o olhar no que possivelmente era a visão mais erótica que Deus alguma vez tinha dado a uma mulher. Chase, com o comprido cabelo negro desordenado ao redor das escuras, arrogantes feições. Seus olhos verdes claro estavam entreabertos sobre ela, as grossas, escuras pestanas não faziam nada para ocultar a fome, nem o fogo em seus olhos.

—Quando começou a passar a noite em sua cama? —Seus lábios estavam tensos, um músculo flexionando-se na mandíbula.

—Uma noite antes de comprar minha manta elétrica e um vibrador. —disse docemente— Porque, Chase, confesso, descobri que essa cama pode ser realmente muito cômoda quando quero que seja.

Relaxou-se debaixo dele todo o possível apesar da visão desses bíceps duros e poderosos flexionando-se ao lado de seus ombros e o severo rubor que banhava suas bochechas.

Ela estava esperando a explosão.

—De que tipo?

Piscou para ele.

—Perdão?

Onde estava a raiva? A fúria? Drew tinha estalado quando encontrou seu diminuto vibrador pessoal, anos atrás. Não estava Chase igualmente zangado? Especialmente quando ela havia feito tudo menos pedir que a tocasse durante os dias passados.

—Que tipo de vibrador? —indinou-se mais perto— Quando o utiliza pensa em mim, Kia? Seus olhos se abriram de par em par.

—O que? —Balbuciou, as mãos pressionando contra seu peito, mas sem afastá-lo.



Sentiu-se desinibida repentinamente. Seu olhar não era de cólera. O rubor em suas maçãs do rosto era de excitação.

—Fale-me sobre seu vibrador. —Uma mão afastou a fina alça da parte superior da regata que ela usava para passar a noite, deslizando-a sobre o ombro. De repente se sentiu insegura, fora de lugar.

—So-sobre meu vibrador? —Balbuciou outra vez.

—É tão grosso como meu membro?

Ela foi a que se ruborizou desta vez. Sentiu o banho de calor sobre seu corpo.

—Está louco?

—Pensa em mim quando o utiliza? Estende suas bonitas coxas e o pressiona em sua ajustada, quente e pequena vagina e sussurra meu nome? É tão apertada, tão estreita, que é como um sedoso torno quando se envolve ao meu redor. É assim como sente contra o vibrador? Você gosta de ser estirada até que tudo o que pode fazer é gritar meu nome?

Estava excitado. Oh, diabos não, estava mais que excitado. Claramente estava se pondo perigoso e perversamente excitado. E estava conseguindo que se molhasse.

—Não grito seu nome. —mentiu, elevando seu olhar para ele, sabendo que o fazia. Tinha gritado seu nome porque não podia gozar suficientemente forte, não podia sentir a liberação o suficientemente profunda, para desprender-se desse fio de necessidade por ele.

—Está mentindo, Kia. —A voz se tornou mais profunda, acariciando suas terminações nervosas enquanto empurrava seu peito.

—Não me toque, Chase. Preciso tomar uma ducha e sair daqui. Realmente não me quer aqui e ambos sabemos. Assim me deixe ir.

Antes, não teria sido capaz de conter a necessidade de apoiar-se contra ele, de rasgar a regata de seu corpo, de arrastar seus mamilos doloridos sobre seu peito coberto de pelo.

Esteve sem ele durante muito tempo. Seu corpo protestava a gritos por essa ausência. Sua vagina estava se contraindo involuntariamente, derramando fluídos contra suas calcinhas de seda e renda enquanto tentava ignorar a ponta do membro entre suas coxas.

—Me diga como faz. —Ele se moveu, aferrando suas mãos e as deslizando pela cama à altura de seus ombros. Apertou-as contra o colchão, suas coxas separando-se, abrindo as dela —Diga-me isso, empurra dentro de si lento e suave, ou rápido e forte? É fino e estreito, Kia? Ou grosso e longo? Esquenta-o em sua boca enquanto imagina me excitando?

Ela não podia evitar. Seu olhar retornou a ele, arredondado com surpresa, uma febre enfurecendo-se sob sua carne quando sua voz se voltou profunda, gutural.

—É grosso e longo —respondeu enfurecida—É tão grosso e longo como o seu, e cada vez que o utilizo gozo até que perco os sentidos porque é melhor que tudo que alguma vez tenha tido.

Perverso, sensual, perspicaz, seus lábios se estiraram sedutoramente.

—A faz perder os sentidos, é?

—Sempre —disse ela, embora sem raiva. Não podia manter seu aborrecimento, nem tampouco aliviar o fio de necessidade.

—Oh, Kia, é uma pequena travessa e mentirosa. —riu sufocado com deleite.



Ela conteve seu sorriso, mas sentiu que seus lábios faziam biquinho enquanto as pestanas se fechavam. Arqueou-se contra ele, esfregando a seda e a renda de suas calcinhas contra a ponta congestionada de seu membro.

—Quando se masturba, pensa em mim? —perguntou então— Quando seus dedos estão apertados ao redor de seu membro, Chase e seu sêmen se derrama de sua carne, diz meu nome?

—Sempre.

Seus lábios se abriram com surpresa. Ela não podia respirar. Estava lutando para conseguir oxigênio, para limpar sua cabeça o suficiente para pensar em que momento tinha lhe roubado o fôlego com essa palavra.

—Primeiro imagino esses bonitos lábios. —Mordiscou seu lábio inferior— Abrindo-se, me chupando. Fecho os olhos e a vejo ali, mas não é tão bom, Kia. Está segura que é tão bom com o vibrador?

Ela engoliu apertadamente.

—É tudo o que tenho.

—É tão bom como sentir meu membro movendo-se dentro de você? —perguntou outra vez—Estirando e queimando. Sei que o faz, Kia, porque me rodeia tão quente e tenso pelo esforço de me acolher. Sei como se estira. Sinto muito. Vejo-o em sua cara, escuto em seus gritos.

Seus fluidos eram úmidos e quentes, ensopando suas calcinhas e sabia que ele se deu conta.

—Ah, linda Kia. —Seu sorriso era de erótica satisfação—Percebo, meu bem. Vamos, me diga, realmente o vibrador é tão bom quanto eu?

Queria mentir. Assegurou a si mesma, real e sinceramente queria fazê-lo. Mas ele escolheu esse momento para baixar a cabeça e apanhar um duro mamilo entre seus dentes. Agarrou a seda de sua regata, a tenra carne em sua boca e a chupou. Com fome. E a observou, olhando-a fixamente enquanto a ponta de seu membro pressionava contra as dobras muito sensíveis de sua carne debaixo das calcinhas.

—Responda. —Sua voz endurecendo o suficiente para enviar um estremecimento por sua coluna— É tão bom assim, Kia?

—Melhor.

Oh Deus, ela tinha perdido o juízo. Olhou o pequeno mamilo entre seus lábios e soube que estava com problemas.

—Ah, meu bem. —Agarrou ambos os pulsos em uma de suas mãos, as levantando sobre a cabeça e deixando que sua outra mão se deslizasse sobre o lado— Foi realmente um engano dizer essa mentirinha.

Seus olhos. Kia o olhou diretamente, vendo os olhos verdes claro com brilhos mais escuros, piscando cheios de intenções, com um sorriso perverso curvando os lábios.

A escura barba tinha crescido durante a noite em sua mandíbula e queixo, dando um aspecto desenvolto. Perguntava-se se deveria estar tão malditamente acesa, ou se deveria estar completamente aterrada.

Seu corpo estava tomando a decisão por ela. Estava se arqueando contra ele enquanto



sentia algo ao redor dos pulsos. Girou a cabeça e olhou as finas correias de couro que ele tinha tirado da parte posterior da cabeceira.

— Não o fará.

Fez. Antes que pudesse lutar, seus pulsos estavam atados com duas correias de couro forradas de veludo.

— Perfeito. — Sorriu maliciosamente, recuando para olhá-la enquanto ela girava a cabeça e seus olhos se abriam como pratos ante a visão de seu membro pressionando seu corpo — Não quero que se machuque quando começar a se retorcer na cama.

— Me retorcer? — quase gritou ela.

— Pelo prazer, Kia. — Suas sobrancelhas desceram, seu olhar escuro — Pensa que te faria mal?

Ela negou com a cabeça, lentamente.

— O que vai fazer?

Chase agarrou a frente de sua regata.

— É algo bom que lan pague bem. — Rasgou-a, empurrando as bordas sobre seus seios enquanto ela se arqueava para ele, involuntariamente, porque isto realmente não deveria excitá-la.

— Maldição. São tão bonitos. — Suas mãos cavaram os seios dela, os polegares passando sobre os mamilos. Pequenos pontos de eletricidade começaram a chispar através das terminações nervosas.

Nunca esteve amarrada em sua vida. Nunca quis estar. Até agora. Até que esticou as correias forradas de veludo que seguravam seus pulsos e Chase se ajoelhou entre suas coxas.

— Isto é uma loucura — ofegou quando ele apertou seus mamilos entre os dedos e aplicou só a suficiente pressão para fazer que se retorcesse debaixo dele. As sensações a atravessaram com prazer e um quê de dor que a tinha tentando a obter mais.

— Olhe que duros tem os mamilos. — Afastou seus dedos deles, só para baixar a cabeça e lambe-los, logo o outro — Adoro seus mamilos. Tão doces, duros e quentes. Ruborizam-se com um lindo rosa brilhante e me fazem ter vontade de prová-los.

— Solte-me. Quero tocá-lo. — Precisava tocá-lo, sentir sua pele sob as mãos, abraçá-lo. Olhou-o enquanto se levantava outra vez, os olhos dele frágeis sobre seu corpo quase nu.

— Não.

Abriu os lábios quando um escuro e erótico desafio cintilou no rosto dele.

— Não?

— Não até que a faça desmaiar de prazer. Apostamos se posso conseguir ou não?

Kia estreitou seus olhos sobre ele. Segura que isso não seria possível.

— Se perder, mudaremos de lugar. — Ele ia perder. Já tinha conhecido os topos do prazer com Chase. Ela não tinha ouvido sobre ninguém que desmaiasse porque o orgasmo tivesse sido tão bom e esperava que Chase ficasse em evidência.

Seu sorriso foi audaz.

— Nunca estive amarrado em minha vida, Kia.



—Há uma primeira vez para tudo. —advertiu ela, lançando uma indireta com uma amostra de satisfação— Vamos, Chase, só prazer? —estirou-se debaixo dele, arqueando-se para ele, olhando seus olhos entreabertos— Está se gabando.

Ele estava em silêncio. Sua expressão tranquila, tensa.

—Não faça isso, Kia. —Houve um grunhido de advertência em sua voz— Não me desafie.

—Não me fará mal. —Ela puxou as ataduras— Ambos sabemos que não o fará, Chase.

—Há algumas coisas que as mulheres não querem saber sobre si mesmas —disse a ela— São fortes, resistentes. Mas realmente quer conhecer os lugares onde posso levá-la? Os lugares onde que a levarei se continuar me desafiando?

Seu queixo se elevou.

—E um desafio é tudo o que precisa? Está seguro que pode fazê-lo sem ajuda?

Estava louca. Tinha o acusado de demente, mas quando viu o brilho de escura luxúria através de seus olhos, perguntou-se se não era ela a que tinha perdido a razão.

—Oh, que valente —sussurrou ele, em parte brincalhão, em parte com escuro erotismo— Meu bem, nada que tenha conhecido quando estive com Khalid e comigo é comparado com o que a ensinarei agora.

—Me segurando de costas? —Ela se arqueou quando seus dedos roçaram a seda entre suas pernas de suas calcinhas— Não te dá vergonha, Chase?

Sua voz era áspera, sua confiança não era realmente toda a que tinha que ter sido quando sentiu a excitação aumentando.

Chase estalou a língua.

—Deveria se envergonhar, querida, porque acaba de ultrapassar o limite.

Capítulo 18

Kia não tinha a menor ideia do que era o limite, mas tinha a sensação que ia mais à frente do mero prazer. Tocar Chase, ser tocada por ele, era cada vez uma aventura. A aventura que tinha desejado toda sua vida, o desafio e o atrevimento de cavalgar grosseiramente em sensações com que só tinha fantasiado.

Puxou as ataduras que lhe retinham os pulsos. Estava impotente; sentia-se impotente, sensual e eroticamente impotente.

Deveria estar assustada, estava segura. Deveria estar vacilante a respeito de permitir controlar sua sensualidade desta maneira. Mas sua sensualidade desfrutava disso. Desfrutava nisso.

—Podesair quando quiser, doçura. —Seu sorriso era uma pura e erótica demanda— Se sair, perde a aposta.

O desafio era claro.

Kia permitiu que seu próprio murmúrio de risada passasse por seus lábios, embora fosse



tenso, cheio de nervosa antecipação.

—Não pode gozar antes de mim, Chase —informou e olhou como sua expressão se enrugava com um sorriso de prazerosa antecipação e cautela — Se gozar, então perde.

Não ia lhe dar nenhuma margem. Se ele queria pôr suas próprias regras, então ela poderia pôr as suas também.

—Isso não estava no trato. —Riu entre dentes, mas havia uma margem de compungida aceitação em sua expressão.

—Está agora. Estou presa, literalmente. Você não. Se gozar, ganho.

O entusiasmo golpeou por ela, expandiu-se pelo cérebro, as veias, cada terminação nervosa. Podia sentir o erotismo selvagem que crescia dentro dela, emparelhando-se com a fome escura que piscava agora na expressão de Chase.

Isto era o que ela sempre tinha pressentido dentro dele. Algo selvagem e indomável, algo que se emparelhasse e rebatesse a fome feroz e temerária contra a que ela sempre tinha lutado dentro de si.

Não havia rendição. Podia senti-la ardendo entre ambos. Ele tinha mais experiência. Este mundo sensual era seu campo de jogos erótico e ela em vez de dar um passo nele lentamente, estava saltando com os dois pés.

E adorava.

Estava segura que ganharia. Podia dizer que ele estava seguro de ganhar. Ela possivelmente poderia gozar tantas vezes que acabasse esgotada, mas nunca desmaiou em sua vida. Não ia começar agora.

Chase refreou o seguinte sorriso. Em seu lugar cobriu a vagina, acariciou-a e sentiu o calor úmido sob o meio das pernas de suas calcinhas.

Ela já estava ardentemente molhada, excitada e preparada para ele. E o desafiando com cada olhar desses olhos misteriosos e brilhantes.

Sabia exatamente como conseguir o que queria. Sabia que ela não tinha suficiente experiência, não estava o bastante saciada, para controlar a força do orgasmo que lhe daria. Quando finalmente o desse.

Com paciência. Empurraria-a a um estado de excitação que a deixaria molhada, suarenta, rogando e suplicando. E ele ouviria suas súplicas durante mais tempo do que estava seguro que ela iria gritar.

E não havia nada que adorasse mais que empurrar uma mulher a esse ponto. Nada mais tortuoso, mais grato que levar uma mulher a essa altura e vê-la cair.

—Pobre Kia. —sussurrou enquanto rasgava as partes da regata do corpo— Não se incomode em rogar, meu bem. Não ajudará.

Ela sorriu. Um sorriso sedutor e feminino que fez que seu membro se retorcesse.

—Recordarei essa frase —respondeu, com voz forte, sensual— Repetirei isso quando chegar minha vez.

Atirou o tecido no chão antes de agarrar o elástico de suas calcinhas e arrancá-las de seus quadris. Ela deu um puxão involuntário, levantou os quadris e um pequeno ofego saiu de sua



garganta, assegurando que já estava a caminho do ponto que ele necessitava que alcançasse.

Ela estava sensível, ansiosa pelo prazer e confiante. Essa confiança, o pensamento, o conhecimento de que em um período de tempo tão curto tinha entregado tanto de si mesmo, fez que seu peito se encolhesse com uma emoção inesperada.

Demônios, sabia de casais casados que não tinham alcançado ainda este ponto.

Retrocedendo, encerrou suas pernas entre suas coxas, as apertando juntas e as mantendo no lugar enquanto se inclinava sobre ela.

Seu membro pressionou sobre a carne suave do ventre e Kia separou os lábios debaixo dos dele enquanto ondulava abaixo. Seus clitóris ficaria doendo, sabia. A pressão das coxas não seria suficiente para excitar e tentar este ponto. Estaria perto, segura que seu orgasmo estava a só um fôlego de distância. E estava muito mais longe do que jamais poderia imaginar.

Ele brincou com os lábios. Beijou-a lenta e profundamente e saboreou a paixão que já ardia dentro dela. Mordiscou-lhe o lábio inferior, sentiu que respirava com dificuldade e profundamente, logo afundou no beijo com toda a necessidade que bulia dentro dele.

Tinha-a desejado, deste modo, durante tantos anos. Indefesa debaixo dele, arqueando-se, desesperada por cada toque, cada carícia que pudesse dar.

Chase podia sentir o prazer que se vertia também nele. Cada ofego dos lábios dela, cada carícia da língua contra a sua, cada pequeno gemido impotente que vinha de sua garganta era como uma carícia física contra sua pele.

Isso era tudo o que era. Toda a paciência, cada toque, cada súplica de seus lábios, cada doce gota de creme de seu sexo ardente era seu prazer.

Quando o beijo a empurrou ao ponto mais baixo da viagem ao que pensava levá-la, recuou. Acariciou sua bochecha com o dorso dos dedos enquanto ela levantava as pálpebras.

Os olhos estavam dilatados, a cor era mais escura agora. A cara ruborizada, os lábios inchados pela paixão.

—Sonhei fazendo isto com você. —admitiu Chase, baixando a cabeça e roçando a mandíbula com os lábios, arranhando com os dentes quando um pequeno suspiro de choramingação abandonou os lábios de Kia.

—Não tinha que esperar. —Sua voz era espessa, pesada com a excitação.

—Nunca deveria ter esperado. —Nunca tinha estado seguro que a jovem mulher calada e tranquila que ele vislumbrava pudesse dirigir a escuridão que enchia Chase.

Tinha estado errado? Era a mulher que tinha começado a encher tantas partes de seu coração mais forte do que ele jamais acreditou possível?

Kia tinha que olhar enquanto a tocava. Não podia tocá-lo, só podia esticar-se contra ele e perguntar se de algum modo tinha conseguido perder toda posse de seu sentido comum quando o desafiou.

Sabia o que eram os troianos. O apelido dado aos homens que eram parte do seleto clube que Chase ajudava a proteger.

Eram extremamente dominantes. Eram poderosos e se sussurrava que eram os amantes supremos. Ela não foi a única que se atreveu a contar a verdade sobre eles, só tinha sido a única



que se atreveu a sussurrá-la fora dos limites de um grupo particular.

Sempre houve pequenas histórias vagas. Insinuações de aviso. E sempre teve Chase, olhando-a, prometendo que todas essas histórias eram verdade.

Arqueou-se quando os lábios desceram pela clavícula, a língua lambia um rastro de fogo até chegar a um mamilo duro e dilatado. Estava já tão sensibilizada que mal podia suportar. Mas quando os lábios rodearam o bico duro e sugou profundamente, desejou não haver feito jamais esse louco desafio.

Poderia estar tocando-o agora, lutando pelo prazer. Em vez disso, estava-a refreando, as mãos atadas, impotentes sob seu toque. Impotente sob o prazer.

—Já sente, Kia? —Levantou a cabeça, com a cara ruborizada pela excitação, os olhos brilhantes — Sente se movendo através de você?

Ela sacudiu a cabeça. Engoliu o gemido de assentimento enquanto sentia a escuridão pela qual sabia que estava perguntando. Abatia-se na beira de sua mente, a fome que sempre negou a si mesma, até Chase. Até que estendeu a mão e a empurrou ao seu mundo.

A língua se curvou ao redor do mamilo oposto. Chupou-o e o fogo disparou ao útero quando mordeu o lábio para reter o grito. A primeira súplica.

Ia lento e tranquilo, sugando profunda e firmemente. A língua lambeu e acariciou, e cada golpezinho enviava um prazer que caía em cascata por terminações nervosas que nunca deveriam ter respondido a essa carícia.

Curvou os dedos. Agarrou as correias de couro que a refreavam e tentou empurrar o mamilo mais fundo na sua boca.

Ele recuou, um pequeno som de sucção ressoou ao redor dela quando o mamilo deslizou dos lábios. Os dentes agarraram o broto tenro um momento depois.

Kia ofegou. A pequena dor de chamejante prazer quase a fez rogar por mais.

E ele sabia. Maldito fosse. Sabia exatamente o que estava fazendo, sabia que a estava torturando. Ela deveria saber, deveria ter pensado...

—Chase —gemeu seu nome quando empurrou o mamilo de volta a sua boca, chupou e lambeu, agora a tinha choramingando, arqueando-se mais perto dele.

—Tão bonito. —Ele relaxou, olhando os mamilos — Olhe que bonito, Kia. Ruborizados e apertados.

Seus mamilos eram rosa escuro, tão duros que quase se sentiam machucados, formigavam e ardiam pelo toque da boca outra vez.

—Precisarei saboreá-los mais tarde. —grunhiu, soltando seu agarre pelas pernas enquanto se movia ao seu lado, logo se ajoelhou ao lado da cabeça — Mas agora é sua vez de provar. Pode fazer que me renda?

Kia olhou como seus dedos agarravam o eixo de seu membro, bombeavam-no lentamente enquanto a glândula larga e escura pulsava e se umedecia com uma pérola de líquido.

Lambeu o lábio, então lambeu essa pérola. Olhou-o no rosto, viu como suas pálpebras caíam sobre esses olhos brilhantes quando ela curvou a língua sobre a ponta e encheu a boca com o sabor e o calor dele.



Tentou-o e soube que o fazia. Lambeu a parte inferior, permitiu que os dentes arranhassem, tão brandamente, e choramingou quando seu nome rasgou a garganta de Chase.

—Isso é bom. —Os dedos de uma mão se fecharam em seu cabelo enquanto refreava o ritmo de sucção da boca. Puxou a cabeça para trás, empurrou para frente, utilizou o cabelo de Kia para controlá-la. As pequenas mordidas de pressão contra sua cabeleira eram como dedos de prazer erótico. Afrouxava, apertava e chupava mais profundo, lutava para reter a carne inchada quando ele se retirava, então empurrava.

—Ah sim, Kia. Doçura —gemeu— Chupe meu pênis, querida. Mostre-me que o deseja. Quanto o deseja, querida?

Ela tentou mover a boca mais rápido, para forçá-lo a foder além dos lábios com golpes mais duros. Os dedos no cabelo a refrearam outra vez, forçando-a a utilizar os lábios, a língua e os movimentos de sucção da boca somente.

O sabor dele, o calor da carne, a dureza desesperada era como um afrodisíaco. Ela podia sentir sua necessidade, e podia vê-lo na pesada expressão meditativa de sua cara.

Desejava-a. Sofria por ela. Não era só luxúria. As pessoas podiam se afastar da luxúria. Era simples. Tão fácil. Mas nenhum dos dois podia afastar-se disto. Este prazer que corria por sua pele, que cravava as garras em seus mamilos, em seus clitóris e na necessidade furiosa de sua vagina. Disto não poderia escapar tão facilmente.

—Merda. —Ele se voltou para trás, o membro deslizando dos lábios apesar das tentativas de Kia de retê-lo.

—Isso é armadilha. —lambeu-se, faminta por mais— Eu não posso escapar.

—Eu não lancei o desafio. —Sua respiração era ofegante, o suor empapava os tensos músculos do peito, as coxas e os braços, enquanto sua expressão se esticava com necessidade.

Kia o olhou fixamente e lambeu os lábios.

—Outra vez —cochichou—O desafio.

Chase estreitou os olhos. Com um impulso suave e controlado seu membro encheu a boca outra vez.

Kia o deixou sentir a borda dos dentes, reteve-o no lugar enquanto lambia, sugava, jogava, excitava e olhava como jogava a cabeça sobre os ombros enquanto as coxas se flexionavam e se estiravam de prazer.

Deveria ter pensado nisso antes. Em tê-lo onde desejava. Podia sentir como seu membro pulsava. Estava perto. Tinha que estar perto. Tudo o que tinha a fazer era fazê-lo derramar-se em sua boca.

Ele afastou a mão do cabelo e os dedos encontraram os mamilos. Cada vez que ela lambia, ele apertava o mamilo. Cada vez que ela chupava, ele beliscava. Cada vez que ela pensava que estava perto de empurrá-lo ao limite, tinha que deter-se para evitar gritar ante a delicada pressão que ele colocava nas pontas sensíveis.

Estava perdendo a batalha, deteve-se, chupando, contendo a necessidade de levantar a pressão dos dentes de seu membro para respirar e estava ganhando. Sabia que estava, até que a mão de Chase deslizou por seu corpo e os dedos se abriram nas profundidades saturadas de sua



vagina.

—Oh Deus! —Os quadris corcovaram, arquearam-se, separou os lábios, relaxou os dentes e igualmente rápido, os dedos saíram das profundidades desesperadas para a vagina.

—Não! Maldito seja. —gritou ela.

—Pequena Kia travessa. —Havia diversão no rico tom forte de sua voz— Acredito que tenho que castigá-la por isso.

—Sim. Faça. —Ofegou ela, ainda lutando para respirar, apertava as coxas enquanto lutava para encontrar a quantidade correta de pressão contra seus clitóris para obter um pouco de alívio. Não pedia um clímax completo. Só um pouquinho.

—Penso em fazer. —Houve uma insinuação de risada em sua voz antes que ele a surpreendesse girando-a sobre o estômago e movendo-se até que esteve cavalgando suas coxas outra vez.

—As surras não são castigos. —Kia apertou a testa contra o colchão. Oh Deus, estava em problemas. Se ele começava com uma dessas pequenas surras eróticas ela ia estar gritando, rogando que a fodesse. Já podia sentir seus fluidos empapando as coxas, derramando-se de sua desesperada vagina que pulsava assim como seu clitóris pulsava com agônicas demandas.

Só um pouquinho de liberação, pensou, engolindo um gemido, uma súplica por só isso. Não pedia muito. De verdade.

—Não quero castigá-la, querida. —A mão se moveu brandamente sobre as nádegas arredondadas. — Isso é a coisa mais longínqua em mente.

Oh demônios. Mordeu o lençol debaixo dela, reprimiu um gemido baixo e agonizante quando as mãos de Chase apertaram seu traseiro, deu-lhe forma e o massageou, separando as firmes curvas enquanto cantarolava um pequeno grunhido de apreciação.

Segundos mais tarde, pesados tapinhas e os quentes e leves golpes começaram. Não realmente uma bofetada, ainda não. Cresciam, queimando a carne e enviavam ondas de fogo estalando por todas as suas terminações nervosas.

Não podia suportar. Sacudiu a cabeça e pressionou para trás, necessitando mais. Gritou seu nome, lutou em busca do equilíbrio e controle, e encontrou que não havia nada exceto o prazer de aguentar.

—Tão bonito. —exalou Chase com brutalidade, os dedos se moveram com cuidado pela estreita fenda— Vou tê-la por aqui esta noite, Kia. —Pressionou contra a entrada diminuta e oculta— Lento e suave. Sentirá cada centímetro de penetração, cada carícia em cada terminação nervosa.

—Isso não é justo. —Puxou e empurrou para trás quando a pressão se aliviou e ele mudou de posição atrás dela— Desate-me. Vou torturá-lo também.

—Esse não era o trato, querida —cantarolou— O trato é, que posso fazer que desmaie quando gozar. Como me desafiou a fazer quando se gabou desse condenado vibrador. Recorda?

Ela gemeu.

—Menti.

—É obvio que menti. —Ela sentiu seu beijo contra o traseiro— Nada jamais pode fazer



que goze como eu, Kia. Ambos sabemos. Verdade?

Ela mordeu o lençol outra vez e ele riu entre dentes.

—Está preparada para se render, meu bem? Tudo o que tem a fazer é dizer a palavra e eu poderei encher essa vagina apertada, lenta e docemente, e fazer que goze em só cinco segundos.

—Está zombando—gemeu.

—Desejo você selvagem debaixo de mim. —Mordiscou o traseiro e ela sentiu os dedos, escorregadios, espessos com o lubrificante na entrada traseira uma vez mais — Quero que sinta a escuridão, Kia. Quero rompê-la, agarrá-la. Quero que sinta o que preciso te dar. —Um dedo se introduziu brandamente dentro dela, separando a tenra malha cheia de nervos enquanto ela se arqueava, levando-o mais profundo, mais fácil do que jamais tinha sido.

Ele se retirou. Um segundo dedo se uniu, moveu-se com cuidado dentro dela e Kia tomou com ânsia, gemendo ante o pequeno beliscão de sensação que ricocheteou pela passagem estreita.

—Tão doce. —Girou o pulso, os dedos bombearam dentro dela, preparando-a, estirando-a, logo retirando-se lentamente.

Gozaria. Podia sentir. Ia chegar ao clímax tanto se o desejasse como não. Só as sensações a levariam ao êxtase.

Três dedos. Ela estava de joelhos, empurrando contra o empalamento.

—Oh, sim. —A cabeça se chocava contra o colchão, as chamas lambiam seu interior — Chase. Faça algo. Faça agora.

Os impulsos lentos e suaves a matavam. Podia sentir seu orgasmo fora de alcance, tão perto, construindo-se dentro dela, atormentando seus clitoris. A vagina chorava de necessidade, contraía-se no vazio erótico de seu interior.

Chase se moveu mais perto, a mandíbula apertada, o prazer mais erótico que jamais tinha conhecido o enchia enquanto separava as bochechas do traseiro e colocava a ponta do membro na entrada diminuta de seu traseiro.

Chase podia sentir como o suor descia pelo pescoço e costas. Lutava para respirar, para piscar e afastar a umidade dos olhos enquanto olhava como ela empurrava para trás, olhava como o diminuto buraco se abria, rosado e doce e tomava a ponta de seu membro.

—Sim, toma-o, querida. —Olhava, encantado, forçando-se a permanecer quieto.

Adorava isto dela. Adorava como tão facilmente tomava o prazer e o devolvia. Olhava, aturdido, como a entrada se estirava ao seu redor, sugando-o nela.

Ardia em vermelho vivo, tão fodidamente apertado. O interior do anel apertado de músculos flexionou-se ao redor dele quase dolorosamente, assim apertou os dentes e permitiu a ela impor o ritmo.

Ela empurrou o traseiro nele, tomando-o lento e com cuidado, movendo-se devagar sobre a grossa glândula enquanto seus gemidos se tornavam gritos e o ar se esquentava ainda mais ao redor deles.

—Oh Deus! Chase! —gritou seu nome quando a ponta do membro transpassou a malha ajustada e se introduziu no ardente canal.



Kia estava sobre os cotovelos, o traseiro levantado para ele, a carne apertadamente estirada ao redor da base de sua ereção quando Chase sacudiu a cabeça e lutou contra a necessidade de gozar.

Nunca, nunca tinha tido tanta dificuldade para controlar seu próprio clímax. Podia foder durante horas. Podia fazer uma mulher gritar e enviá-la a uma dúzia de orgasmos antes de gozar uma vez e só suava pelo esforço. Não precisava conter-se.

Até Kia. Até que a tocou, abraçou-a, até que conheceu um prazer que ardeu por seus sentidos como a cascata de lava de um vulcão.

Devagar.

Apertou-lhe os quadris com as mãos quando ela tentou baixar. Ela tentaria apertar o clitóris contra a cama enquanto ele a penetrava pelo traseiro. A pressão mais leve a enviaria em combustão a um orgasmo neste momento.

Esbofeteou um lado do traseiro.

—Mais. Por favor. Por favor. Mais.

Aspirou rudemente ante seus gritos. Esbofeteou-a mais forte, deslizou o membro dentro e fora com golpes lentos. Nada de força. Nada de rapidez. Só um empalamento e uma retirada constantes, abrindo-a, sentindo-a apertar-se ao seu redor enquanto os gritos se voltavam longínquos e imprecisos.

Ela se perdia no prazer. Aí era onde a necessitava. Ah Deus, necessitava-a ali mais rápido.

Empurrou dentro dela, deteve-se.

—Não pare! —Corcoveou contra ele, tentando fechar as coxas mais apertadas enquanto ele as mantinha abertas com os joelhos.

Doce Deus. Espetadas de agudas e extasiadas sensações rasgaram através do eixo de seu membro até as bolas. Podia sentir os tremores da liberação estremecendo seu escroto, subindo pelas costas.

Só havia um pensamento em sua mente, a necessidade de gozar. De enchê-la. De bombear sua semente dentro dela.

Chase sacudiu a cabeça e ignorou o batimento forte e pesado do coração. Lentamente. Lento e suave. Ela já quase estava ali. Quase.

Uma vez que a levasse onde necessitava que estivesse, o resto seria mais fácil. Sua completa rendição. A submissão total ao prazer, onde cada toque que podia dar encheria inclusive seu subconsciente. A tranquilizaria. Converteria cada aventura em um novo reino de prazer mais fácil para ela.

Esperaria. A menos que esta aventura fosse muito cedo.

Sacudiu-se esse pensamento. Não permitiria que isso acontecesse. Não podia permitir que acontecesse.

—Ah Kia. —inclinou-se sobre ela, permitindo que uma mão se afastasse do quadril à curva arredondada do seio.

O mamilo estava tão apertado sob os dedos que a menor pressão a faria saltar, aproximando-a do clímax.



Beliscou o ombro, sorrindo ante o pensamento do prazer, agônico, aditivo, que podia sentir rodando por ela.

Fechou os olhos, penetrando seu traseiro com golpes lentos e superficiais. Tinha que manter as sensações ao máximo sem empurrá-la pela borda.

—Chase. Oh Deus. Chase, por favor. —Um som de desespero enchia sua voz, o prazer tão rico, tão intenso que ela não podia pedir que terminasse agora.

Mas se aproximava de seu próprio limite. A sensação de seu traseiro, tão doce e quente ao redor de seu membro ia fazê-lo explodir. Não podia mantê-lo. Não a este nível ou o perderia para ambos.

Saiu com cuidado do punho apertado, deslizando fora dela.

—Não! —Seu grito rouco rasgou o ar— Não pare, Chase. Ainda não.

Manteve-a no lugar, as mãos nos quadris, evitando que pressionasse o clitóris contra o colchão durante esses poucos segundos imprescindíveis quando ela poderia ter obtido realmente seu orgasmo.

Uma vez que passou, Kia sentiu que um estremecimento subia pela espinha, Chase a soltou e se afastou da cama.

—Aonde demônios vai? —O pânico enchia sua voz.

—Não vou longe, querida. —Prometeu, mantendo sua voz baixa inclusive quando entrou no banheiro. Uma vez ali, tirou um plugue anal suave e inflável de seu envoltório e o lavou completamente antes de lavar o membro. Enquanto secava e enxaguava o suor do peito, olhou Kia.

Ela o estava olhando com aspecto violento, cheia de uma fome furiosa enquanto ondulava os quadris na cama. Instintivo. Ela estava mantendo esse pináculo instintivamente. Ele não teria que recuperar o terreno que tinha perdido ao afastar-se, para ter oportunidade de acalmar seu próprio nível de excitação de volta a um ponto controlável.

Levantando o brinquedo erótico do lavabo, voltou ao quarto. Ela o olhou, logo a ele, e fechou os olhos, sabendo o que vinha.

Chase se moveu devagar atrás dela uma vez mais. Lubrificou o brinquedo rapidamente e o apertou contra ela.

—Toma-o —grunhiu— Como me tomou, Kia. Toma tudo.

Ela gemeu e empurrou para trás.

—Aí vai, bonita —murmurou enquanto ela se esforçava ainda mais sobre a grossa base— Toma tudo, para mim. Lento e suave.

Kia pressionou para trás, sentindo como a estirava o grosso brinquedo, movendo-se devagar dentro dela enquanto começava a soluçar de prazer. Encheu-a, mais grosso, mais apertado que o que estava acostumada a utilizar, até que chegou a estar completamente agasalhado dentro dela.

O grosso brinquedo se estreitava ao fundo, fechando-se na entrada enquanto a base larga e grossa o mantinha no lugar.

Então começou a inchar-se dentro dela, estirando-a mais. O brinquedo inflável a fez chiar



de prazer em poucos segundos, retorcia-se, ardia enquanto a enchia. Desfazia-se e já não era ela. Tão perto do orgasmo e tão longe.

—Oh Deus, Chase, por favor. —arqueou-se outra vez, gritando seu nome, os dedos se curvaram ao redor da correia, um soluço rasgou pela garganta — Por favor.

Capítulo 19

Kia podia sentir a transpiração ensopando sua pele, umedecendo seu cabelo. Podia sentir as sensações açoitando sua carne, lugares que não tinham sido tocados, mas entretanto formigavam de prazer. Não parecia haver um lugar em seu corpo que não vibrasse com a intensidade da excitação que formava redemoinhos através de seu corpo e de sua mente.

Não estava segura de que ponto se achava. Já não tocava os pés no chão, já não estava segura de onde acabava ela e começava Chase.

Só sabia que o prazer era interminável, fluindo e crescendo, roçando sobre suas terminações nervosas, ondeando sobre sua carne, queimando através de sua mente.

Uma vez que Chase teve inserido o plugue em seu traseiro, inflado e bem preso em seu lugar, deu a volta e se inclinou sobre ela.

Kia não podia tocá-lo. Choraminguou pela necessidade de fazê-lo.

—Está bem, meu bem, só sente para mim. —Roçou seus lábios sobre os dela, um beijo tão doce, tão terno que brotaram lágrimas dos seus olhos enquanto se retorcia debaixo dele.

—Preciso. —Sua mente não tinha intenção de acabar a frase. Tinha esquecido tão facilmente o podia fazer. Tudo o que conhecia era a viciadora necessidade de mais. Mais de seu beijo, de seu toque, mais da violenta chicotada de prazer rasgando através dela.

—Sei o que precisa, meu bem. —Beijou-a outra vez, sua língua lambendo contra a de Kia enquanto as palmas de suas mãos lhe cavavam o rosto — Quase estamos ali. Quase ali, Kia. Continuamos, ou paramos?

Ela sacudiu a cabeça, o pânico rasgando-a repentinamente. Ele não podia parar. Oh Deus, que não pare. Kia precisava. Precisava saber onde a conduziria isto, onde poderia levá-la o prazer, como a destruiria.

—Essa é minha doce Kia —cantarolou ele quando ela se deu conta de que tinha soluçado seus pensamentos — Tão doce, tão linda.

Chase beijou o pescoço. Chupou os mamilos brandamente, mas inclusive essa delicada carícia estava perto de ser muito. Agitou-se debaixo dele, arqueando-se e mendigando.

Ele se moveu por seu corpo, estendendo suas coxas amplamente e colocando-se entre elas.

—Maldito seja! —gritou Kia, ou tentou gritar a maldição um segundo mais tarde enquanto uma lenta e suave vibração começava a pulsar em seu traseiro.

Kia podia sentir. As terminações nervosas dispararam a sensação através de seu corpo, agitando-a, fazendo que corcoveasse como se tivesse recebido uma descarga elétrica.



Ao mesmo tempo, a língua de Chase se movia dentro das dobras de sua vagina. Não rápido nem forte. Cada lambida, cada carícia, cada vez que enchia os apertados limites da vagina com a língua, ela se lançava mais alto, mais alto do que pensava que era possível. Subia vertiginosamente por níveis de sensação, torturada de desespero.

Soluçava com cada golpezinho de sua língua ao redor do clitóris, cada vez que o introduzia em sua boca e o lambia com suaves golpes de sucção. Ele estava muito tranquilo. Essa sensação não era suficiente. Ela necessitava mais. Estava se queimando viva, tentando gritar por mais.

Chase fechou as mãos apertadamente em seus quadris e ofegou com rudeza. A essência da necessidade de Kia era como um néctar em ebulição, como a doce calda que emanava dela. Deslizou-a em sua boca, tão viciado em seu sabor, em tocá-la, como ela o era ao seu toque.

—Sim, oh sim, Chase, chupe o clitóris. Mais forte. Por favor, por favor, chupa mais forte.

Kia golpeou a cabeça contra a cama quando ele introduziu o pequeno e duro botão em sua boca.

—Maldito seja. —esticou-se debaixo dele, os soluços rasgando através de Chase quando recuou, lambendo e chupando sua carne até alcançar a apertada entrada de sua vagina.

Colocou a língua nela, parou, mantendo-se ali, provando enquanto Kia gritava, a carne ondulando à medida que se aproximava do clímax.

Quase estava ali. Ah Deus, quase ali. Se ele só pudesse aguentar um pouco mais. Seu membro estava pulsando de dor, suas bolas tão apertadas, tão prontas para estalar que não sabia se poderia conter-se.

O suor corria em riachos sobre o tenso ventre e as esbeltas coxas de Kia. Sua vagina era uma flor aberta para ele, a carne era de um profundo rosa brilhante pelos fluidos enquanto Chase lambia ao redor da entrada e introduzia a língua de novo.

Podia sentir a vibração do plugue no traseiro de Kia. Os tensos músculos da vagina apertando-se ao redor da língua. Quando a enchesse, quando movesse seu membro dentro dela, ambos iam morrer de prazer.

—Faça —gemeu enquanto Chase lambia dentro dela outra vez— Faça mais forte, Chase. Por favor.

Colocou a língua dentro dela. Silenciando-a.

Kia soluçou quando o orgasmo quase explodiu, então foi nivelado outra vez.

Quase. Doce misericórdia, quase estava ali.

Chase relaxou, olhando a nua carne excitada de seu sexo e brandamente deu palmadinhas nas sensíveis dobras enquanto a olhava no rosto.

Ela se arqueou.

—Mais. Mais. —Saiu de seus lábios.

A seguinte carícia foi uma suave palmada. Nada forte, ela estava muito sensível, muito perto da borda. O justo para acrescentar-se à vibração do plugue no traseiro.

O clitóris estava de um vermelho rubi, palpitante, brilhante e desespera do pela liberação. O estômago de Kia se flexionou, convulsionando quando seu útero se ondulou com a necessidade do clímax.



Deu-lhe palmadas na vagina outra vez, brandamente. Tinha que conter-se, tinha que respirar entre dentes enquanto observava a reação contra as dobras de sua vagina.

Mais. Só um pouco mais. Uma degustação mais e poderia tê-la.

Chase baixou a cabeça outra vez enquanto mantinha as coxas separadas. Soprou um áspero fôlego sobre o clitóris e o viu ruborizar-se mais profundamente, vibrar com desespero.

Lambeu dentro das dobras abertas, rodeando o frágil casulo, batendo sua língua contra a entrada e chupando-a com suaves carícias enquanto escutava o baixo e gutural gemido que saía dos lábios de Kia.

Tinha o rosto ruborizado, os olhos fechados, mas sua expressão, o olhar em seu lindo rosto com forma de coração estava perto de fazê-lo derramar o sêmen nos lençóis.

Kia estava ali. Nesse pico final. Perdida de tal maneira nas sensações que não havia volta. Só restava essa queda livre para o êxtase.

Chase se arrastou sobre seus joelhos, elevando as pernas de Kia até que estas estavam colocadas contra seu peito, suas mãos sustentando o traseiro, elevando-a, levando a pequena, ondeante abertura da vagina para a ponta de seu membro.

O corpo inteiro de Kia estava ruborizado, os espessos sucos cobriam a vagina e as coxas. Retorceu-se debaixo dele, o suor rodando por ambos enquanto a expressão de Kia se tornavam mais aturdida, mais desesperada. Os mamilos eram duras rochas bicudas.

Estendendo suas pernas, Chase se deixou cair lentamente para diante e lambeu os mamilos, cuidadoso em manter o membro pressionado, não perto de sua abertura, mas justo nela. Kia se contorceu contra a pressão, tentando obrigá-lo a entrar.

—Vou fodê-la, Kia —grunhiu— Tão duro e profundo que destroce a ambos. —Retrocedeu, o olhar indo ao centro de seu corpo, às dobras de doce carne separadas por seu membro.

—Primeiro brandamente. —Pressionou contra ela — Vou entrar em você devagar e suave, meu bem. Você gosta disso? Você gosta de me sentir te estirando, sentir meu membro queimando dentro dessa bocetinha, verdade?

Estava tão apertada, tão quente ao redor da ponta de seu membro que Chase jurou que não poderia conter-se outro segundo.

—Aí, meu bem, ordenha meu membro, bem assim.

Kia se flexionava ao seu redor, puxando para dentro, apertando-o enquanto ele sentia a vibração do plugue no traseiro através da fina malha que o separava de seu membro.

Diabos, ia gozar. Não podia suportar muito mais tempo e sabia que ela tampouco.

Empurrou a ereção dentro de Kia, penetrando-a com os mesmos golpes lentos e suaves que tinha usado antes em seu traseiro. Levou-lhe muito tempo. A cabeça caiu para trás, contra a nuca, enquanto amaldiçoava, rogava, enquanto lutava contra o sêmen fervendo em suas bolas antes de estar completamente enterrado dentro dela.

Completamente.

A vagina se esticou ao redor de seu membro, flexionando-se e ordenhando-o enquanto o sangue martelava através do corpo de Chase.

Deslizou a mão passando pela coxa de Kia, tomando o controle do plugue, aumentando a



vibração.

Kia gritou, corcoveando contra ele e conduzindo sua ereção mais profundo dentro dela enquanto quase gozava. Quase. Tão perto que podia saborear o êxtase.

Chase lhe deu tempo para igualá-lo, para chegar ao máximo prazer e então começaram os golpes lentos e suaves que a empurraram mais alto.

Kia tinha os olhos abertos, mas desfocados. Estava num lugar em que nenhum homem poderia unir-se a ela, um que poucos homens poderiam levá-la. A completa intimidade abrasadora, o conhecimento de que a tinha na palma de sua mão, justo agora, queimando seu cérebro.

Completamente vulnerável, estava totalmente aberta a ele. Kia estaria de acordo com tudo agora mesmo, acreditaria em tudo que dissesse. Neste ponto, seu coração, sua alma e sua mente pertenciam a Chase.

—É minha. — sussurrou, sabendo que já era dela. No momento que ela alcançou esse pico, ele soube, Kia lhe pertencia.

— Terminamos isto, Kia? — Manteve a voz suave, tranquilizadora, um cantarolar áspero — Terminamos isto, querida?

— Me faça gozar. — soluçou ela, aturdida, sua voz espessa e decidida — Agora. Agora, Chase. Por favor.

Apenas coerente, os soluços esticaram suas bolas com uma necessidade agonizante. Ele respirou com aspereza, fechou os olhos, e deu a si mesmo um segundo. Só um segundo para manter o controle. Quando os abriu, soube que Kia estava ali. Preparada para chegar ao mais alto, para perder, por uns poucos e preciosos segundos, o último fio que a atava à realidade uma vez que o orgasmo explodisse dentro dela.

Retrocedeu, sentindo o agarre ao redor de seu membro enquanto se retirava até que só ficou a grossa ponta. Deteve-se outra vez, sentindo a tensão do freio, sentindo cravar-se nele como uma lança de fome extasiada em estado puro.

Apoderou-se de seus quadris, juntou suas coxas, logo a penetrou com um longo e duro impulso.

Kia gritou e se arqueou. Seu estômago se esticou, os estremecimentos começaram a rasgar através de seus músculos.

Chase parou. Um segundo. Dois.

—Minha — sussurrou ele — Fodidamente minha. Minha, Kia. Sempre será minha.

Perdido em seu próprio prazer, Chase mal era consciente das palavras. Uma mão se moveu entre as coxas dela, a outra se aferrou aos seus quadris. Encontrou o clitóris, pondo o polegar sobre ele e então começou a mover-se.

Duro. Profundo. Poderosos e enérgicos impulsos enquanto golpeava dentro dela.

A lenta ascensão para o êxtase se acelerou, forjando-se dentro de Kia. Podia escutar a si mesma gritando, tentando gritar. A pressão em seus clitóris a empurrou a uma liberação eufórica, gloriosa quando os duros e furiosos golpes dentro dela a enviaram a um reino de planetas em explosão, cores brilhantes e um puro, ardente e candente orgasmo.



Estava gozando, explodindo, a liberação rasgando-a uma e outra vez, catapultando-a, lançando-a diretamente ao espaço e a luz até que a explosão final a enviou a toda velocidade dentro da escuridão.

Kia ainda estava voando. Podia sentir. Sabia. Mas em realidade tinha cessado e era só uma sensação, líquida e quente, uma sensação esmagadora que arrastou um escuro e vibrante manto de prazer ao seu redor.

Durante muitos e intensos minutos, Kia não existiu. Só a escuridão. Só o manto. Só o puro e simples banho de sensações que encheu seus sentidos e a arrancou da realidade durante muitos segundos desesperados.

Ele tinha ganhado. Ela tinha ganhado, porque o sentia desabado em cima dela enquanto piscava, lutando para concentrar-se, sentindo como estremecia quando sua liberação se derramou dentro dela com duras e candentes palpitações de sêmen.

Os dois tinham ganhado.

Kia paralisou debaixo dele, exausta e pesada agora. Havia, por esses poucos segundos cegadores, perdido a consciência, mas enquanto ela esteve ali, enquanto ele havia feito o que tinha desafiado que faria, Kia não desmaiou. Jurou, só por um momento no tempo, que tinha formado parte de Chase.

Havia sentido sua reclamação nela. Secreta. Silenciosa. Nem sequer reconhecida totalmente por ele. Kia tinha conhecido a posse e a possessividade. Tinha visto a escuridão e também estava nela.

Chase se afastou lentamente. Ao sentir o membro, tão sensível, ainda palpitante com a sensação, retirando-se de seu apertado agarre, saiu um gemido do peito dele. Chase recuou, desligou a vibração em seu traseiro e o gemido de Kia provocou que sentisse pontadas de pura sensação percorrendo-o a toda velocidade pelo corpo quando soltou o plugue inflado e o tirou.

Caiu ao seu lado, jogando o brinquedo na mesa que estava junto da cama, mal encontrando forças para rodeá-la com seus braços, para agarrar-se a ela com uma força nascida do desespero.

Alguma vez tinha sentido algo como isto? Diabos, quando seu sêmen tinha saído a jorros dentro de Kia tinha pensado que podia ter desmaiado, sentindo seu corpo enquanto jurou que ela tinha enchido seu coração durante longos e intermináveis segundos.

Não sabia onde o tinha levado esses intermináveis segundos de liberação e não estava seguro de querer saber.

Respirou longa e profundamente, forçando seu coração a frear, apaziguar, então de algum jeito encontrou forças para levantar da cama e elevá-la em seus braços.

Levando-a ao banheiro, não podia acreditar na debilidade em seus próprios braços e pernas. Sentou-se na borda da banheira e pôs a tampa antes de abrir a água e ajustar a temperatura.

Deu um minuto para encher o fundo da banheira antes de deslizar dentro, segurando-a contra ele enquanto os assentava a ambos no confortável líquido.

—Não — murmurou ela, obviamente zangada quando a colocou entre suas pernas, as costas apoiadas contra o peito — Quero dormir.



—Dorme, meu bem. —Ele sorriu enquanto pegava uma esponja da pequena prateleira junto à banheira e a garrafa de gel de ducha que tinha posto no banheiro no dia anterior.

A essência sensual de jasmim não cheirava tão bem em sua pele, mas maldita fosse se não cheirava bem nela. Verteu uma generosa quantidade sobre a esponja úmida, fazendo espuma, e começou a banhá-la.

Kia merecia isto. Tinha merecido desde a primeira vez que Khalid e ele a tinham tomado juntos e esteve aterrorizado de compartilhá-lo com ela. De estar tão perto dela. De algum jeito, sabia que isto seria diferente com Kia do que com qualquer outra mulher.

Terminaria possuindo-o, se não o havia feito já. E nem sequer podia encontrar a força para deixar que isso o preocupasse.

Logo saberia se ela podia dirigir a escuridão nele. Uns poucos dias, uma semana, se Kia aguentasse, então haveria esperança. Porque a possessividade não era nada comparado com o que ele sentia por ela. Tinha estado perto de perdê-la na outra noite. Não podia haver possibilidade de que voltasse a ocorrer.

Enquanto ela dormitava contra ele, a água quente se elevava rodeando-os, lavou-a brandamente, massageando os músculos trementes, lavando o suor de seu corpo.

Pegou a mangueira da ducha, lavou-lhe o cabelo e deixou que um sorriso saísse de seus lábios quando a expressão dela se tornou sensual, quase felina em seu prazer.

Quando terminou, a água lambia os seios, esquentando-a enquanto se aconchegava contra ele. Manteve-a ali, sustentando-a, com cuidado para não despertá-la. Ela estaria dolorida amanhã e Chase queria acalmar o pior dos efeitos do amor que tinha lhe dado.

O amor. Diabos, esse pensamento o deveria ter feito sentir pânico. Em troca o encheu de satisfação.

—Preparada para sair? —Deixou que seus lábios acariciassem a testa quando ele sussurrou a pergunta.

—Hmm. Só se tiver que fazer isso. —A diversão iluminava sua voz, fazendo-a brilhar ao redor dele. Diabos, estava perdido, era assim simples.

—Se converterá em uma passa.

—Como você. —Kia sorriu, seus dedos se enroscaram no úmido pelo do peito enquanto ele grunhia ante a lembrança.

—Vamos, bruxa. —Tirou ambos da água, perguntando-se o que era mais importante, conseguir uma sesta ou a necessidade de comida.

—Está me tratando como um bebê. —disse Kia enquanto a ajudava a sair. Secou-lhe o cabelo com uma toalha antes de inclinar-se e secar o resto de seu corpo.

—Mereceu isso. —Olhou-a fixamente enquanto secava a si mesmo rapidamente.

—Por que? Tudo o que fiz foi deitar ali.

Chase se via tão sexy, estando ali de pé nu, ainda meio excitado. Diabos, talvez estivesse excitado. Definitivamente era maravilhoso olhar todos esses músculos e pele bronzeada. O cabelo negro caía ao redor do rosto e se espalhava sobre seu peito e ombros. Via-se tal como um homem deveria ser, pensou ela. Sexy, perigoso e completamente seguro de si mesmo.



Ele sacudiu a cabeça pelo comentário.

—Fez mais que deitar ali, Kia.

—Sim, gozei como se estivesse morrendo. —Sorriu quando Chase baixou a cabeça e sussurrou um beijo sobre seus lábios— Eu deveria banhá-lo pela experiência.

Ele sacudiu a cabeça enquanto a levantava. Queria dizer exatamente o que ela tinha dado, mas não podia encontrar as palavras. Sentia-se estranhamente impotente e esse era um sentimento que não sentava bem absolutamente.

—Agradou-me —sussurrou em troca— Mais do que acredita.

Seus olhos se iluminaram, brilhando como gemas cada vez mais intensas enquanto o prazer se avivava através dela.

—Posso alimentá-lo então. —Sorriu ela— Encontrarei minhas pernas outra vez em um minuto. Posso cozinhar, sabe.

Chase assentiu com a cabeça.

—Depois de comer, conseguiremos algumas de suas coisas e começaremos a mudar para cá.

Kia se deteve. Congelou, em realidade e o olhou cuidadosamente. Não estava segura agora de que essa fosse uma boa ideia absolutamente. Para começar tinha levado muito tempo para encontrar a estabilidade fazendo frente ao seu desprezo. Finalmente tinha se acostumado à ideia de ficar sozinha, viver sozinha, dormir sozinha.

E não confiava plenamente nele, deu-se conta Kia. Não com suas emoções.

—Justamente estava aprendendo a ficar sem você. Agora quer que me mude para cá? —Ela se envolveu com uma toalha, de repente incômoda com sua nudez— Não é um pouco precipitado, Chase? Não foi você que me disse justamente na semana passada que não queria isto comigo?

Estava assustada, compreendeu ela. Assustada por permitir-se acreditar e arriscar-se a que ele mudasse de opinião em um dia, uma semana, quando quisesse.

Não podia fazer isto. Podia sentir o pânico crescendo dentro dela. O risco para seu coração era muito grande agora mesmo.

—Não é negociável. —Sua expressão era dura enquanto a olhava fixamente, obviamente mais confortável com sua nudez neste momento do que estava Kia.

Ante sua declaração, ela arqueou uma sobrancelha.

—Não é negociável? —perguntou brandamente— Então é melhor que o faça negociável, Chase, porque não acontecerá. Vou para casa hoje. Ponto.

Kia se moveu para sair rapidamente do banheiro, a determinação fluindo dentro dela. Estava disposta a ser sua amante; queria ser sua amante. Mas as últimas semanas tinham sido brutalmente duras para ela. Não estava disposta a provar esse tipo de desequilíbrio outra vez. Não tão cedo.

Os dedos de Chase se envolveram ao redor de seu braço quando tentou passar, as duras profundidades de seus claros olhos verde-gelo fulminando-a.

—Isso era o que queria —disse ele com tom áspero— Não negue.

—Era o que queria, ênfase na última sílaba da palavra, Chase. Não estou disposta a arriscar



tanto, nesta rapidez, com um homem que não faz dois dias não queria nada mais de mim que algumas transas ocasionais. Um homem que partiu quando quase implorei que passasse a noite comigo. —Ela empurrou o braço fora de seu agarre— Não quero perdê-lo, mas nada fará que arrisque um coração quebrado outra vez. Não tão cedo. Não até que saiba que quer mais que só prazer.

—E não demonstrei isso? —moveu-se na frente dela, sua expressão enrugando-se com um brilho de ira, de arrogância masculina— Que mais quer que faça?

—Não sei, Chase. Tente improvisar. É o que eu fiz —disse com calma— Porque até que me sinta mais segura sobre o que seja que queira de mim, não vou dar mais de mim mesma do que já tem. Pode me destruir. É um risco que não vou tomar à toa.

Chase viu então como o rodeava, o queixo levantado, o desafio brilhando em seus olhos, em sua expressão, enquanto apertava os dentes e admitia que Kia tinha razão.

Supunha-se que isto só tinha sido por prazer. Agora o prazer não era suficiente para Chase e ela não confiava em que ele necessitasse mais. Como diabos tinha conseguido cagar tudo desta maneira?

Capítulo 20

Chase acompanhou Kia ao vestibulo do edifício de seu apartamento, a mão descendo cada vez mais por suas costas enquanto se aproximavam do elevador.

Ele era consciente do brilho de diversão e confusão que havia em seus olhos na hora do café da manhã, que resistia à sua determinação de que ela fizesse as malas e se mudasse com ele.

Não gostava. Dar-se conta que não confiava o incomodava. Podia sentir a tensão sexual crescer em seu interior, enquanto Kia continuava o desafiando a um nível que ele não pensava que existisse.

Queria-a em sua cama. Na dele. Queria-a na casa que construiu durante anos, perto de seu irmão, perto da família. Onde estaria a salvo. Onde poderia tentar vencer as probabilidades contra e não perdê-la jamais como tinha perdido seus pais e como quase tinha perdido seu irmão.

Kia não confiava o suficiente para ir viver com ele.

Maldita fosse. Agora não tinha intenção de afastar-se dela e deveria saber. A este passo, seria ele o que se mudaria e embora gostasse bastante de seu apartamento, algo em seu interior gritava que gostaria de sua casa muitíssimo mais.

—Sabe que está sendo teimosa só por ser. — disse enquanto subia o elevador.

—Estou convencida que isso é o que pensa, Chase. —respondeu com calma.

Seu tom sempre tinha permanecido calmo fosse qual fosse a discussão que se apresentasse diante dela.

—Kia, se não deixar de usar esse tonzinho condescendente comigo, vamos ter problemas. —disse, olhando-a fixamente, desejando poder zangar-se com ela.



Uma parte dele se maravilhava do fácil que ela o tinha manobrado, o ataque de indignação masculina e logo o silêncio sepulcral durante o café da manhã e finalmente as discussões durante o trajeto até o apartamento.

—Ainda não comecei a ser condescendente com você —assinalou Kia, com um toque de sorriso em seus lábios— Posso começar se for o que quer. Estava esperando até que começasse a pedir fazendo biquinho.

—Eu não faço biquinho.

—É obvio que não, Chase. —Agora sim estava sendo condescendente.

Grunhiu ao ver a diversão nos olhos dela.

—Vai ser um maldito inconveniente mudar minhas coisas para sua casa. —informou.

—Não recebeu um convite —assinalou ela.

—Tampouco recebi um rechaço —grunhiu— E se acreditar que ouço um, pode ser que não seja capaz de falar durante um longo tempo, Kia.

—Me amordaçará? —levantou uma sobrancelha.

—A ideia tem seu atrativo, mas estava pensando em algo mais prazeroso.

Abriram-se as portas do elevador. Chase manteve a mão nas costas dela, esticando-se ao olhar o corredor.

Algo ia errado. Podia sentir. Observou o estreito corredor, as portas fechadas que conduziam ao seu apartamento, no canto.

As câmaras de segurança seguiram seu progresso e por um momento, não pôde assinalar exatamente o que o incomodava. Levou preciosos segundos antes que sua mão se apertasse no quadril dela e a afastasse para pará-la justo antes que Kia alcançasse a porta.

—Pare. —a ordem era baixa, seu tom tão intenso que inclusive ele quase estremeceu.

Kia esboçou e o olhou antes de dar uma olhada no corredor.

—Kia, sua porta está aberta.

Chase olhou o visor do painel de segurança da porta. Estava ativado e parecia normal. Ele viu uma fresta muito pequena no umbral. A porta não tinha sido fechada de todo.

—Deveria estar fechada —sua voz era um suave sussurro, cheia de inquietação, enquanto a afastava rapidamente— Sempre verifico a porta, Chase.

Ele sabia. Kia era uma mulher adulta, conhecedora dos perigos de deixar as portas abertas, de não estar atenta.

Continuou jogando-a para trás até que chegaram a uma curva no corredor que conduzia ao outro lado do edifício. Com o amparo do muro entre eles e a porta de seu apartamento tirou o celular da capa do quadril e teclou a chamada rápida.

—Ei, irmãozinho, estou saindo da casa do Ian. Você onde está? —Chase ouviu algo na voz de seu irmão, um certo conhecimento, sentindo o laço de união que compartilhavam quando eram meninos.

—No apartamento de Kia. A porta está aberta, a segurança foi quebrada. Vou chamar o detetive Allen, mas preciso de você aqui.

—Levará pelo menos vinte minutos. —informou Cameron vivamente, obviamente



movendo-se a passos rápidos— Estão seguros?

—Tanto como é possível —grunhiu— Quero dar uma olhada na porta, mas a única proteção que temos é a curva do corredor. Duvido que quem entrou esteja ainda lá, mas quero cobrir tudo isto e quero que Allen procure rastros.

Carl Allen, um detetive que fazia uns anos era também membro do Clube, era o único em quem Chase confiava. Depois do fiasco daquele verão, a morte de Moriah e os esforços de Carl para cobrir o fato de que Chase tinha disparado a bala letal, Chase sabia que podia confiar nele para que também cobrisse isto.

—Faça-o vir. —ouviu fechar a porta de um carro pelo lado de Cameron— Ian está comigo e vou fazer uma chamada a Khalid. Os dois são donos do edifício e podem fazer que tudo corra sem problemas para Allen e também para Kia se houver algo. Fique aí, já estamos chegando.

—Vinte minutos não é “estamos chegando”, irmão. —grunhiu Chase— Allen chegará em menos tempo. Deixarei que entrem seus homens antes de avaliar os danos. Traga aqui seu traseiro. Ainda não sei o que temos.

Cortou a chamada e logo discou o número do detetive Allen.

—Allen. —o detetive respondeu no primeiro toque.

—É Falladay. Preciso de você no apartamento de Kia Rutherford —deu ao detetive o nome e o endereço do edifício— Traga alguns homens com você. Alguém forçou a segurança e deixou a porta aberta.

—Entrou?

—Não sou estúpido —respondeu— A atacaram faz uma semana, mas a fechadura e o código mudaram essa noite. Há algo que não está bem, Carl.

—Estamos indo para aí —disse Carl— Pegou-me no escritório. Tenho uma equipe chegando. Estaremos aí em uns cinco minutos. Mantenha-se afastado da porta e espere onde está.

—Estamos em seu andar, na curva do corredor, à esquerda dos elevadores.

—Certo. Em cinco minutos.

Chase desconectou a chamada antes de olhar fixamente o rosto pálido de Kia. Estava devolvendo o olhar, com o mesmo conhecimento em seus olhos que estava cavando em seu cérebro.

—Não foi um ataque, verdade? —sussurrou, os lábios quase tão pálidos como o rosto.

—Ainda não sabemos, Kia.

—Levaram minha bolsa —ela sacudiu a cabeça— Não pensei que tivesse que trocar as fechaduras imediatamente.

—Ian se encarregou disso —disse ele— O código de entrada de segurança foi trocado assim como as fechaduras na mesma noite em que aconteceu. Quem quer que fez isto o fez depois que foram trocados.

—Mas como? —olhou-o, agora com medo em seus olhos.

Esse medo o fez enraivecer. Rodeou-a com os braços, atraindo-a para ele e desejando ter trazido uma arma consigo.



Estaria melhor preparado no futuro, prometeu.

Deveria ter aprendido a lição no verão passado. Tinha acreditado em Moriah, preocupou-se por ela e ela quase matou Cameron e Jaci.

—Não sei como, meu bem. —a apertou fortemente.

—Por que alguém iria querer me machucar?

Drew. Chase conhecia só uma pessoa que queria lhe fazer mal, que tivesse algum motivo para estar zangado com ela.

Kia tentou controlar os tremores que atravessavam seu corpo enquanto olhava Chase no rosto. Sua expressão era pura e assassina ferocidade. Nunca tinha visto nada tão escuro e vingativo, na cara de ninguém.

—Chase, não fiz nada para que alguém querer me ferir.

—Drew —a palavra passou entre seus lábios como uma maldição.

Ela negou com a cabeça.

—Drew não faria algo assim.

—Já bateu em você, Kia. Quase a violentou antes que o tirasse de cima. Não me diga que não faria algo assim. —a fúria controlava sua expressão, enchia seus olhos.

—Chase, este não é seu estilo —engoliu com força, o medo a enchia — Bater, sim. Ser o idiota da década, certamente. Mas Drew não mataria.

—Não ocorra a você defendê-lo —sua mão se apoiava atrás do pescoço dela enquanto a abraçava— Maldita seja, Kia. Ele a destruiria se tivesse oportunidade e você está aqui, o defendendo?

—Não estou defendendo —tentou lutar contra as lágrimas— Estou tentando evitar que cometa um terrível engano, Chase. Vejo assassinato em seus olhos e está dirigido à pessoa errada. Drew não tentaria me fazer dano assim. Ele me enfrentaria, me bateria, me humilharia. Mas não tentaria me matar.

E quem fosse que a tinha golpeado há algumas noites tinha tentado fazer muito mais dano que só roubar a bolsa, ou feri-la. Podia sentir. O conhecimento estava hospedando-se nos ossos.

Os lábios de Chase se afinaram enquanto a olhava.

—Se descobrir que foi ele, pagará, Kia.

—Só espere as provas. —não pediria mais; sabia que não faria nenhum bem.

A escuridão que vislumbrou dentro de Chase ia mais à frente que só sexo. Ia muito além de sua sensualidade. Estava no mais profundo de seu ser e ela sabia de maneira instintiva que nunca estaria em silêncio se algo ou alguém que Chase reclamasse fosse ameaçado.

Ela apoiou a cabeça em seu peito, aceitando isso nele. Tinha que aceitá-lo tal como era; sempre o fez. Sempre soube que havia coisas em Chase que não seriam agradáveis.

O som do elevador deslizando até uma parada a assustou pelo repentino som. Chase a manteve perto ao seu lado e ela tentou separar-se. Ele olhou atentamente pelo corredor enquanto o detetive Allen e alguns oficiais saíram.

—Carl. —rodeou a cintura de Kia com o braço e a aproximou dele enquanto o detetive baixo e de olhos duros entrava no elegante vestibulo— Seu apartamento é o último à direita, o do



canto —Chase assinalou a porta com a cabeça.

—Jimmy, comece —Carl pôs em marcha o uniformizado oficial atrás dele para a primeira porta. —Quero as digitais. Façam uma varredura exaustiva.

O oficial de cabelo escuro assentiu rapidamente antes de pegar mais forte a maleta que levava e dirigir-se para a porta.

—Matt, comprove esse teclado de segurança quando tiver acabado —Carl ordenou ao outro homem— Quero saber como entraram.

—O código de entrada e as fechaduras da porta foram trocados na noite em que Kia foi atacada no exterior do edifício —informou Chase— Após esteve comigo.

Os olhos marrons de Carl Allen giraram para ela. Era ligeiramente corpulento, sua expressão um pouco envergonhada. Seus olhos eram duros, mas debaixo dessa dureza, Kia estava convencida, percebeu compaixão.

Tinha tomado sua declaração no hospital antes que Chase a levasse a casa com ele na noite do ataque.

—Está bem, senhorita Rutherford? —essa faísca de compaixão se notou em sua voz. Talvez não a tivesse imaginado.

Afirmou devagar, enquanto Chase a aproximava mais firmemente ao seu lado.

—Estou bem, obrigada, detetive.

Ele assentiu e se voltou para Chase.

—Que situação temos?

Chase negou com a cabeça.

—Não saberia dizer, Carl. Não tenho nem ideia de que diabos está acontecendo.

Carl puxou o cós de suas calças esporte antes de passar dedos pelo grosso cabelo e olhar outra vez para porta.

—De acordo então, vamos ver o que temos. Não toquem nada, não fiquem no meio.

Dirigiram-se ao apartamento enquanto os oficiais saíam, guardando as digitais que tinham tirado do teclado de segurança e da porta. Quando se aproximaram, Carl fez um gesto com a cabeça a um deles e abriu a porta lentamente.

Kia ficou um passo atrás deles. O coração se expandia em seu peito, quase a ponto de bloquear a capacidade de respirar. Completo horror cobria cada célula de seu corpo enquanto olhava a entrada, a sala e a cozinha aberta.

Estava destroçada. A televisão de tela plana da parede tinha sido feita pedacinhos, o sofá esfaqueado até que só ficaram farrapos de espuma e tapeçaria. Pintura vermelha manchava paredes e chão; pelo menos, cheirava como se fosse pintura, mas parecia sangue. E as palavras MORRE CADELA estavam escritas na parede de vidro que levava ao seu balcão.

Ela era vagamente consciente de Chase a maldiçoando ao seu lado. Tudo o que podia sentir era o mais completo horror atravessando-a.

MORRE CADELA. Com grandes letras, que pareciam escritas com sangue, cobriam as janelas. Tudo estava destroçado. Não havia nada que pudesse salvar.

—Kia, deixe-me tirá-la daqui. —o braço de Chase se estreitou mais em seus ombros



enquanto ela tentava mover-se através dos restos da casa.

Negou com a cabeça e, devagar, foi de cômodo em cômodo.

A porta de seu dormitório estava aberta, e já podia ver a destruição dentro. Quando entrou no quarto, o que viu foi pior.

Suas roupas estavam destroçadas. O closet estava cheio de roupas rasgadas e feitas farrapos. Os sapatos rachados, botas em rodela e bolsas despedaçadas. A lingerie derrubada das gavetas junto com camisolas, robes de seda e roupa mais informal. Tudo rasgado e esmigalhado.

A caixa de suas joias estava aberta. Correntes de ouro quebradas. Na penteadeira parecia como se seus anéis tivessem sido amassados com um martelo. As gemas eram fragmentos, as bandas estavam onduladas.

Tudo o que possuía tinha desaparecido. E desta vez, na parede sobre sua cama a palavra puta estava escrita em vermelho.

Foi ao banheiro. O aroma dos perfumes e maquiagens era ainda forte. Destroçados. Tudo estava destroçado. Cinco anos de sua vida em farrapos e pó.

Era apenas consciente das lágrimas que caíam de seus olhos enquanto observava o pequeno ursinho de pelúcia que tinham jogado na banheira, destroçado. O tinha trazido de casa. Tinha-o desde que era um bebê. O primeiro presente que seu pai tinha comprado.

Meneou a cabeça enquanto olhava aquele patético ursinho.

—Quem iria querer me fazer isso? —Sussurrou, os lábios paralisados, o choque filtrando-se nela enquanto elevava o olhar para Chase— Quem? Drew não poderia, não faria isto.

Chase fez um gesto. Seus olhos eram como gelos, a expressão selvagem.

—Não sei, querida, mas descobrirei. —a atraiu para ele, apertando-a contra o calor de seu corpo— Prometo a você que descobrirei.

Ela mal podia sentir seu calor. Sentia-se congelada, por dentro e por fora, sentia-se como se algo vital tivesse sido esmigalhado nela.

—Vou tirá-la daqui. —a empurrou fora do banheiro, mantendo-a contra ele, movendo-a rapidamente pelo apartamento— Farei que venha alguém aqui assim que a polícia tenha acabado e limparemos tudo.

Ela negou com a cabeça.

—Não discuta comigo —giro para ela, agarrando seus braços, seu olhar feroz, sua expressão tão determinada agora que ela sabia que o melhor era não discutir— Não pode ficar aqui, Kia. E maldita seja se ficará em qualquer outro lugar que não seja comigo. Entendeu?

Olhou-o sem poder fazer nada. Não queria ficar em qualquer outro lugar. Justo agora, sabia que qualquer outro lugar seria aterrorizante.

Assentiu devagar. Não podia discutir com ele; não queria discutir com ele. Queria ir para casa com ele, esconder-se em seus braços e ver que isto não tinha passado até que fosse capaz de dirigir o medo que tinha estalado em seu interior.

—Vamos. Camestá embaixo com Ian e Khalid verificando as fitas de segurança. Com um pouco de sorte, pegaremos o bastardo.



Esse dia não foi de sorte.

Kia estava sentada em um pequeno banco estofado no corredor, muitos outros residentes do edifício de apartamentos olhando com curiosidade os agentes uniformizados saírem do elevador ao apartamento e do apartamento ao elevador, empacotando amostras tiradas dali. Carl Allen estava junto a Chase, Cameron, Ian e Khalid diante dela.

Faltavam as fitas de segurança, informou Cameron. Três horas completas de discos de gravação automática, faltavam do escritório de segurança onde ficava a equipe.

—Comprove os movimentos de Drew Stanton primeiro—estava dizendo Chase ao detetive— É seu ex-marido e é um dos peritos de segurança de Rutherford. Mantém e instala todos os softwares de segurança para seus escritórios e armazéns.

Não tinha sentido continuar discutindo com Chase. Uma pequena parte de Kia admitia que tinha medo de que talvez Drew estivesse o suficiente zangado para fazer isto. Não o tinha visto vir. Drew tinha um padrão em seu aborrecimento e não tinha mostrado uma escalada de ira.

O detetive Allen tinha seu próprio investigador eletrônico ali, ouviu-o informar. E ainda assim, não podia imaginar por que tinha acontecido isto.

—Kia? Pequena? —Khalid se ajoelhou na frente dela enquanto Chase e Cameron falavam, só a uns centímetros— Deveria permitir que Chase a levasse de volta ao apartamento. Se embebedar. Se irritar.

Tocou-lhe as mãos onde descansavam juntas em seu colo.

—Minha limusine está aí fora. —disse— Completamente abastecida. Pode beber até chegar lá.

Ela olhou em seus olhos negros e fungou ao começar outra vez a correr as lágrimas por seu rosto.

Sua expressão se enrugou dolorosamente. Procurando na jaqueta de seu traje, tirou um lenço e secou os olhos com ternura.

—Ah, pequena, arrumaria tudo se pudesse. —seus olhos estavam cheios de aborrecimento.

Kia negou com a cabeça antes de tomar o lenço que aproximava de seus dedos.

—Estou bem —clareou a garganta, consciente que Chase a estava observando, com grande preocupação no rosto— Ficarei bem.

Era só um apartamento. Eram só coisas. Ela estava bem, seus pais estavam bem e Chase estava bem. As coisas podiam ser substituídas. Mas eram suas coisas. Cinco anos de lembranças e o pequeno consolo que tinha sido capaz de obter delas durante os dois anos em que se obrigou a sair de sua vida anterior.

—Carl, preciso tirá-la daqui —disse Chase ao detetive junto dele— Já teve o bastante.

Carl assentiu.

—Já quase acabamos. Farei você saber quando pode trazer a equipe de limpeza, mas quero esperar e ver o que diz o laboratório, me assegurar que não precisam de nada antes de devolvê-lo.

—Se precisar dela, sabe onde estará. —assentiu Chase.

Estaria em sua casa, em sua cama. Estaria a salvo. Ia se assegurar disso, maldita seja.

Enquanto voltava de novo para ela, Khalid se levantou, metendo as mãos nos bolsos ao



observá-la se endireitar trêmula do banco.

Ela odiava isto. Odiava sentir-se impotente e em perigo. Nunca tinha se sentido em perigo em toda a sua vida. Não assim. E esse sentimento estava ameaçando os últimos farrapos de seu controle.

—Vamos levá-la para casa —disse ele, com voz tensa— Cameron, Jaci e Khalid ficarão com você um pouco. Tenho umas coisinhas para me encarregar.

Kia se deteve, sabendo instintivamente o que eram essas coisinhas e não ia permitir.

—Chase. —Finalmente negou com a cabeça de novo enquanto lutava para dar sentido a tudo— Drew não está envolvido nisto. Se for atrás dele por sua conta, sairei do seu apartamento tão rápido que sua cabeça dará voltas. Entendeu?

Ele estreitou seus olhos ao olhá-la.

—Me encarregarei disto, Kia.

—Entendeu? —devolveu o olhar— Se quiser que eu confie em você, então tem que confiar em mim também. Conseguirá provas. Não agirá como um pistoleiro do oeste procurando vingança. Está claro?

Observou como a raiva passava, rápida como um raio por seu olhar antes que a resignação obscurecesse a cor verde gelo de seus olhos.

—Estou me cansando que o defenda. —disse ele.

—E eu estou me cansando de ficar preocupada com seu pescoço quebrado pesando em sua consciência —respondeu ela— E não se atreva a fingir que não o afetaria, Chase. Especialmente se descobrir que é inocente.

—Tenho cara de estúpido? —o fio sedoso do perigo em sua voz a fez mover a cabeça lentamente.

—Não, mas parece muito, muito zangado, Chase. E se enfrenta Drew agora, não o estará enfrentando por isso. —ela assinalou com a mão o apartamento na frente dela—Estaria enfrentando-o pelo passado. E isso simplesmente não tolerarei.

* * *

Observou-os sair do edifício. O modo que Falladay rodeava Kia junto com Khalid e o chofer guarda-costas de Khalid.

Ian Sinclair e Cameron estavam atrás deles. Todos entraram na limusine exceto Sinclair. Ele subiu no carro de Chase e os dois veículos se moveram ao mesmo tempo.

Estava viva. Sabia que estava viva fazia uma semana e ainda não estava seguro de como se sentia por isso. Estava contente ou triste? Feliz ou zangado porque tinha sobrevivido?

Havia muitas emoções às que não podia dar sentido e muita dor enchendo sua alma.

Estava fora de controle e sabia. Podia sentir subindo e baixando, mantendo-o sem equilíbrio enquanto a raiva arrasava toda a amabilidade que pensou possuir no passado.

Havia tanto dor em seu interior. Era sombrio e feio, uma marca negra em sua alma que não podia limpar.

Tinha perdido tudo. Tudo o que uma vez significou algo para ele e agora também estava



perdendo sua esposa. Sua querida esposa. Quanto a amava. Queria-a. E junto com todo o resto que Falladay tinha arrebatado, estava perdendo isso também.

Tinha tentado aguentar. Aferrar-se às suas crenças e ao controle que uma vez havia possuído. Agora se sentia inseguro, fora de controle e irritado. Chase tinha destruído tudo, e agora ia se beneficiar dessa destruição.

Não podia permitir.

Era culpa dela que Kia ainda estivesse com esse bastardo. Se não se jogasse atrás no segundo último, quando tinha golpeado ferozmente a culatra da pistola contra sua cabeça, ela estaria morta. Se só tivesse disparado a pistola como tinha planejado a princípio, ela certamente estaria morta.

Mas no último momento, uma profunda pena o tinha afligido. Uma pena tão grande e dolorosa que voltou atrás.

Na próxima vez, se asseguraria de não voltar atrás. Chase tinha que dar-se conta do que era perder tudo, ser destruído como só um homem podia ser destruído. Era muito triste que Kia tivesse que pagar o preço pela lição que Falladay tinha que aprender.

A doce Kia. Deveria ter-se mantido fiel. Se tivesse se mantido fiel, a esposa que deveria ter sido, ficaria afastada de Falladay. Então tudo estaria bem. Não teria que ficar ferida ou assustada. Que triste.

Soltou um pequeno e exausto suspiro e manobrou o carro para a rua, dirigindo em direção oposta a que os outros tinham tomado.

Tinha-a estado vigiando, esperando que retornasse para casa. Queria que o visse. Queria que ela ficasse a salvo afastando-se de Falladay. Mas não o tinha feito. Estava com ele, ficaria com ele.

Tinha falhado da primeira vez, mas sabia que não falharia na seguinte. Estava planejado. Tudo iria bem, olharia-a nos olhos e apertaria o gatilho. Observaria a vida sair de seus olhos e nessa morte Falladay saberia como se sentia ao perder tudo.

Sentir dano a cada dia. Dor. Sonhar com os dias em que tudo era exuberante, cheio de vida e felicidade. Conheceria a agonia da realidade, a perda e a certeza que ele a tinha marcado para que morresse.

A vingança ia ser sua. E prometeu a si mesmo que seria doce.

Capítulo 21

—Não pode me prender em uma bolha. —Kia olhava fixamente os dedos, entrelaçados no colo. Retorcia-os unidos, uma reação nervosa, precaveu-se Chase.

Kia raramente se mostrava nervosa. Inclusive dois anos atrás, ao enfrentá-lo, ao saber o que ele queria dela, não tinha mostrado nenhum temor.

Tinha nervos de aço. Suas lágrimas, quando caíram, eram silenciosas. Não soluçava, não se



colava nele e mendigava por força, nem sequer em seu silêncio. Secou os olhos com esse maldito lenço que Khalid tinha dado e tentava controlar as lágrimas e a dor.

—Posso fazer mais que prendê-la em uma bolha. —disse Chase— Agora sei o que estamos procurando e sei exatamente como protegê-la.

Ela elevou a cabeça passando a língua sobre os lábios pálidos e secos.

—O que estamos procurando?

—Alguém fora de controle —disse— Alguém a quem antecipar. —Arrastou-a para seus braços, sentindo o leve tremor que sacudia seu corpo.

—Alguém que tentará uma e outra vez até que tenha êxito. —disse ela.

—E quando tentar, haverá proteção —afirmou Khalid com voz áspera e dura— E o apanharemos.

Kia sacudiu a cabeça, esticada enquanto Chase a segurava contra ele.

—Confia em mim, Kia. —sussurrou ao ouvido, as mãos acariciando o braço, tentando lhe dar calor— Confia em mim para que a proteja?

Kia manteve a cabeça baixa. Era consciente da quantidade de olhos que tinha em cima, muita gente observando-a. Khalid, Cameron e Chase.

—Quem protegerá você?

Esforçou-se por manter as mãos no colo, para evitar tocá-lo, só para se assegurar de que não estava ferido, inclusive sabendo que não estava. Ela notou os lábios na parte superior de sua cabeça, a mão aquecendo o braço sob o suéter que usava. E estava aterrorizada. Por Chase.

—Me proteger? —Chase elevou a cabeça. Algo em sua voz, na posição de seu corpo, encheu-o de um fogo que o ameaçava queimar vivo.

Quando seus olhos se encontraram sentiu que esse fogo o consumia. Não estava preocupada com si mesmo; o temor não era por ela. Era por ele.

Sentiu que endurecia a expressão. Não podia evitar. A emoção o rasgava como uma explosão, fazendo fechar os braços ao redor dela e apertar os dentes com força brutal.

Merda. Maldita fosse. Estava rasgando sua alma e não havia nenhuma condenada coisa que pudesse fazer para detê-la. Ninguém nunca tinha se preocupado por sua proteção.

À exceção de Cameron, não houve ninguém que pensasse na vida de Chase antes da própria. Até Kia. Era sua vida a que estava em perigo. Tinha sido atacada, machucada, tudo o que tinha foi tratado com brutalidade, e ainda assim, estava preocupada com sua proteção?

—Você me cobre as costas e eu cubro a sua. —Desceu a cabeça e sussurrou as palavras enquanto Khalid e Cameron encontravam algo fascinante a observar no exterior, pelo vidro do carro.

Chase sentiu o sobressalto de Kia, os olhos dilatando pela surpresa. A mais leve diminuição da tensão, a insinuação do ritmo de seu coração acalmando-se.

—Deixaria? —sussurrou o bastante baixo para que só ele ouvisse.

Chase tocou sua bochecha, experimentando a mesma urgência que sempre sentia quando tocava sua pele.

—Qualquer dia da semana, a qualquer hora do dia. Não afaste o olhar de mim, Kia. O meu



estará sempre sobre você.

Kia deixou descansar a cabeça contra o peito de Chase, inalou com um lento e compassado fôlego. Nada podia acontecer, não por ela, especialmente não por ela. Não poderia viver consi go mesma se acontecesse.

O caminho de volta ao apartamento de Chase se fez rapidamente e Kia quase conseguiu recuperar a estabilidade quando entraram no estacionamento subterrâneo e se deu conta que seus pais estavam ali.

— Quem chamou papai? — Quis gritar então de frustração.

Amava seus pais. Eram os pilares de sua vida, mas sabia exatamente o que ia acontecer.

— Kia, não posso deixar de informar seu pai — a repreendeu Chase com tato — Mataria-me.

— Só faria um pouco de dano — soprou enquanto o chofer abria a porta — Valeria a pena.

Ela foi consciente dos olhares de surpresa enquanto os homens saíam do carro e Chase a ajudava a sair com cuidado.

— Teria me matado — reiterou — E então verdadeiramente teria que se arrumar só com a manta elétrica.

— Faria mais que isso. — A breve troca acalmou os nervos, oferecendo algo mais no que centrar-se que no rosto cheio de lágrimas de sua mãe.

— Me recorde que a surre outra vez por isso. — murmurou Chase ao ouvido enquanto se aproximavam da limusine de seu pai.

É obvio que se asseguraria de ter a última palavra.

— Kia, querida. — seu pai a arrastou dentro de um abraço de urso, os grandes braços a envolveram como estava acostumado a fazer quando era menina — Está bem?

— Estou bem.

— Oh Deus, Kia, não posso acreditar que isto esteja acontecendo. — Sua mãe foi a seguinte. Seu pequeno corpo tremia quando atraiu sua filha dentro de seu abraço — Graças a Deus que Chase estava ali.

— Estou bem, mamãe. — afastou-se, sacudindo a cabeça. Não queria falar disso. Não podia suportar.

— Trouxemos as roupas que tinha em casa. — Sua mãe pegou sua a mão — Seu armário está cheio, recorda? Por enquanto trouxe suas favoritas.

Seu pai e o chofer estavam tirando várias malas e bolsas de vestidos do porta-malas da limusine.

Por Deus, todas as suas roupas. Sacudiu a cabeça e levantou a mão.

— Necessito um gole.

— Vamos subir. — O braço de Chase a rodeou de novo enquanto os conduzia para o elevador que ela sabia que raramente usava.

Não é que o gole ajudasse. Kia bebendo o vinho que Chase lhe serviu, enquanto os homens se reuniam no salão para falar dela, escapou ao quarto. O quarto de Chase, onde ele tinha mostrado ao chofer onde colocar as malas.

— Kia, venha para casa.



Sua mãe não perdia tempo. No momento em que Kia deu um passo dentro do quarto para desfazer as malas, sua mãe estava ali, preocupada, com o rosto ainda úmido pelas lágrimas.

Ela negou com a cabeça antes de deixar o copo de vinho na cômoda e ir para as malas.

—Não posso fazer isso, mamãe. — Não ia fazer. Quem fosse que tivesse destruído seu lar, de algum modo havia feito um favor. Tinha-a obrigado a ficar exatamente onde queria estar. Com Chase.

Tinha aberto a primeira mala quando sua mãe pousou uma mão sobre seu braço.

Kia girou a cabeça, contemplando esses olhos tão similares aos seus, o rosto que era uma mera versão, com mais anos, do dela.

—Está apaixonada por ele, não? — perguntou sua mãe em voz baixa.

Chase se deteve na porta, congelado quando ouviu Celia fazer essa pergunta.

—Sempre o amei, mamãe. — disse brandamente e a admissão rasgou Chase com uma navalhada de emoção.

Sua voz era espessa, cheia de emoção e fez que o coração encolhesse em seu peito.

—Kia, sabe o que está fazendo? — perguntou sua mãe— Se mudando com ele? Ele te disse que quer?

—Ele não tem que me querer.

Chase quase pôde ver sua expressão. Essa obstinação inclinando o queixo, a maneira que seus olhos cor safira brilhavam com decisão.

—Se tudo acabasse amanhã e ele me pedisse para partir, teria valido a pena, mamãe. Oculti-me todo este tempo, não por Drew, mas porque não podia permanecer afastada de Chase durante mais tempo.

—Vai quebrar seu coração. — Suspirou Celia.

—Provavelmente. — A voz de Kia era suave— Mas ao menos saberei, mamãe. Não me atormentarei durante mais tempo.

—Saber pode ser a pior tortura.

Kia negou com a cabeça ante o olhar pormenorizado de sua mãe.

—Não acredito que seja — disse Kia — Atormentou-me durante anos, mamãe. Agora, só tenho que tratar com isso.

Viu a compreensão no rosto de sua mãe, a comunhão elementar de mulher a mulher; ela entendeu que Kia não podia fazer nada mais que esticar a mão ao que a completava. Se conseguisse viver o bastante, porque uma coisa era clara, parecia que alguém a queria morta.

Chase não estava seguro de como demônios conseguiu sobreviver às horas, tantas fodidas horas, em um apartamento cheio de gente que o mantinham afastado de Kia.

Observou-a quando ajudou sua mãe a reunir as bandejas de sanduíches a domicílio. Ainda estava pálida, fodicamente ferida.

Nunca esqueceria, enquanto vivesse, os sentimentos que o tinham percorrido quando se deu conta que estava mais preocupada com ele que por ela.

Tinham destruído seu apartamento. Sua existência feita farrapos, as ameaças pintadas em letras vermelho sangue nas paredes e ela estava preocupada com ele.



E mais tarde, ouvi-la admitir que o amava, que estava convencida que pediria que partisse quando isto terminasse. A partes iguais de ira e luxúria o embargaram.

Ela estava se envolvendo ao seu redor de maneira que sabia nunca ia se recuperar. Porque agora, não podia imaginar deixá-la sair de sua vida.

Quando finalmente seus pais partiram, deixando-os a sós no silêncio de seu lar, girou para ela e a observou enquanto carregava a máquina de lavar pratos com graciosos movimentos, embora parecesse cansada.

Diabos, estava exausta. Era quase meia-noite. O detetive tinha chegado para sua declaração e isso a esgotou. A preocupação e inquietação de seus pais não a ajudaram muito. Os rogos de sua mãe para que voltasse com eles para casa tinham sido inclusive mais difíceis para ela, pensou Chase.

Observava-a enquanto fechava a máquina de lavar pratos e a punha em funcionamento antes de endireitar-se. Sua expressão era sombria, os olhos ainda muito escuros, muito cheios de temor.

Ao chegar ao apartamento, trocou as calças e o suéter que usava por um conjunto caseiro que sua mãe havia trazido. Calças suaves e finas, de veludo negro e um top longo de manga longa também negro, que a faziam parecer ainda mais pálida.

—Está cansada, Kia — disse enquanto ela girava e o olhava tranquilamente— Vamos para a cama. —Estendeu-lhe a mão.

Ela inalou lentamente.

—Acredito que, pelo menos por esta noite, dormirei no quarto de hóspedes.

Chase arqueou a sobancelha.

—Sério?

A decisão de Kia não era exatamente uma improvisação. Durante as últimas horas a tinha observado, ao dar-se conta que agora estava muito vulnerável, que suas emoções estavam muito perto da superfície.

—Na realidade preciso me levantar cedo e ir ao escritório. Estive muito tempo afastada de um trabalho que acabo de começar.

—E como dormir comigo vai mudar isso? —Seus braços foram sobre o peito e franziu o cenho.

—Uma coisa não tem nada a ver com a outra. —Tirou importância e meteu as mãos nos bolsos das folgadas calças de ficar em casa.

Chase entreceitou os olhos sobre ela.

—Está exausta, Kia. Vamos dormir. Só dormir. Prometo.

Estendeu a mão. Ela o olhou com suspeita. Sentia-se desorientada, no limite das lágrimas outra vez e não queria chorar. O que queria não podia se permitir esta noite. Porque sucumbir a isso significaria muito bem ceder à necessidade de implorar, só por um instante, que mentisse. Que dissesse que a cuidaria, porque agora mesmo, necessitava desesperadamente que a cuidasse.

Estava frágil. Sempre tinha sido fraca no que se referia a Chase.

—Preciso ficar sozinha, Chase. —sussurrou— Só durante um tempo.



Só o tempo suficiente para convencer-se de que ele estava fazendo isto, mantendo-a com ele, só para protegê-la, não porque talvez a quisesse.

—Bem, não é tão condenadamente grave.

Antes que ela pudesse esquivar, ergueu-a nos braços e cruzou a grandes passos a área aberta do armazém remodelado de volta ao quarto na parte de trás. Entrou no quarto, fechou a porta de uma pancada e a deixou cair na cama.

—Isto é infantil. —espetou ela, afastando o cabelo dos olhos enquanto o olhava fixamente.

—Merda! Olhe, não tenho que fodê-la só porque está em minha cama —meio que grunhiu— Sei como dormir com você sem fazê-lo.

—Ainda estou surpreendida de que saiba como dormir comigo —soltou em resposta, elevando a voz enquanto o fulminava com o olhar— É como um maldito iô-iô, Chase. Como demônios supõe que vou segui-lo?

Laçou um olhar furioso enquanto desabotoava a camisa. Oh Deus, ela não queria que desabotoasse a camisa. Não queria ver o amplo peito salpicado de pelo escuro que se estreitava como uma flecha além da cintura de suas calças. Não queria desejá-lo esta noite. Não enquanto estava assim. Enquanto o medo a levava a apoiar-se nele.

—Sou fácil de seguir. —sentou-se de um lado da cama e tirou as botas— Vai dormir com essas roupas ou vai se trocar?

—Não quero dormir com você. —resmungou ela, contendo as lágrimas.

Estava desabando tudo. Podia sentir. Ainda podia ver o apartamento em sua imaginação, todas as suas posses destroçadas, a pintura vermelha. MORRE CADELA.

Hoje quase tinha sofrido um colapso, disse a si mesma. Sentada no vestibulo do edifício, chorando como uma pequena imbecil.

Fulminou Chase com o olhar.

—Bem, quer dormir comigo.

Abriu as calças e ela quase fica sem respiração. Toda essa pele escura ondeando sobre os apertados e fortes músculos. Era mais do que se esperava que uma mulher rechaçasse.

—Mais ainda, Kia, preciso dormir com você.

Queria lutar contra a esmagadora necessidade de ter seus braços rodeando-a, de senti-lo aconchegado contra ela, ou sobre ela. Compartilhar uma noite mais de pleno prazer em seus braços.

Ele era sua debilidade. Nenhuma mulher deveria ter que lutar contra tal necessidade de um homem por estar com ela. Só com ela. E Kia lutou consigo mesma, estremecendo enquanto sua luta se apagava.

—Ah, Kia, querida. —Foi para a cama, afastando as mantas e deslizando entre os lençóis.

Um leve soluço travou na garganta enquanto ele a atraía aos seus braços, rodeando-a com a calidez de seu corpo e enviando um raio de necessidade que cravou no útero.

—Por que agora? —Houve uma insinuação de soluço em sua voz que não pôde controlar — Por que, Chase? Antes não podia suportar dormir comigo.

Os olhos de Chase eram expressivos, cativantes. Espessas pestanas escuras os rodeavam,



dando um olhar intenso e sexual.

—Tive que me obrigar a não ficar com você antes. —disse afinal em voz baixa— Kia, querida. Deixá-la dormir sozinha foi a coisa mais difícil que jamais fiz.

Ela rodou para a beira da cama, com toda a intenção de sair do quarto.

Chase a apanhou antes que alcançasse a beira. Seus braços rodearam a cintura, pondo-a de costas enquanto arrastava as mantas e os lençóis, rindo entre dentes com sua resistência decidida, enquanto ele a empurrava contra o travesseiro e escorava seu corpo sobre o dela.

—Eu não gosto disto. —espetou ela, empurrando-o pelo peito, negando-se a deixar que seus dedos se enroscassem no sedoso pelo encrespado do peito.

—Não serei capaz de dormir sem você, Kia. —sussurrou ao ouvido— Se for para o quarto de hóspedes, a seguirei. Tenho que ter você comigo.

—Vamos dormir, ou vai continuar me excitando com essa pequena expressão desafiante? —Apertou o membro mais firmemente contra a coxa dela e Kia jurou que sentiu fundir carne sensível entre suas pernas.

Maldito fosse. A fazia desejá-lo, inclusive quando não queria.

—Desejo você, Kia. —Rastelou seu pescoço com os dentes— Preciso de você.

Ela abriu os lábios para protestar, mas foi um gemido o que saiu entre eles enquanto ele os cobria com os seus. Inclinando-se, acariciou-a com a língua até que o deixou entrar.

Oh Deus, necessitava aquilo. Necessitava-o.

Envolveu os braços ao redor dos ombros nus, arranhou com as unhas através deles enquanto essa ânsia tão selvagem e desesperada crescia nela.

Moveu os lábios debaixo dos dele, percebendo o sabor, a paixão e a calidez, enquanto notava as mãos movendo-se sob sua camiseta.

O tecido se amontoou sob seus braços, as pontas de seus seios roçaram o peito de Chase, soltando um gemido enquanto a cabeça dele se afastava.

Seus olhos, desse selvagem verde claro, brilhavam nos dela. O cabelo escuro caía sobre a testa. Seus olhos pensativos cravados nos seus.

—Podese afastar de mim, Kia? —Puxou a camisa por cima da cabeça, tirando-a e jogando a um lado enquanto suas poderosas coxas montavam escarranchado as dela — Me responda, maldita seja!

—É bastante óbvio que não posso —gritou, a excitação e o temor mesclando-se em seu interior— Acredita que estaria aqui se pudesse me afastar?

Ele se deteve.

—Se afastaria se pudesse?

Não estava segura do que viu em seus olhos, ou de porquê aquilo a queimou no peito.

—É o que quer? —perguntou em vez de responder.

E Chase não respondeu. Não mais do que ela podia responder a pergunta antes. Se o fizesse, desvelaria tudo. O coração e a alma, que mal podia conter.

Amava-o. Amava-o até que cada coisa dentro dela recordava a vazio, solitária vida durante muito mais tempo que os dois anos que tinha sofrido por seu único engano.



Mas já não podia suportar sofrer durante mais tempo. Logo, muito em breve, isto teria que ser resolvido.

—Não responde, Chase? —sussurrou outra vez.

—Não a deixarei partir esta noite —disse, as mãos cavando os montes de seus peitos— Não a deixarei partir, Kia.

—Durante quanto tempo? —Tremeram-lhe os lábios ao perguntar.

—Não deixarei que ninguém te faça mal. —Observava-a, com o olhar decidido, a expressão dura— Juro, Kia.

Ela lambeu os lábios secos lentamente e se esforçou para suprimir a decepção.

—Sei. —Ninguém exceto ele.

Apoderou-se de seus lábios de novo e de repente a batalha não era só emocional. Era física. Era a fome ardendo dentro da fome. Uma explosão de rebeldia e irritação surgindo de Kia. A determinação e a arrogância despertando nele.

Seus lábios se bateram em duelo para controlar o beijo. Suas calças foram arrancadas das coxas, os dedos pressionaram entre seus corpos, envolveram-se ao redor do grosso comprimento de seu membro e bombearam.

O gemido de Chase foi forte. O grito dela encheu o pouco iluminado quarto quando seus lábios foram para os seios.

Sugou um mamilo em sua boca, arrastando-o profundamente, a língua acariciando sobre a ponta sensível enquanto o olhava. Ele também a observava. As bochechas cavadas, os lábios cobrindo a carne e entre as coxas de Kia uma inundação em resposta saturou sua carne nua.

—Mantenha isto em sua mente. —grunhiu, os lábios indo de novo para os dela, mordiscando-os, acariciando-os— Isto, Kia. Se afaste disto, eu desafio.

Ela sacudiu a cabeça. Deveria ir. Estava tentando sua própria destruição aqui e sabia. Mas sabia que não podia ir. Ele formava parte dela agora.

Antes que pudesse aferrar-se a ele de novo, Chase se afastou, fazendo-a rodar sobre seu estômago enquanto tentava resistir ao seu aperto.

—Isto não é justo —gritou, sentindo os lábios em seus ombros, os dentes— Não posso tocá-lo.

—Posso amarrá-la de costas —sugeriu, a voz espessa e rouca agora— Você gostou, verdade? Indefesa debaixo de mim. Se rompendo em pedaços quando gozava. Sei que o fez. Sei que sentiu. Estava ali com você.

Mordiscou-lhe a orelha enquanto uma debilidade sensual a afogou com a lembrança.

—Estava com você, meu bem. Onde a escuridão faz sua mente em pedaços e sabe que está perdida para sempre.

Uma mão se curvou sob os quadris dela, levantou-a e a posicionou enquanto ele se movia entre suas coxas.

—Pode se afastar? —A ponta de seu membro pressionou contra as quentes e úmidas dobras de sua vagina— Pode deter a ânsia? Deter a necessidade?

—Meu deus! —Kia arqueou a cabeça para trás quando com um forte impulso se enterrou



até a metade nela.

O brusco estiramento, a cega paixão, a rasgaram, lançando num prazer caótico que açoitou e avançou até cada terminação nervosa.

—Sente como está apertada ao meu redor —grunhiu ele, rastelando o ombro com os dentes enquanto o tom selvagem penetrava em seus sentidos, açulando o prazer mais alto— Como um punho ávido espremendo. Esprema-me, Kia. Coloque-me dentro.

Ela estava preparada. Os tenros músculos se flexionavam contra a carne grossa e venosa, arrastando-o em seu interior enquanto ofegava por ar e lutava pela prudência.

Mas ele se retirou, recuou.

—Não pare. —estava choramingando, necessitando mais. Só necessitava um pouquinho mais. Isso era tudo.

Arqueou as costas e gritou quando ele enterrou o membro em seu interior outra vez. Cada grosso centímetro propulsado através do apertado canal, ardia em seu interior, abrasando-a com o prazer apaixonado.

—Você adora. —grunhiu, puxando-a para cima, segurando as costas contra o peito enquanto agarrava o queixo e girava os lábios para os dele— Você adora, Kia.

Seu rosto era tão selvagem como sua voz.

—Você adora —gritou ela em resposta— Estar dentro de mim. Tomar. Também adora, Chase.

—Eu adoro, Kia. —Deixou descoberto os dentes— Adoro foder você até que grita meu nome. Adoro sentir sua doce vagina gozando ao redor de meu membro. Eu adoro tudo.

—Comigo —exigiu, concentrada, só um pouco de concentração para apertar-se ainda mais ao redor dele, fazer que seus músculos sugassem a ereção, da base à ponta.

Chase piscou de repente prazer, uma careta crispou sua expressão antes de olhá-la fixamente.

—Com você. —Ele segurou a cabeça para seu peito, o rosto virado enquanto lhe mordiscava os lábios— Eu adoro com você, Kia.

—Só comigo. —As palavras deslizaram, provocando que ambos gelassem, provocando que o medo, o desespero, a fome e a necessidade de satisfação se fizessem mais fortes, mais intensos.

—Só com você. —As palavras saíram quase como uma maldição. Ferozes, furiosas. Seus lábios cobriram os dela em um batimento interminável.

Um segundo depois uma mão entre as omoplatas empurrou o peito para a cama e uma mão forte a agarrou pelo quadril. Ele começou a mover-se, a acariciá-la, a empurrar, a entrar e sair dela enquanto com a outra mão pegava o cabelo por trás, puxando.

Sensações eróticas saltaram sobre a pele de Kia. A dor ardente na parte traseira de sua cabeça só se acrescentava ao prazer e às apaixonadas sensações enquanto cada impulso o enterrava completamente dentro dela, alargando-a, tomando-a.

Não disseram nada. Kia só pôde gritar, rogar com gemidos desesperados e aceitar a onda de luxúria formando-se em seu interior.

O amor. Ela sentiu as emoções açoitando-a, as necessidades, o prazer sensual, tudo envolto



e quando explodiram através dela, rogou para não gritar as palavras que tinha nos lábios.

—Quero você, Chase. Oh Deus, Oh Deus, quero você.

Estava em sua cabeça. Mordeu os lábios. Sacudiu a cabeça. Não queria dizer. Entretanto, foguetes explodiram por seu corpo e mente. Apressaram-se pelo sangue e atravessaram seu corpo enquanto ela ouvia a forte exclamação em suas costas.

Logo se amplificou. Outro orgasmo detonou quando sentiu sua liberação dentro dela, seu sêmen alagando-a se acrescentou às sensações, as emoções e ao amor. E soube que nunca poderia escapar de Chase.

Paralisou embaixo dele longos instantes. Exausta. As pestanas pesadas enquanto ele se arrastava ao seu lado e a atraía para seus braços.

Aconchegou-se contra ele. Era onde tinha desejado estar durante muito tempo. Só aqui. Necessitava-o, agora mesmo.

Não era só o prazer, sabia. Nunca tinha sido, inclusive na primeira noite. Era por Chase. Era por este sentimento que arrancou uma única lágrima e a deixou grudada nele.

Era pelo amor.

Capítulo 22

—Não preciso de uma babá no escritório —disse Kia a Chase na manhã seguinte, enquanto saíam do elevador, no quarto andar dos escritórios centrais de Rutheford e a seguia através dos cubículos da equipe de vendas, para seu escritório na parte de trás.

—De todo modo, tem uma —informou, a voz dura e sombria.

Assim esteve desde que despertaram. Mais sombrio que o normal, mais arrogante, se isso era possível.

—Papai pode ocupar-se de minha segurança se te causar incômodo. Estou segura que tem coisas a fazer. —Ela manteve a voz serena. Se não queria estar aqui, então que a condenassem se o queria com ela.

—Se me causar incômodo, será a primeira a saber.

Tinha a mão na parte baixa de suas costas. Atrás dela, permanecia em pé, alto, largo. Podia notá-lo, sentir os olhos femininos que o seguiam enquanto passavam pelos cubículos.

Era uma declaração masculina em toda regra, vestido com calças escuras e uma camisa branca de algodão de manga longa sob a jaqueta negra.

A pistola que atou sob a jaqueta também era uma declaração em toda regra. Uma que tinha roubado a respiração quando o viu prendendo a cartucheira no ombro.

Sacudindo a cabeça, abriu a porta externa de seu escritório. A secretária já estava em seu posto atrás da mesa. Os olhos de Liza Ison se abriram de par em par pela surpresa enquanto levantava de um salto da mesa.

—Senhorita Rutherford. O senhor Rutherford disse que chegaria tarde.



O rosto arredondado e de aspecto maternal nunca falhava em dar a Kia uma sensação de bem-estar quando entrava. Embora esse bem-estar se torceu ante a visão da árvore de natal num canto do escritório e os dois presentinhos debaixo dela.

Chase não tinha mencionado pôr uma árvore no apartamento. Mas em realidade, deveria esperar que o fizesse?

—Kia.

Girou ante o som da voz de Marion Harding quando este se levantou das cómodas cadeiras num canto do escritório. Deu uma olhada atrás dela a um Chase um pouco incômodo.

—Tenho as projeções em que estávamos trabalhando antes que fosse atacada. Está segura que se sente bem para repassá-las? Posso esperar.

Atrás de seus óculos, os olhos marrons de Marion estavam ligeiramente preocupados.

—Estou bem, Marion —assentiu ela— Entremos no escritório e poderemos começar. Liza, necessito café recém feito. Em abundância. E por favor faça papai saber que cheguei. Queria repassar alguns arquivos esta tarde. Preciso saber quando quer fazê-lo.

—Sim, senhorita Rutheford. —Liza, igual a Marion, deu um estranho olhar a Chase quando passaram.

—Chase, para de olhar como se fosse bater em alguém —informou. Não tinha que ver sua expressão para saber que estava intimidando Marion e Liza.

—Não tenho intenção de bater em ninguém, Kia. —Houve em sua voz um leve indício de diversão.

Girou para olhá-lo enquanto ia para trás de sua mesa. Ele, é obvio, adotou uma postura de autoridade. Arrastou uma das cadeiras mais cómodas através da sala para uma posição ao lado da mesa dela. Girando teria uma visão clara tanto de Kia como da porta.

Marion observava em silêncio, sentando na frente da mesa de Kia enquanto ela sentava na sua.

—Como resultaram as projeções? —Kia puxou o arquivo para ela e o abriu, franzindo o cenho ante a análise que ele tinha desenhado do armazém, o envio e as entregas do produto.

—Nem tudo como suas previsões. —disse com serenidade— Mas tinha razão que a mudança do armazém afetaria o custo total.

Kia elevou o olhar para ele. Não parecia zangado, ou pelo menos, não com ela.

Marion sacudiu a cabeça.

—Não tinha previsto várias das mudanças de consciência dos consumidores que você encontrou na análise. Se movermos o produto aos armazéns do leste e do sul e os enviarmos dali, então podemos manter um ajuste mais rentável para o cliente.

Kia assentiu e retornou aos arquivos.

—E quanto aos armazéns de transporte em Los Angeles e San Diego? Acredito que teríamos um fornecimento mais efetivo nessas duas áreas igual aos clientes de Nevada, Iowa e Novo México, se também tivéssemos o produto em nosso armazém de Nevada. Ali estamos perdendo terreno.

—Há umas poucas exceções.



Chase observou como Marion se levantava da cadeira e ia para o frente da mesa para assinalar os defeitos de seu argumento no arquivo. Marion não era uma ameaça. Chase sabia como identificar as ameaças e Harding não era uma.

A única ameaça nesse maldito escritório no momento era Kia, com seu autocontrole.

Observá-la sair desse elevador na frente dele tinha provocado que seu membro quase partisse o zíper de suas calças.

Maldita fosse. Essa pequena saia negra o estava matando. Prendia-se sobre seu traseiro de modo que ele queria cavá-lo com as mãos. E esse pequeno voo de tecido cheio que descia por trás tinha sido como um desafio. Uma provocação para que o levantasse e revelasse a doce pele suave que encontraria embaixo.

Tinha-a tido na noite anterior, mais de uma vez. Mas descobriu que quanto mais a tinha, mais a desejava. E a desejava muitíssimo.

—Então acredito que precisamos reconsiderar esta mudança —expôs Kia enquanto se levantava da cadeira. Chase teve que apertar os dentes quando ela se moveu para a lateral da mesa, inclinou-se um pouco e assinalou algo no arquivo enquanto o girava, assim esteve do lado correto para ambos— As vendas e uma rápida entrega na área poderiam incrementar a produtividade e ganhar esse prêmio que papai pôs no contrato para envios superiores na área.

Marion se aproximou, provocando que Kia se inclinasse mais.

Chase engoliu com dificuldade. Maldita fosse. Maldito fosse o fodido inferno mil vezes, não tinha visto pôr essas meias pela manhã.

Tinha suposto que a suave seda que cobria suas pernas eram meias completas. Convenceu-se a si mesmo disso. Esperava e rogava que fossem, porque as meias no meio da coxa nas pernas de Kia eram sua debilidade particular.

E estas meias no meio da coxa tinham uma delicada renda que faziam arder seus dedos para tocá-las, por acariciar a suave pele sob elas.

Merda. Mudou de posição na cadeira, tentando afastar os olhos de seu traseiro e concentrar-se em outra coisa. Acabou encontrando o olhar de Harding e viu o brilho de diversão em seus olhos quando obviamente pescou o olhar de Chase.

Então Kia se endireitou e rodeou a mesa. Quando sentou girou de lado só um pouco, cruzando as pernas e ali houve uma olhada nas meias de novo. Chase deixou os olhos entrecerrados, as represálias aumentaram em seu interior enquanto a excitação começava a surtir efeito em suas bolas.

Que demônios havia nela? Deveria ter superado as primeiras ondas fortes de luxúria no que se referia a ela e mover-se a esse lugar onde o sexo não era tão importante. Era a progressão normal. Já tinha passado por isso várias vezes, não?

A necessidade de sexo se atenuava simplesmente porque era fácil de conseguir. A última vez a tinha tomado até que bombeou seu sêmen em seu interior com uma força que o deixou exausto. Mas despertou igualmente duro, igualmente excitado por ela como tinha estado na primeira vez que a tomou.

—Bem, retornarei ao meu escritório com estas ideias e refarei as projeções. —Suspirou



Marion— Está me matando com isto, Kia.

—Não se sinta mau. Tive vários e-mails do resto da equipe de vendedores me informando do mesmo. —Sorriu enquanto se reclinava na cadeira e observava Marion sair pela porta.

—Sim, agora recordo porquê demos um suspiro de alívio quando partiu há cinco anos — grunhiu— É uma feitora.

A porta se fechou atrás dele.

Chase, girando para Kia, captou esse pequeno sorriso presunçoso feminino que ela tentou ocultar quando o pegou olhando-a.

Abriu os lábios para informá-la do grande problema em que se encontrava quando a porta do escritório se abriu de repente.

Chase estava de pé, diante da mesa, com a mão na arma fora da capa e apontando ao outro homem. Drew se deteve de repente e olhou fixamente a pistola com os olhos bem abertos, a cara pálida. Atrás dele, o grito de Kia advertiu Chase de sua comoção, de seu temor. Sua advertência que não fosse atrás de Drew. Ele queria ir atrás do filho da puta agora mesmo.

Em troca, deslizou a pistola com cuidado na capa e provocou o outro homem.

—Quer algo, Stanton?

—Senhorita Rutherford, simplesmente entrou. —Liza estava protestando. Também estava transtornada, pálida— Disse que o senhor Rutherford queria falar com ele primeiro e me ignorou.

Chase permanecia na frente da mesa de Kia enquanto Drew o fulminava com o olhar, o ódio invadiu seus olhos quando Kia se moveu cautelosamente atrás da mesa.

—O que está fazendo aqui, Drew? —perguntou com cautela.

—Não importa porquê está aqui, tem que sair.—disse Chase com frieza — Saia de uma maldita vez daqui, Stanton.

Os punhos de Drew se apertaram em seus lados, os olhos indo de Chase a Kia.

—Por Deus, Kia, como pode pensar de verdade que te faria mal? Acaabo de passar a manhã na polícia. Interrogaram-me. Pelo amor de Deus. Onde porra tem a cabeça?

—Onde porra está seu bom senso? —Os músculos de Chase se avultaram, preparados para o ataque, quando sentiu a mão de Kia no braço.

Deteve-se e a fulminou com o olhar.

—Nem tente —a advertiu— Nem sequer tente proteger o pequeno bastardo. —girou outra vez para Drew— Saia de uma maldita vez daqui antes que o expulse.

—Não tem direito a me expulsar, Falladay —disse desdenhoso, antes de girar para Kia—. Acusaram-me de atacá-la. Merda, como sabe que não foi atacada por sua culpa? —Seus dedos assinalaram na direção de Chase— O filho da puta enche o saco de todo mundo que entra em contato com ele. E não é como se fosse um segredo que está fodendo com ele e com Khalid. Esse bastardo do Oriente Médio é um alvo andante. Não sabido que é capaz, Kia. Não duvidaria que ele o tivesse organizado.

Chase se moveu. Afastou bruscamente o braço de aperto de Kia e saltou para o bastardo. E teria conseguido se ela não se pusesse diante dele rapidamente, com as mãos empurrando o peito.



—Sai daqui Drew —espetou ela— Venha Chase, volte. Isto já foi muito longe.

—Muito longe é que ele pense que tem o direito de falar assim com você. —disse Chase friamente— Saia do meu caminho, Kia. —Tinha as mãos sobre os braços dela e com firmeza, afastou-a.

—Maldito seja, você e esse bastardo do Khalid são a razão de que fosse arrastado ao interrogatório —espetou Drew furioso— Pensa que fugirei de você, Falladay? Que se foda, podemos acabar isto aqui.

Chase sorriu abertamente. Olhou Kia, vendo seu rosto pálido, o temor que vislumbrou em seus olhos e soltou uma maldição. Merda, nunca o deixaria pegar esse lastimoso bastardo enquanto estivesse ali.

—Maldição Drew, perdeu o juízo. —Kia girou, escorando as costas contra Chase enquanto enfrentava seu ex-marido.

—Perdeu você o seu? —acusou-a Drew, os punhos retorcidos nas costuras de suas imaculadas calças cinzas e disse desdenhoso—: Nunca te faria mal, Kia. Sabe. Faria tudo para protegê-la. Só veja o que conseguiu ao me deixar. Se tivesse ficado comigo e permanecido fiel, nada disto teria ocorrido.

—Se tivesse deixado violentá-la? —grunhiu Chase enquanto Liza fechava a porta atrás dela, evidentemente decidindo que era melhor deixá-los a sós em sua briga. Chase agrideceu.

—Chase, já basta —brigou Kia enquanto o empurrava com as costas mais firmemente.

Seu braço se moveu ao redor dela, segurando-a para ele, desafiando Drew a que fizesse um comentário.

No rosto de Drew se riscou a comoção.

—Era minha mulher, Falladay. Não teria sido estupro.

Chase estava vermelho.

—Para, Chase! —Kia gritou a ordem quando ele tentou afastá-la.

A coisa de afastar Kia era malditamente difícil quando estava agarrada a ele como uma videira e cravando esses finos saltos no tapete. Se a empurrava muito forte, não haveria maneira que não a machucasse.

—Stanton, vou matá-lo. —Disse Chase com voz gelada quando a porta se abriu e Timothy Rutherford chegou na soleira, com as bochechas inchadas de raiva.

—Que diabos está acontecendo aqui? —trovejou Timothy.

—Está a ponto de perder um sócio em segurança e vendas. —disse Chase marcando as palavras com ameaças— Logo que sua filha pare de imitar uma videira.

Timothy assimilou a situação com rapidez. A chamada de Liza tinha sido desesperada, a voz trememente enquanto informava que Chase utilizou a pistola contra Drew. Correndo para o escritório, Timothy tinha esperado ver sangue até que viu sua filha colada a Chase com uma força que não sabia que ela tinha.

—Stanton, em meu escritório. —ordenou Timothy.

—E uma merda —replicou Drew— Sabe do que me acusaram, Rutherford?

—Sou muito consciente disso. —espetou Timothy.



Não gostava de Stanton. Nunca tinha esquecido o hematoma no rosto de sua filha ou o temor em seus olhos. Cumprimentos deste bastardo. Não o tinha despedido pelos furiosos protestos de Kia. Porque ela tinha pedido, exigido. Mas o tempo para isso estava chegando, como tinha implorado que chegasse.

—Em meu escritório. Agora. —disse Timothy— Ou já pode ir entregando sua demissão.

A boca de Drew se moveu com fúria. Um rubor vermelho cobriu o rosto enquanto Chase o brindava com um frio sorriso de lábios apertados. Falladay ia jogar, não que Timothy o culpasse, mas isto não ia fazer que Drew o pusesse mais fácil.

—Agora, Stanton —repetiu Timothy, retrocedendo um passo da porta— Já conhece a alternativa. —OH, por fim era o momento. Tempo de despedir o bastardo que havia machucado sua filha.

—Que se foda! —Drew o olhou furioso— Você e este fodido trabalho.

Saiu irado do escritório, a ira esticando os ombros enquanto saía pisando forte do escritório exterior e fechava a porta de repente.

Timothy inspirou com força.

—Encarrega-se deste? —perguntou a sua filha, quase sorrindo diante do cenho de Chase.

—Por agora —disse ela. E em efeito o fez. Os altos saltos estavam enterrados no tapete, um braço ao redor do pescoço de Chase, o outro rodeando sua cintura.

Timothy assentiu e abandonou o escritório.

Kia quase soltou um suspiro de alívio antes que Chase a levantasse, pondo-a de lado, e foi para a porta, onde passou a chave ferozmente.

Não deveria tê-lo seguido. Deveria ter ido para sua mesa em vez de temer que fosse atrás de Drew, porque antes de dar-se conta, tinha-a contra a porta, com o corpo apertado ao dele, uma mão enterrada no cabelo, a outra pressionando a porta atrás dela.

—Vou matar esse pequeno idiota. —disse em voz baixa, perigosamente— Na primeira oportunidade que tiver.

Kia reprimiu sua inquietação, sabendo que se não distraía essa fúria, então Drew acabaria morto.

—Sabe Chase, para um homem que afirma não querer uma relação, está se tornando um pouco exigente no que se refere aos assuntos de relações. Especialmente com outros homens. Melhor vigiar, ou antes que se inteire, estará pondo meu nome nessa pequena caixa de correio no exterior de seu apartamento.

Chase entrecerrou os olhos. A verde cor gelo piscou sobre seu rosto, sobre seus peitos, enquanto subiam e baixavam devido ao pânico que aumentava dentro dela.

Ele nem sequer estremeceu ante a acusação.

—Melhor ir com muito, muito cuidado Kia, ou vou incliná-la sobre essa mesa com meu membro enterrado tão profundamente em você que não vai recordar como acessar a essa boca de sabichona que tem —a advertiu com a repugnante educação, com a arrogância avivada— E se alguma vez descobrir que Drew foi o que a atacou, então quando encontrarem seu corpo, não terá ficado o bastante para identificá-lo.



Kia não teve tempo de discutir, não lhe deu a oportunidade de repreendê-lo.

Ele atacou violentamente seus lábios, abrindo-os com a língua, empurrando-se dentro enquanto ela ofegava e sentia as chamas começando a correr nela, sobre ela, entre eles e ao redor deles.

Um segundo depois se separou de Kia e se dirigiu para sua cadeira.

—Deixe a porta fechada. Eu responderei se alguém tiver que entrar.

Ela não discutiu.

Pressionou os dedos sobre os lábios sensíveis antes de retornar lentamente para sua mesa, os olhos sobre ele, consciente de como a observava, a promessa em seu olhar.

Algo mais escuro, mais proibido, tinha surgido dentro de Chase. Algo que se perguntava se na verdade estava dotada para dirigir, entretanto sabia que dirigi-lo era algo que lhe custaria todo seu empenho.

* * *

Chase escoltou Kia a seu apartamento essa noite, a mão na parte baixa das costas, sentindo o movimento de quadris com precisão sensual sob seu contato.

Adorava tocá-la enquanto se movia, sentir a energia que guardava contida dentro dela, imaginando como sairia mais tarde.

E hoje tinha aprendido que Kia podia ser um pouco provocadora. Ela e essas malditas meias que tinha mostrado fugazmente todo o dia, entre os olhares fulminantes que lançava por sua reação com Drew.

Não gostava de Drew, pensou Chase. Nunca tinha se importado muito com o outro homem, mas tinha que admitir, neste momento, havia uma possibilidade muito alta que acabasse vendo-o morto. Porque com Deus por testemunha, controlar-se, se soubesse que Drew tinha posto outra mão em cima, seria impossível.

Chase acreditava nos milagres. Cada vez que tocava Kia se lembrava disso. Mas não havia nenhum milagre suficientemente grande para salvar Drew Stanton se fosse a razão pela qual Kia levava aqueles pontos na cabeça.

—Esta noite tenho que ir a uma festa —suspirou, enquanto verificava o PDA que levava na bolsa — É um ato de caridade que ajudei papai a montar.

Chase assentiu. Era consciente da festa. Tinha pago um alto preço pela entrada. Um grupo muito conhecido tinha doado seus serviços e muitos dos possuidores das entradas assistiam só pelo prazer de escutar o grupo.

—Amanhã tenho várias reuniões depois do almoço. Esperarei até mais tarde para ir ao escritório. Darei a papai a possibilidade de reunir o resto de seus arquivos dos projetos que quero discutir.

Estava tocando a tela do PDA com um lápis fino. A porção cheia de tecido se retorcia sob seu traseiro enquanto mudava de posição e tirava os saltos altos que usava.

Um segundo depois guardou o PDA, recolheu os sapatos e cruzou o apartamento.

Chase a observava enquanto ela se dirigia ao quarto, com um cenho lhe enrugando a testa.



—Tem fome? —perguntou antes que fizesse meio caminho através da cozinha.

Kia se deteve e girou para ele.

—Quer pedir algo ou paramos a caminho da festa?

—De todo modo quão frequentemente come? —Apoiou as mãos nos quadris e a olhou através dos olhos entreabertos.

Era comer algo ou fodê-la. E se a fodia, não a deixaria sair do apartamento.

—Como bastante frequentemente. —Uma sorrisinho inclinou seus lábios— Posso comer um urso se me deixar com fome, mas papai tinha um lanche para mim no escritório quando estivemos reunidos ali.

Seu cenho se intensificou. Deixou-a na reunião com seu pai e um guarda de segurança enquanto se encontrava com Cameron no vestibulo do apartamento.

—Que tipo de lanche?

Chase observou como arqueava a sobrancelha e torcia os lábios.

—Não muito, prometo.

—Que tipo de lanche, Kia? —exigiu.

A diversão no rosto de Kia mudou sua expressão, a fez mais sensual, fazendo-a atuar como em uma aventura erótica.

—Rolinhos de ovo do Chang. Só comi dois.

Os rolinhos de ovo do Chang eram os melhores do estado, diabos, do país. Chase grunhiu ante isso.

—Pedirei comida —disse— Não vou a essa festa sem um pouco de comida de verdade.

—Haverá comida na festa. —assinalou ela.

—Como disse, comida de verdade.

Uma ligeira e suave risada saiu de seus lábios antes de girar e ir para o quarto, com essa maldita saia retorcendo-se sob seu traseiro como uma tentação para tocá-la.

Deveria ser proibida. Declará-la ilegal a escala mundial porque pensar na comida não era o mais importante em sua mente. Enterrar-se debaixo dessa saia era o mais importante.

Sacudindo a cabeça, girou e tirou o telefone celular da capa. Pediu um pouco de comida, logo chamou o investigador atribuído para segui-los quando abandonaram o escritório.

—Pensei que tinha conseguido, senhor Falladay —disse o investigador com indignação— Vi um Bentley preto. Estava esperando conseguir uma olhada na placa quando de repente se incorporou ao tráfego justo antes que você abandonasse o edifício. Se alguém não tivesse estado alerta, teria provocado um bonito choque. Mas se afastou limpamente. Não pude obter a placa.

Chase não estava contente.

—Há câmaras de segurança na frente do Rutherford que varrem a rua, não?

—Sim, senhor —esteve de acordo o investigador— Contava com isso, mas ou tem muita sorte ou sabe o que está fazendo porque quando se incorporou ao tráfego os monitores que estavam o percorrendo se moviam em outras direções.

A sorte não era algo em que Chase acreditasse.

—Estacionei no estacionamento subterrâneo quando os segui. —O investigador estava



falando ainda— Deixei o carro ali e estou vigiando de um refúgio do outro lado da rua. Se voltar por aqui, conseguirei uma identificação.

Chase não apostava que voltasse. Quem fosse que seguia Kia sabia o que estava fazendo, mas o estado de seu apartamento sugeria alguém que tinha chegado ao limite de seu controle. Golpearia logo e quando o fizesse, Chase queria estar seguro que estava preparado. Terminou a chamada e marcou o número de Khalid.

—Sim, Chase? —Khalid respondeu ao telefone no primeiro toque.

—Esta noite é o baile Rutherford-Edgewood. Estará lá?

Khalid suspirou.

—Infelizmente, converteu-se em uma obrigação uma vez que Courtney se casou com Ian. É uma grande admiradora de Jillian Edgewood. Nunca me perdoaria se não assistisse.

Courtney tomava parte em suas vidas até certo ponto. Ela definitivamente tinha o costume de sair-se com a sua.

—Quero pôr uma rede ao redor de Kia. —Manteve a voz baixa— O que seja isto, aumentará rápido. Teremos que estar alertas.

—A quem mais contatou? —perguntou Khalid.

—Coloquei também Daniel Conover assim como os dois investigadores disponíveis que temos no clube. Cameron ajudará; as senhoras observarão. Se a mantivermos sob cobertura, mantemos seu perseguidor afastado dela, então este mostrará suas intenções. Isso é tudo o que precisamos, só um segundo para identificá-lo.

—Precisa muito mais que uma identificação para matar um homem, Chase. —assinalou Khalid brandamente.

—Mas tudo o que preciso é saber para fazê-lo desejar estar morto. —espetou Chase.

Ante isso, Khalid riu entre dentes.

—Estarei ali. Estarei vigiando Drew de perto. Há uma pequena dúvida em minha cabeça de que esteja relacionado com isto. E, como diz, pode fazê-lo desejar estar morto. —Houve um fio de ira no tom de Khalid que fez retroceder Chase, uma suspeita que esteve rondando desde a primeira vez que tinha compartilhado Kia com o outro homem.

Sacudindo a cabeça, Chase desconectou a chamada antes de tirar a jaqueta e o arnês de ombros que segurava a arma.

Esta noite, as armas estariam restringidas. Ele era um dos poucos que tinham permissão para levar uma dentro do hotel e do salão de dança. Com vários senadores do estado, mega estrelas e legisladores assistindo, os guarda-costas seriam uma necessidade. Felizmente, Ian tinha obtido com rapidez uma permissão de armas para Chase durante o evento.

E o guarda-costas de Khalid também estaria ali, armado.

Ao pensar em Khalid, Chase massageou os músculos do pescoço enquanto essa escura e perversa necessidade começava a aumentar dentro dele. Sabia o que necessitava. Sabia que quando as emoções por Kia se intensificassem dentro dele, isto passaria. Que só os dois, não seria bastante por muito mais tempo.

Filho da puta. Apertou os punhos. Não podia ignorar, não queria ignorar. Queria vê-la,



observá-la tomar todo o prazer que pudesse tirar de uma vez e saber que tinha dado a liberdade de ter.

Às vezes se perguntava se seu prazer com um terceiro partiria alguma vez e havia vezes que sabia que não queria. Desfrutava-o. Como desfrutava beijá-la, saboreá-la, lançá-la ao clímax com os lábios e língua. Era um desejo que ansiava. Observá-la, ver seu prazer, ajudar nisso e ainda manter a cabeça o bastante limpa para observar, para saber como a afetava cada toque, como cada carícia lhe dava prazer.

Queria mais disto. Não todo o tempo, aprendeu. E tinha a sensação enquanto passava tempo com ela, que se tranquilizaria até que os períodos entre a necessidade fossem mais longos. Mas não podia imaginar não vê-la nunca satisfeita de novo. Nunca ver outro homem a fodendo, ainda sabendo que pertencia a ele, seus olhos nos seus, confiando nele, tomando o prazer que estava oferecendo.

Mas e se ter isso significava não ter Kia? Diabos, que faria sem isto. Era só uma parte do que necessitava dela. As relações significavam compromisso, sabia. Comprometeria-se. Se tinha que fazê-lo.

—O que pediu para jantar? — Kia estava movendo-se pelo apartamento, com uma escova na mão, vestida com um conjunto de suave algodão.

Esses conjuntos de andar em casa foram criados para levar os homens à loucura. As calças soltas cinza combinavam com o top.

—Gordurentos hambúrgueres de queijo —disse— Chegarão logo.

—Deveria ter adivinhado. —sentou-se no sofá e começou a escovar o cabelo lentamente, trabalhando a zona do corte na cabeça enquanto puxava as mechas longas até o ombro e estremecia de dor.

—Venha aqui. —sentou-se ao seu lado e pegou a escova.

—Posso fazer isso, Chase —disse ela, observando-o com uma leve dúvida nos olhos.

—Posso fazer isso sem machucá-la.

Deu a volta, começou pela parte de abaixo dos longos e sedosos fios, começou a penteá-la através dos nós que se produziram durante o dia.

Não é que houvesse muitos.

—Não fui capaz de penteá-lo esta manhã —suspirou, enquanto ele sentiu que se relaxava ligeiramente.

A ira o invadiu quente e profunda em seu interior ao saber quanto dor devia fazer esse corte.

O médico não tinha raspado a área que o agressor tinha rachado. A ferida tinha menos de dois centímetros de comprimento e tinha uns poucos pontos.

—Lavarei isso quando banhá-la. —disse, o membro agora uivando de agonia.

—Não tem que fazê-lo. —Seu protesto foi leve, a voz suave, relaxada.

—Quero fazer.

E queria. Queria cuidá-la. Precisava cuidá-la. Essa fome golpeou em seu interior com uma força vertiginosa. Inclusive com as mulheres com quem tinha vivido antes, a necessidade de cuidá-



las não tinha ido tão longe. Não tão longe que o mais leve conhecimento de sua dor o cortasse por dentro.

Enquanto passava as cerdas da escova pelo cabelo, encolheu o coração e algo se derreteu dentro dele. Nunca tinha prestado atenção na ideia de uma esposa, uma família. Mas ali sentado com Kia, esse pensamento começou a tomar forma em sua mente.

Kia, suave e arredondada com seu filho. Talvez uma pequena que se parecesse com sua mãe, com cabelo comprido e suave que precisasse ser desembaraçado com gentileza. Ou talvez um filho. E Kia estaria ali, abraçando a todos.

Passou a escova mais acima no cabelo quando moveu a cabeça, mudando de posição e permitindo que o cabelo fluísse ao seu redor enquanto o escovava.

Estava mais duro que uma rocha, mas tinha o coração derretido no peito. Quem teria imaginado que algo tão simples lhe traria o conhecimento como o fez.

O fato que Chase soubesse, até o fundo da alma, que tinha se apaixonado por Kia.

Capítulo 23

Kia pensava que ter Chase no escritório com ela seria um esgotamento. Que sua presença masculina, sua arrogância e determinação começariam a sufocá-la. Ocorreu no passado quando teve Drew a seguindo por todas as partes aonde ia.

Em troca, descobriu que ele podia ser reconfortante. Sabia como ficar em silêncio, apesar das olhadas ardentes e da crítica em sua expressão que a mantinham preparada para ele. Infelizmente, não houve tempo para nada mais que o breve e duro beijo que tinha dado.

Tinha esperado, que uma vez que voltassem para casa, ele cobraria algo mais que um beijo. Mas chegou o jantar e logo Cameron.

E a festa não ia esperar por ela. Uma festa que desejava agora poder faltar. Queria rodar na grande cama de Chase, com ele, queria senti-lo, tocá-lo.

Hoje tinha provocado a ambos, especialmente depois do confronto com Drew. Não que pensasse que Chase mataria de verdade Drew, mas sabia que acabaria em uma briga. Então Chase provavelmente partiria os ossos que Drew não sabia que pudessem ser quebrados.

Ao expulsá-lo, seu ex-marido não voltaria ao escritório. Seu pai tinha proibido a entrada nos escritórios principais e Drew tinha enviado uma nota dizendo que sua demissão seria logo.

Quando isto ocorresse, Rutherford perderia um analista em segurança e sistemas com talento. Drew não só vendia os produtos que protegia seu talento, mas tinha inventado medidas mais precisas para certificar-se que os escritórios Rutherford e os armazéns fossem seguros.

Kia sacudiu a cabeça quando cuidadosamente arrumou o cabelo em um suave penteado que fluía ao redor de seu rosto e ombros, em vez de elevado com grampos. Sua cabeça estava ainda muito sensível para pôr grampos.

Usava o sutiã violeta com fios de prata combinando com a tanga. Usava meias. O vestido



violeta e prata pendurava na porta atrás dela enquanto comprovava a maquiagem com esmero.

Passou um dedo sobre a sombra esfumaçada da pálpebra, ajustando a cor e girando outra vez para comprovar o aspecto.

Não usava muita maquiagem, mas esta noite precisava acrescentar confiança. Tinha que esforçar-se para repelir o conhecimento de que alguém ali fora queria machucá-la. Não era fácil, a menos que Chase a abraçasse.

Brincou com algumas mechas de cabelo da parte superior de sua cabeça, arrumando-as por cima dos pontos e assegurando-se que não se visse a ferida.

Vaidade. Quase riu entre dentes com o pensamento, antes que seu olhar deslizesse para o movimento de uma sombra no quarto. Chase deu um passo para a soleira. Seus olhos cravados nos dela. Com aquele olhar.

Quando estava faminto, seus olhos se obscureciam um pouco, mas ainda de um pálido verde tão claro como se fossem de gelo. E agora estava faminto. A cor brilhava em sua escura expressão.

Kia lambeu nervosamente os lábios antes de esticar a mão para o robe.

—Não precisa —deslizou dentro do banheiro, parando a mão antes que pudesse alcançar o objeto de seda.

—Cameron já foi? —respirou bruscamente quando suas mãos seguraram os quadris e puxaram suas costas para ele.

—Os homens do clube não tocam outras mulheres quando têm uma relação. —disse.

Kia quase girou os olhos.

—Não me referia a isso.

Seu olhar se encontrou com o dela no espelho do banheiro.

—Quero trazer de volta Khalid, ou outro se preferir alguém mais.

O ritmo de seu coração se acelerou.

—O compartilhar não acaba? —sussurrou ela.

—Não a menos que você queira.

Seus lábios roçaram o ombro.

Olhou-o fixamente e viu essa fome dançando em seus olhos, alcançando-a. Arderam nela retalhos de lembranças: na parte traseira da limusine de Khalid, na cama. Ambos tocando-a, tomando-a.

—E... e se Khalid encontrar sua própria mulher? —sussurrou ela.

A expressão se fez mais escura, mais faminta.

—Se fosse por mim, nunca seria o mesmo homem. Cada terceiro contribui com seus próprios pontos fortes a cada encontro. Um tipo diferente de prazer.

Seu coração estava acelerado e não podia evitar, os mamilos estavam pontudos.

Observou como abria os lábios, os dentes arranhando o ombro.

—Essa é a força do clube. Um membro de confiança, alguém que nunca falará do encontro, de quem nunca terá que se envergonhar de encontrar em público. Homens que conhecem o corpo de uma mulher, como lhe dar prazer de formas diferentes. Alguns incrivelmente suaves. Alguns



rudes, alguns conhecem todos os limites do prazer/dor. Quero te dar isso.

—Ou é para você? —as pestanas revoaram fechando-se quando as pontas de seus dedos deslizaram sob a cintura das calcinhas— Não funciona dessa maneira para uma mulher, Chase.

—Para ambos —sussurrou ao ouvido— Seu prazer é o meu, Kia. Tudo. E quero saber tudo de seu prazer.

A cabeça caiu sobre o ombro dele enquanto movia os lábios para o pescoço, beijos ternos, beijos rudes. Sentiu-se afundar-se nesse prazer apesar da confusão que lhe dava voltas na cabeça.

—E depois? —perguntou a final, quase obrigando às palavras a sair de seus lábios— Depois, onde nos deixa isso? Quando fala que quer uma mulher que só conheça seu toque, que não tenha experiência em tomar outro homem depois que a tenha? Onde me deixará?

—Olhe-me, Kia. Olhe-me, querida. —ordenou bruscamente.

Ela abriu os olhos e o olhou com tristeza. Estava pedindo que aceitasse uma escuridão, que inclusive em seu interior, não estava segura de estar confortável de confrontar.

—Pensa que isso acontecerá alguma vez? Que chegará o dia quando não houver nada que deseje?

—Desejar ou necessitar? —perguntou quando sentiu seus dedos movendo-se mais perto do inchado broto do clitóris.

Estava excitando-a, tentando-a. E sabia. Podia ver o propósito em seus olhos, fazê-la pensar nisso, fazê-la desejá-lo.

—Necessito. Às vezes —disse a final— Às vezes, Kia, há algo dentro de mim que não posso controlar. Essa escuridão, essa fome, encontra a saída de uma só maneira.

—E quando não tem essa saída? —perguntou.

Chase arqueou os lábios.

—Nunca a machucaria, Kia. Sabe.

Curvou os dedos sobre a vagina, um dedo deslizou dentro da umidade açucarada que se reunia entre suas dobras.

—Sente o úmida que está —cantorolou— Tão úmida e preparada. Só de pensar nisso.

—Quer que tenha sexo com estranhos —gemeu ela— Isso não é o que quero, Chase.

—Estranhos nunca. Por agora, só Khalid. Por agora quero que confie em mim. Confia em mim para seu prazer, meu bem.

O dedo deslizou dentro dela, grosso e áspero enquanto abria as pernas e um gemido escapava dos lábios.

—Quero observá-la como fiz naquela noite em sua cama. Observar tomar, me olhando, seus olhos obscurecidos pela excitação e a luxúria enquanto se agarra bem a mim. Quero observá-la dando a si mesma, desejando-o.

Mordiscou-lhe a orelha e ela quase goza em seus dedos. Os quadris estavam se movendo completamente contra sua vontade, esfregando o clitóris contra a palma enquanto lutava para inalar outro tremente fôlego.

—E se o amasse? —perguntou ela com voz rouca— Como encaixa isto com o amor, Chase?

—Recorda quando me disse o que era o amor? —perguntou então.



E ela o fez. Ser livre inclusive quando está presa? Saber que pode alcançar as estrelas e há alguém para compartilhá-las contigo? Ou te dar um empurrão se precisar? Alguém com quem rir, amar, chorar e discutir? Alguém que sabe que estará ali quando estiver de mau humor, quando estiver deprimido, ou quando só necessitar um abraço. Isso não é amor? E ela recordou quando sussurrou essas palavras, como tudo dentro dela se estendeu para ele.

Notou como as calcinhas deslizavam por seus quadris enquanto Chase utilizava a mão livre para baixá-las. Ainda tinha os dedos enterrados em seu sexo, acariciando-a, massageando-a.

—Confiaria em mim, Kia? —sussurrou— Para conhecer seu prazer? Conhecer seus limites?

Ela choramingou quando a girou para ele. Levantou-a até que esteve sentada no armário do banheiro e empurrou entre suas pernas.

Levou o dedo que estava enterrado nela para os lábios e o meteu na boca. Seu olhar flamejou ante o sabor e ela sentiu mais sucos derramando ao longo da ponta de seu membro.

Como porra tinha aberto as calças tão rápido?

—Se recline para trás, meu bem. Observe tomar. Enchê-la. Só observa por um segundo.

Observou, observou a grossa e corada ponta abrir seus lábios internos e empurrar adiante. Seus sucos cobriram a grossa carne enquanto se retirava, logo entrou lentamente nela outra vez.

Ela observou a sedosa e íntima carne nua avermelhar ainda mais, indo do rosado ao mais escuro o nó de seu pulsante clitóris.

—Sabe o que vejo? —sussurrou enquanto levantava a cabeça.

Kia negou com a cabeça.

—Vejo mamilos doces que precisam ser chupados, lábios que precisam ser beijados. E o deseja, não é assim, querida? —deslizou os dedos por sua coxa, mais abaixo de onde a estava tomando, onde uma doce e escura dor a enchia— Aqui —a ponta de seu dedo pressionou na entrada oculta— Você gosta disto. Você gosta de ser tomada por aqui enquanto eu tomo sua doce vagina.

Ela deixou cair a cabeça contra o espelho enquanto lhe oprimiam os pulmões, constrangiam-se de excitação.

Kia olhou fixamente Chase enquanto a enchia, centímetro a centímetro lentamente, empurrando dentro dela, tomando-a. Enquanto recordava o prazer/dor de ser tomada por ambos os lugares de uma vez, cheia e levada a loucura pelo perverso e proibido prazer.

—Só prazer. —gemeu ela.

Deteve-se, enterrado até o punho dentro dela enquanto notava a mão cavando a bochecha.

Estava perdida em uma neblina de desejo nu e luxúria contraditória. E amor. Amava-o até não estar segura do que era ou não correto, ou como dirigir as emoções que a rasgavam.

—Não para nós —seu olhar era intenso, os olhos verde gelo se obscureceram intensamente— Nunca mais para nós, Kia. É minha.

Retirou-se e a sujeição que tinha sobre seu controle pareceu romper-se.

Kia o sentiu como uma descarga de ardente sensação. Golpeou-a por dentro, como um vulcão em erupção transbordando nela.



Chase a agarrou pelos quadris, afundou-se dentro dela. A expressão torcida em uma máscara de necessidade. Não de luxúria, de necessidade.

Kia sentiu as unhas cravando-se nos bíceps dele enquanto cada impulso lhe tirava um grito de impotência dos lábios. Cada sacudida devido à penetração, cada carícia que viajava através das terminações nervosas a lançava mais alto.

—Ouve, Kia? —espetou de repente, com uma mão enterrada na parte posterior do cabelo, arrastando os lábios para ele—Fodidamente minha.

Kia explodiu em pedaços. A dura e poderosa fodida de seu membro dentro dela, a mão puxando o cabelo e logo os lábios tomando seu beijo com a mesma arrogância decidida com que tomava seu corpo, enviaram-na sobre uma onda que se chocou e explodiu em um véu sensorial que a envolveu em prazer, em um êxtase delicioso. Enquanto ele enterrava o rosto contra seu pescoço e começava a bombear sua cálida e sedosa liberação dentro dela.

E desta vez, estava muito mais assustada por ter sussurrado as palavras que tão duramente lutava por não revelar.

—Oh Deus, Chase, amo você!

Chase sentiu que seus braços se apertavam ao redor dela, sentiu as palavras suspensas em seus lábios, mas não saíram. Encolheu-lhe o peito até que se perguntou se o coração ia explodir e tudo o que pôde fazer foi abraçá-la.

O suor emanava dele, fosse pelo calor gerado por eles ou pelas emoções empurrando e rasgando-o por dentro. Não estava seguro.

Sabia que não conseguiria bastante dela. Inclusive agora, poderia tomá-la de novo, com tanta facilidade. Entrar nela e conhecer um prazer diferente de tudo que tivesse conhecido antes.

Em troca, soltou-a. Deu um passo atrás, fazendo uma careta enquanto seu membro se deslizava do ultra apertado agarre com um excesso de prazer adicional.

—De onde veio isso? —gemeu Kia, ainda descansando contra o espelho enquanto abria os olhos e o olhava.

Ela também devia ter sentido, pensou Chase. O que fosse que emanou dele, o matagal que os envolveu e que o teve lutando para assegurar-se que ela entendesse que nunca a deixaria partir com facilidade.

—Agora não me concede respostas? —perguntou Kia.

Chase quase sorriu. Só Kia podia parecer e soar tão perfeitamente ativa enquanto ainda tremia pelos efeitos secundários de seu orgasmo.

—Veio de nós.

Tentou tirar importância à pergunta.

Os olhos de Kia se entrecerraram, mas deixou passar. Havia algo em sua expressão que a advertiu que o pressionar, agora mesmo, não era uma boa ideia. Sabia que não podiam evitar a festa e os ponteiros do relógio continuavam girando. Mas a festa acabaria esta noite e esta noite obteriam as respostas. Talvez.

Quando a ajudou a descer do móvel, deu-se conta que possivelmente não queria as respostas agora mesmo. Queria um pouco mais de tempo em seus braços antes que suas emoções



a empurrassem a perguntas das quais não estava segura querer as respostas.

Ele poderia amá-la algum dia? E o que significava exatamente lhe pertencer? Minha. Sua voz tinha sido tosca, primitiva. Tinha sido uma declaração; estava repleta de possessividade. Chase não ia querer sentir essas emoções sem sentir outras, não?

Sacudiu a cabeça. Deixou secar o suor do corpo, para logo limpá-la com esmerada atenção, detalhadamente, antes de secar as dobras de seu sexo com ternura.

Quase negou com a cabeça quando se endireitou. Inclinando-se recolheu as calcinhas e as passou pelas pernas.

—Pelo menos não as rasgou desta vez —disse com uma risada ligeira.

Enquanto as colocava bem sobre os quadris e endireitava as meias, apanhou um olhar inquisitivo no rosto de Chase.

—O que? —perguntou ela, quase incômoda.

—Vai tomar banho outra vez? —perguntou.

Kia passou a mão pelo estômago, sentindo a umidade dele e sua mistura, uma pequena mancha que deixou. Havia outras, é óbvio.

—Não. —o olhou antes de engolir nervosamente— Eu gosto de senti-lo em mim.

Chase teve que apertar os dentes para reprimir algum tipo de grunhido primitivo de propriedade. Tinha esperado que tomasse banho, mas uma parte dele teria lamentado profundamente.

Cada mulher com quem tinha vivido insistia em tomar banho depois do sexo. Como se não pudessem dormir a menos que lavassem a luxúria do corpo.

Deu-se conta que Kia raramente tomava banho depois. Nas poucas noites que tinha dormido com ela, tinha caído adormecida em seus braços depois da liberação, contente com o trabalho que ele levava executava.

Era um ato singelo, limpar o sexo, depois do prazer que lhe dava, o prazer que necessitava dela. Mas era algo com que ela sempre se contentava e pelo que sempre parecia um pouco confusa.

—Por que? —perguntou a Kia.

Apertou os lábios com suavidade antes que um pequeno e misterioso sorriso arqueasse os lábios de Kia.

—Você não responde minhas perguntas, Chase. Quando responder às minhas, talvez, responderei as suas.

Fez uma careta com os lábios. Gostava de desafiá-lo. Esse fato o surpreendeu. Kia desfrutava pressionando sua autoridade. E ele se deu conta que gostava das pequenas surpresas. Ela raramente fazia exatamente o que esperava que fizesse, sem importar a situação.

Seus ternos sentimentos não se ofendiam quando ficava de mau humor. Ela ficava à altura de suas paixões, fossem sombrias e proibidas, ou perversas e famintas. Leria um livro enquanto ele trabalhava, sabia. No futuro, não dependeria dele para seu entretenimento.

Estava mais contente aqui, desfrutando da paz e tranquilidade que o apartamento lhes oferecia, do que em uma festa ou evento social. Encaixava com ele. Completava-o.



la ter que o aguentar. Todo ele. Suas escuras necessidades, seu às vezes irritável temperamento, mas agora não tinha dúvidas de que ela poderia dirigi-lo.

—Temos que falar logo —disse a Kia enquanto esta girava com mãos trementes para começar a refazer sua maquiagem.

Deteve-se e lhe deu uma olhada.

—Então responderá minhas perguntas?

Chase assentiu lentamente.

—Ambos responderemos então.

Kia deixou o aplicador de maquiagem e o observou com um brilho de esperança que sempre o enfraquecia.

—Posso ligar para meus pais. Poderia ter dor de cabeça.

Havia também uma oculta sombra de temor.

Mas não estava recuando. Kia não tinha fugido dois anos atrás; tinha enganado todo mundo. Tinha deixado sanar suas feridas e se fortaleceu e quando voltou para a sociedade, havia voltado como uma lutadora, uma mulher mais forte por dentro, que Chase suspeitava que nem ela sabia.

—Logo —afirmou ele. Teve que esfregar a mão sobre o peito para acalmar a amortecida dor daí— Se perder esta festa, seu pai fará mais que só me machucar.

Os lábios dela se arquearam.

—Papai tem uma preferência especial por esta festa —soltou uma pequena gargalhada— No ano passado, quase me deixou louca com os preparativos.

Os olhos de Chase se entreabriram.

—Não estava no ano passado.

Aplicou a sombra de olhos, verificou e deu uma olhada em Chase.

—Coordenei todas as festas que a Rutherford oferece desde que tinha dezoito anos —disse— Drew não queria que trabalhasse depois do casamento, assim deixei o trabalho oficial como meu posto na companhia —deu de ombros e olhou para baixo antes de dar a Chase outra olhada com irônica diversão— Era um pouco imatura quanto as minhas ideias do que uma boa esposa devia ser, suponho.

Havia uma advertência implícita e Chase a captou com bastante facilidade.

—Assim sempre teve seus bonitos dedinhos no bolo? —perguntou.

Kia deu de ombros.

—No bolo inteiro, diria eu. Rutherford será meu algum dia. Não estava disposta a ficar completamente à margem, não estava disposta a deixar tudo nas mãos de Drew, sem importar que ele o desejasse. Se algo acontecer com papai, eu me encarregaria da companhia. Esperemos que tão bem como ele o faz.

Safada. Olhou-a fixamente. Não esteve na sociedade, tinha deixado seu posto oficial no trabalho, mas durante anos os membros do clube tinham escutado Drew Stanton queixar-se sobre o monte de tempo que seus sogros exigiam de sua esposa.

Tinha mantido ambas as mãos nesse bolo e Drew nunca teve nem ideia.



—Seria uma mulher aterrorizante se quisesse, Kia —disse afinal com um sorriso— Me recorde que nunca tente amarrá-la.

Ela encolheu os ombros com isso.

—Faz suas próprias ataduras, não acredita Chase? Ninguém pode amarrá-lo. Só pode se atar a si mesmo. Não fiz nada que não pensasse ser o melhor em cada ocasião. Espero que isto não mude no futuro.

Puro aço. Doce e suave, sedosa e cálida. Mas por dentro tinha uma vontade que igualava a sua.

—Sai daqui —fez um gesto para a porta— Tem que se vestir e temos que ir. Prometi a meus pais que chegaríamos a tempo e já estamos com um pouco de atraso.

Chase sacudiu a cabeça, mas foi. Deveria ter adivinhado, pensou. Ela voltou para a Rutherford como se nunca a tivesse deixado. Porque nunca tinha deixado, não de tudo. E tinha voltado para a sociedade com a cabeça bem alta e o queixo erguido, desafiando as fofocas.

Era frágil e diminuta. Um homem poderia rompê-la com uma mão, mas Chase sabia que o espírito indomável que tinha vislumbrado nunca seria quebrado.

E não o queria quebrado. Queria ver quão forte podia chegar a ser, o muito que podia o desafiar e queria à mulher, sua confiança e a pura aventura de amá-la, de conhecê-la dia a dia.

Merda, estava em graves apuros, pensou, enquanto entrava na ducha. Desejava ter tomado banho antes de ir com ela. Podia ter levado o aroma de Kia na pele como ela levava o seu.

Maldito fosse seu membro. Com esse pensamento, levantou-se tão duro como se tivesse sido a primeira vez que a tinha tomado. Ao pensar nela levando seu aroma, seu sêmen ainda dentro dela, marcando-a, o fez apertar os dentes e obrigá-la a tomar banho em vez de tomar um tempo a mais para masturbar-se.

Masturbar-se não era necessário. Esperaria, disse a si mesmo. Esta noite, quando a levasse para casa, esta noite falaria com ela.

Olharia-a fixamente nos olhos e ofereceria as palavras que o destroçavam por dentro.

—Amo você, Kia. —sussurrou na ducha. Essas eram as palavras que nunca tinha dito a outra mulher. Um sentimento que nunca pensou que sentiria por ninguém. E era francamente aterrorizante.

Chase Falladay esteve sob as balas, com traficantes, e inclusive com alguns terroristas em seus dias na Agência, e nunca tinha conhecido o terror. Mas agora, dando-se conta do profundo sentimento que sentia por Kia, precaveu-se de que se encolhiam as vísceras de medo.

Porque perdê-la significaria perder a si mesmo. E isso era um risco que tinha jurado que não correria nunca mais.

Capítulo 24

No momento em que entraram no baile beneficente do Rutherford-Edgewood, Chase



soube que ia ter problemas. Não porque tivesse a intenção de começá-los. Era um fervente partidário, em algumas ocasiões, em deixar que as pessoas se enforcassem por si só. Quando fazia isto, sua vida era muito menos complicada.

E soube que a única maneira em que seria capaz de quebrar a cara de Drew Stanton seria se o bastardo começava. De outro modo, Kia ia demorar um tempo em perdoar.

Temia que ela tampouco recorresse à maneira normal de fazer um homem pagar. Estripá-lo seria o menor dos castigos que poderia muito bem receber.

— Fique a fastada de Stanton — sussurrou a Kia quando entraram no baile e ela foi para a linha de recepção com seus pais e tios.

Chase permaneceu solitamente atrás dela, enquanto os convidados que tinham esperado no vestíbulo que as portas do salão de baile se abrissem, começaram a desfilar.

— Não sou estúpida. — murmurou antes que aparecesse o primeiro convidado.

Chase estava assombrado pela fila. Figuras de Hollywood, senadores, membros da família real do Oriente Médio, *o crème de la crème* de Alexandria e da área, estavam ali.

Nem Rutherford nem Edgewood tinham suficiente poder social para atrair alguns dos personagens que assistiam. Mas o ato beneficente, o grupo e a cantora, conhecida em escala nacional, que tinha doado seu tempo ao baile, sem dúvida por insistência de Kia, tinham-nos atraído.

Era um êxito social, Chase começou a dar-se conta disso enquanto a fila ia entrando no salão de baile, ao salão e bufê anexo.

O grupo estava se posicionando, entretanto a artista ainda não havia feito sua aparição.

Enquanto isso, Chase permanecia protetoramente atrás de Kia e observava os personagens enquanto passavam. Pôde notar como ardia o pelo da nuca. Uma sensação de premonição que o advertiu que se aproximavam problemas.

Não podia tirar a imagem do apartamento de Kia da cabeça, ou o fato que de algum modo, alguém tinha feito merda da segurança de ambos, o escritório de segurança assim como da porta de Kia.

Havia algo que não encaixava, podia notar. Deveria ter as respostas, as razões do por que e nada tinha sentido em sua mente.

Drew nunca tinha parecido um psicótico, até recentemente. É obvio, Kia podia deixar louco a um homem, recordou-se Chase.

Quando a fila afinal se reduziu e minguiu, ela girou para ele com um sorriso forçado.

— Se não consigo um copo de vinho, possivelmente desmaie aos seus pés. — disse.

— Não podemos permitir.

Rodeou-a com os braços, seu olhar abrangia o vestido violeta fiado em prata que usava.

Kia adorava o veludo, ia ter que recordar. E com ele tinha um aspecto estupendo. O vestido a fazia parecer como uma princesa de conto de fadas.

Cruzando o salão, guiou-a para a mesa que Khalid, Ian e Courtney tinham reservado no canto exterior do salão de baile. A conversa zumbia ao redor deles, os copos tilintavam e a risada enchia a sala enquanto o grupo tocava os suaves sons de uma canção de Natal.



—Pobre Kia. Devem estar te matando os pés.

Courtney sorriu quando Chase puxou uma cadeira para Kia.

Havia um quê de tensão nos olhos de Courtney, embora, também na expressão de Ian. E se Chase não se equivocava, Khalid estava a ponto de perder os nervos.

Com Khalid, isto não era fácil de dizer. Embora, essa magra cicatriz na lateral de sua mandíbula sempre o delatava. Tornava-se completamente branca quando se zangava. E agora mesmo era quase como a neve.

—Meus pés demoram semanas para aliviar—suspirou Kia enquanto Chase alcançava um garçom que passava e o aliviava de uma taça de champanhe, antes de pedir o vinho favorito de Kia e um uísque para ele.

Colocou o champanhe ao lado do cotovelo de Kia.

—É um anjo. —sorriu ela com malícia enquanto Ian e Courtney faziam ambos um som de negação ante essa descrição.

Beijou-a nos lábios que estavam voltados para ele rapidamente e logo sussurrou no ouvido:

—Recordarei isso mais tarde, querida.

Sua risada era o que ele precisava ouvir. Não sentou. Em troca, observou que Khalid levantava da cadeira e rodeava a mesa.

—Podemos falar um momento? —pediu Khalid, seus lábios eram uma fina linha enquanto dava uma olhada no salão.

Chase deu uma olhada, logo com uma careta se inclinou para Kia.

—Voltarei agora mesmo.

Olhou Ian e recebeu um assentimento em resposta de que o outro homem a vigiaria.

Khalid e ele recuaram, muito longe de Kia para o gosto de Chase, até que estiveram contra a parede em uma das poucas áreas limpas do salão.

—O que acontece? —perguntou.

Khalid meteu as mãos nos bolsos das calças do smoking e franziu o cenho.

—Ian se encontrou com Drew esta tarde. —expôs Khalid afinal, o olhar movendo-se pelo salão de baile antes de voltar para Chase—. Tinha informação que talvez interesse a você e Kia.

Não era sobre o ataque de Kia. Se fosse, Khalid ou Ian o teriam informado imediatamente. Isto era pessoal e Chase tinha bastante noção do que era.

Khalid fez um gesto, os lábios apertados de novo, evidentemente relutante em dar a Chase a informação.

—Tem algo a ver com o fato que você foi o terceiro de Drew Stanton nessa noite? —perguntou Chase afinal.

Os olhos de Khalid aumentaram pela surpresa.

—Sabia?

Chase deu de ombros com a pergunta.

—É muito protetor com Kia, Khalid. Ou está apaixonado por ela ou consumido pela culpa. Conheço-o muito bem, meu amigo. Sabia que não era amor; isso deixava a culpa. Foi fácil resolver a partir daí.



Normalmente a luxúria de Khalid era bastante mais escura e um pouco mais rude do que tinha desdobrado com Kia. O outro homem esteve muito atento, levando até extremos incomuns para assegurar-se que cada toque, cada beijo, cada carícia não fosse nada exceto prazer. Nada além de carícias, sussurros que se transformavam em confiança e prazer para uma mulher.

—E ainda estou vivo? —perguntou Khalid.

Chase grunhiu diante disso. Matar Khalid não seria fácil.

Tinha descoberto durante o segundo encontro com Kia. Mas não houve aborrecimento. Como terceiro de Drew essa noite, Khalid se assegurou que Kia não fosse violentada, que tivesse o tempo necessário para encerrar-se e se afastar de Drew. Logo tinha chamado seu pai para que viesse buscá-la.

—Salvou-a, Khalid —disse afinal, com um suspiro— Não é culpa sua pelo que passou essa noite. Ela o superou. Possivelmente não o faria se não estivesse ali.

Khalid assentiu lentamente, logo disse:

— Parece que minhas ameaças perderam efetividade. Drew ameaça ir a junta de revisão do clube para pôr minha filiação sob sanção. Pensei que também deveria saber, se por acaso me requer de novo. Ao me sancionar, também sancionarão a qualquer relação que tenha formado no clube —olhou para Kia— É uma mulher preciosa, meu amigo. Lamentaria essa parte. O resto... —deu de ombros de novo— Minha vida me permite liberdade e qualquer prazer que escolha. Entretanto eu os escolho.

Chase sorriu com isso. A arrogância não era algo de que Khalid carecesse.

Logo franziu o cenho. O pai de Kia tinha ido para a mesa e estava estendendo a mão. Timothy Rutherford queria um dança com sua filha. Maldição.

Observou como era arrastada à pista de dança. A artista estava cantando uma alegre balada, sua voz preciosa e clara atraía os casais à pista de dança. E estava cheia.

Não gostava disso, porque os mantinha fora de sua vista, a ela e seu pai. Seguiu seu progresso e sentiu esse fio de perigo chamuscando no pescoço de novo.

—Está apaixonado por ela, não? —perguntou Khalid, a voz mostrando diversão.

Chase levou um segundo para olhá-lo com pesar.

—É tão evidente?

—É, só talvez, para os que o conhecem bem —sorriu Khalid— Mas parece que ganharei o porrete deste mês. Predisse que cairia antes do final da terceira semana de dezembro. Os outros predisseram que muito mais tarde.

Esse maldito porrete do clube. Era culpa de Courtney, maldita fosse. De algum modo conseguia escapulir dentro do clube e escrever a aposta nos livros cada vez que lhe dava vontade.

—Sim, parece que ganhou. —admitiu Chase.

Tinha perdido de vista Kia uma vez mais.

—Há muita gente dançando —disse Khalid um segundo mais tarde quando Chase não pôde encontrá-la— Também a perdi.

Chase estava a ponto de ir quando finalmente viu Timothy Rutherford indo para o extremo oposto da multidão. Kia já não estava com ele.



—Encontre-a. —ordenou a Khalid e deslizou entre os casais que se moviam na pista de dança.

Chase a buscou enquanto se dirigia para onde se encontrava seu pai, que estava falando com outros casais.

—Timothy —se aproximou do pequeno grupo — Perdoa, estou procurando Kia. Queria uma dança com ela.

Timothy girou para ele.

—Está na pista de dança —sorriu— Não pode mantê-la fora dela quando tem vontade de dançar.

—Não a vejo —fiscalizou a multidão outra vez— Com quem está?

—Harold Brockheim nos interrompeu —contou Timothy— Sempre teve carinho por Kia. Embora ela e Moriah não fossem amigas exatamente.

É obvio, Timothy não tinha nem ideia exatamente do que aconteceu no dia que Moriah Brockheim morreu. Mas Chase suspeitou durante meses que seu pai fazia. Annalee tinha advertido Chase que Harold não tinha aceitado a explicação e tinha perguntado a Chase a queima-roupa se tinha matado sua filha.

Então tudo encaixou. Golpeou em seu cérebro com a força de um raio impactando no chão. Esse era o porquê não tinha sentido, porquê nada tinha sentido. Não era Drew quem tinha açoitado Kia. Foi Brockheim.

Afastou-se rapidamente do grupo, ignorando Timothy, avançando outra vez entre a multidão de gente dançando.

Tinha que encontrá-la. Brockheim não teve tempo de tirá-la do salão de dança. Não seria capaz de obrigá-la a sair do salão e Kia não o abandonaria por vontade própria.

Brockheim não podia ir armado. Havia muitos sensores nas entradas do salão de danças. Poderia tê-la obrigado a sair à força, mas Kia não teria permitido.

Tinha que encontrá-la. Tinha que afastá-la de Harold Brockheim e logo se encarregaria do outro homem. A loucura de Moriah era obviamente uma herança genética e se esse filho da puta pensava que Chase ia lhe permitir sair-se com a sua...

—Chase, não posso encontrá-la. —agarrou-o pelo ombro Khalid, obrigando-o a deter-se— Ian e Courtney a estão procurando e Cameron e Jaci também. Não a encontramos em nenhuma parte.

—Brockheim a tem.

Khalid o olhou fixamente em silencioso estado de choque.

—Me escute, Khalid. Temos que encontrá-la. —Tirou bruscamente o celular do interior de sua jaqueta — Contate Ian. Eu chamarei Cameron. Brockheim a tem, e quero encontrá-la. Já.

* * *

A aveludada canção que a cantora estava cantarolando no salão era uma das favoritas de Kia. Enquanto dançava com seu pai, desejava estar com Chase, pegar seu olhar e que os interrompesse. Agora não podia vê-lo por cima das cabeças das pessoas que também estavam



dançando. Ser baixa tinha tendência a ser um asco.

—Fez um trabalho fantástico, Kia —a adulou seu pai. Sorriu enquanto seus olhos azuis claros cintilavam calidamente como faziam sempre que olhavam a ela ou sua mãe.

—Obrigada, papai —sorriu— Não é que tivesse escolha, com você respirando sobre meu ombro durante os três últimos meses.

Seu pai grunhiu ante aquilo.

—Só queria me assegurar que não precisava de ajuda. —seus olhos se entrecerraram— E não precisou.

—Tenho uma boa equipe. —recordou.

Ele assentiu a isso, logo se fez o silêncio.

—Sua mãe diz que está apaixonada por Falladay —disse por fim com um sorriso cúmplice— Pensei que nos levaria às compras com você quando fosse à caça de um marido.

—Papai, não fui à caça de um marido.

Ele franziu o cenho.

—Entretanto, logo será assim.

—Papai. —manteve o alerta em sua voz.

—Bom, ele a quer e você o quer.

—Papai. —entrecerrou os olhos—Estou desfrutando bastante desta dança, mas posso ir. Fez uma careta de dor.

—Está sendo má comigo. Igual sua mãe. Abandonou-meu na última dança. De algum modo me disse que deveria manter o nariz fora dos assuntos de minha filha.

—E tem razão —disse— Ao menos por enquanto.

Era seu pai. Sabia que seus sentimentos feridos não durariam muito, sem importar o muito que a zangasse.

Ele fez uma careta.

—Bem. Desisto. Mas advirto isso, poderia fazer biquinho na ceia de Natal. Um genro como Falladay seria um presente de Natal estupendo. Talvez nos próximos Natais...

—Diga e vou. —advertiu, entretanto estava rindo. Seu pai queria netos. Se tivesse escolha teria uma casa cheia de crianças, mas ele e sua mãe nunca foram capazes de ter mais filhos depois dela.

—Me perguntava —murmurou isso ele.

—Amo você, papai —riu Kia— Mais que sorvete e bolo de chocolate.

Seus lábios se torceram em resposta quando uma mão golpeou seu ombro. Ele se deteve.

Kia ficou séria ao ver Harold Brockheim. Não tinha sido visto em sociedade ultimamente.

Ele e sua esposa se retiraram completamente depois da morte de sua filha no princípio do verão.

Moriah tinha tentado assassinar seus tios. A garota estava desequilibrada, como só uns poucos sabiam. Os Brockheims faziam todo o possível para mantê-lo cuidadosamente oculto.

—Timothy, posso roubar sua filha? —perguntou com voz rouca.

Seu pai a olhou perguntando e Kia assentiu.

Harold Brockheim a segurou com rigidez quando começaram a mover-se.



—Como está Margaret, Harold? —perguntou brandamente— Faz tempo que não a vejo.

—Está bem —disse, as feições marcadas de seu rosto se enrugaram por um momento— Fica muito em casa, tentando dar sentido às coisas.

Seus olhos tomaram um aspecto frágil.

—Nossa Moriah morreu, sabia?

Kia quis chorar por ele. Sofria por ele igual por Margaret, mas sempre pressentiu que tinham parte da culpa nos problemas de Moriah. Inclusive quando menina a outra garota tinha sido violenta, destrutiva. Gostava de matar coisas pequenas, animais e mascotes e seus pais tinham tentado manter encoberto. Moriah pagou o preço, mas isso não deteve Kia de sofrer pelos pais.

Sabia por falar com sua mãe, que criar crianças nunca era fácil. Não podia imaginar os medos e conjecturas que isso implicava. E quando enfrentava uma criança que sofria como Moriah, tinha que ser um pesadelo.

—Sei, senhor Brockheim —sussurrou— Todos sentimos falta de Moriah.

Uma mentira piedosa. Muito pouca gente sentia falta dela. A maioria dos que se moviam no círculo de Moriah não confiavam nela.

—Você também? —perguntou Harold, a cara retorcida em rugas de dor e aborrecimento— Não eram amigas. Ela chorou algumas vezes porque deixou de ser sua amiga.

As palavras provocaram que Kia inspirasse bruscamente, mas respondeu com amabilidade:

—Crescemos separadas.

Seus pais tinham insistido que se mantivesse afastada de Moriah e Kia nunca esteve cômoda ao seu lado.

Harold assentiu ante isso.

—Kia, na verdade não me sinto bem. Importaria-se de me ajudar a ir até o vestibulo? Meu chofer veio comigo. Estará me esperando ali.

—Poderia encontrar meu pai para que o acompanhasse.

Kia olhou ao redor desesperadamente. Chase arrancaria os cabelos se se atrevesse a dar um passo fora do salão de baile.

—Só até a porta, querida —agarrrou o braço com uma mão— Meu chofer está esperando ali.

—É obvio —murmurou Kia.

As boas maneiras ditavam que pelo menos o ajudasse até a porta. Depois de tudo, quanto perigo haveria nisso? Não estaria abandonando o salão de dança e ali havia um monte de gente. Não tinha dúvida que Chase viria atrás dela a qualquer momento.

Soltou um suspiro de alívio quando se aproximou das portas. Kia se deteve, logo girou a cabeça para Brockheim aterrorizada quando sentiu a faca que apertava contra sua carne. Oculta na mão pela manga larga da jaqueta do smoking.

—Não. —sussurrou Kia quando olhou fixamente o olhar maníaco.

—Posso fazê-lo aqui —sussurrou ele— Ou podemos ir a algum lugar tranquilo e chamar seu namorado. Escolhe.



Arrastou-a pelas portas, a umidade em sua pele dizia que tinha tirado sangue. O agarre que tinha sobre ela, a postura tensa do corpo e a posição de seu braço lhe deram a certeza que se empurrasse essa faca pelo lado nessa posição, estaria morta antes que alguém soubesse que tinha sido apunhalada.

—Por que? —sua voz era rouca enquanto a arrastava para os elevadores.

O vestibulo estava virtualmente vazio. Os poucos convidados pululando por ali estavam de costas para eles. Não tinha forma de conseguir ajuda, nem maneira de captar a atenção de ninguém, enquanto a dirigia através da sala.

—Vamos subir —ordenou com firmeza quando se detiveram diante dos elevadores. Ela apertou o botão com dedos trêmulos.

Haveria uma oportunidade. Esperou com as lágrimas tremendo em suas pestanas enquanto o terror a percorria. Onde estava Chase? Sempre estava atrás dela. Nunca a deixava sozinha por muito tempo.

As portas se abriram e o elevador estava vazio. Brockheim a empurrou dentro.

—Andar vinte e sete. —disse com brutalidade.

Kia esticou a mão lentamente e apertou o botão. Enquanto as portas se fechavam, viu Drew sair do salão de baile. Os olhos entreabertos para o elevador e ela quase gritou de medo.

Nunca diria a Chase que a tinha visto. Estava tão furioso com ela e não o culpava.

—Por que está fazendo isto? —sussurrou Kia.

—Cale-se. —apertou mais forte a faca contra ela— Se alguém entrar no elevador em outro andar não falará. Abaixará a cabeça e permanecerá solicitamente atrás de mim. Acredite-me, Kia, a matarei.

Sim, faria. E o elevador era tão pequeno que acabaria tentando matar qualquer um que tentasse ajudá-la.

Como ia sair desta? Pensou agitada. Tinha que haver um modo. Tinha esperado muito tempo por sua própria felicidade, por uma oportunidade de estar nos braços de Chase, para deixar que isto acontecesse.

—Deveria ter permanecido fiel ao seu marido. Isso teria a mantido com vida —a voz de Brockheim era pastosa pela pena— Não queria fazer isto, Kia. De verdade não queria. Se não estivesse atada com esse bastardo de Chase, então estaria a salvo. Por que tinha que ser uma putinha. Não foi nada mais que uma asquerosa puta para esse assassino.

Kia sacudiu a cabeça, as lágrimas a final escorregaram dos olhos. Harold estava tão louco como sua filha. Talvez mais.

—Do que está falando? —ofegou quando a faca se cravou na sua cintura.

—Esse filho da puta matou minha menina —grunhiu— Minha pequena. Era minha única luz, Kia. Minha doce menina... e ele a matou. Pôs-lhe uma bala entre os olhos e todo mundo o encobriu. A polícia o deixou sair impune. Todo mundo o fez. Eu não.

Os olhos avelãs de Brockheim brilhavam de loucura enquanto o elevador se aproximava de seu destino.

—Tem uma oportunidade —disse— Se Chase vier por você. Essa é sua única oportunidade.



Quando o fizer, mantenha a boca fechada e faz o que te disse. Ouviu?

O elevador parou. Kia sentiu a umidade do sangue empapando o vestido. A faca estava contra ela, recordando sua posição delicada.

Seguiu Brockheim. Sua mão estava machucando o braço enquanto a dirigia pelo silencioso corredor. Todo mundo sabia que Moriah estava louca. Uma vez, quando Kia era menina, Moriah se pôs histérica quando o mascote favorito dos Brockheim tinha preferido Kia durante uma visita. Tinha tentado empurrar Kia pela longa escada de caracol da mansão por isso. Semanas mais tarde, a intriga dos criados tinha chegado aos ouvidos dos pais de Kia. O cachorrinho tinha sido encontrado apunhalado até morrer.

Parecia que a filha tinha aprendido seu amor pelas facas com o pai.

—Aqui está a chave —se deteve Brockheim em frente à porta — Abre a porta.

Kia agarrou a chave e deslizou com cuidado pelo painel de segurança. Uma vez dentro, ele teria que relaxar a guarda. Era um homem idoso. Se pudesse tirar a ponta da faca do lado, então talvez tivesse pelo menos uma oportunidade de lutar. Isso era tudo o que precisava.

Não podia deixar que Chase subisse aqui. Não podia permitir que Brockheim obrigasse Chase a matá-lo. E ela estava aterrorizada que isso fosse exatamente o que ocorresse.

Se Chase havia, por alguma razão, sido obrigado a matar Moriah, então isso explicaria muito sobre suas dúvidas em ter uma relação com Kia.

Todo mundo sabia que Chase tinha tido carinho por Moriah. Tinha sido muito amigo de Moriah e logo se viu obrigado a matá-la. Inclusive se tinha especulado por um tempo se ia se comprometer com ela.

—Entra na sala —a empurrou dentro enquanto acendia as luzes e antes que ela pudesse fazer mais que tropeçar, empurrou-a.

Kia girou, pronta para brigar e se encontrou olhando fixamente o cano de uma pistola que ele segurava na mão.

—Sou preparado —sorriu— Muito mais preparado que o bastardo de seu amante. Vou matá-la e o deixarei olhar como morre. E logo vou matá-lo. Moriah não terá que ficar sozinha nunca mais. Terá aos dois para fazer companhia. A amiga que perdeu e o homem a quem amou. O homem que a matou.

Capítulo 25

—Vou matá-la e permitir que ele sofra. —Harold suspirou, os olhos cor avelã úmidos com lágrimas enquanto Kia retrocedia, olhando a arma com terror— Mas quanto mais penso nisso, mais me dou conta de como Moriah deve estar solitária neste momento. Ninguém de sua família e não tinha muitos amigos. Está com pessoas que não conhece. Nunca gostou disso.

Deus, estava louco. Kia o olhou com horror. Não podia acreditar que isto estivesse acontecendo. O doce senhor Brockheim? Estava tão louco como sua filha e ninguém tinha



suspeitado.

—E ninguém jamais suspeitará que sou eu —disse— Sou muito bom com a segurança e os computadores. Um gênio, realmente. Reservei o quarto em nome de Chase e as câmaras de segurança não mostrarão nada durante horas. Estou perfeitamente a salvo.

—Moriah não desejaria que você fizesse isto. —sussurrou.

Olhou-a fixamente com triste incredulidade.

—Sabe melhor que isso, Kia. Moriah a queria ao seu lado. Assim, poderia vê-la roubar o coração de Chase. Ele deveria estar com ela desde o começo, vejo isso agora. Mas não posso permitir que ele se vá sem o ferir. Sem fazer dano primeiro. Moriah compreenderá.

—Matar-me não ferirá Chase —sussurrou Kia.

—Sim, fará. —sentou-se pesadamente em uma das cadeiras, com a arma ainda apontando— Acredito que a ama. Durante uns poucos minutos lhe permitirei viver, o bastante para dar-se conta que se foi para sempre, logo saberá quanto dói.

Kia agarrou a saia de seu vestido com os dedos, fechou-os em um punho enquanto procurava um modo de sair disto.

—Como pode acreditar que Chase mataria Moriah? —perguntou. Com cuidado— Preocupava-se com ela, Harold. Chase nunca machucaria a ninguém por quem se preocupasse.

Como se houvesse muita energia dentro dele, Harold ficou de pé uma vez mais.

—As notícias saíram no jornal —continuou ela— O detetive teve que disparar quando tentou matar o congressista Roberts.

A cara dele se retorceu de dor.

—Não, isso não foi o que aconteceu —gritou— Chase estava ali. Esse filho da puta disparou e matou minha menina. Matou-a, porque ela sabia coisas, coisas que ele não desejava que soubessem.

—Chase não teria importado que soubesse, Harold —discutiu— Tem que me escutar. Todos sabem quanto se preocupou Chase por Moriah. Todos. Não a teria machucado.

Seu olhar piscou e por um breve momento Kia pensou que tinha visto um pouco de prudência aí. Então seus olhos ficaram frágeis outra vez e a fúria flamejou neles.

—Sei a verdade—cuspiu— Inclusive embora Analee tentou me mentir. Tentou me dizer que Moriah quis matá-los, quis matar à puta do Cameron porque não podia tê-lo a sua maneira. Esse não foi o porquê

—Chase não lhe faria mal. —sussurrou outra vez, desesperada agora. A arma não ondeou, seguia-a, sem importar onde se movesse.

—Chase teve que matar Moriah —gritou Brockheim— Sabia a verdade. Encontrei, em seus diários. Seu asqueroso irmão não foi nada mais que um gigolô quando era jovem. Um imundo homem-puta e Moriah sabia. Ela tentava proteger Analee e Richard. Queria protegê-los e Chase a matou. Todos traíram minha filha.

O dedo permanecia no gatilho. Kia sentia o coração pulsando a toda velocidade, um soluço subindo pela garganta. Tinha que encontrar um modo de fugir, uma maneira de conseguir passar diante dele e diante da arma. E da próxima vez que visse Chase, iam ter que ter um pequeno bate-



papo. Coisas sem importância, como ele matando à louca da Moriah Brockheim. Ela devia saber.

—Moriah estava doente —disse brandamente— Sabe que estava doente, Harold. Necessitava ajuda. Tentou matá-los.

—Você, fodida puta. Fodida puta mentirosa. —Não foi a arma o que a golpeou, mas o dorso da sua mão.

Estrelas estalaram em seus olhos enquanto caía no chão. A dor irradiou por um lado do rosto, pelo resto de seu corpo e a cabeça.

Jazeu ali, tentando respirar através da dor. Saboreou o sangue na boca. Genial. Só genial.

Abriu os olhos e fulminou Harold. Ajude-me. Estava fodicamente farta de homens irritados que a golpeavam com o dorso da mão. Primeiro Drew e agora este pirado.

—Cale-se ou a matarei. —Levantou a arma até sua cabeça e a olhou fixamente com fúria malévola — Ouve-me, lagarta? Vou matá-la.

* * *

Não podia encontrá-la. Chase procurou na sala de dança, no salão, vestíbulo e enviou Jaci e Courtney ao lavabo de senhoras.

Tinha o telefone na orelha, uma chamada com três bandas entre eles, Cameron e Khalid, com este último conectado a Ian.

—Não está aqui! —Olhou ao redor do vestíbulo. Tinha perguntado a todo mundo. Ninguém a tinha visto — Ela não teria deixado o hotel.

—Vou a recepção —disse com brutalidade Khalid— As câmaras de segurança são acessíveis do escritório do diretor. Possivelmente possa encontrar algo ali.

—Cameron, verificou a outra sala de dança? —Chase estava desesperado, frenético.

—Verificamos cada sala, Chase —disse Cameron.

Chase apertou a remarcação do telefone celular que Courtney tinha entregue antes e esperou enquanto o telefone celular de Kia soava. E soava.

—Há algum modo de conseguir o GPS de seu telefone? —perguntou.

—O detetive Allen está a caminho. Poderá fazer isso —indicou Ian— Aguenta, Chase.

Aguenta uma merda. Olhou ao redor do vestíbulo, o desespero o rasgava, os intestinos atados por sua causa. Tinha prometido cuidar dela. Tinha jurado que ninguém lhe faria mal, jurado que vigiaria suas costas.

—Aí está! —Drew Stanton cruzava a passos longos o vestíbulo e estava furioso — Que porra faz permitindo que Kia acompanhe Harold Brockheim acima? Filho da puta, Chase!

Chase deixou cair o telefone no bolso e agarrou as lapelas da jaqueta de Drew.

—Onde porra está ela?

—Me solte!

—Me responda, Stanton. —Chase o sacudiu, enfurecido— Onde a viu e Brockheim? O bastardo vai matá-la e se o fizer, eu matarei você.

A cor abandonou o rosto de Drew.

—O elevador. —Sua voz tremeu— Ela entrou no elevador do meio com ele e subiu.



Chase girou para os elevadores.

—Chase! —Khalid se movia rapidamente através do vestíbulo, o cabelo negro se afastava voando de seu rosto— Reservou um quarto.

—Que quarto?

—Andar vinte e sete, quarto quarenta e dois —respondeu Khalid— Sua reserva está nos livros. Os monitores de segurança não funcionam e a segurança não conseguiu consertar ainda.

Os três homens correram ao elevador. Chase apertou o botão do andar, o suor umedecia a espinha enquanto o elevador começava a subir. Os elevadores eram rápidos, mas ainda assim eram malditamente lentos.

—Que porra acontece com Brockheim? —disse Drew ao lado dele— Demônios, estive em seu leito de morte desde a morte de Moriah.

—Evidentemente deseja uma fodida companhia. —grunhiu Chase.

Brockheim não podia saber que estavam atrás dele nesse momento, ou que sabiam em que quarto estava. Foi só por acaso que Khalid comprovou as reservas de quartos. Tinham uma vantagem, uma leve, nada mais.

—Me diga o que fazer, Chase —disse Drew— Diga-me que demônios está acontecendo.

—Brockheim está louco —disse com fúria Chase— Pegou Kia porque me culpa e a Cameron pela morte de Moriah. Tem Kia. —Sussurrou as palavras.

Deus, nem sequer havia dito ainda que a amava. Como demônios ia viver se algo acontecesse?

—Me diga o que fazer —disse Drew com voz rouca.

Chase o golpeou contra a parede, agarrou os lados do casaco com as mãos outra vez.

—Foda-me e o matarei —disse raivoso na cara de Drew—. Ouve-me? Se ela estiver ferida porque você a ferrou, quebrarei sua maldita cara.

Drew o fulminou.

—Guarde as fodidas ameaças e me diga que demônios precisa que faça.

Chase tirou de um puxão sua arma reserva da capa do tornozelo e a pôs com um golpe na mão de Drew.

—Fique preparado. Nada importa exceto manter Kia viva. Compreendeu?

Drew olhou fixamente à arma, logo Chase e este viu a compreensão nos olhos de Drew.

—Possivelmente não a tratei bem, Chase, mas ainda me importa.

—Ela é minha!

O assentimento de Drew foi nervoso.

—Mas ela foi minha e ainda me importa. A protegerei.

Chase o soltou. Kia nunca tinha pertencido a Drew e o filho da puta devia ter suficiente sentido para sabê-lo. Se tivesse tido um mínimo de sentido quando esteve casado com ela não estaria na posição em que estava agora.

E Chasesó podia dar graças a Deus porque Stanton tinha sido um verdadeiro bastardo durante seu matrimônio. Porque Chase tinha sofrido um verdadeiro inferno por ela durante muitos anos para continuar fazendo-o.



Gostava de pensar que nunca teria interferido em um matrimônio, que teria respeitado as regras que assinou com o clube. Mas uma parte dele sabia, que, finalmente, ou partiria ou faria esse movimento fatal. Porque ainda antes de seu divórcio, a necessidade por ela o comia vivo como uma enfermidade dolorosa.

As portas do elevador se abriram deslizando. Com a arma ao lado, Chase saiu primeiro, seguido por Khalid e Drew. Trocando sinais silenciosos com a mão bordaram a parede, dirigindo-se ao quarto que Brockheim tinha reservado.

Khalid levantou uma mão para detê-los enquanto tirava o telefone do bolso e o abria. Entrecerrou os olhos enquanto escutava. Girando-se para Chase, formou com os lábios que Cameron e Ian subiam pela escada. Assinalou o espaço da escada.

Chase assentiu. Estavam bastante perto da porta. Khalid tinha a chave codificada, mas a mão estaria em deslizar-la e manter a vantagem.

Harold era velho; estava louco. Tinha que falhar em algum momento.

Chase tinha que conseguir a vantagem. A vida de Kia estava pendente por um fio, e que Deus soubesse, ele não acreditava poder viver sem ela agora.

* * *

—Pega o telefone e chame seu amante — cuspiu Harold quando a fulminou no chão.

Isso não ia acontecer. Ela havia sentido o telefone vibrar e soube que Chase chamava. Não podia permitir morrer por ela, não o permitiria.

—Chame você mesmo.

Kia gritou de dor quando Harold Brockheim se agachou, agarrou-a pelo braço e a levantou de um puxão.

—É assim que tratou sua filha? —gritou— Não é de estranhar que perdesse o juízo.

Atirou-a sobre as costas, fazendo que o canto da penteadeira lhe cravasse no quadril, provocando que um grito forte e angustiado saísse de seus lábios.

—Moriah era uma boa garota. A ensinei a ser uma boa garota.

Mas Kia viu a culpa na cara.

—Também bateu nela? —Doía-lhe a cara até o ponto que falar era doloroso, mas se negou a levantar a mão— É isso o que a deixou tão doente, Harold?

—Pare. —A mão tremia desenfreadamente enquanto apontava com a arma.

—Aperta o gatilho, filho da puta! —gritou— Não ajudarei a conseguir que Chase suba aqui. Compreendeu? Não o farei.

Agarrou-se ao canto da penteadeira, consciente das lágrimas que caíam de seus olhos e da dor que a atravessava. Possivelmente morreria aqui sem que ninguém, exceto este louco filho da puta, visse como a vida a abandonava, mas pelo menos Chase estaria vivo. E Chase descobriria. Descobriria quem a tinha matado.

Mas ela não queria morrer. Soluçou. Não queria deixar Chase. Desejava seus braços rodeando-a, queria-o esquentando-a, fazendo amor.

Gritou outra vez quando Brockheim puxou a pequena bolsa que usava pelo diminuto



broche que a mantinha presa a estreita tira de seu vestido. Um dispositivo para evitar perdê-la enquanto dançava.

Fulminou-o com o olhar.

—O número não está em meu celular —informou— Ele nunca me liga, Brockheim.

—Não se preocupe, conheço o número do bastardo. —grunhiu— Moriah tinha. Sabia de cor.

Putá.

Kia olhou como esvaziava o conteúdo de sua bolsa na cama e pegava o telefone celular. Sorriu quando marcou o número.

—Moriah herdou a loucura de você. —gritou— Afaste-se de Chase!

Estava tremendo. Chase viria correndo, sabia. Viria por ela e acabaria morto.

Correu para Brockheim, ignorando a arma, agarrou-o pelo braço enquanto este a olhava assombrado, como se não o esperasse. Tirou o telefone da mão com um golpe e ele a golpeou outra vez.

—Pequena puta estúpida. —A cabeça ricocheteou contra a parede e ela gritou agudamente quando sentiu que os pontos se abriam. Sentiu o sangue que começou a fluir do corte enquanto sacudia a cabeça e tentava se orientar.

Deslizou pela parede. Arranhou-a com as unhas, subindo para encontrar um apoio enquanto as pernas dobravam.

—Olhe o que me fez fazer, putinha. Como supõe que vai falar com ele assim?

Oh, merda, isso foi um chute em seu lado. Definitivamente, isso foi seu grito e sua dor irradiando por seu corpo. Mas não sabia de onde provinha esse rugido de raiva.

* * *

Estavam fora da porta quando o primeiro grito soou. Quando Chase colocou o cartão, o grito de Kia ardia na cabeça. Abriu a porta de um puxão e entrou correndo no quarto, agarrando Harold Brockheim e afastando-o de Kia.

Ele a tinha estado chutando. Chutando e chutando. Uma neblina vermelha alagou sua mente quando chocou o punho contra a cara do homem idoso, golpeando por toda o quarto.

—Kia. —Chase se deixou cair de joelhos ao lado dela.

Estava aconchegada contra a parede, com sangue no rosto, no ombro; a tez branca como papel, os olhos frágeis e desfocados.

—Não. —Ela tossiu, um som atroz que o rasgou.

—Consigam uma ambulância! —Gritou quando Cameron e Ian entraram correndo pela porta— Consigam uma ambulância. Oh, Deus. Kia, meu bem.

Estava aterrorizado de tocá-la. Tinha visto o pé de Brockheim investindo contra seu lado. Deus, quantas vezes a tinha chutado? Com quanta força?

Girou e olhou como Brockheim engatinhava afastando-se de Khalid, a arma ainda em sua mão. Khalid parou diante dele.

—Matarei você. —Gritava Brockheim, sangrando pelo nariz e boca.



—Acerta no primeiro disparo. —A voz de Khalid soou demoníaca — Porque meu disparo fará voar sua cabeça. E se o meu não o fizer, fará o deles. —Deu um puxão à cabeça para atrair a atenção de Brockheim.

Chase, Cameron, Ian e Drew o olhavam, apontando com as armas. E Chase o queria morto. Desejava tanto um pedaço desse bastardo, que não podia respirar.

Mas Kia. Pelo amor de Deus, moveu-se diante dela quando Kia se estirou para ele. Tinha o rosto manchado de lágrimas, os soluços estalavam de seu peito quando agarrou suas mãos com uma das suas e se assegurou que estivesse protegida.

Brockheim o olhava fixamente agora com raiva e pânico. A arma tremia em sua mão e Chase olhou, frio, enfurecido, como Brockheim levava a arma a sua própria cabeça e apertava o gatilho.

Ante a explosão Kia estremeceu e gritou.

—Chase! —estirou-se para ele, o pânico a enchia — Não. Chase.

Ele a puxou contra seu peito.

—Oh, Deus, não esteja ferido —soluçou— Por favor, Deus, Chase, não esteja ferido.

Empurrou-a contra ele, envolveu os braços ao seu redor.

—Estou bem, meu bem. —Baixou a cabeça sobre a dela e pela primeira vez em muito tempo, sentiu que as lágrimas enchiam os olhos — Estou bem, meu bem. Tenho você.

—Não esteja ferido —chorou com voz rouca — Não pode estar.

—Não, meu bem. Juro isso. —Queria balançá-la e estava muito assustado para fazê-lo. Queria levantá-la em seus braços, mas estava aterrorizado da dor que poderia causar.

Ela tinha as mãos em suas costas, acariciava-o. O peito. Estava-o tocando, embora ele poderia dizer que doía fazê-lo.

Ainda podia ouvir a agressão sobre a Kia através dessa condenada porta, Brockheim exigindo que chamasse e logo o ataque de Kia. Ainda podia sentir o terror que o atravessou como um raio. Ainda se alimentava dele, crescia e se intensificava enquanto ela continuava soluçando contra seu peito.

Kia não chorava facilmente. E não chorava desta maneira.

—A ambulância está a caminho. —Cameron se agachou ao seu lado, a expressão sombria — Também o detetive Allen.

—Está ferida. —Chase levantou a cabeça para olhar atentamente seu irmão — Deus, Cameron. Permitiu-se feri-la para me salvar.

Como Cameron tinha permitido que sua tia o ferisse para salvar Chase. Viu-o nos olhos de seu irmão. Soube em seu coração.

—Matou por mim —sussurrou Cameron — Por mim e por Jaci. Porque nos amava. Ela estava cuidando de suas costas, Chase, o mesmo que você faria por ela.

Chase sacudiu a cabeça e baixou o olhar, era tão frágil em seus braços, o sangue gotejava da ferida em sua cabeça, o vestido rasgado, ainda soluçava enquanto se agarrava a ele.

—Amo você, Kia. —Apertou a cabeça contra a dela, abraçou-a e rezou. Rezou com tudo o que tinha, por ter chegado a tempo — Amo você. Oh, Deus, meu bem, te amo.



Capítulo 26

O doutor Sanjer não a deixou sair do hospital nessa noite, nem sequer na seguinte. Não é que Kia fosse capaz de pedir para partir naquela primeira noite.

O impacto contra a parede tinha causado de algum jeito mais dano a Kia do que Harold Brockheim tinha causado quando a atacou fora de seu bloco de apartamentos.

A concussão cerebral era bastante severa para ter que ficar sob constante supervisão e ser controlada a cada hora. Pensar era algo que não podia fazer, a dor de cabeça e de costelas era insuportável.

Era consciente que Chase discutia com o doutor, as enfermeiras, embora não estivesse segura do por que discutia a princípio. Sabia que o detetive Allen esteve ali durante uns minutos antes que Chase o expulsasse.

Sabia que Chase não tinha deixado seu lado. Sentou-se nessa noite com sua mão na dele e mal cochilou.

Quando ela despertou na manhã seguinte deu os detalhes que ele necessitava para certificar-se que o detetive tivesse a declaração. Enquanto falava a fúria obscurecia os olhos de Chase.

—Por que não me chamou? —Seu rosto estava sobre o seu mostrando os dentes enquanto a dor e a cólera marcavam seu rosto— Pensou que não seria capaz de protegê-la?

Teria dado sua vida por ela e ela sabia. Uma parte de Kia sempre tinha sabido. Amava-o com uma intensidade que só poderia florescer se aquele amor fosse correspondido.

Kia sabia. Quando sentiu que a dor impactava dentro dela ante o conhecimento de que Brockheim poderia matá-la ali sem mais, soube que Chase a amava. E que ele teria tratado facilmente de trocar sua vida pela dela.

—Se tivesse feito como me advertiu e não tivesse saído do seu lado, isto não teria acontecido —sussurrou— Foi minha culpa, Chase. Não podia permitir que ele fizesse mal a você porque eu fui uma estúpida. Além disso, teria suspeitado que Harold faria algo tão demente? Sempre pensei que Moriah herdou a loucura de sua mãe. Margaret sempre foi um pouco diferente. Harold sempre foi tão sensato, tão paciente.

Ele grunhiu, logo gemeu. Deixou cair a cabeça até o travesseiro perto do ombro de Kia e ela sentiu que a tensão se difundia por ele.

—Vou surrá-la por isso —resmungou—, quando estiver melhor.

—Ah, minha recompensa. —Sorriu maliciosamente, embora isto ainda lhe doía um pouco— Perguntava-me quando chegaria a isso.

O sorrisinho de Chase era severo ao levantar a cabeça. Roçou-lhe com os dedos a contusão em sua cara.

—Amo você. —Olhou-a fixamente nos olhos e ela viu que isto era verdade. Viu toda a fúria



amarga, a dor derrotada que havia sentido quando irrompeu naquele quarto e a viu no chão. Sabia, porque sabia como teria se sentido ela mesma. E que não poderia ter suportado saber que o tinham ferido com tanta gravidade.

— Amo você — respondeu em um sussurro — Mas realmente temos que começar a falar dos fatos concernentes a Moriah Brockheim. Deveria ter isso dito, Chase. Possivelmente teria entendido melhor.

Ele negou com a cabeça.

— Fodidos nervos de aço. — sussurrou Chase.

Um cenho franzido irrompeu entre as sobrancelhas de Kia. Isso era o que seu pai sempre resmungava para sua mãe. Não podia ser uma coisa boa.

— Isso é um elogio ou um insulto? — exigiu, apesar da letargia que a invadia de novo.

— Merda, acredito que ambos. — inclinou-se para frente e beijou os lábios brandamente — Durma, meu bem. Vai necessitar de toda sua força quando sair daqui.

— Não me deixe — disse em um suspiro. Estava desvanecendo-se, os remédios que lhe subministravam para a dor tomavam o controle de seus sentidos.

Sua mão se fechou sobre a dele. Chase enlaçou seus dedos com os seus e os levou aos lábios.

— Não vou a nenhuma parte, amor. Nem sequer por um segundo.

Chase esteve ali durante dois dias. Tomou banho no banheiro anexo ao quarto privado, mas além disso, não tinha abandonado o quarto. Não partiu. Se tinha que afastar os olhos dela mais tempo do absolutamente necessário, ficaria louco.

— Amo você — sussurrou ela outra vez enquanto deslizava no sonho.

— Amo você, Kia. Descanse, meu amor.

Segurou sua mão enquanto relaxava no sono, inconsciente de que estava sendo observado até que levantou a cabeça e viu Drew Stanton parado de pé na entrada.

A expressão de Drew era sombria, seus olhos castanhos um pouco ressentidos, mas com aceitação. Em uma mão trazia um vaso com flores. Entrou no quarto e pôs as flores na mesa ao lado da cama, baixou a vista e ficou olhando Kia.

— Fez-lhe uma contusão na bochecha. — sussurrou Drew compungido.

— Como fez você — recordou Chase. Não estava preparado para perdoar o outro homem por isso.

Drew assentiu com a cabeça devagar antes de encontrar os olhos de Chase outra vez.

— Cortejei-a e me casei com ela porque pensava que você a queria. Pensei, me olhe, mamãe. Tenho algo que Chase Falladay quer e não pode ter.

Chase o olhou com surpresa.

— Entretanto, você sempre a teve — suspirou Drew — E quando a vi naquele quarto, disposta a morrer para protegê-lo, imagino que finalmente maturei. — Sacudiu a cabeça — Talvez, se tivesse me preocupado mais por ela do que por mim mesmo, as coisas pudessem ter sido diferentes.

Chase assentiu.



—Afinal, a teria tirado disso.

Diante isto, Drew sorriu.

—Não, não o teria feito. Kia mantém suas promessas, Chase. Todas, sem importar o que, sem importar quanto dano lhe cause. Já saberá disso. Não se contradiz. Não luta. Não se enfurece. Mas verá. —Cabeceou com a diversão faiscando em seus olhos. — Descobrirá. Ela é mais forte que qualquer outra mulher que tenha conhecido jamais e que a maioria dos homens.

Ele já sabia disto. Chase devolveu a Drew um olhar penetrante, mantendo aquele conhecimento para si mesmo. Sabia há muito tempo.

—Vou para a Inglaterra —disse Drew então— Novo trabalho, melhor posto e pagamento.

—Deu de ombros—Diga adeus de minha parte.

Deu meia volta e caminhou para a porta.

—Drew. —Chase o parou quando passou pelos pés da cama. O outro homem girou para ele— Obrigado por estar ali. Por me dizer quando ela entrou naquele elevador.

Os lábios de Drew fizeram uma careta.

—Você não foi o único que estava preocupado. —Logo saudou com a cabeça e saiu do quarto.

Chase baixou o olhar para Kia e sussurrou outra oração. Uma de agradecimento.

Além da concussão cerebral e de algumas contusões, ia ficar bem. Estaria fora do hospital pela manhã e em casa, onde pertencia. Na casa de ambos. Na cama dele.

—Ei, irmãozinho. Hora de comer. —Cameron entrou pavoneando-se no quarto, com uma bolsa gordurenta em uma mão e duas taças de café em uma bandejinha na outra.

Olhou Kia com um olhar aceso de compaixão antes que sua atenção se visse distraída por sua namorada que chegava atrás dele.

—Está dormindo? —sussurrou Jaci, seus grandes olhos verdes estavam preocupados.

Eles tinham sido um apoio para ele nos dois últimos dias, Cameron e Jaci, dormiram nas cadeiras do vestíbulo ou se estiraram no sofá da sala de espera quando podiam. Não tinham partido até aquela tarde para descansar e tomar banho antes de voltar.

Khalid tinha um guarda-costas fora da porta no caso de haver problemas adicionais e outro doutor tinha chegado num avião de Nova Iorque para consultar com Sanjer, só como precaução.

Os amigos a rodeavam. Ian e Courtney, Ella e James, Terrie e seu marido, Jesse. Todos estiveram ali. Inclusive Deveril, Lucian e Tally tinham interrompido suas férias para voltar para casa e visitá-la no hospital. Saxon e Marey, os amigos de Chase que Kia não tinha conhecido ainda, tinham ligado várias vezes da Califórnia, onde se encontravam visitando a família de Saxon, e Kimberly e Jared estiveram de visita várias vezes. As flores enchiam o quarto e ele esperava que ela percebesse a amizade.

Nunca estaria sozinha outra vez, prometeu-se Chase. Acontecesse o que acontecesse, sempre haveria amigos rodeando-a.

—Vamos, Chase. Café e comida. —Cameron deu um golpezinho no seu ombro, chamando sua atenção— Ela vai para casa amanhã e tudo vai ficar bem.

—De volta para casa. —Finalmente podia acreditar. Finalmente, aquele solitário e escuro



apartamento, cheio de lembranças de uma vida que tinha terminado quando ele era um menino, seria um lar.

Devido à Kia. Porque ela tinha tomado o prazer e o tinha convertido em amor. Porque ela tinha enchido seu coração, tal como sabia que ia encher sua vida.

Já não era só prazer. Merda. Chase sabia, nunca tinha sido.

Epílogo

Uma semana antes de Natal.

Kia desceu da limusine de seus pais, com a pequena bolsa de compras enrolada cuidadosamente na enorme bolsa e seu coração mais leve do que esteve em anos.

Ainda tinha hematomas. Seu rosto estava sarando, mas debaixo da maquiagem, parecia uma bolsa de boxe humana. Sua mãe e sua tia souberam chamar à pessoa correta para ajudá-la a cobrir os hematomas para que pudesse terminar com as compras natalinas.

—Irei com você até o elevador — informou seu pai, saindo da limusine enquanto o chofer a ajudava a sair — Deveria ter deixado chamar Chase para dizer que estava aqui.

Ela o olhava fixamente franzindo o cenho, observando-a como se fosse uma inválida.

—Quando vai aceitar que estou bem, papai? — Sorriu embora se apoiou em seu braço, mais porque ele continuava lhe pondo a mão ali.

—Quando sararem os hematomas do lado de seu rosto. Quando parar de ter pesadelos nos que a vejo na maca, sendo içada a uma ambulância, muito ferida para protestar.

Ela fez uma careta.

—Bem. Quer subir comigo?

—Deixo que o faça sozinho. — Grunhiu — Lembro a última vez que subi sem que Chase soubesse.

Kia quase riu e em vez disso ruborizou. Seu pai tinha entrado quando Chase a estava perseguindo pela sala. Ela estava vestida, Chase não.

—Mas não estou com ele. — riu.

—Por que tentar o destino? — grunhiu seu pai — Esse moço não é de longe tão bonito nu como vestido.

Não, mas nu era uma visão malditamente sexy. Kia manteve esse pensamento para si.

Deixou que seu pai abrisse o elevador e o revisasse antes de entrar.

—Papai, amo você — disse com um amplo sorriso enquanto ele fechava a porta de segurança.

—E eu a você, coração. — respondeu enquanto o elevador deslizava silenciosamente até o segundo andar.

Segurou a bolsa com as duas mãos, seu presente estava ali bem seguro e deixou que um cenho revoasse sobre suas sobancelhas. Tinha saído do hospital fazia mais de uma semana e suas



feridas não tinham sido mais que uns profundos hematomas. E Chase ainda a tratava como uma inválida.

E pensou que sentia crescer a tensão, tanto nele como em si mesma. Não tinha acreditado quando disse que a fome pelo prazer que tinha mostrado não se iria. Que necessitaria um terceiro que ele pudesse trazer para sua cama tanto como precisaria vê-la com um.

Mas estava crescendo, elevando-se e nada mais estava acalmando o conhecimento que Chase necessitava, ou saber que a necessidade nela também o fazia.

Era uma sensação estranha, amar Chase como fazia, até o mais profundo de sua alma e dar-se conta que compartilhavam uma necessidade que deveriam considerar anormal.

A necessidade dele de ver outro homem tomá-la. Sua necessidade de ser tomada enquanto ele olhava. Olhar nos olhos dele e ao mesmo tempo ser tocada ao longo de cada centímetro de seu corpo, ser tirada de formas que só se podia conseguir com esse terceiro.

Havia vezes em que pensar nisso ainda não era muito cômodo, mas a fome estava crescendo.

Quando o elevador parou, saiu e se pôs a escutar. Pôde ouvir um homem grunhindo, uma maldição e um insulto muito pouco civilizado.

Foi até a porta, deu uma olhada e seus olhos se abriram de par em par pela surpresa e o choque.

—Merda, Chase, este merda ainda não está certa. —amaldiçoou Khalid enquanto lutava para sustentar reto um abeto natural enorme de pelo menos dois metros e meio de altura — Como porra arrumou para me colocar nesta loucura? Por que simplesmente não fez como eu e contratou alguém que o fizesse?

—Merda, talvez porque não tenho a mega pasta que tem seu papaizinho —lançou irritado Chase de onde jazia de costas sob a árvore—.Endireita e segure firme para que possa prender.

—Firme? Ficou louco, Falladay? Não comprou uma árvore, comprou um maldito bosque com este monstro.

—Khalid, mantenha firme a maldita árvore ou chutarei seu traseiro pelo fodido balcão. É um longo trecho até embaixo.

Khalid fez uma careta, lutando para manter a árvore em seu lugar e segurá-la reta enquanto Chase fazia o que quer que fosse para evitar que girasse e que Khalid amaldiçoasse.

Era uma árvore de Natal monstruosa. Formosa, com ramos enormes, cheia e verde escura. Ao seu redor havia uma multidão de adornos natalinos, tiras de luzes e inclusive algumas caixas embrulhadas.

Faltava uma semana para o Natal e Kia esqueceu da árvore. Não tinha esquecido do presente. Essa foi a razão pela qual hoje tinha saído com seus pais, porque o presente era para Chase e ele tinha sido intransigente diante do pensamento de que saísse sozinha.

—Pronto. Bem, vamos comprovar.—anunciou Chase debaixo da árvore.

A expressão de Khalid era cética, embora soltou lentamente o enorme abeto, observando-o com olho crítico e logo dando uma pequena cotovelada quando obviamente não caiu no chão.

Chase deslizou debaixo dos ramos. Tinha um arranhão na bochecha, seu cabelo escuro



estava despenteado e não se barbeou nessa manhã. Parecia um pirata muito sexy e ela queria desesperadamente um pedaço dele.

Khalid olhou ao redor.

—Por favor, me diga que contratou alguém para que decore esta monstruosidade. — Tremeu em uma simulação de medo— De outra maneira, vou temer por sua prudência.

—Comece a temer —resmungou Chase enquanto caminhava ao redor da árvore, estudava-a e voltava até a frente— Bem, está direita. Podemos começar com as luzes.

Khalid o avaliou com frieza.

—Pode começar sozinho. Acredito que pegarei uma cerveja e simplesmente olharei.

—Bem, chamarei seu chofer e sua amiguinha do café, e veremos se querem me ajudar.

Khalid fez uma pausa.

—Não seria tão cruel.

Diante disso Chase grunhiu:

—Sabe Khalid, está ficando preguiçoso —assinalou— No ano passado uma árvore de Natal não teria te perturbado.

—Preguiçoso não, só mais eficiente. —Khalid sorriu e olhou a árvore— Talvez seja alérgico às árvores de folha perene.

—Trarei um anti-histamínico —prometeu Chase, totalmente despreocupado— Vamos, por onde começamos com estas luzes?

—Isto trará benefícios, não? —Khalid se ajoelhou e agarrou um raminho do chão— Um lindo presente de Natal? Algo além da clássica caixa de bolachas que dá de presente todo ano?

Chase franziu o cenho.

—São boas bolachas.

—Chase, são bolachas baratas —assinalou Khalid— Fixei-me no preço. Menos de cinco dólares. É um insulto.

—Ganha desse pedaço de carvão envolto em uma caixa que me deu no ano passado —grunhiu Chase— E por que diabos está averiguando os preços de meus presentes de Natal?

A sobancelha de Khalid se levantou.

—É obvio que preciso para saber se compro ou não o carvão, o qual o recordo agora, custa mais que sua caixa de bolachas, ou se devo me pôr mais extravagante e realmente sair para escolher um presente para você. —Khalid fez que olhava o teto.

—Não precisa sair —disse Chase com irritação— Pode lesionar algo.

Kia estava à beira da risada. Não podia evitar. Não podia acreditar nesses dois. Olhando à árvore, obviamente demorando, tendo terror a pôr as luzes e em vez de fazer, estavam discutindo.

Embora já fosse suficiente tortura.

—Sei como pôr as luzes. —Ela girou o canto, pondo a bolsa na mesa do saguão, sorrindo. Imediatamente a tensão encheu a sala e não era só sexual.

Khalid, elegantemente informal com calças esporte e uma camisa, esticou-se quase perigosamente. Seus olhos negros endureceram por um momento, a expressão esticando-se enquanto Chase se voltava rapidamente para ela.



Algo não ia bem.

Voltou a olhá-los, sentindo que o terror ia crescendo em seu interior. Aqui havia um ar de algo, algo que podia ver nos olhos de Chase, que podia feri-la.

Um pressentimento a varreu. Estava interpretando mau? Depois de tudo de algum jeito tinha confundido a luxúria de Chase com algo mais profundo?

Havia dito que a amava, justamente nessa manhã. Com segurança não tinha mudado de opinião no tempo que tinha levado para ir às compras?

Endireitou os ombros e levantou o queixo.

—Bem, talvez devesse ter escutado às escondidas um pouco mais. —Entrou completamente na sala— Como é que uma mulher sempre sabe quando um homem, homens neste caso, escondem algo?

Não ia recuar no concernente a Chase. Sempre o havia feito em seu casamento, sempre dando razão a Drew. Não o faria com Chase. Não ia começar agora.

Chase fez uma careta.

—Não estou escondendo nada, exceto seu presente de Natal. —Lançou a Khalid um olhar de advertência enquanto o outro homem ia para a cozinha e tirava da geladeira uma das cervejas horivelmente caras que preferia.

—É um presente muito bonito —disse Khalid em uma tentativa de humor que caiu absurdamente na aprovação— Muito melhor que uma caixa de bolachas.

Olhou a cerveja antes de levantá-la e tomar um gole.

Kia olhou com suspeita para Chase quando este se aproximou e lhe deu um beijo suave e prolongado.

—Queríamos surpreendê-la com a árvore. —Sorriu, mas havia algo em seus olhos quando olhou Khalid que a teve respirando profundamente e não tinha nada a ver com a necessidade dele de compartilhá-la com o outro homem.

—Pensei que sabia, nunca compro caixas de bolachas. —entrou na sala, passando sobre decorações e luzes multicoloridas— Tampouco sou estúpida. O que acontece?

Khalid lançou a Chase um olhar pensativo e Kia mal pôde captar a pequena sacudida de cabeça de Chase.

—Estão me escondendo segredos? —perguntou a ambos— Deveriam ter vergonha.

Girou para Chase enquanto alcançava a área limpa do chão e olhou entre os dois homens.

—Khalid tem problemas. —Chase deu de ombros.

—Assim parece —disse ela— Está permitido ser intrometida?

—Não. —Foi Chase quem respondeu.

A sobrancelha de Kia se arqueou.

—Penso que de todo modo serei.

Mal captou a maldição que murmurou Chase.

—Ele forma parte de nossas vidas —disse a Chase— Enquanto dure. Chase, eu não gosto de segredos. Prometeu me deixar saber tudo que remotamente pudesse me afetar.

E algo aqui estava a ponto de afetá-la.



—Tem que saber. —Khalid apoiou brandamente a cerveja na bancada, sua expressão pensativa enquanto olhava de Chase a Kia — Chase, é o momento.

—Merda. —Chase esfregou a nuca — Você e seu fodido complexo de culpa.

Os lábios de Khalid se torceram em uma simulação de sorriso.

Kia se sentou lentamente na cadeira que tinha ao lado, cruzou as pernas e esperou. Não exigia nada mais, mas Chase conhecia essa inclinação de queixo, essa expressão em seu rosto. A verdade saíria, ou ela ia encontrar formas de recordá-lo que estava ocultando algo e não seriam notas presas por todo o apartamento.

Vê-la outra vez machucada, ainda que mínimo, enfurecia-o. Saber que Khalid tinha o poder de queimar seu orgulho e confiança que via nela podia torná-lo violento.

Chase se moveu atrás dela para protegê-la, parando atrás da cadeira, consciente da tensão que a enchia enquanto Khalid ia para a poltrona, sentando-se a menos de um metro dela, olhando-a, enquanto Kia girava e o contemplava em silêncio.

Para Khalid, esta era uma das tarefas mais difíceis de sua vida. Olhou dentro dos brilhantes olhos azuis de Kia e viu o medo que os escurecia. Estava tão acostumada a ser golpeada, a ser obrigada a defender suas ternas emoções, que ainda agora, estava se preparando para defender-se contra outra.

Diabos, não tinha tido a intenção de fazer isto. Tinha tido a intenção de se manter longe dela para sempre, uma pequena carga que podia ter evitado que caísse sobre seus ombros frágeis.

—Normalmente é mais fácil se simplesmente golpear duro e rápido —disse em voz sumida— Em realidade o dirijo melhor.

Ele fez uma careta.

Khalid era suave, tranquilo, carismático e completamente masculino. Ainda agora, enfrentando-a com algo que obviamente não queria contar, os contornos selvagens de seu rosto e os perversos olhos negros se destacavam em um marcado alívio.

—Preferiria sangrar até a morte antes de machucar alguém como você. —disse finalmente ele, suspirando.

Kia franziu o cenho.

—O que é exatamente “alguém como eu”?

Os lábios de Khalid se torceram para baixo.

—Uma mulher com força e coragem. Uma que soube chutar seu marido nas bolas quando de algum jeito estava ocupada em lutar para evitar que o terceiro o estrangulasse.

Levou um momento. Olhou-o, o conhecimento golpeando-a, essa noite relampejando diante de seus olhos.

O completo terror de ser tocada por alguém a quem não conhecia, alguém a quem não podia ver o rosto. Mas aquele a quem pertencia essa maldição gutural e zangada que escutou quando empurrou Drew longe dela.

—Foi você. —sussurrou, de repente consciente das mãos de Chase em seus ombros, consolando-a, com o corpo tenso— Era quem estava com Drew naquela noite.

Khalid agarrou suas mãos e só então se deu conta que as estava apertando tão forte que



estava deixando as marcas das unhas.

Ele se levantou, tocou seus lábios contra os nódulos apertados dela e a observou, com um pingo de pena em seu olhar escuro.

—Não tinha ideia de que não sabia que estaria ali —disse— Pensei que estava de acordo com a experiência, pequena. Nunca imaginei o longe que Drew ia chegar para forçá-la a isso. Não peço seu perdão. Só que quando recordar que fui parte de tal dor e medo, tente não sentir verdadeiro ódio por mim.

Kia negou com a cabeça.

—Entendo se for algo que não pode fazer. —Pôs as mãos de Kia no colo— Deveria ter me negado a ser o terceiro de Chase, mas em minha defesa, tinha que saber, estar ali, para me assegurar que só conhecesse o prazer maior e nenhum pingo do medo que a embargou daquela vez. —moveu-se para se levantar— Agora os deixarei.

—Não! —Agarrou-lhe o braço, olhando-o quando voltou a sentar lentamente— Salvou-me.

Khalid abaixou a cabeça escura e a sacudiu.

—Eu fui a razão de seu medo.

—E se tivesse sido algum outro? —Tinha sido o único que a tinha salvado de que Drew em realidade a violentasse—. Teria obrigado que me soltasse? Teria chamado meu pai para que viesse por mim?

—Teria sofrido se não o houvesse feito —disse ele— Teria me assegurado disso.

Levantou uma mão e agarrou os dedos de Chase de onde jaziam contra seu ombro. Girou e viu nos olhos dele o que sabia tinha atormentado a ambos. E sua decisão foi tomada.

Tinha entrado no estilo de vida dele pelo prazer e tinha roubado seu coração. Mas tinha brindado uma fome, uma necessidade por satisfazer o mesmo desejo que os havia arrastado juntos para começar.

Girou para Khalid. Recordava essa noite com Drew como um pesadelo, com nada de prazer. Mas Chase tinha empurrado essa recordação a uma parte distante de sua mente. Drew já não existia para ela. Sua vida com Chase a enchia e este homem tinha ajudado a introduzi-la nessa vida.

—Sou uma privilegiada por tê-lo como amigo. —Ela se estirou e tocou o rosto— E ainda mais porque Chase o tenha como seu terceiro.

Khalid voltou a olhá-la e reconheceu silenciosamente o assombro que o embargou. No mínimo tinha esperado raiva. Sem dúvida, ódio. Mas isto sim não tinha esperado.

Sua mão suave tocando o rosto e em sua carícia sentiu o desejo dela, em seus olhos viu a sombra da necessidade que a tinha enchido quando Chase e ele a tinham tomado pela primeira vez.

Quando tinha se separado da relação que tinha compartilhado com Courtney e Ian há muitos meses, jamais tinha esperado encontrar outra mulher com a mesma compaixão e gentileza de espírito que tinha Courtney.

E enquanto olhava esta mulher, soube que, de algum jeito, Chase tinha encontrado um presente tão raro como o de Ian.



Uma mulher de honra. Com força.

Agora ela se moveu e então lhe deu um dos raros prazeres que Chase permitia dentro do trio que compartilhavam.

Os lábios de Kia tocaram os seus. No princípio tremeram, como se não estivessem seguros de suas boas-vindas. Sussurraram contra os dele enquanto os olhos de Khalid se encontravam com os do homem atrás dela.

Chase não estava preocupado pelo beijo. Seus olhos flamejavam com a fome que Khalid conhecia tão bem. A necessidade de tocar o fogo, de se perder nos extremos do prazer que uma mulher podia sentir.

E o deixava ter esse beijo.

Agarrando sua nuca, puxou-a contra ele, arrastando-a até seu colo e deixou que seus olhos se fechassem. E talvez houvesse um pingo de deslealdade nesse beijo. Porque, como sempre, era em outra mulher em que pensava, outra que o enchia de arrependimento quando dava prazer a que abraçava.

Mas esse era um segredo só dele.

Esta mulher tinha dado o máximo presente de seu perdão; asseguraria-se de lhe dar nada mais que prazer para complementar o êxtase apaixonado e cheio de amor que seu amante também daria.

Não passou muito tempo antes que a tivessem deitada, não na cama que compartilhavam juntos, mas no quarto de hóspedes. A intimidade de seu dormitório era um lugar sagrado para aqueles que se amavam, mas aqui era só para o prazer.

Observou, seus sentidos processando, as profundidades agregadas de cada beijo que Kia e Chase compartilhavam agora. A forma como Chase a tocava, as grandes mãos escuras e gentis contra sua tenra pele. Mas ali estava também a forma como ela tocava seu amante. As pequenas unhas se enterravam na carne com mais demanda, com um domínio agregado. E os lábios dele se torceram quando se moveu para fazer ao seu lado, suas mãos agarrando a redondez completa de seu seio, seus lábios baixando até o mamilo bicudo.

Ela era veludo e aço. Força, coragem e fragilidade. Era uma mulher digna de nada mais que prazer, nada mais que os gemidos tempestuosos e exigentes que deixavam seus lábios.

E ele não podia mais que observar enquanto a tocava. Enquanto separava suas coxas e olhava os lábios famintos que encerravam a ereção de seu amante. Seu próprio membro se moveu nervosamente diante da lembrança desses lábios nele e as fantasias que o enchiam a cada vez. Pensamentos da mulher que estava se negando.

Baixou os lábios e beijou as dobras nuas de sua vagina, lambeu-as, extraíndo o doce sabor da ardente luxúria.

Este era o máximo dos prazeres. Acalmava as penas dramáticas que cresciam dentro dele e tranquilizava a dor escura e crua que mantinha estritamente para si.

Amava à mulher que não podia ter através dos corpos de outras. Dava o maior prazer que podia oferecer com mãos manchadas de sangue e morte. E acalmava as lembranças enquanto permitia uma saída para a brutal e escura dominação que o atormentava frequentemente.



Beijou e lambeu as dobras escorregadias e ruborizadas. Atraiu o clitóris para sua boca e levantou as pestanas para olhá-la dar prazer a seu amante.

Com dedos suaves e lábios de seda, ela chupava a carne dura e grossa que Chase lhe dava. Khalid a preparou para o prazer por vir. Ela gemeu, sua expressão tensa pela necessidade que se elevava em seu interior, seus seios bicudos com os mamilos duros, seu corpo arqueando-se para eles.

E lhe deu prazer. Ignorou as demandas de seu próprio corpo, seu membro que doía e vibrava pela liberação. Devorou a carne dela, lambendo e acariciando, relaxando suas entradas e as preparando.

Quando Chase tombou debaixo de Kia, com sua carne enchendo a suave seda e fogo de seu sexo, Khalid se deslizou lentamente no calor apertado de seu traseiro.

E foi delicioso. Ajoelhou-se atrás dela, sentindo o agarre apertado, a tenra malha palpitando ao redor de seu membro e fechou os olhos com o prazer.

Tanta intimidade. Tanta confiança. E prazer. Estava dando prazer, não dor. Uma gota de compensação no oceano de culpa que o enchia. Mas um prazer que golpeava através de sua mente, diminuía as lembranças escuras e as fomes das que não podia escapar.

Moveu-se dentro dela lenta e brandamente, logo mais duro, dando o que pedia, enquanto Chase se movia debaixo dela, acariciando-a até levá-la à pequena morte que a varreu e liberou seu prazer em uma explosão de sensações.

Só então Khalid afrouxou seu controle. Seu sêmen encheu a camisinha que usava, estremecimentos de prazer rasgavam através dele, correndo até a base de seu crânio e enchendo sua mente com uns poucos e frágeis segundos de paz.

Debaixo dele, Kia estava sussurrando o nome de Chase. Seu amor flutuava na voz, mas ele imaginava outra. Outra voz. Seu nome.

Quando se retirou dela, abandonou a cama lentamente, consciente que os dois continuavam jazendo no interior do calor da cama estavam em seu próprio e pequeno mundo.

Chase não tinha terminado com a mulher que amava. Girou-a sobre as costas, moveu-se sobre ela e a estava tomando de novo.

Fome e amor encheram o quarto e esse não era lugar para alguém como ele.

Recolheu a roupa e foi para o banheiro. Ali se desfez da camisinha, limpou a transpiração do peito e ombros e se vestiu. Momentos depois, escapulia do apartamento e tomava a escada traseira até o pátio fechado que rodeava o armazém reformado.

Abdul tinha estacionado a limusine na parte de trás tal como tinha solicitado. Quando Khalid apareceu, o chofer saltou do assento do condutor e foi abrir a porta. Khalid estava agarrando o trinco da porta, preparando-se para entrar, quando uma mudança nas sombras do outro lado da rua captou e manteve sua atenção.

Uma figura emergiu da escuridão sombria. Vestida em jeans e um pesado casaco negro, as mãos dela metidas nos bolsos e seus pálidos olhos azuis olhando-o sombriamente. Ali estava a mulher que sabia que não podia ter.

Deixou que ela mantivesse seu olhar e viu o conhecimento. Ela sabia o que acabava de



acontecer. Sabia seu segredo, quisesse ou não e esse conhecimento os enlaçava. Moveu-se através deles com pena e raiva.

Enquanto a contemplava, ele levantou a mão, pôs dois dedos em seus lábios e os girou para ela. Ela não se moveu, não respondeu e os movimentos de Khalid tinham sido o suficientemente sutis e suaves para que qualquer outro olho que não fosse o dela e estivesse observando o gesto passasse despercebido.

Mas ela viu. Ainda através da distância viu o estremecimento de sua expressão e a necessidade que a enchia.

Meteu-se na parte traseira do carro, furioso e em silêncio, enquanto Abdul rodeava o veículo e deslizava no assento do condutor.

— Quando voltarmos para casa, se prepare para uma viagem — disse ao outro homem.

— Sim, senhor Khalid. — A voz de Abdul era estranhamente baixa.

— Tenha o jato esperando no aeroporto. Sairemos antes do meio-dia.

— Onde devo dizer ao piloto que vamos?

A limusine se moveu pela rua deserta e as sombras diminuíram atrás dele.

— Longe — disse brandamente — Só vamos longe.

Longe das sombras. Longe dela.

* * *

Kia se aconchegou contra Chase morna, satisfeita e amada, de volta em sua própria cama.

— Obrigado — sussurrou ele contra o cabelo, sua voz agora preguiçosa e relaxada.

— Graças a você. — Um sussurro de risada deixou sua voz antes que se acalmasse de novo — Khalid estava ferido.

Podia sentir. Tinha algo na expressão de Khalid, em como a abraçou, em como a tocou, que em certo modo vibrava com pena.

— Sei. — Beijou-lhe a testa, antes de girar longe dela e abrir a gaveta da mesinha de noite.

Kia observou como acendia a luz, o suave brilho ressaltava sobre os ombros musculosos e duros enquanto se voltava para ela.

— Está bem com o que aconteceu? — perguntou então, reclinando-se contra a cabeceira e atraindo-a aos seus braços — Com Khalid estando ali com Drew?

— Bem no sentido de que me alegro que fosse ele. — Deu de ombros — Em realidade me salvou, Chase. Afastou Drew de mim e me deu a oportunidade de escapar. Não poderia ter feito com Drew. — Sua voz baixou e franziu o cenho.

E então o que o fazia diferente com Chase? Era mais que só amá-lo. Talvez fosse a liberdade que lhe dava. A falta de algemas, mas os laços ainda estavam ali.

Agarrou-lhe a mão esquerda, brincou um momento com seus dedos e logo, enquanto ela olhava com muita surpresa, deslizou um diamante em seu dedo anelar.

— Chase? — Levantou a cabeça, olhando-o nos olhos.

O cabelo escuro dele estava despenteado ao redor do rosto e só enfatizava o verde claro de seus olhos.



—Vai casar comigo.

Kia quase riu. Não estava perguntando. Era uma ordem. Uma ordem que trouxe um sorriso aos seus lábios.

—Sério?

—Sim, sério. —As mãos lhe emolduraram o rosto— Se tivesse que viver muito mais sem saber que é minha para sempre, talvez não pudesse funcionar. Ian poderia me despedir. Então, onde iria?

Os lábios dela se torceram.

—Rutherford sempre poderia contratá-lo. —sugeriu.

Ele a olhou com determinação de aço.

—Acreditei que era só por prazer —disse então Kia, sabendo tal como sabia ele, que sempre tinha sido mais.

—Por amor, Kia —sussurrou—. Amo você com tudo o que sou. Se case comigo.

—Só tem que pedir. —assinalou.

Voltou a olhá-la e viu todo esse amor, sentiu todo esse amor.

—Não há nada que queira mais que me casar com você. —disse em voz baixa.

Tocou sua bochecha. Seu polegar roçou os lábios.

— Amo você —sussurrou— Mais do que pensei que poderia amar.

—E eu amo você, mais do que qualquer mulher deveria ser capaz de amar.

Seus lábios se encontraram, seus corações e pela primeira vez em suas lembranças, Chase soube que algo, alguém, era totalmente dele. Mas ainda mais, pela primeira vez em sua vida, pertencia a alguém.

* * *

Cameron despertou devagar e desorientado, logo sua expressão se tranquilizou e um sorriso arqueou seus lábios.

Estava dormindo na nova cama que Jaci tinha comprado há uns meses. Uma monstruosidade king size e quatro postes de madeira escura e linhas masculinas. Soube que sempre estaria confortável nela.

Estava aconchegada contra ele, seu traseiro metido na curva de seu corpo, os braços dele rodeando-a enquanto dormia.

Não tinha sido Jaci que o tinha despertado, mas Chase. Uma vez, como gêmeos, tinham sido conscientes dos pesadelos do outro. Já não havia mais pesadelos e parecia que agora também podiam sentir a alegria do outro.

Podia sentir isso em seu gêmeo.

Sorriu e deixou que seus olhos se fechassem de novo. Uma vez, há muito tempo, tinham planejado justamente isto. Uma vida onde sustentariam o amor nas palmas de suas mãos, onde suas famílias sempre estivessem juntas, sempre seguras. E esses sonhos, tão frágeis então, estavam se voltando realidade.

Mas inclusive mais importante, seu gêmeo era feliz. Estava completo.



Tiamat World

**Lora Leigh
Bound Hearts 10**

Chase, diferente de Cameron, não tinha perdido a necessidade pelas paixões mais escuras, mas também as razões de Chase por elas sempre tinham sido diferentes. Para ele, era o prazer; para Cameron, era pela distância.

E Jaci não permitia tal distância.

Atraiu-a mais perto e deixou que o sono o reclamasse de novo. Tinha levado um tempo, mas no fim a vida ia perfeitamente.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>